

**Quintino Cunha**

**PELO SOLIMÕES**

**(Versos norte-brazileiros)**

**Paris**

**Livraria Aillaud e Cia**

**1907**

ENCADERNAÇÃO MODERNA

DE

A. Vilhena

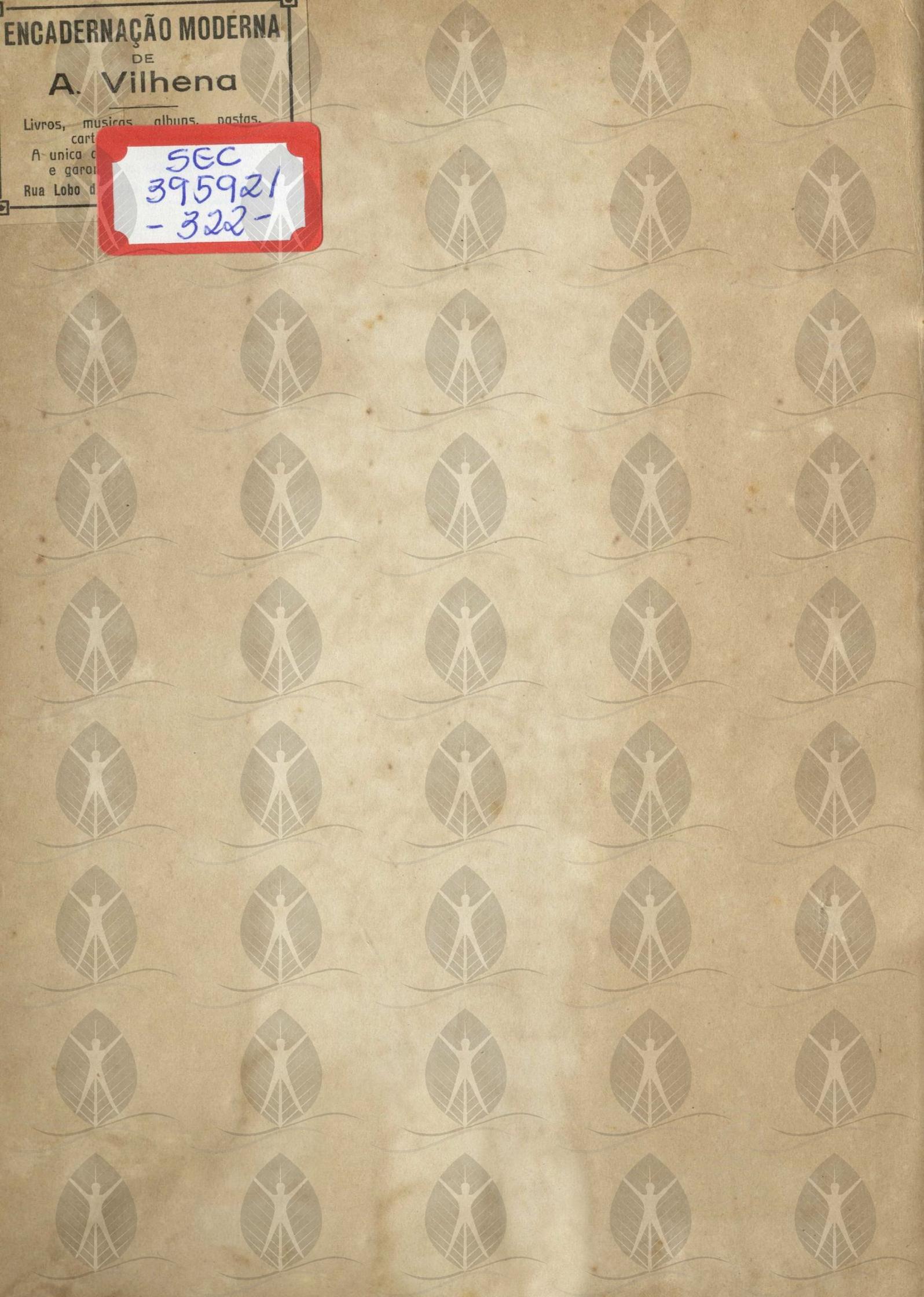
Livros, músicas, albums, pastas,

cartões

A única e garantida

Rua Lobo d'Almeida

SEC  
395921  
- 322 -









*Primito Quirós*

QUINTINO CUNHA



Pelo



Solimões

(VERSOS NORTE-BRAZILEIROS)

« Firmamento » — « Aquáteis »

« Florestas » — « Aldêãs » — « Notas »

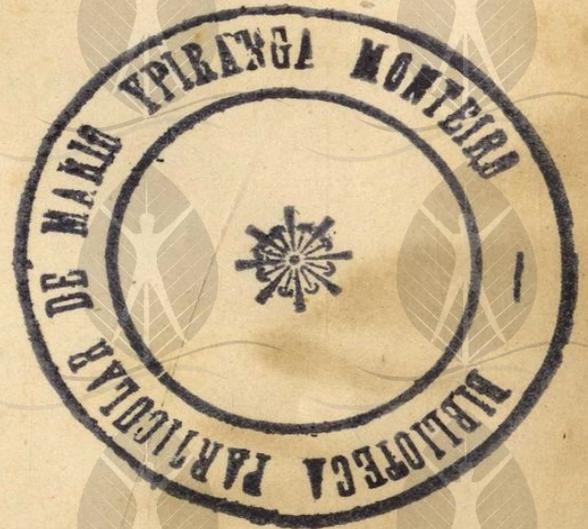
PRIMEIRA EDIÇÃO

Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Manaus Amazonas

PARIS

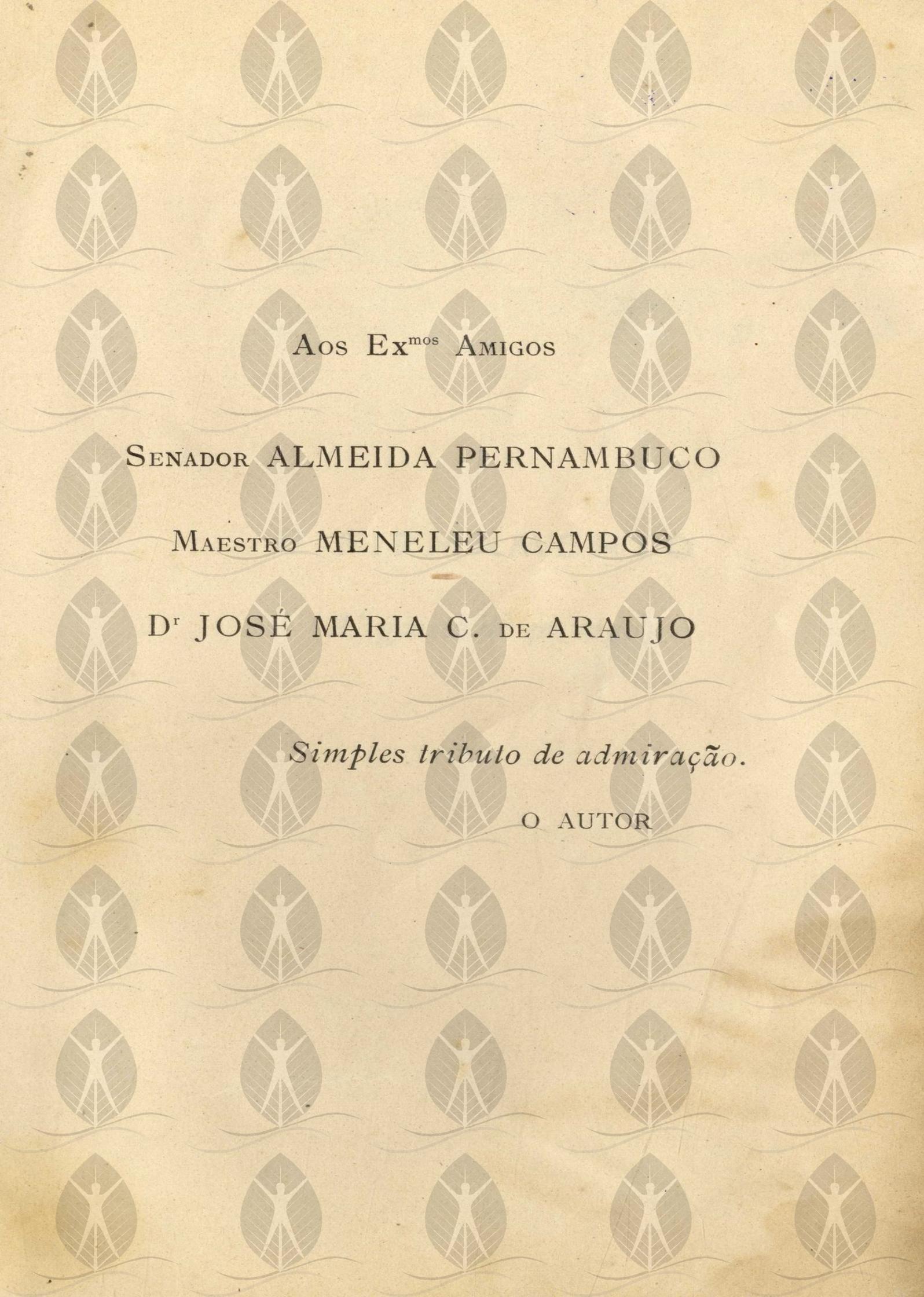
LIVRARIA AILLAUD & C<sup>ia</sup>

96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96.



Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Registro: 01487  
Folha:  
Data:

Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Registro: 01487  
Folha:  
Data:



AOS Ex<sup>mos</sup> AMIGOS

SENADOR ALMEIDA PERNAMBUCO

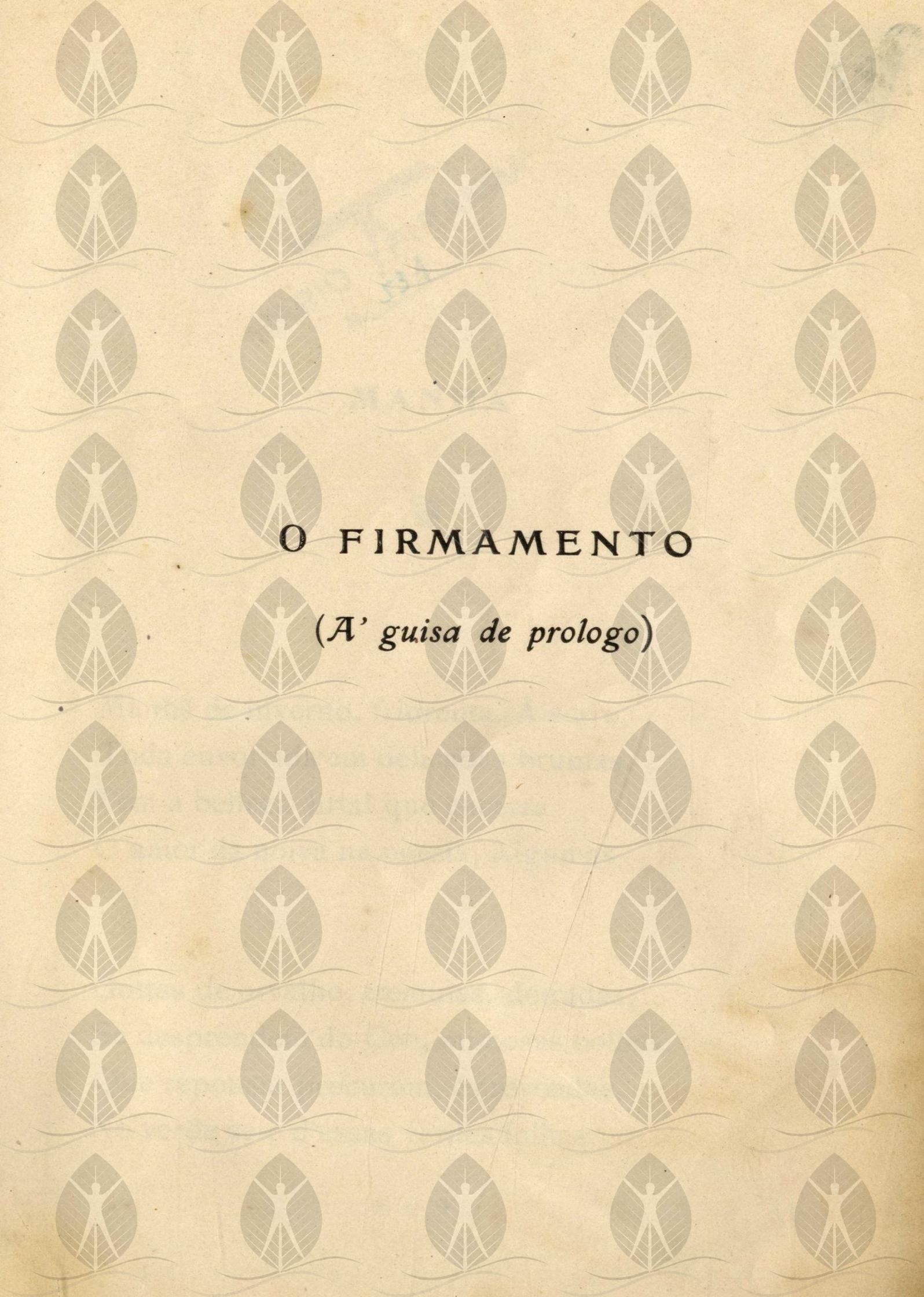
MAESTRO MENELEU CAMPOS

D<sup>r</sup> JOSÉ MARIA C. DE ARAUJO

*Simple tributo de admiração.*

O AUTOR





O FIRMAMENTO

*(A' guisa de prologo)*



LIBRERIA YPIRANGA  
53A

## MANHÃ



Manhã de inverno, friorenta. A serra,  
Toda envolvida em delicadas brumas,  
Tem a beleza lirial que encerra  
O amor da noiva na poesia. Algumas

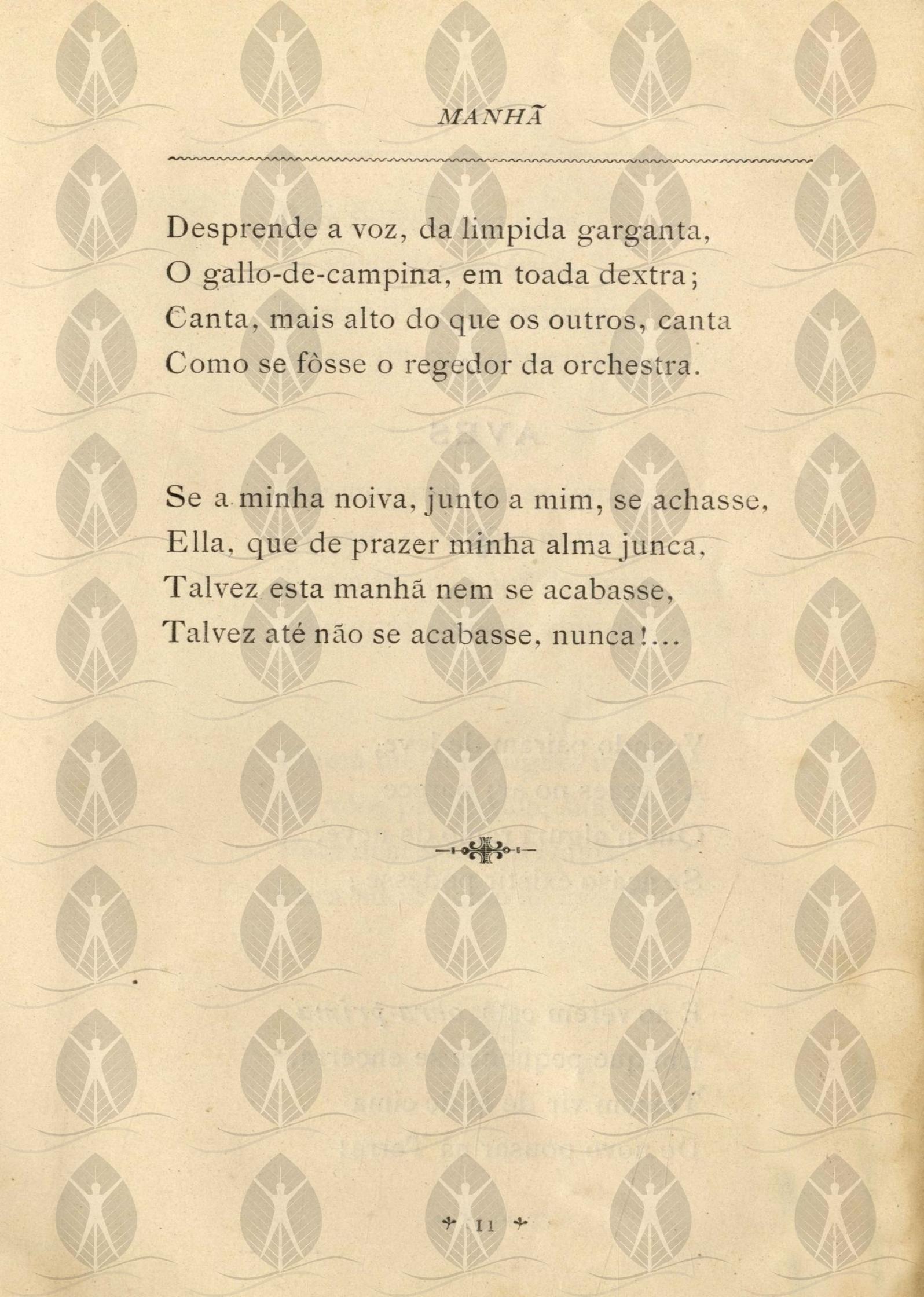
Gottas de orvalho, tremulas, doiradas,  
Se desprendem do Céu, mimosas bolhas,  
Que repousar procuram, ás revoadas,  
No verde seio d'essas verdes folhas.

E os canários, de mansos, nem se espantam  
Do forte vento; e, sacudindo as azas,  
Retinem, estalam, corruchiam, cantam,  
Sobre as cumieiras humidas das casas.

O cafeêiral em flôr, frondente, verde,  
E' bonito de mais, lindos ramalhos;  
E a folharia sêcca, que se perde,  
Por uma vez, dos seus viçosos galhos,

Sobre os cinzentos troncos, nús, estanca;  
E sobre a copa, verde de esmeralda,  
Uma cortina definida e branca,  
Branca como se fôsse uma grinalda.

Numa alegria íntima de saltos,  
Pequeninos que dá, de galho em galho,  
A passarada toda pelos altos,  
Canta, esperando o Sol para o trabalho.



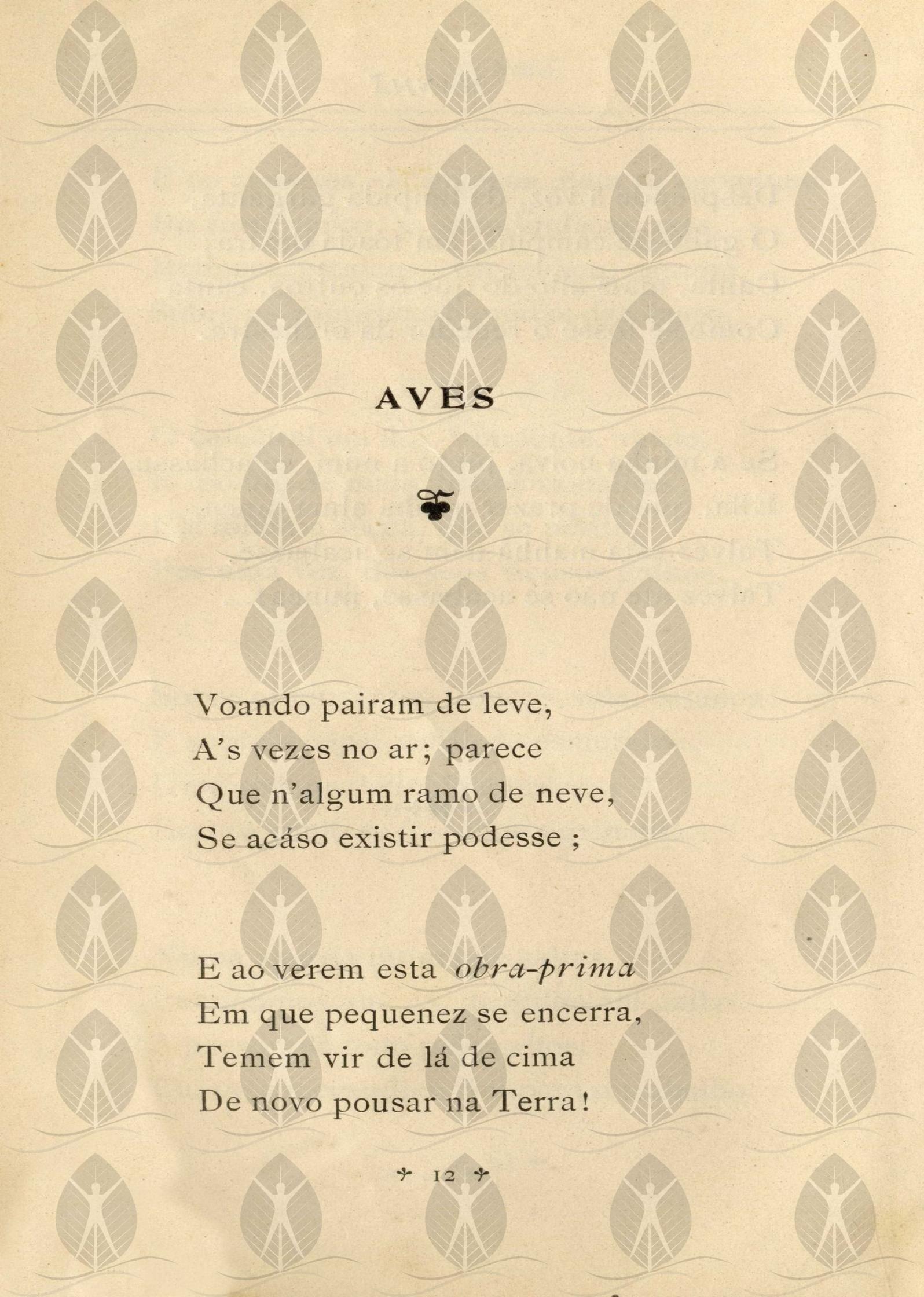
MANHÃ

---

Desprende a voz, da limpida garganta,  
O gallo-de-campina, em toada dextra;  
Canta, mais alto do que os outros, canta  
Como se fôsse o regedor da orchestra.

Se a minha noiva, junto a mim, se achasse,  
Ella, que de prazer minha alma junca,  
Talvez esta manhã nem se acabasse,  
Talvez até não se acabasse, nunca!...





## AVES



Voando pairam de leve,  
A's vezes no ar; parece  
Que n'algum ramo de neve,  
Se acáso existir podesse ;

E ao verem esta *obra-prima*  
Em que pequenez se encerra,  
Temem vir de lá de cima  
De novo pousar na Terra!

AVES

Bem felizes creaturas  
As vivas flôres aéreas,  
Abaixo d'essas venturas,  
Acima d'estas miserias!

O genio, embora se tisne,  
Lá onde o vicio se nutre,  
Tiram-lhe os vôos de cysne,  
As negras azas de abutre.

Quem me déra algum instante  
De vôos profundos, suaves,  
Para descer como Dante.  
Para subir como as aves!



## PODER DA MISERIA



Numa deserta estrada, erma e sombria,  
Transitava um senhor que a fidalguia  
Distinctissimo fez.

Era William, um nobre, um desses nobres,  
Que via os ricos como via os pobres,  
William, um inglez.

Das margens do caminho, de repente,  
Como um leão feroz, surge-lhe á frente,  
Um fero salteador,  
Que, levando a arma ao rosto, lhe murmúra :  
— Minha necessidade é que o procura,  
Uma esmola, senhor!

PODER DA MISERIA

Deante da voz imperativa e forte  
Do audaz salteador, deante da morte,  
Vacillando tremêo!

E foi tão grande a sua cobardia  
Que a bolsa com o dinheiro que trazia  
Ao desgraçado dêo!...

Houve uma pausa. O salteador apenas  
A bolsa recebêo, onde dezenas  
De sedulas contou;  
E, do meio de todo esse dinheiro,  
Que em seguida devolve ao cavalleiro,  
Cinco mil réis tirou!

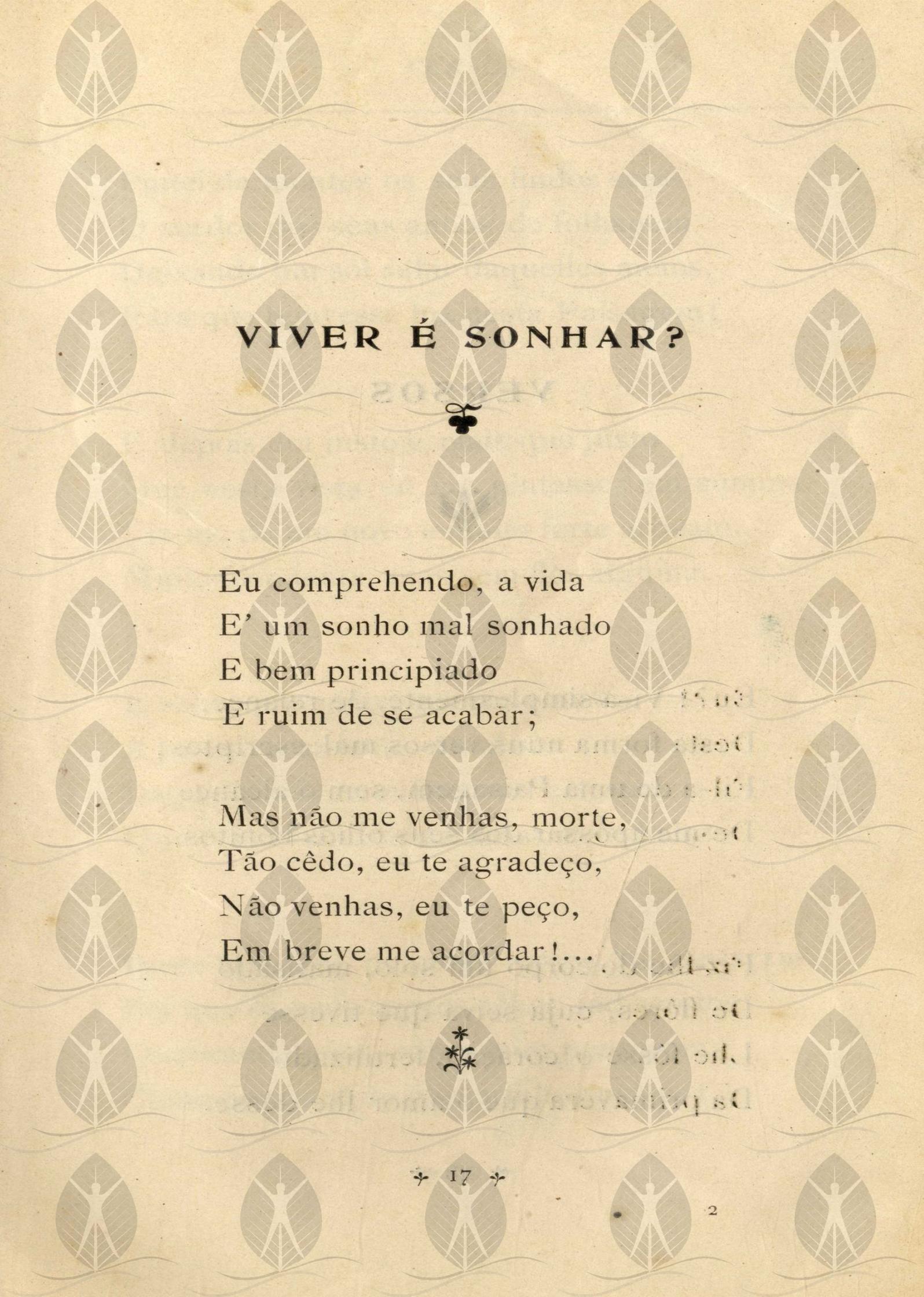
E disse-lhe : — Senhor, este é o bastante,  
Para matar-me a fome escruciante,  
E a dos meus filhinhos!

E, se hoje houvesse um'alma na cidade,  
Que me matasse esta necessidade,  
Eu não vinha roubar pelos caminhos!

Foi assim, entre o horror e o desespero,  
Que máo me fiz, senhor! Agora, espero  
O seu nobre perdão,  
Que eu sou um pobre pae necessitado,  
Senhor, eu sou um simples desgraçado,  
Eu não sou um ladrão!

— Onde mora? Pergunta-lhe sereno  
O generoso inglez. — Faz-lhe um aceno :  
— Alli, naquella aldeia!  
— Tem familia? — Seis filhas pequeninas,  
Mortas á fome, seis filhas meninas,  
Senhor, faça uma ideia!

William seguiu ; mas no outro dia  
Foi visital-o; e após, quando sahia,  
Deixou ficar primeiro,  
Não de esquecido, mas de grande que era,  
Deixou ficar na porta da tapera,  
A bolsa com o dinheiro!



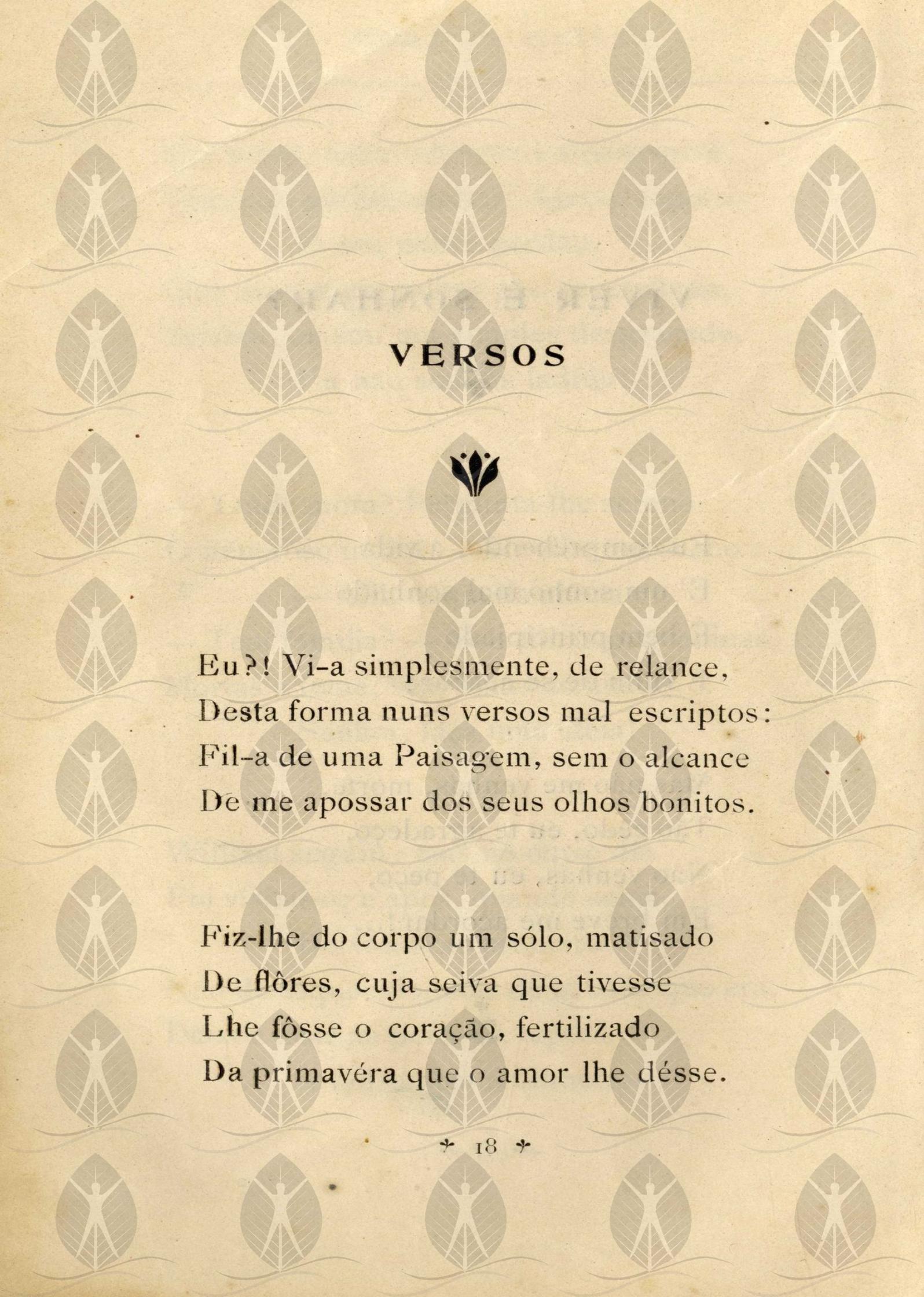
## VIVER É SONHAR?



Eu compreendo, a vida  
E' um sonho mal sonhado  
E bem principiado  
E ruim de se acabar;

Mas não me venhas, morte,  
Tão cêdo, eu te agradeço,  
Não venhas, eu te peço,  
Em breve me acordar!...





## VERSOS



Eu?! Vi-a simplesmente, de relance,  
Desta forma nuns versos mal escriptos:  
Fil-a de uma Paisagem, sem o alcance  
De me apossar dos seus olhos bonitos.

Fiz-lhe do corpo um sólo, matisado  
De flôres, cuja seiva que tivesse  
Lhe fôsse o coração, fertilizado  
Da primavéra que o amor lhe dêsse.

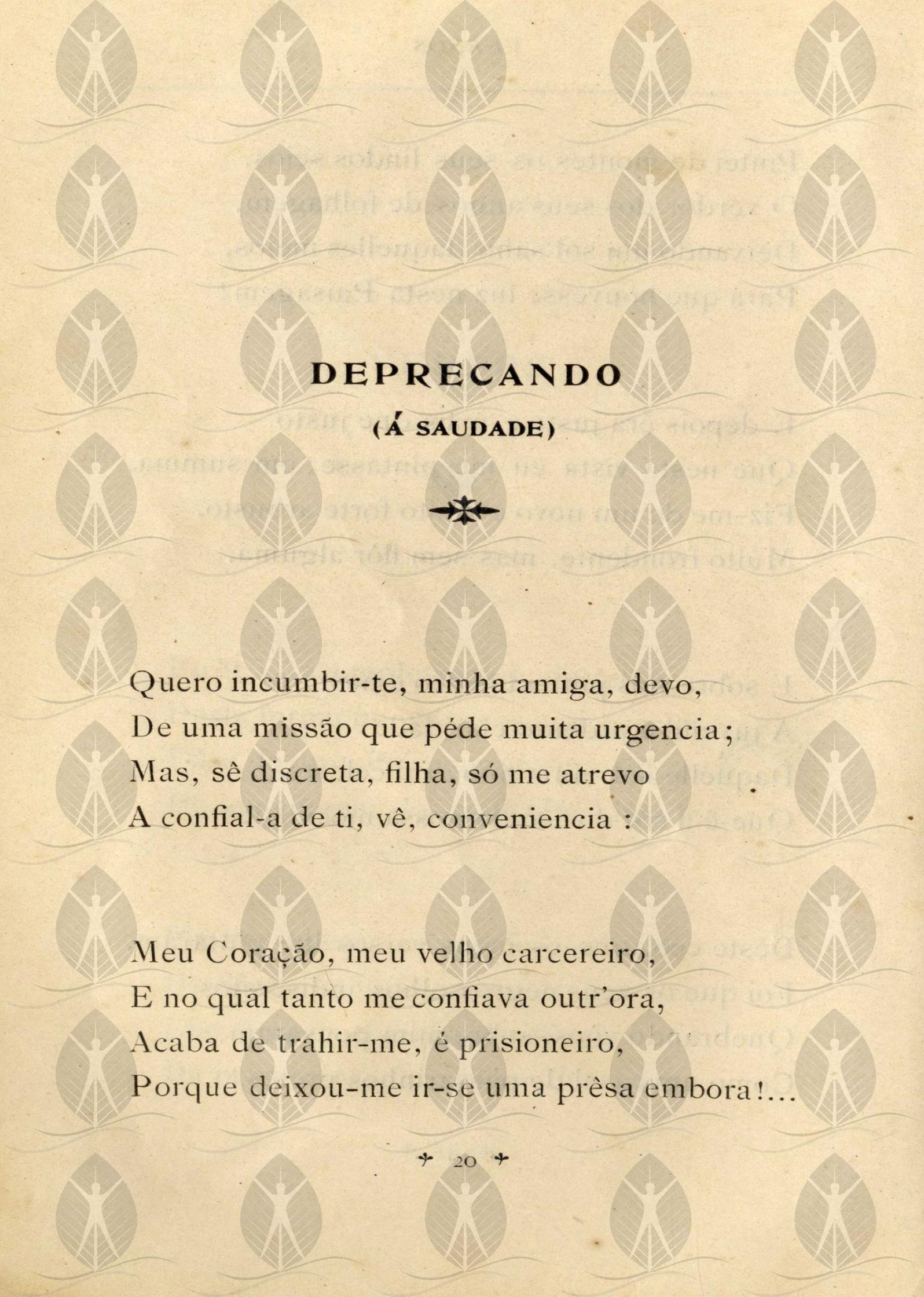
VERSOS

Pintei de montes os seus lindos seios,  
O verdor dos seus annos de folhagem,  
Deixando um sól sahir daquelles meios,  
Para que houvesse luz nesta Paisagem!

E depois éra justo e mais que justo  
Que nesta vista eu me pintasse; em summa,  
Fiz-me de um novo e muito forte arbusto,  
Muito frondente, mas sem flôr alguma.

E sobre nós pintei um céu e neste,  
A juvenil e ardente claridade  
Daquelle sól, num fino azul celeste,  
Que é a côr do céu da nossa mocidade!

Deste céu, que os meus versos lhe pintaram,  
Foi que os seus negros olhos indiscretos,  
Quebrando vôos, sobre mim pousaram,  
Como um casal de passarinhos prêtos!



## DEPRECANDO

(À SAUDADE)



Quero incumbir-te, minha amiga, devo,  
De uma missão que péde muita urgencia;  
Mas, sê discreta, filha, só me atrevo  
A confial-a de ti, vê, conveniencia :

Meu Coração, meu velho carcereiro,  
E no qual tanto me confiava outr'ora,  
Acaba de trahir-me, é prisioneiro,  
Porque deixou-me ir-se uma prêsa embora!...

DEPRECANDO

Mas... olha, filha, bem, que beneficio  
Tu me podes fazer nesta viagem.  
Terás, em troca do mais leve indício,  
O quartel da minha alma por menagem.

Vae procural-a, vae; que todos ponham  
Impecilios, vê bem, rompe-os, cautella!  
Nos olhos doidos dos que doidos sonham  
Talvez exista algum vestigio d'ella!

Investiga por todos os logares...  
Vae, Saudade do Céu, vae... corre... vôa...  
Solta estas azas roxas pelos ares  
E vem trazer-me uma noticia bôa.

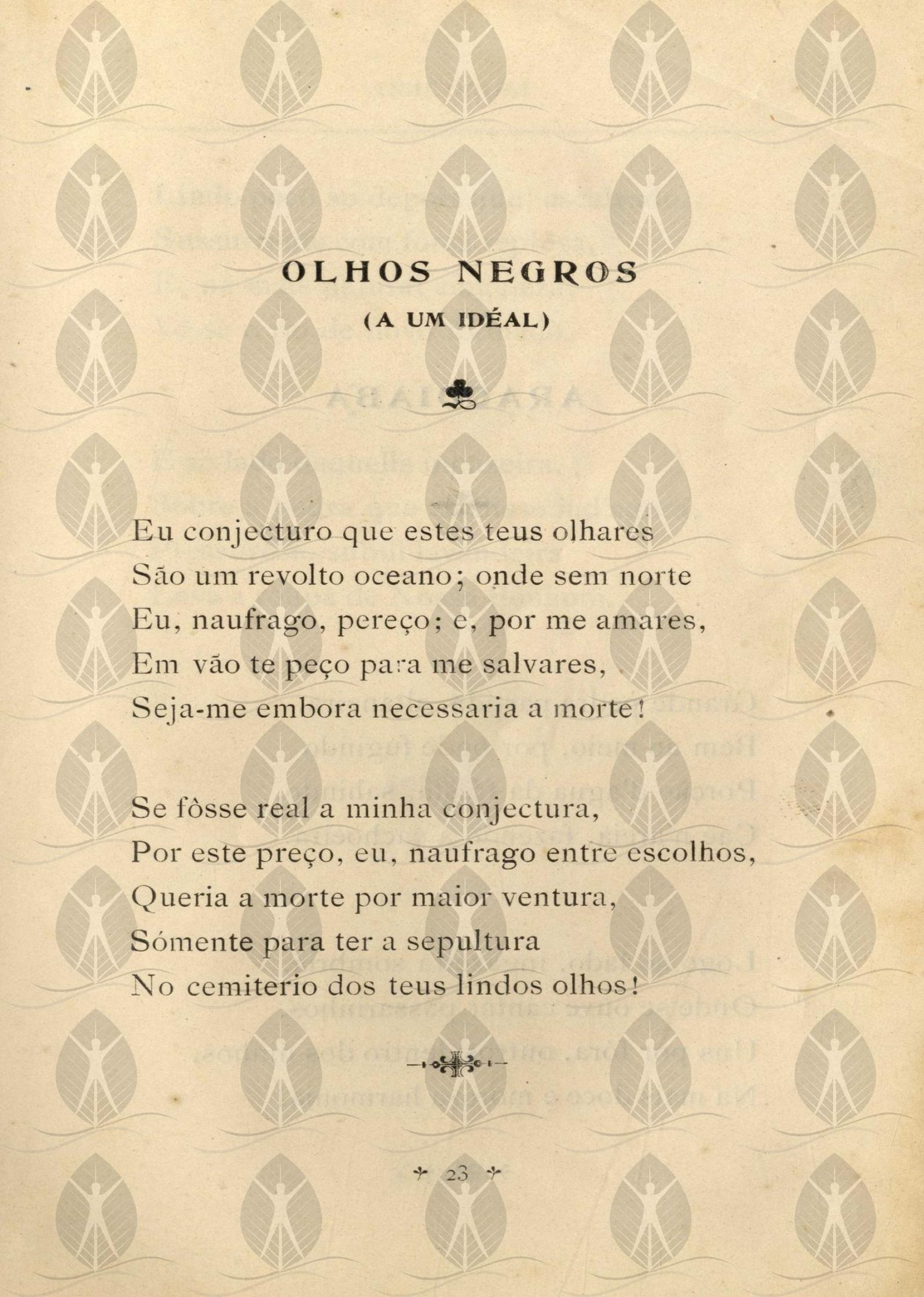
Pegando-a agora, ah, sim! E' sim : remetto-a  
Para um carcere eterno! Ella se acalma!  
Hei de prendel-a, de galé-perpetua,  
Dentro da fortaleza da minha alma!...

DEPRECANDO

Tanto esperei, tanto esperei que a minha  
Dôr esqueci, fugiu-me a soledade.

Já não tenho saudades como tinha,  
Hoje, tenho é saudades da Saudade!





# OLHOS NEGROS

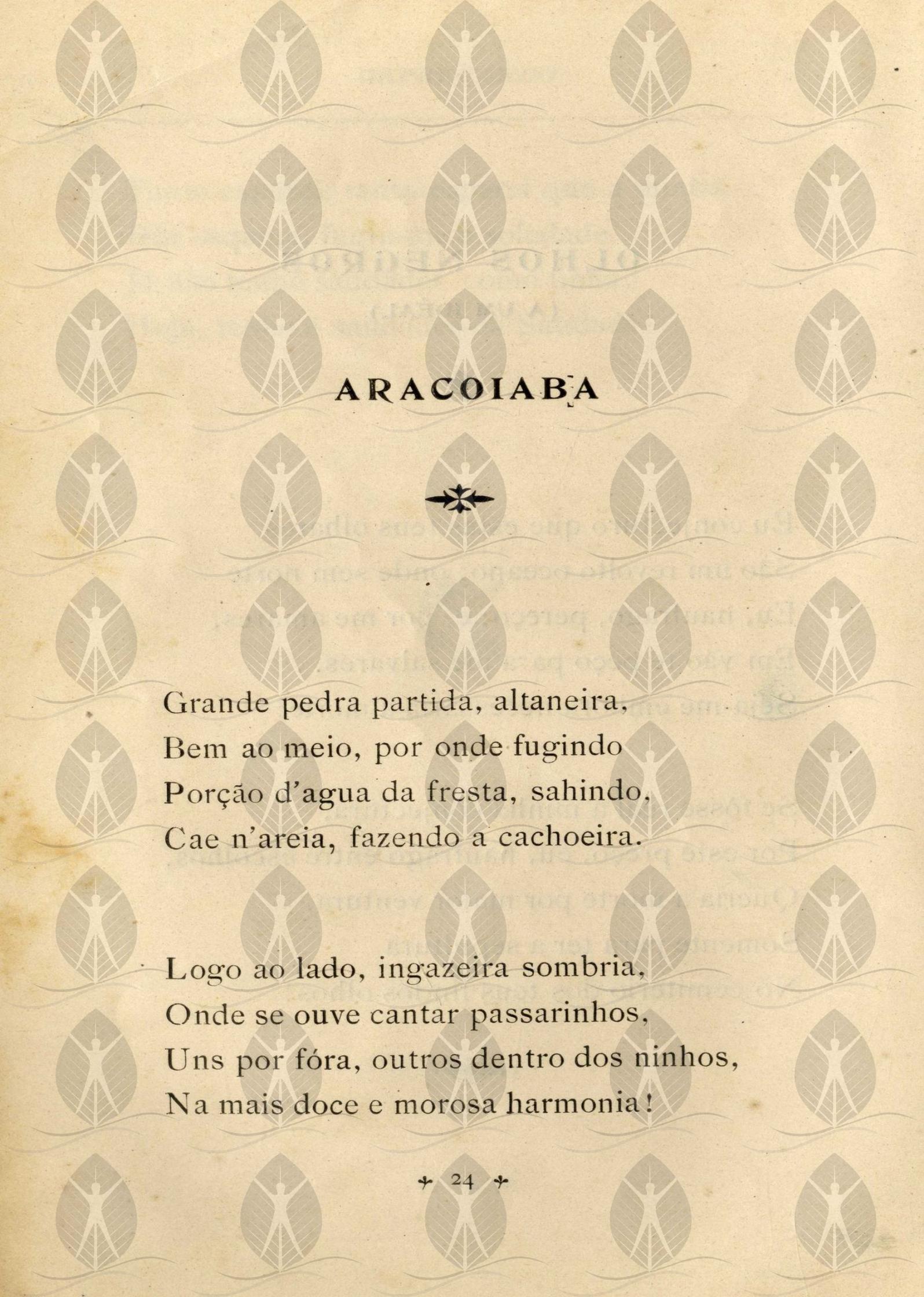
(A UM IDÉAL)



Eu conjecturo que estes teus olhares  
São um revolto oceano; onde sem norte  
Eu, naufrago, pereço; e, por me amares,  
Em vão te peço para me salvares,  
Seja-me embora necessaria a morte!

Se fôsse real a minha conjectura,  
Por este preço, eu, naufrago entre escolhos,  
Queria a morte por maior ventura,  
Sómente para ter a sepultura  
No cemiterio dos teus lindos olhos!

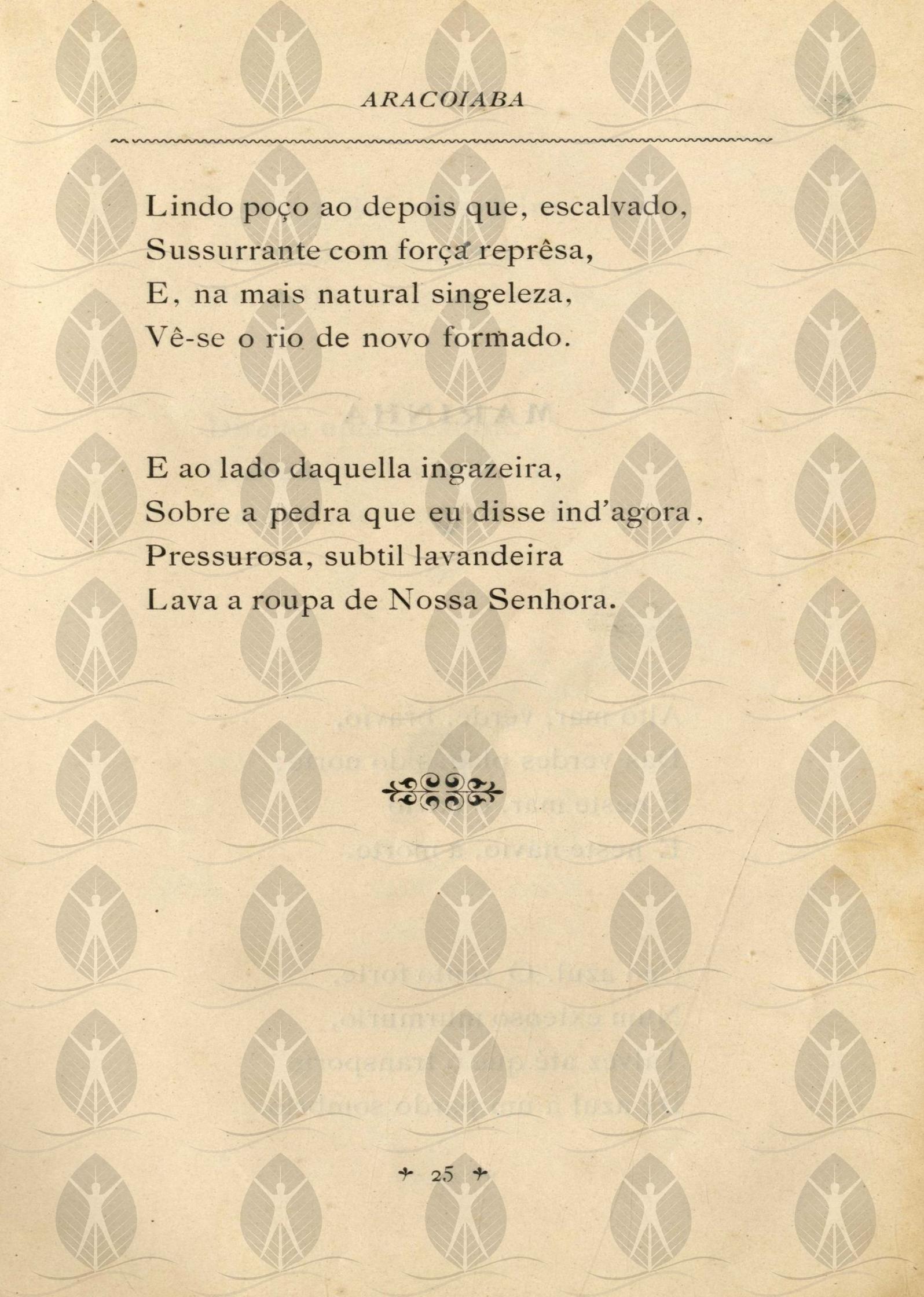




## ARACOIABÁ

Grande pedra partida, altaneira,  
Bem ao meio, por onde fugindo  
Porção d'água da fresta, sahindo,  
Cae n'areia, fazendo a cachoeira.

Logo ao lado, ingazeira sombria,  
Onde se ouve cantar passarinhos,  
Uns por fóra, outros dentro dos ninhos,  
Na mais doce e morosa harmonia!



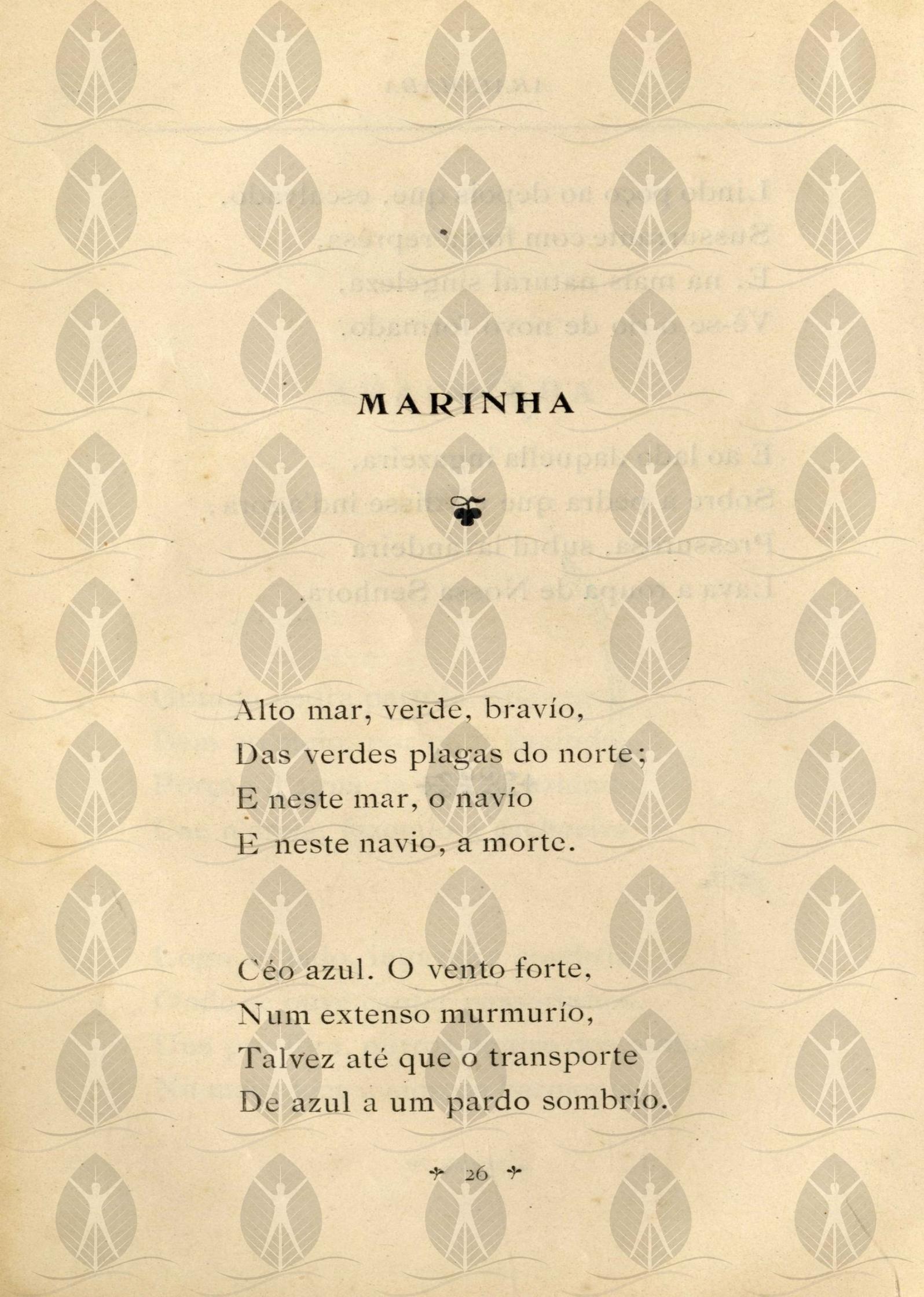
ARACOIABA

---

Lindo poço ao depois que, escalvado,  
Sussurrante com força reprêsa,  
E, na mais natural singeleza,  
Vê-se o rio de novo formado.

E ao lado daquela ingazeira,  
Sobre a pedra que eu disse ind'agora,  
Pressurosa, subtil lavandeira  
Lava a roupa de Nossa Senhora.





## MARINHA

Alto mar, verde, bravío,  
Das verdes plagas do norte;  
E neste mar, o navío  
E neste navio, a morte.

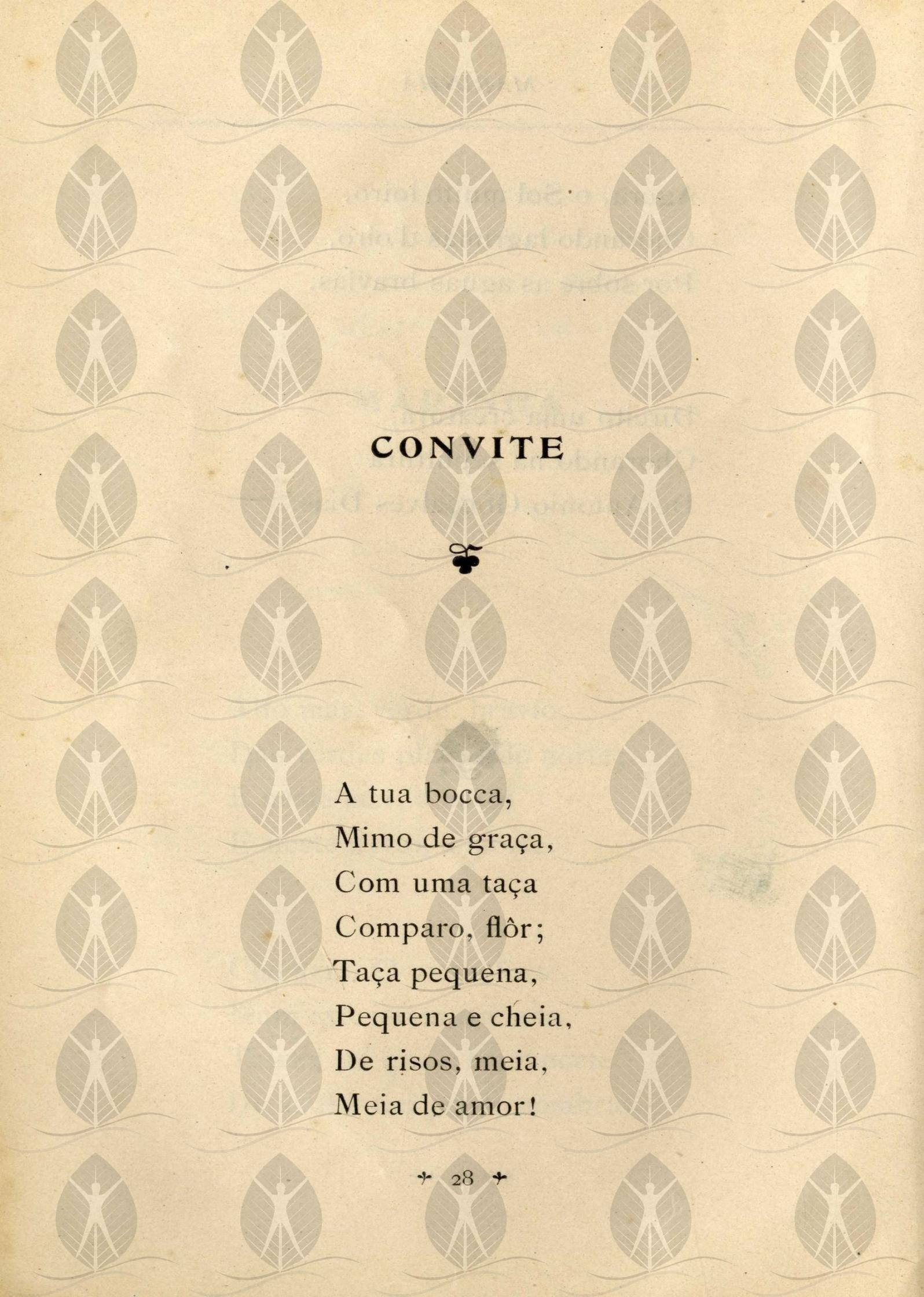
Céo azul. O vento forte,  
Num extenso murmurío,  
Talvez até que o transporte  
De azul a um pardo sombrio.

MARINHA

Agora, o Sol muito loiro,  
Chorando lagrimas d'oiro,  
Por sobre as aguas bravias,

Direito uma creatura,  
Chorando na sepultura  
De Antonio Gonçalves Dias.





**CONVITE**

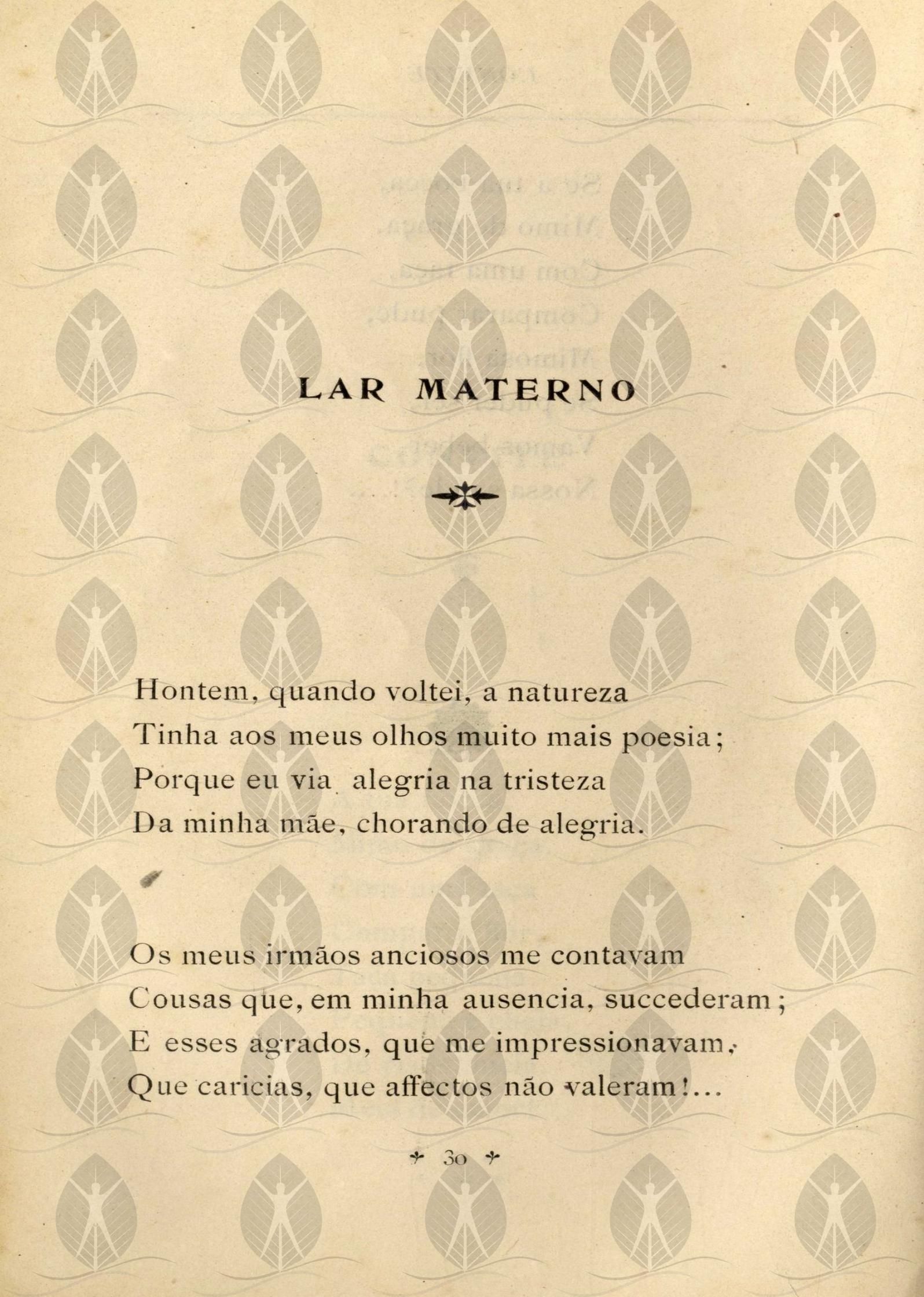


A tua bocca,  
Mimo de graça,  
Com uma taça  
Comparo, flôr;  
Taça pequena,  
Pequena e cheia,  
De risos, meia,  
Meia de amor!

*CONVITE*

Se a tua bocca,  
Mimo de graça,  
Com uma taça,  
Comparar pude,  
Mimosa flôr,  
Se puder ser,  
Vamos beber  
Nossa saúde?!....





## LAR MATERNO

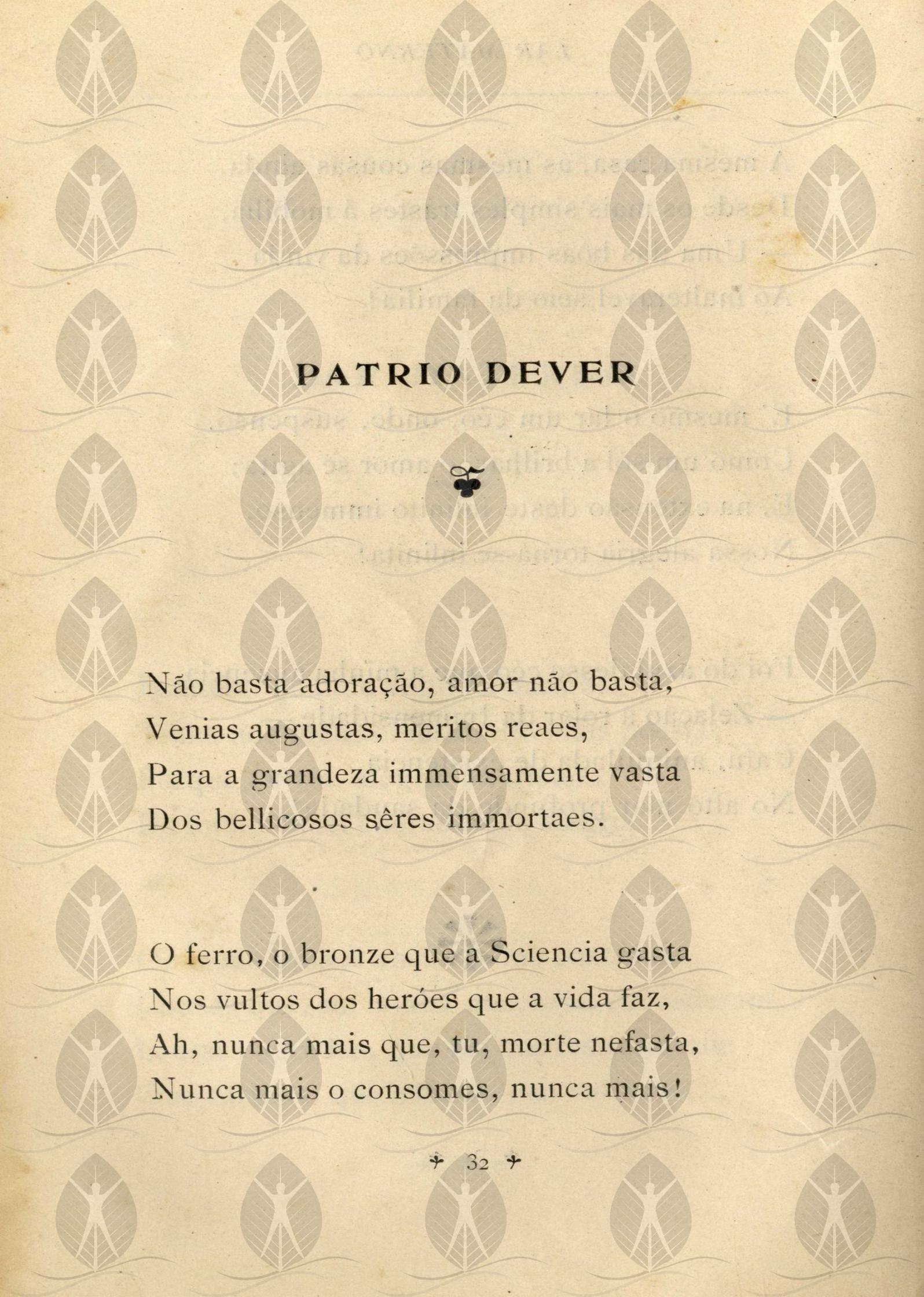
Hontem, quando voltei, a natureza  
Tinha aos meus olhos muito mais poesia;  
Porque eu via, alegria na tristeza  
Da minha mãe, chorando de alegria.

Os meus irmãos anciosos me contavam  
Cousas que, em minha ausencia, succederam;  
E esses agrados, que me impressionavam,  
Que caricias, que affectos não valeram!...

A mesma casa, as mesmas cousas ainda,  
Desde os mais simples trastes á mobilia,  
— Uma das boas impressões da vinda  
Ao inalteravel seio da familia!

E' mesmo o lar um céu, onde, suspenso,  
Como um sól a brilhar, o amor se agita;  
E, na extensão deste infinito immenso,  
Nossa alegria torna-se infinita!

Foi do azul desse céu que a minha ausencia,  
— Zelação a rolar da Immensidade —  
Caíu, aniquilada de existencia,  
No alto mar profundo da saudade!..



## PATRIO DEVER

Não basta adoração, amor não basta,  
Venias augustas, meritos reaes,  
Para a grandeza immensamente vasta  
Dos bellicosos sêres immortaes.

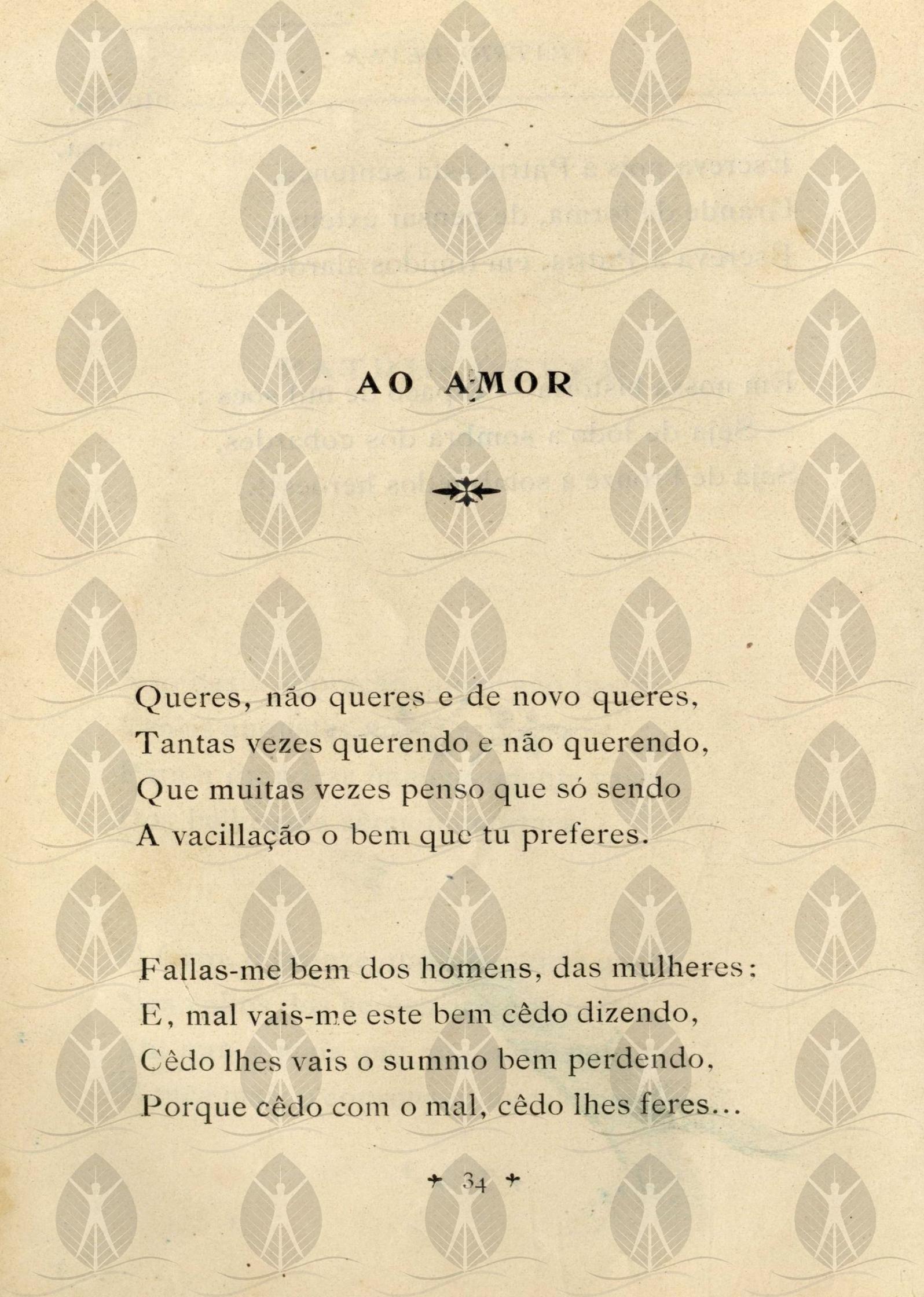
O ferro, o bronze que a Sciencia gasta  
Nos vultos dos heróes que a vida faz,  
Ah, nunca mais que, tu, morte nefasta,  
Nunca mais o consomes, nunca mais!

PATRIO DEVER

Escreva pois a Pátria esta sentença,  
Grande de forma, de pensar extensa,  
Escreva a Pátria, em tímidos alardes,

Em nossa historia — espaço de mil sóes :  
— Seja de lodo a sombra dos cobardes,  
Seja de bronze a sombra dos heróes!!..





## AO AMOR



Queres, não queres e de novo queres,  
Tantas vezes querendo e não querendo,  
Que muitas vezes penso que só sendo  
A vacillação o bem que tu preferes.

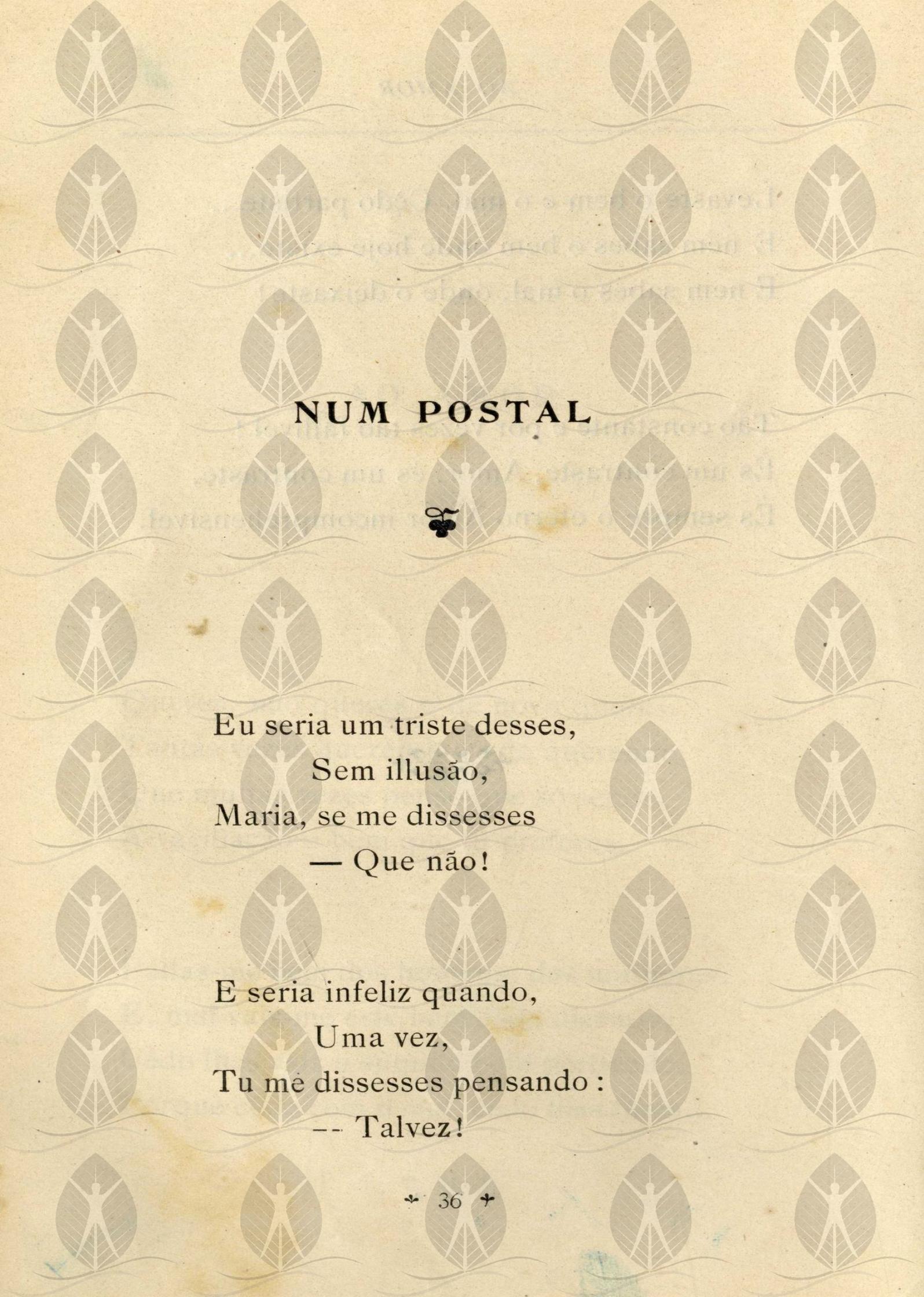
Fallas-me bem dos homens, das mulheres:  
E, mal vais-me este bem cêdo dizendo,  
Cêdo lhes vais o summo bem perdendo,  
Porque cêdo com o mal, cêdo lhes feres...

AO AMOR

Levaste o bem e o mal. Cêdo partiste...  
E nem sabes o bem onde hoje existe...  
E nem sabes o mal, onde o deixaste!

Tão constante e por vezes tão fallível !  
És um contraste, Amor, és um contraste,  
És sempre o eterno Amor incomprehensível.





NUM POSTAL



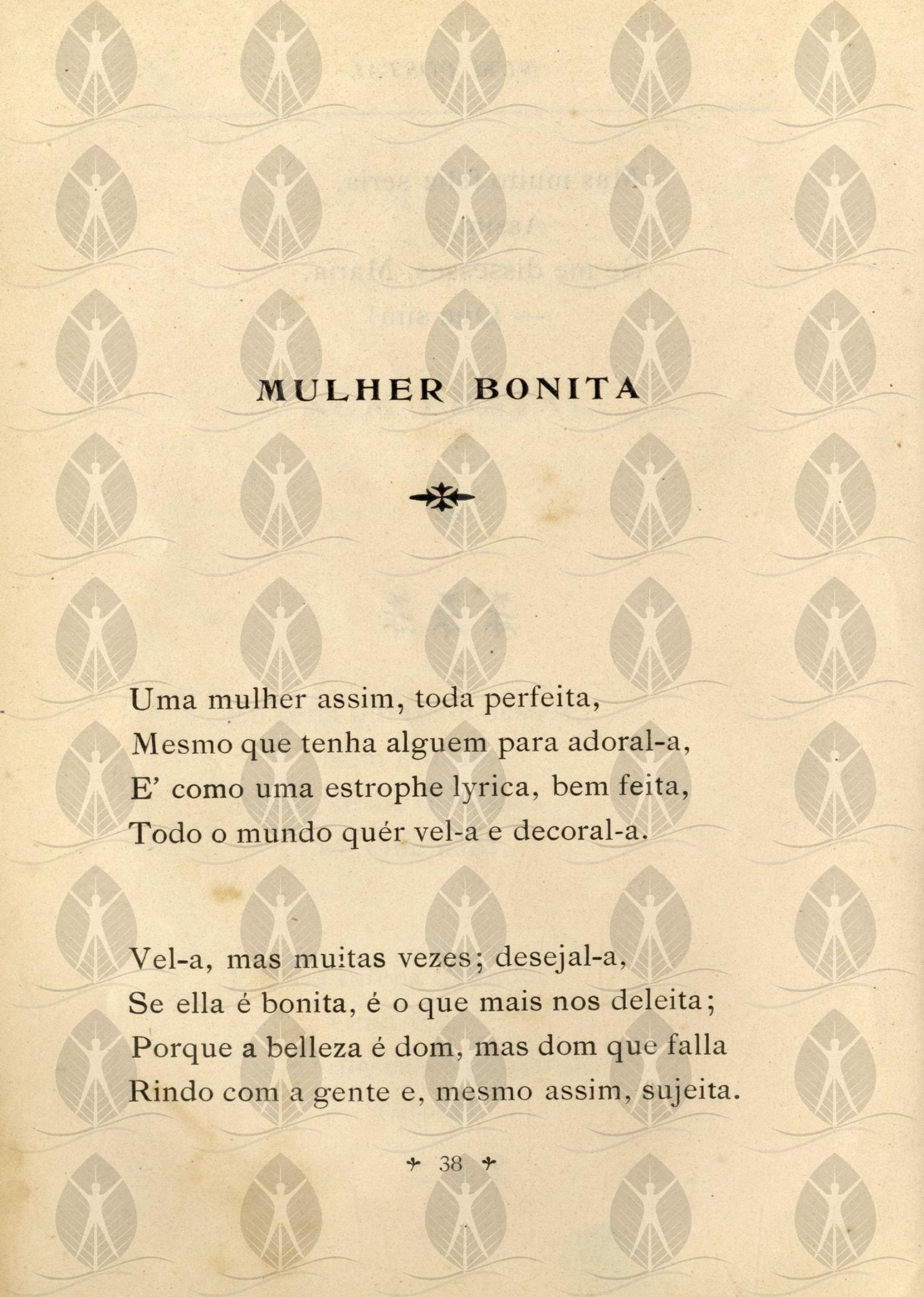
Eu seria um triste desses,  
Sem illusão,  
Maria, se me disseses  
— Que não!

E seria infeliz quando,  
Uma vez,  
Tu me disseses pensando :  
-- Talvez!

NUM POSTAL

Mas muito feliz seria,  
Assim,  
Se me disseses, Maria,  
— Que sim!





## MULHER BONITA



Uma mulher assim, toda perfeita,  
Mesmo que tenha alguém para adoral-a,  
E' como uma estrophe lyrica, bem feita,  
Todo o mundo quér vel-a e decoral-a.

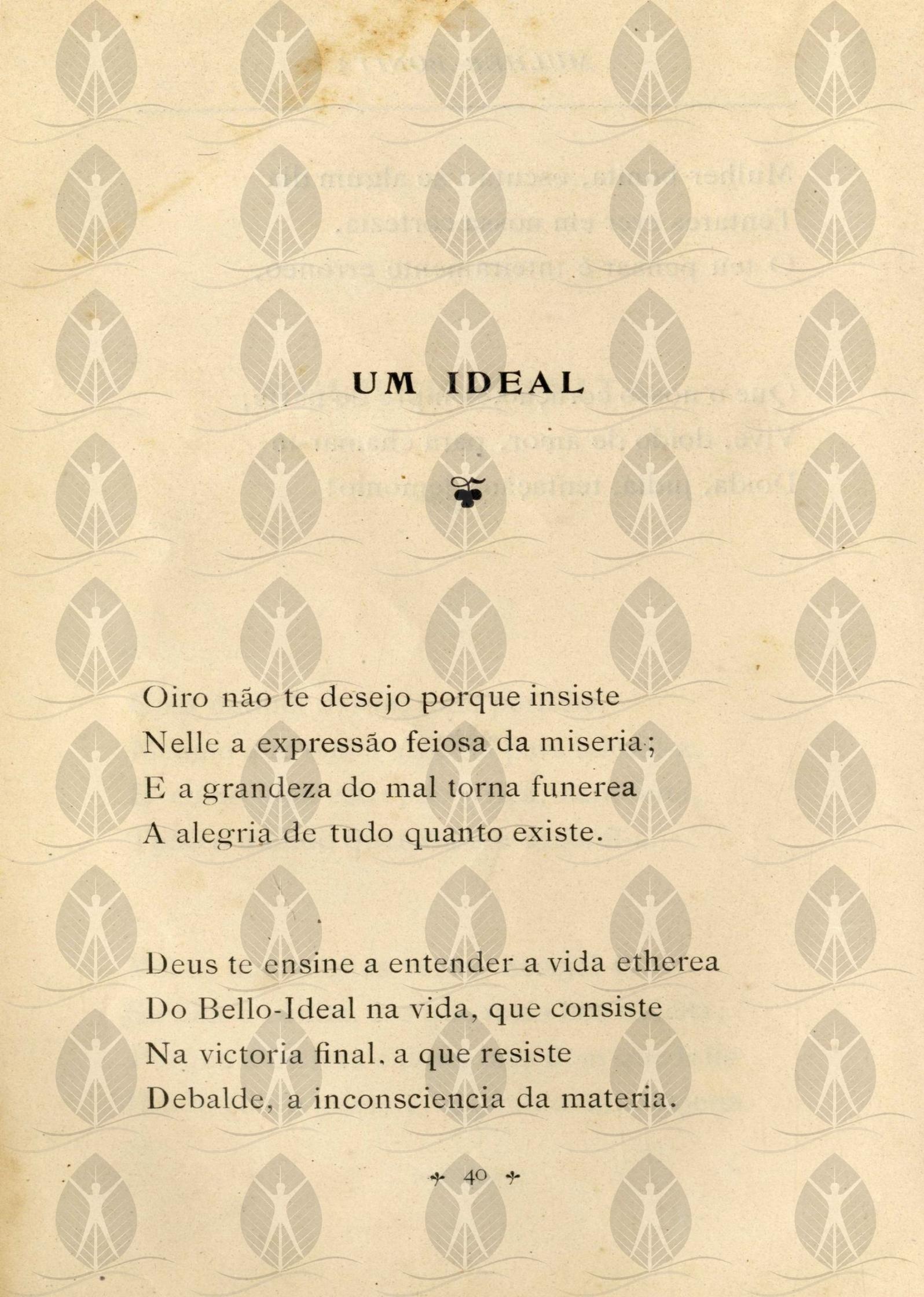
Vel-a, mas muitas vezes; desejal-a,  
Se ella é bonita, é o que mais nos deleita;  
Porque a belleza é dom, mas dom que falla  
Rindo com a gente e, mesmo assim, sujeita.

MULHER BONITA

Mulher bonita, escuta : se algum dia  
Tentares crer em nossa cortezia,  
O teu pensar é inteiramente erroneo,

Que o nosso coração, sempre de parte,  
Vive, doido de amor, para chamar-te  
Doida, judia, tentação, demonio!





## UM IDEAL

Oiro não te desejo porque insiste  
Nelle a expressão feiosa da miseria;  
E a grandeza do mal torna funerea  
A alegria de tudo quanto existe.

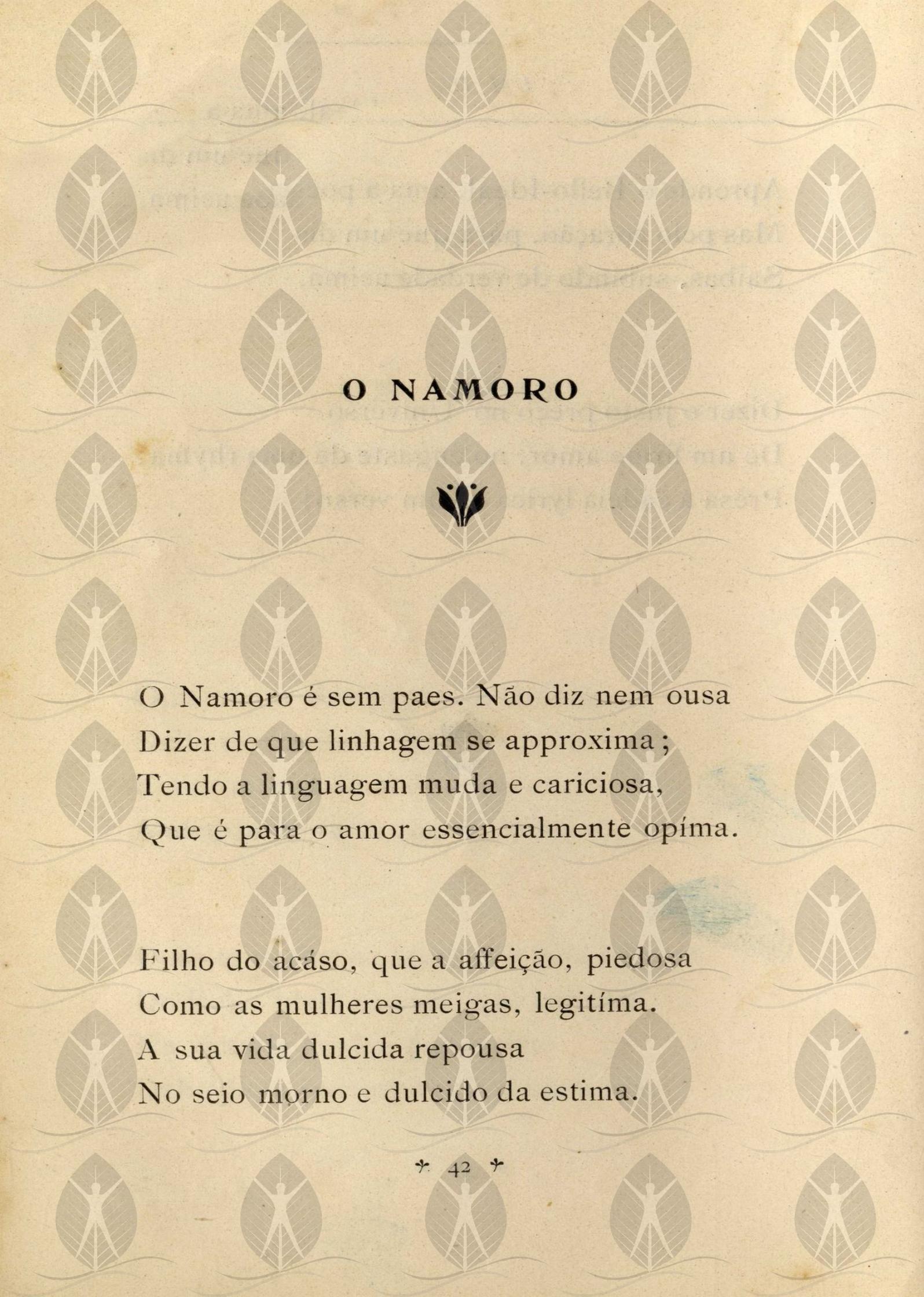
Deus te ensine a entender a vida etherea  
Do Bello-Ideal na vida, que consiste  
Na victoria final, a que resiste  
Debalde, a inconsciencia da materia.

UM IDEAL

Aprende o Bello-Ideal, ama a poesia,  
Mas pelo coração, para que um dia  
Saibas, subindo de verdade acima,

Dizer o justo preço no Universo  
De um firme amor, no engaste de uma rhyma,  
Prêsa á cadeia lyrica de um verso!





## O NAMORO

O Namoro é sem paes. Não diz nem ousa  
Dizer de que linhagem se approxima ;  
Tendo a linguagem muda e cariciosa,  
Que é para o amor essencialmente opíma.

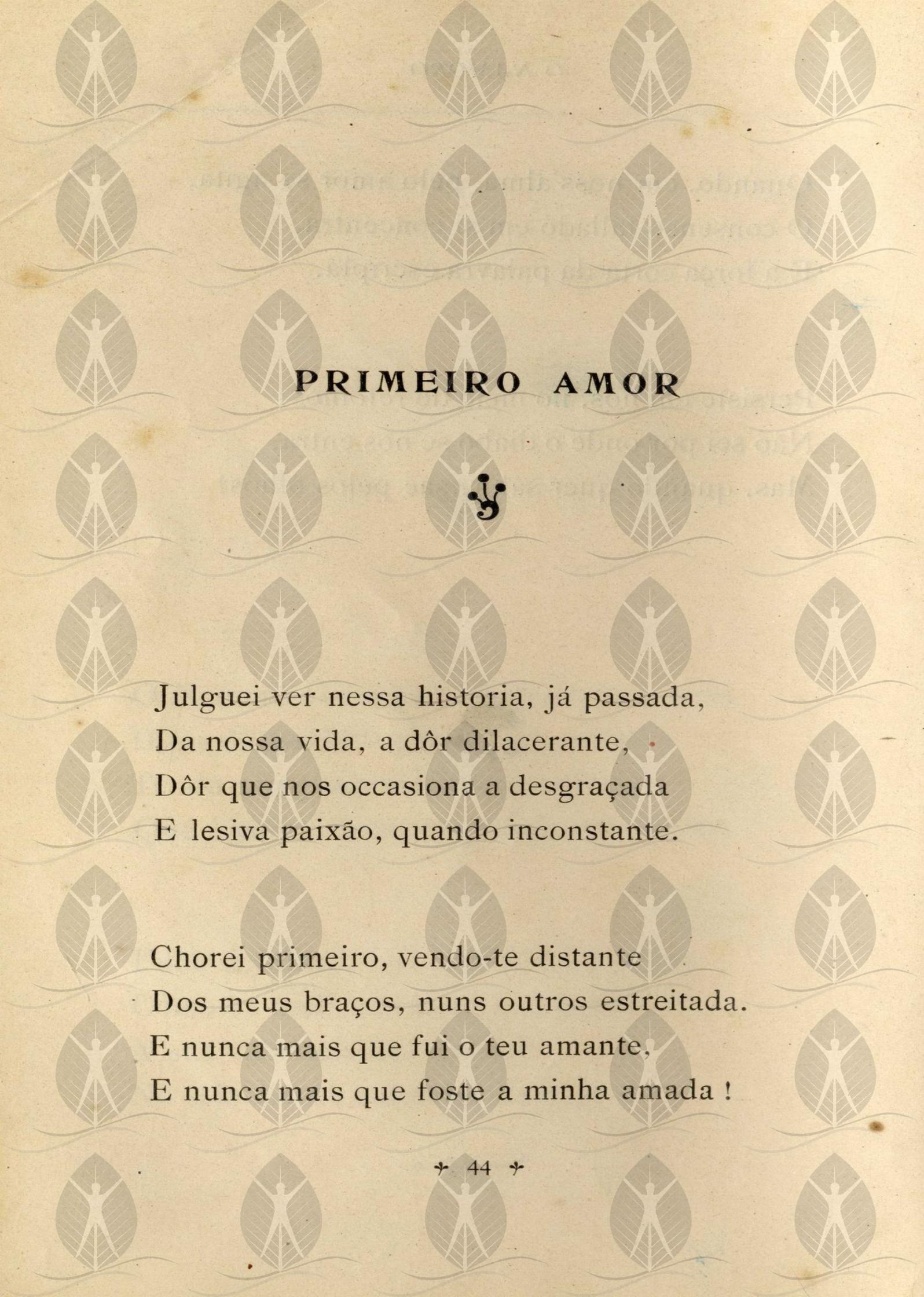
Filho do acáso, que a affeição, piedosa  
Como as mulheres meigas, legítima.  
A sua vida dulcida repousa  
No seio morno e dulcido da estima.

O NAMORO

Quando, em noss'alma, pelo amor se agita,  
O consenso fallado em si concentra,  
E a força corta da palavra escripta.

Persiste em nós, no meio de refolhos;  
Não sei por onde o diabo se nos entra,  
Mas, quando quer sahir, sae pelos olhos!





## PRIMEIRO AMOR



Julguei ver nessa historia, já passada,  
Da nossa vida, a dôr dilacerante,  
Dôr que nos occasiona a desgraçada  
E lesiva paixão, quando inconstante.

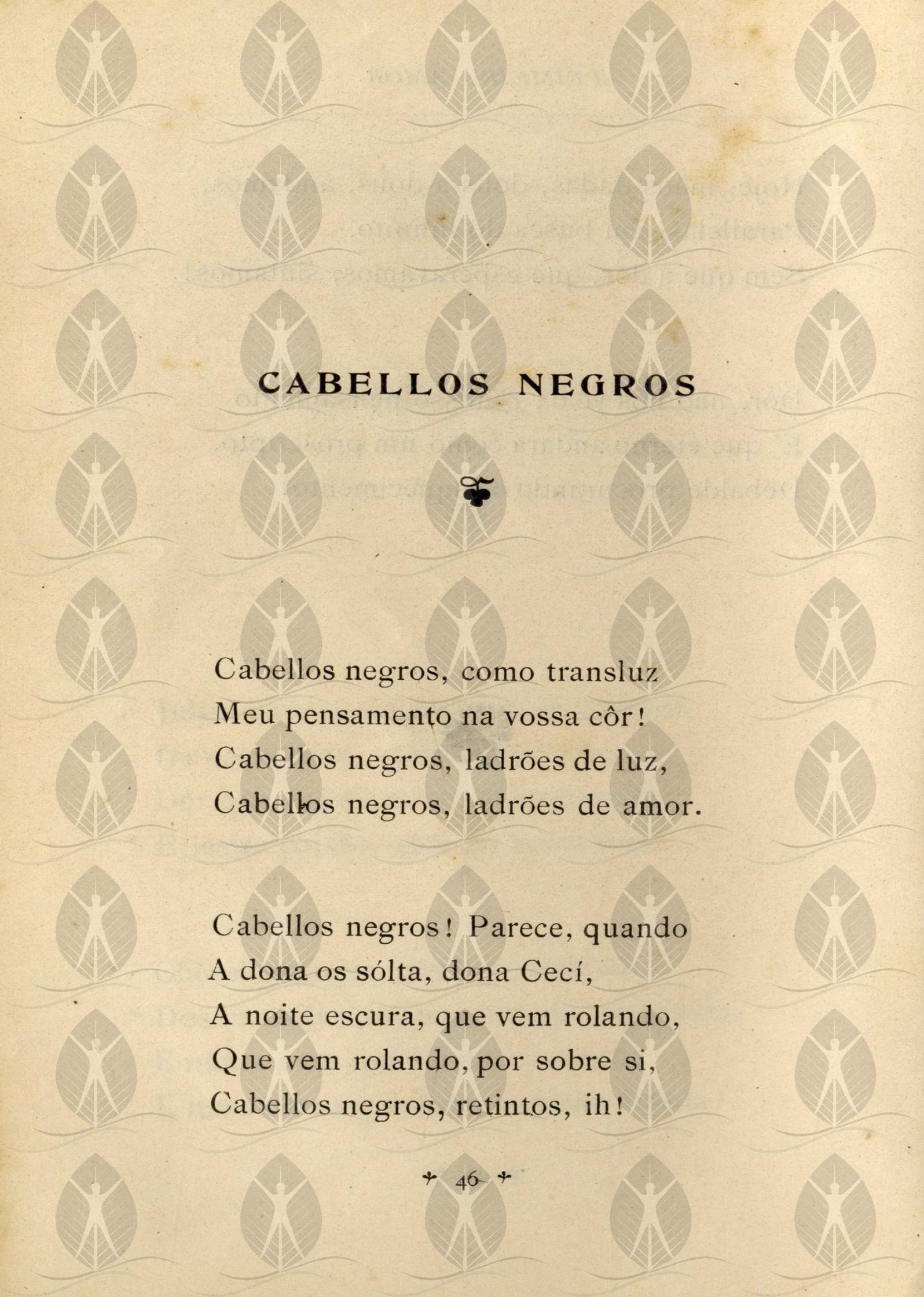
Chorei primeiro, vendo-te distante  
Dos meus braços, nuns outros estreitada.  
E nunca mais que fui o teu amante,  
E nunca mais que foste a minha amada !

PRIMEIRO AMOR

Hoje, mãos dadas, dous a dous, andamos,  
Parallelas, em busca do infinito,  
Sem que a dôr, que esperavamos, sintamos!

Dôr, não nos veio ; o nosso pensamento  
E' que eterno andará como um proscrito,  
Debalde procurando o esquecimento!





## CABELLOS NEGROS

Cabellos negros, como transluz  
Meu pensamento na vossa côr!  
Cabellos negros, ladrões de luz,  
Cabellos negros, ladrões de amor.

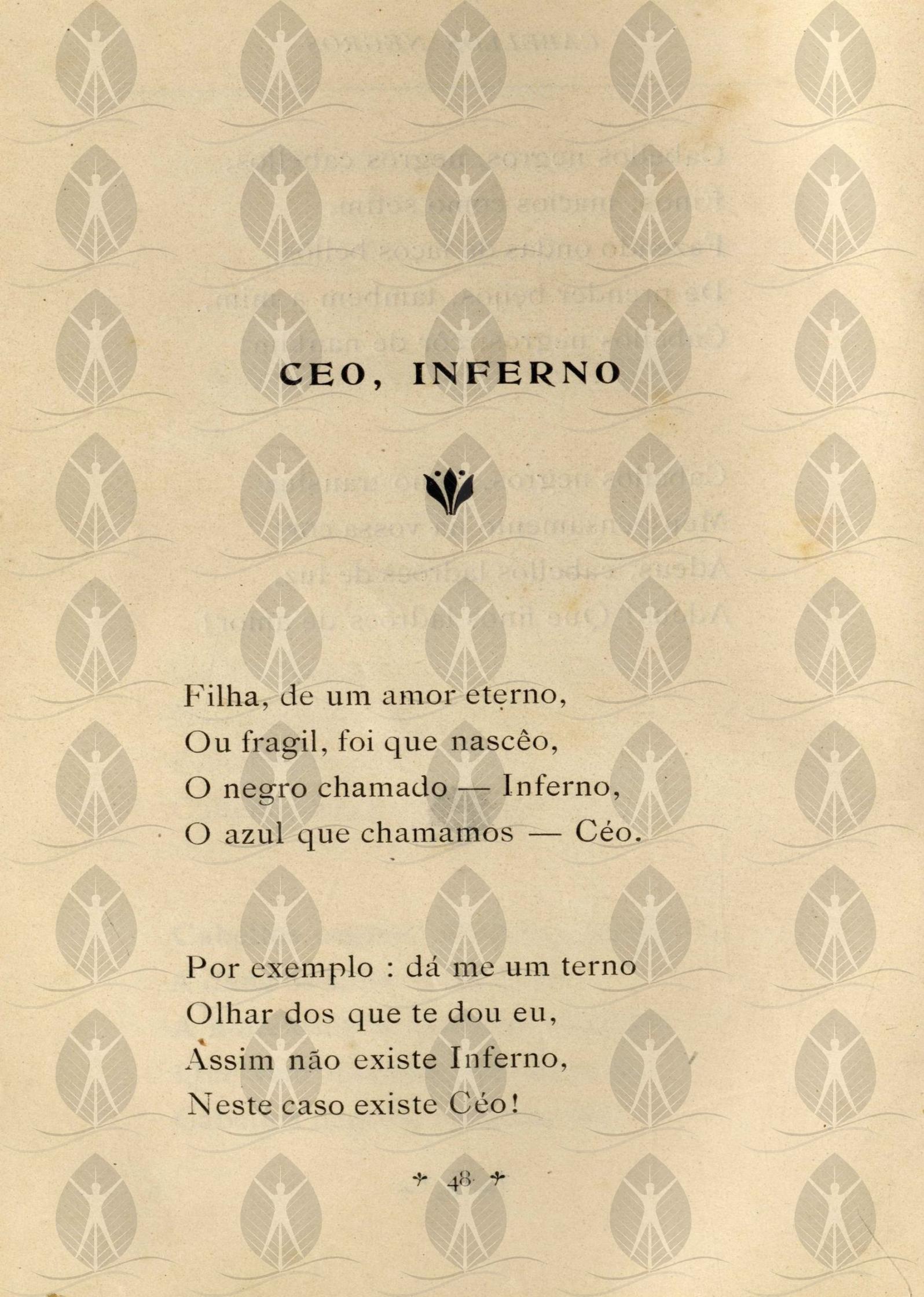
Cabellos negros! Parece, quando  
A dona os sólta, dona Ceci,  
A noite escura, que vem rolando,  
Que vem rolando, por sobre si,  
Cabellos negros, retintos, ih!

CABELLOS NEGROS

Cabellos negros, negros cabelos,  
Finos, macios como setim,  
Fazendo ondas de laços bellos,  
De prender beijos, tambem a mim,  
Cabellos negros, côr de nankim!

Cabellos negros, como transluz  
Meu pensamento na vossa côr!  
Adeus, cabelos ladrões de luz,  
Adeus! Que finos ladrões de amor!





**CÉO, INFERNO**



Filha, de um amor eterno,  
Ou fragil, foi que nascêo,  
O negro chamado — Inferno,  
O azul que chamamos — Céu.

Por exemplo : dá me um terno  
Olhar dos que te dou eu,  
Assim não existe Inferno,  
Neste caso existe Céu!

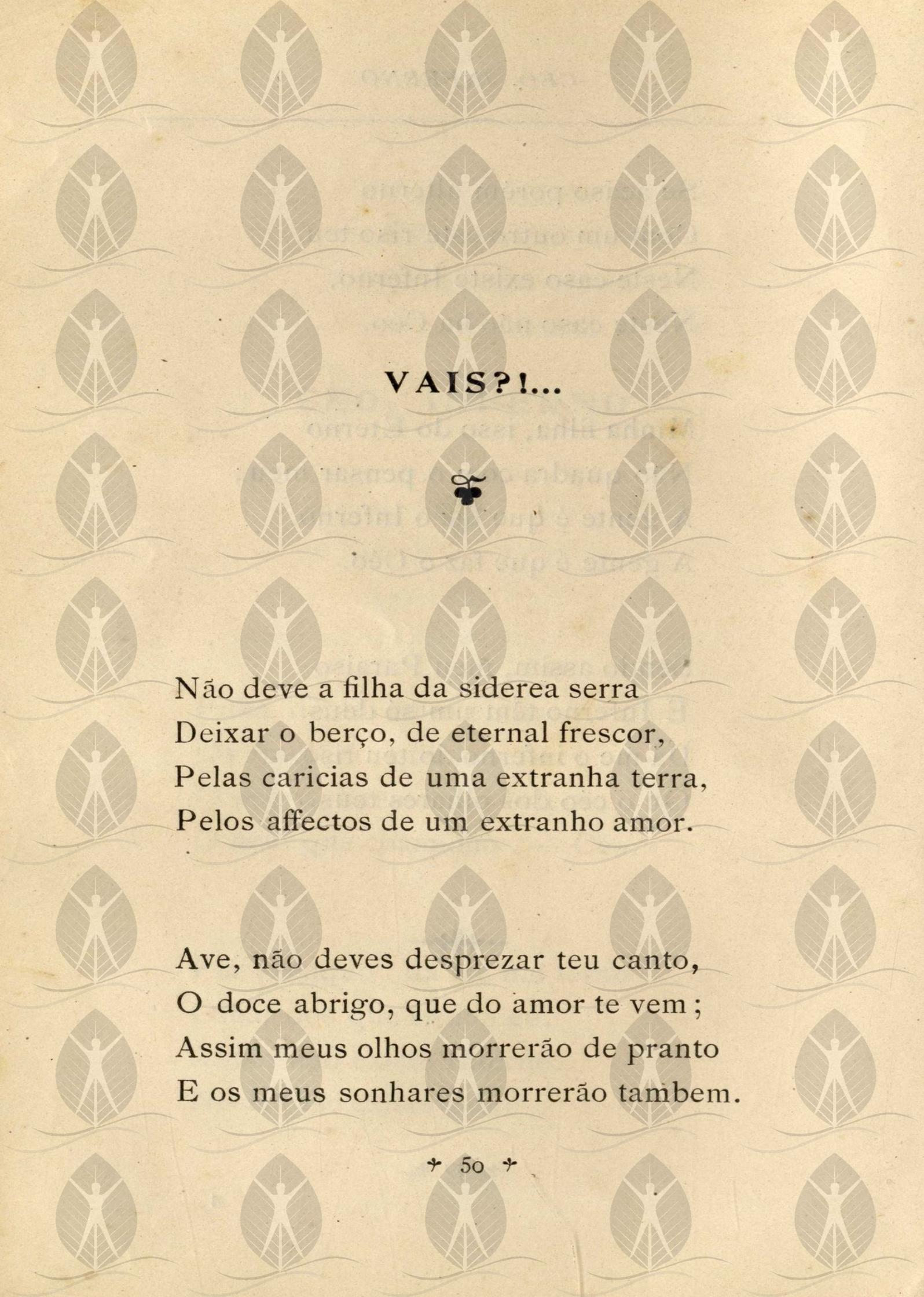
*CÉO, INFERNO*

Sê acáso porém alterno  
Com um outro este riso teu,  
Neste caso existe Inferno,  
Neste caso não ha Céó.

Minha filha, isso do Eterno  
Não quadra com o pensar meu;  
A gente é que faz o Inferno,  
A gente é que faz o Céó.

Sendo assim, meu Paraiso  
E Inferno têm um só deus.  
Dá me o inferno do teu riso,  
Ou o céo dos olhares teus.





VAIS?!...

Não deve a filha da siderea serra  
Deixar o berço, de eternal frescor,  
Pelas caricias de uma extranha terra,  
Pelos affectos de um extranho amor.

Ave, não debes desprezar teu canto,  
O doce abrigo, que do amor te vem ;  
Assim meus olhos morrerão de pranto  
E os meus sonhos morrerão tambem.

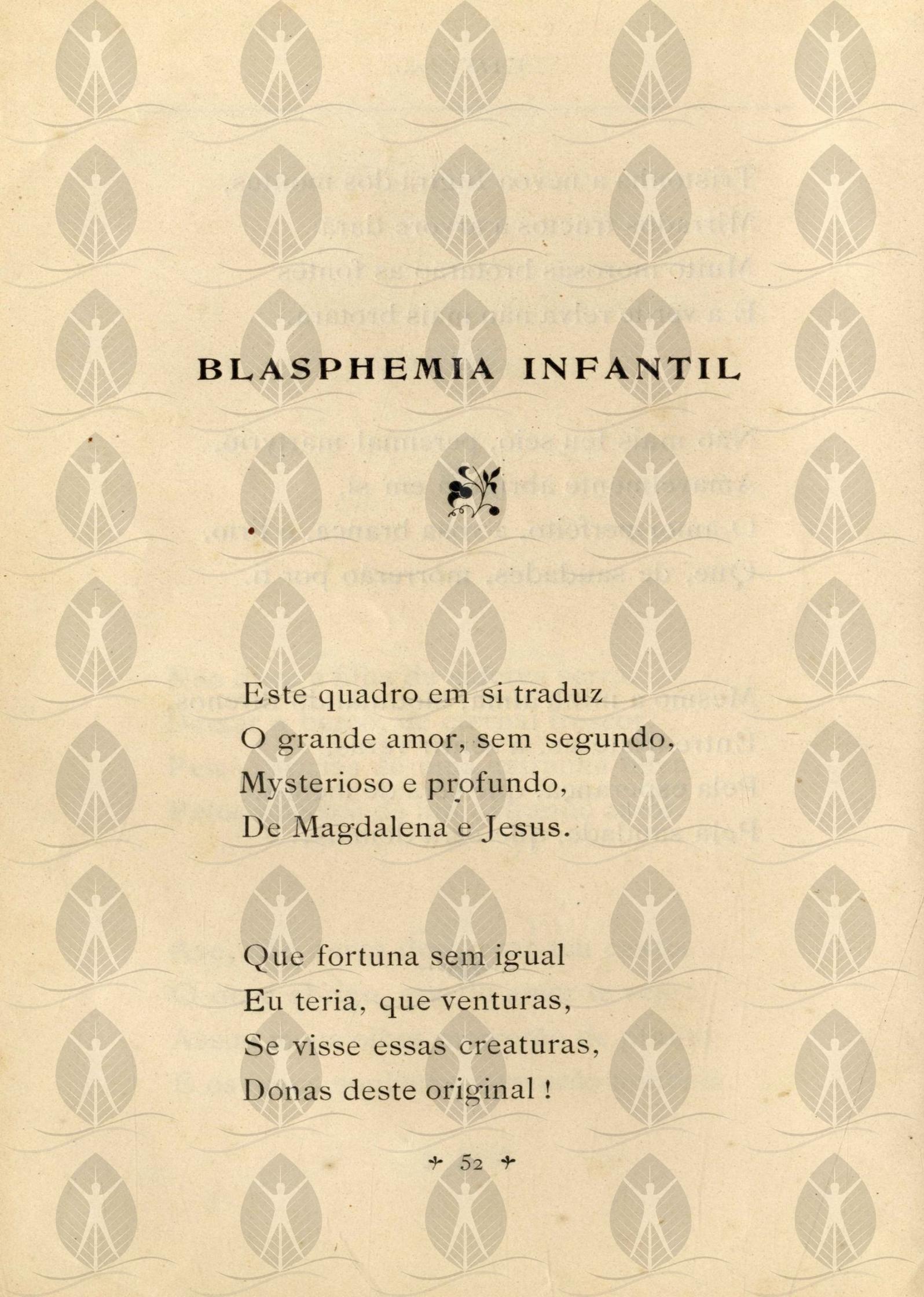
VAIS?!....

Tristonha a nevoa fugirá dos montes,  
Mirrados fructos a arvore dará.  
Muito morosas brotarão as fontes  
E a verde relva não mais brotará.

Não mais teu seio, perennal martyrio,  
Amavelmente abrigará em si,  
O amor-perfeito, a rosa branca, o lirio,  
Que, de saudades, morrerão por ti.

Mesmo a minh'alma, modulando threnos,  
Entre tristezas, a sentir verás,  
Pela esperança, que será de menos,  
Pela saudade, que será demais!...





## BLASPHEMIA INFANTIL



Este quadro em si traduz  
O grande amor, sem segundo,  
Mysterioso e profundo,  
De Magdalena e Jesus.

Que fortuna sem igual  
Eu teria, que venturas,  
Se visse essas creaturas,  
Donas deste original !

*BLASPHEMIA INFANTIL*

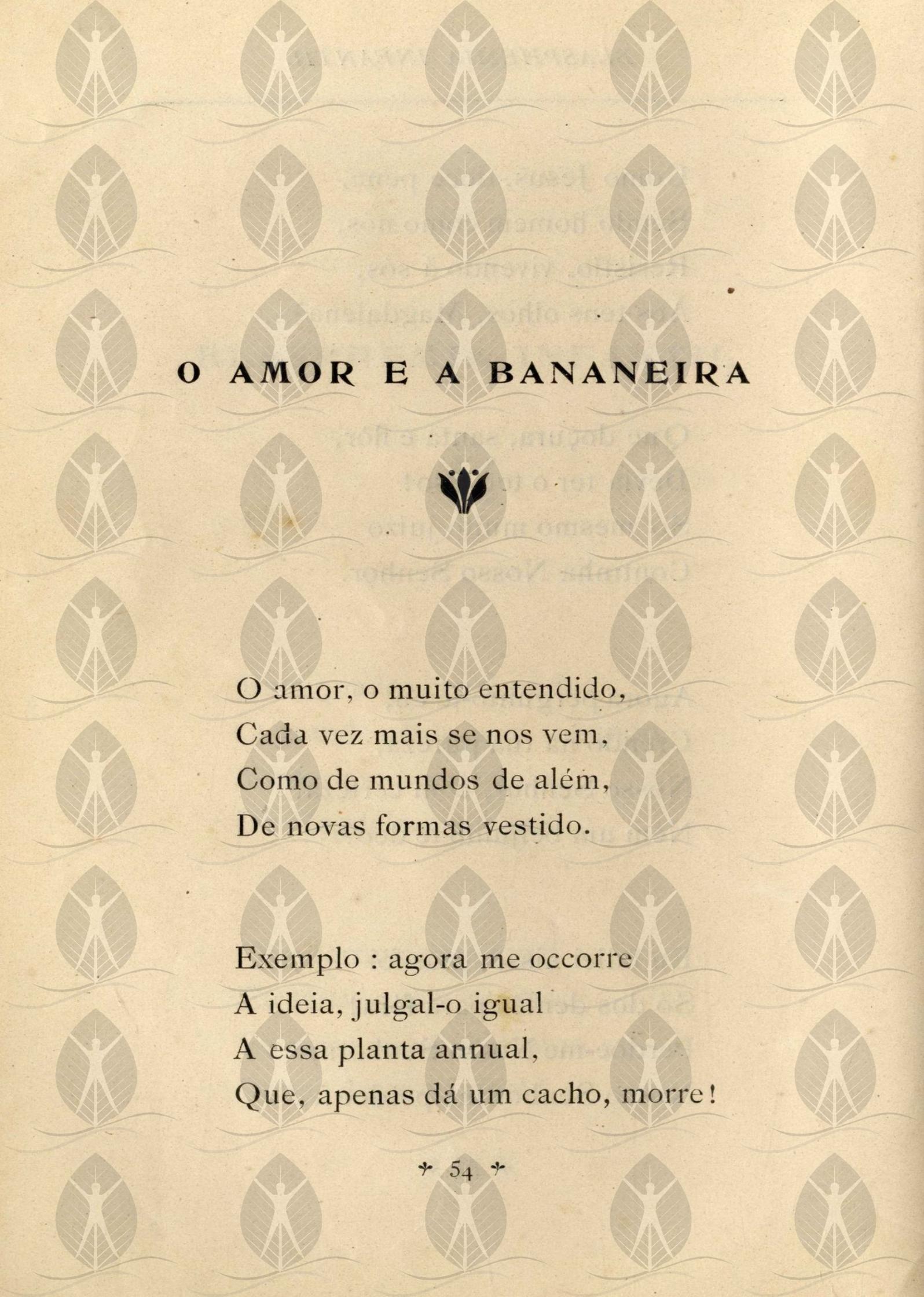
---

Como Jesus, doce pena,  
Sendo homem como nós,  
Resistio, vivendo á sós,  
Aos teus olhos, Magdalena?...  
ARIELZAS E SOUZA

Que doçura, santa e flôr,  
Devia ter o teu riso!  
Só mesmo muito juízo  
Continha Nosso Senhor.

Agora pergunto-te eu,  
Crendo na tua pureza,  
Nosso Senhor, com certeza,  
Nem um beijinho te deo?

Eu fallei nisso, mas foi  
Só dos dentes para fóra!  
Perdôe-me Nossa Senhora,  
Nosso Senhor me perdôe!...



## O AMOR E A BANANEIRA



O amor, o muito entendido,  
Cada vez mais se nos vem,  
Como de mundos de além,  
De novas formas vestido.

Exemplo : agora me ocorre  
A ideia, julgal-o igual  
A essa planta annual,  
Que, apenas dá um cacho, morre!

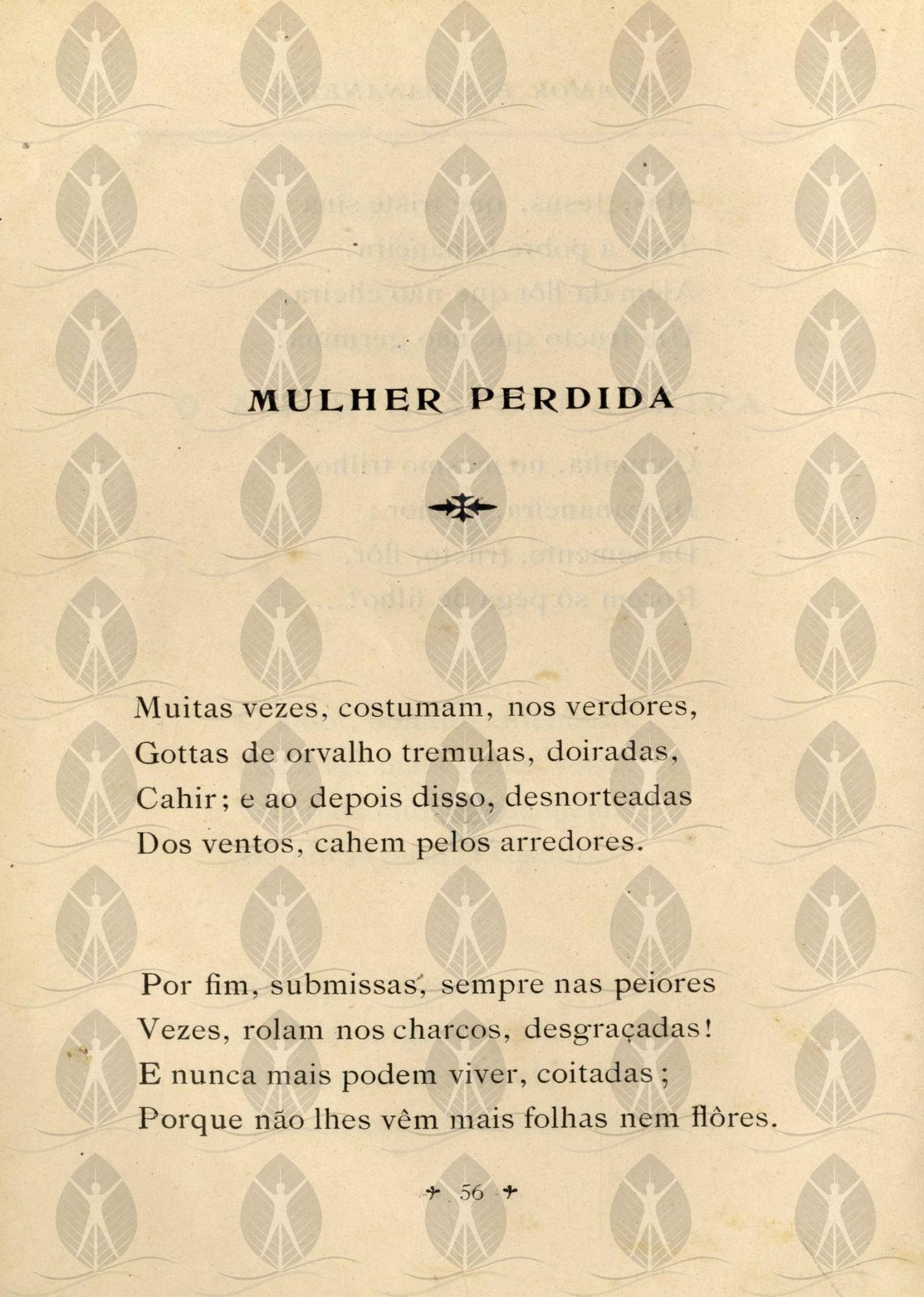
O AMOR E A BANANEIRA

---

Mas, Jesus, que triste sina  
Traz a pobre bananeira:  
Além da flôr que não cheira,  
Um fructo que não germina!

Caminha, no mesmo trilho  
Da bananeira, o amor :  
Dá semente, fructo, flôr,  
Porém só péga de filho!...





## MULHER PERDIDA



Muitas vezes, costumam, nos verdores,  
Gottas de orvalho tremulas, doiradas,  
Cahir; e ao depois disso, desnorteadas  
Dos ventos, cahem pelos arredores.

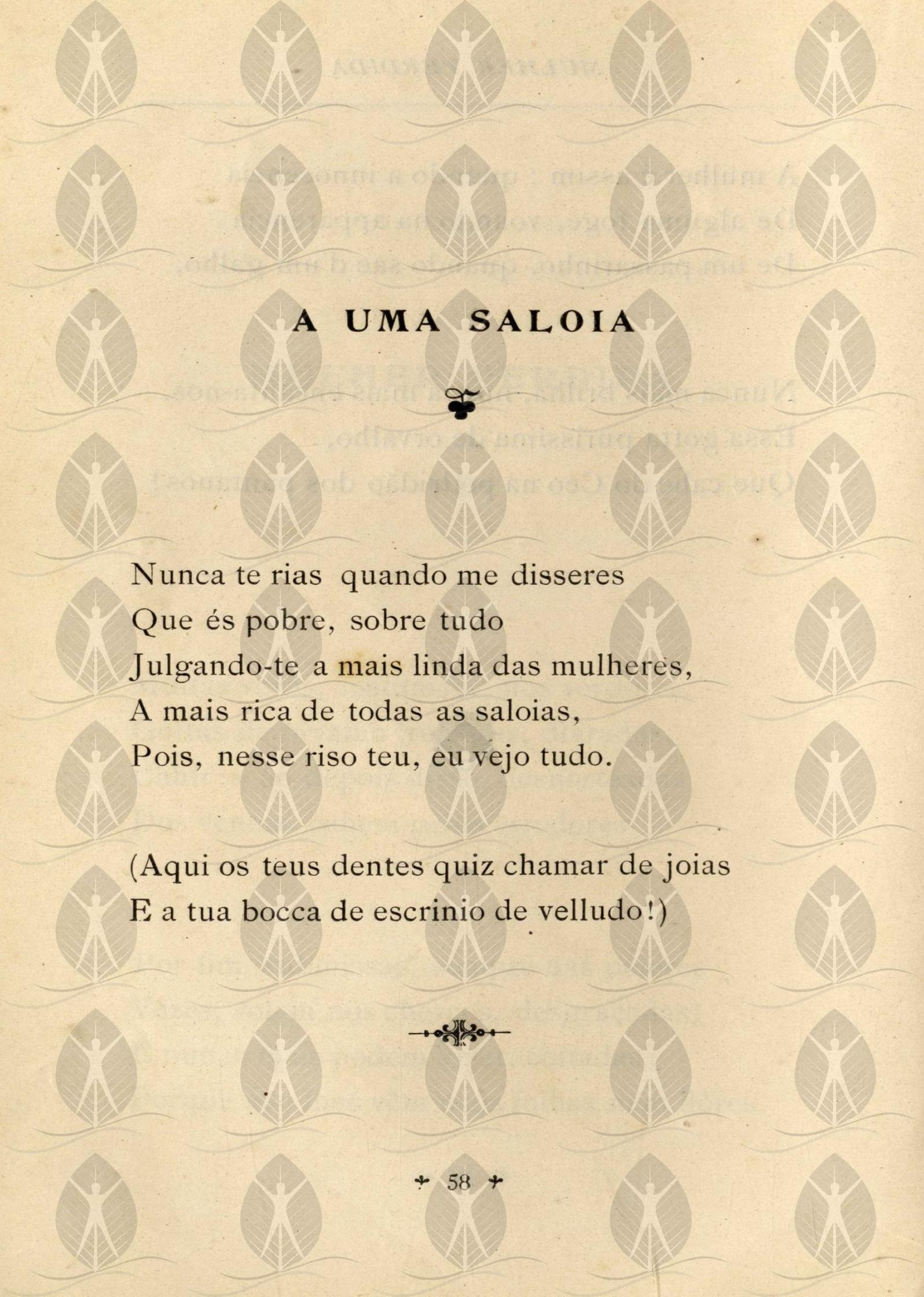
Por fim, submissas, sempre nas peiores  
Vezes, rolam nos charcos, desgraçadas!  
E nunca mais podem viver, coitadas;  
Porque não lhes vêm mais folhas nem flôres.

MULHER PERDIDA

A mulher é assim : quando a innocencia  
De alguma fuge, voando na apparencia  
De um passarinho, quando sae d'um galho,

Nunca mais brilha, nunca mais encanta-nos,  
Essa gotta purissima de orvalho,  
Que cahe do Céu na podridão dos pantanos !





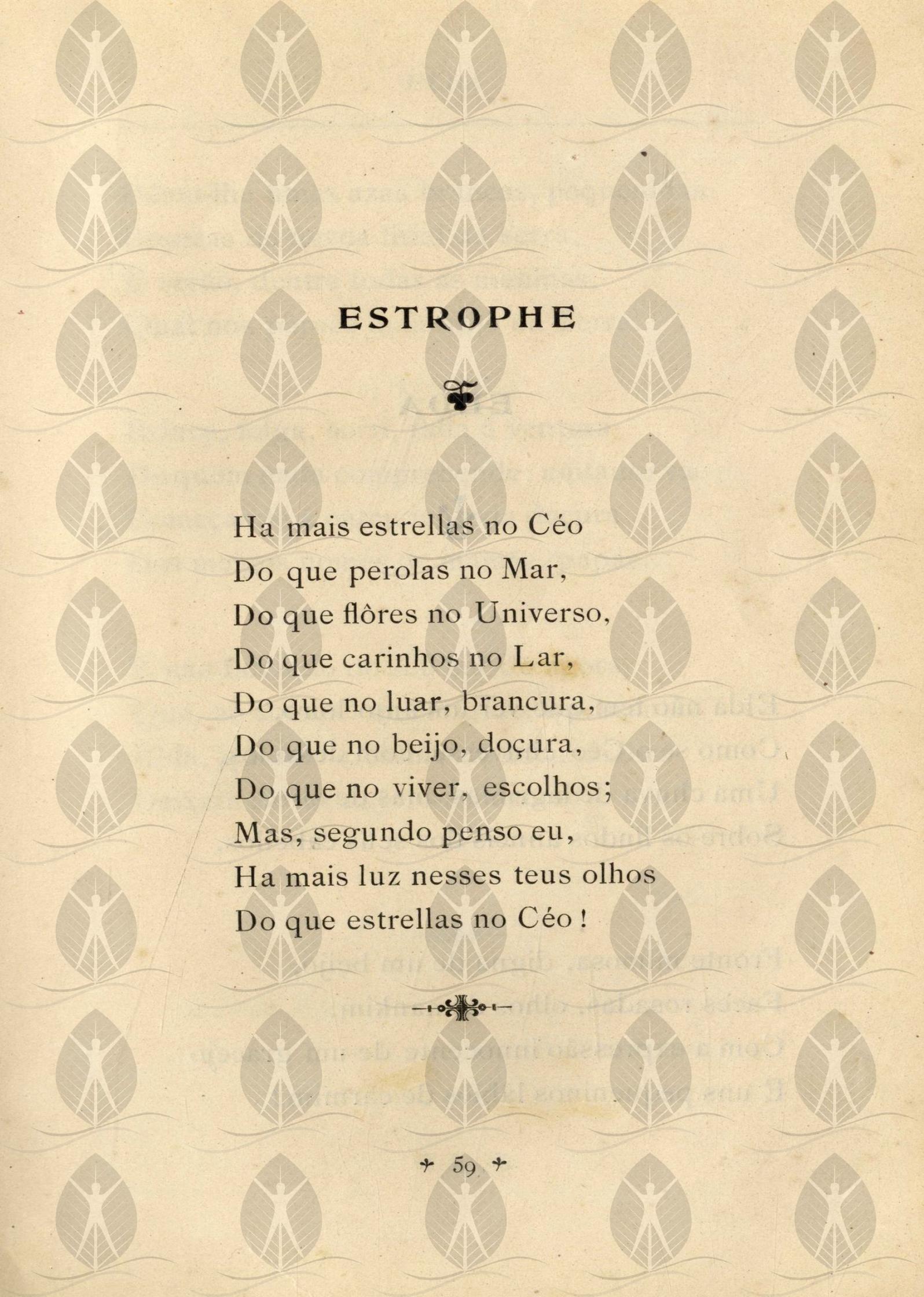
## A UMA SALOIA



Nunca te rias quando me disseres  
Que és pobre, sobre tudo  
Julgando-te a mais linda das mulheres,  
A mais rica de todas as saloias,  
Pois, nesse riso teu, eu vejo tudo.

(Aqui os teus dentes quiz chamar de joias  
E a tua bocca de escritorio de velludo!)



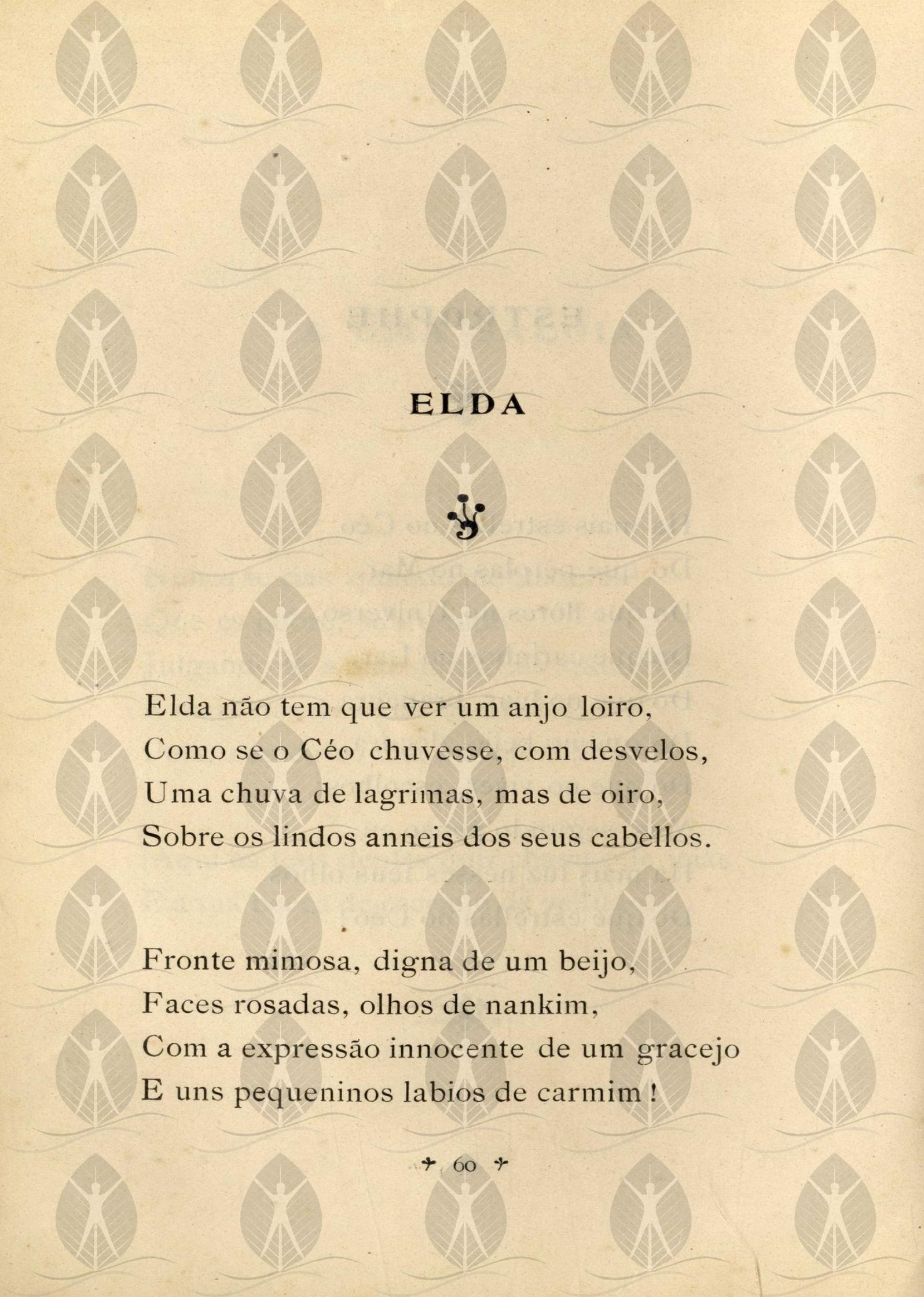


## ESTROPHE



Ha mais estrellas no Céu  
Do que perolas no Mar,  
Do que flôres no Universo,  
Do que carinhos no Lar,  
Do que no luar, brancura,  
Do que no beijo, doçura,  
Do que no viver, escolhos;  
Mas, segundo penso eu,  
Ha mais luz nesses teus olhos  
Do que estrellas no Céu !





**ELDA**



Elda não tem que ver um anjo loiro,  
Como se o Céu chovesse, com desvelos,  
Uma chuva de lagrimas, mas de oiro,  
Sobre os lindos anneis dos seus cabellos.

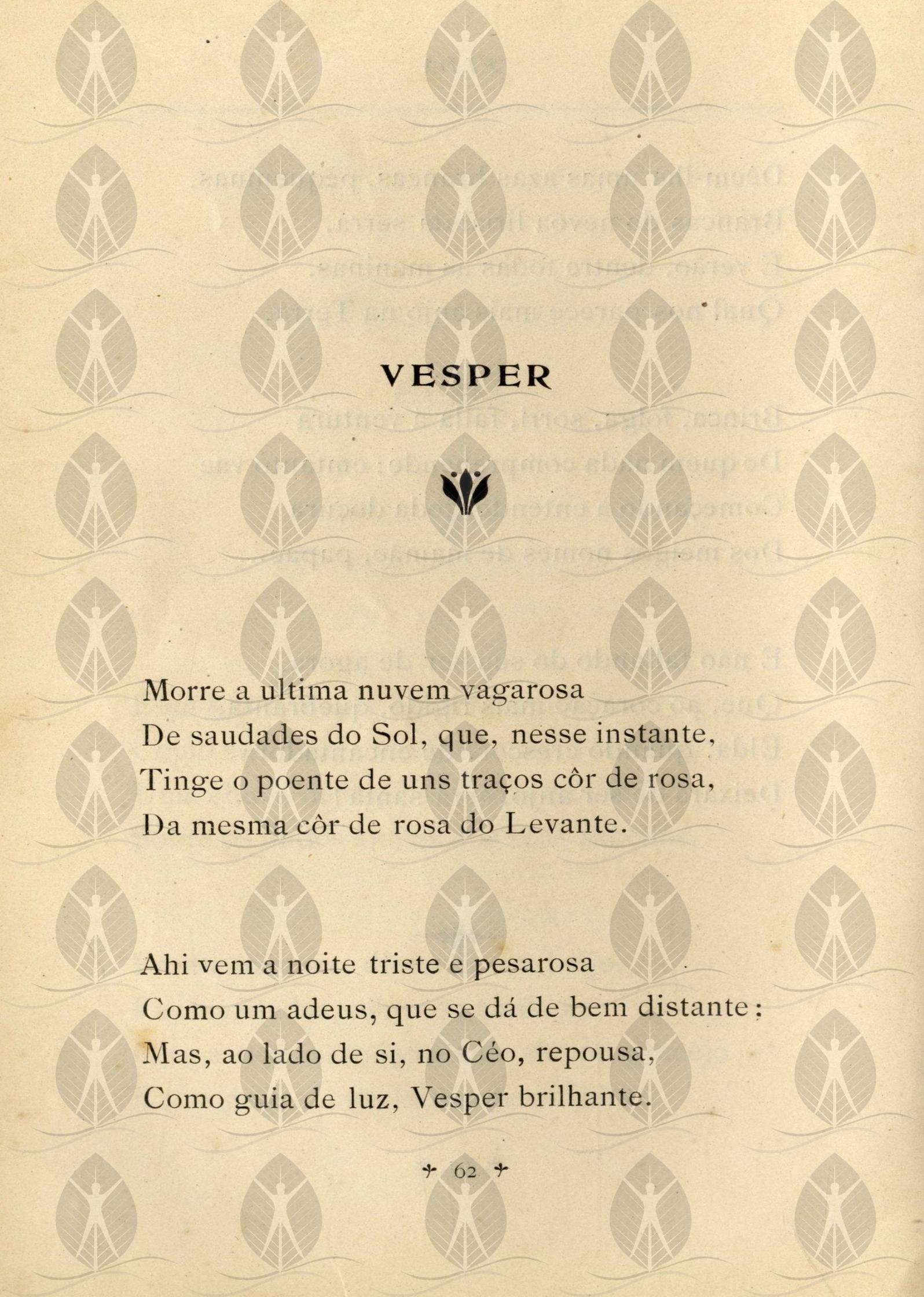
Fronte mimosa, digna de um beijo,  
Faces rosadas, olhos de nankim,  
Com a expressão innocente de um gracejo  
E uns pequeninos labios de carmim !

Dêem-lhe umas azas brancas, pequeninas,  
Branças da nevoa lirial da serra,  
E verão, dentre todas as meninas,  
Qual nos parece mais anjo na Terra.

Brinca, folga, sorri, falla á ventura  
De quem nada comprehende; emtanto vae  
Começando a entender toda doçura  
Dos meigos nomes de mamãe, papae...

E não fallando do seu ser de agora,  
Que, ao coração mais rigido, quebranta,  
Elda, quando crescer, de encantadora  
Deixará de ser anjo, será santa !





## VESPER



Morre a ultima nuvem vagarosa  
De saudades do Sol, que, nesse instante,  
Tinge o poente de uns traços côr de rosa,  
Da mesma côr de rosa do Levante.

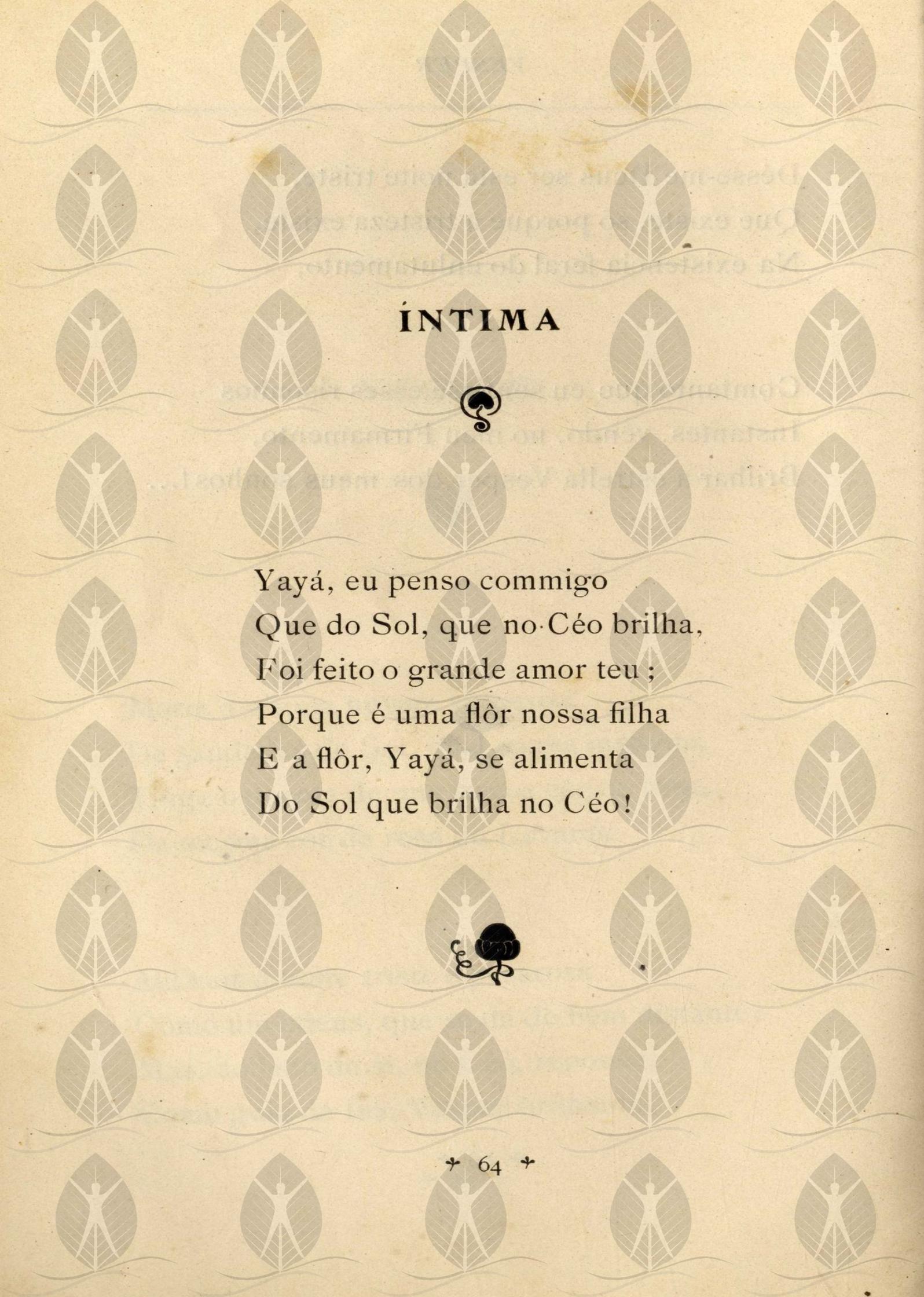
Ahi vem a noite triste e pesarosa  
Como um adeus, que se dá de bem distante ;  
Mas, ao lado de si, no Céu, repousa,  
Como guia de luz, Vesper brilhante.

*VESPER*

Dêsse-me Deus ser esta noite triste,  
Que existe, só porque a tristeza existe,  
Na existencia feral do enlutamento,

Com tanto que eu sentisse esses risonhos  
Instantes, vendo, no meu Firmamento,  
Brilhar a estrella Vesper dos meus sonhos!...





## ÍNTIMA



Yayá, eu penso commigo  
Que do Sol, que no Céu brilha,  
Foi feito o grande amor teu ;  
Porque é uma flôr nossa filha  
E a flôr, Yayá, se alimenta  
Do Sol que brilha no Céo!



HA



Grande cousa é morrer! Fechar-se os olhos,

Dormir o coração, calar-se o sangue,

Nunca mais se viver...

Nunca mais vêr o Céu, o Mar, a Terra,

Não vêr mais nunca as cousas d'esta vida,

Grande cousa é morrer!

E nunca mais se amar! Quando a existencia,

Devia sim, devia ser eterna,

Como a Luz, como o Ar!

Não se sentir viver diluido, em dias

Soffridos, muito embóra, muitas vezes,

E nunca mais se amar!

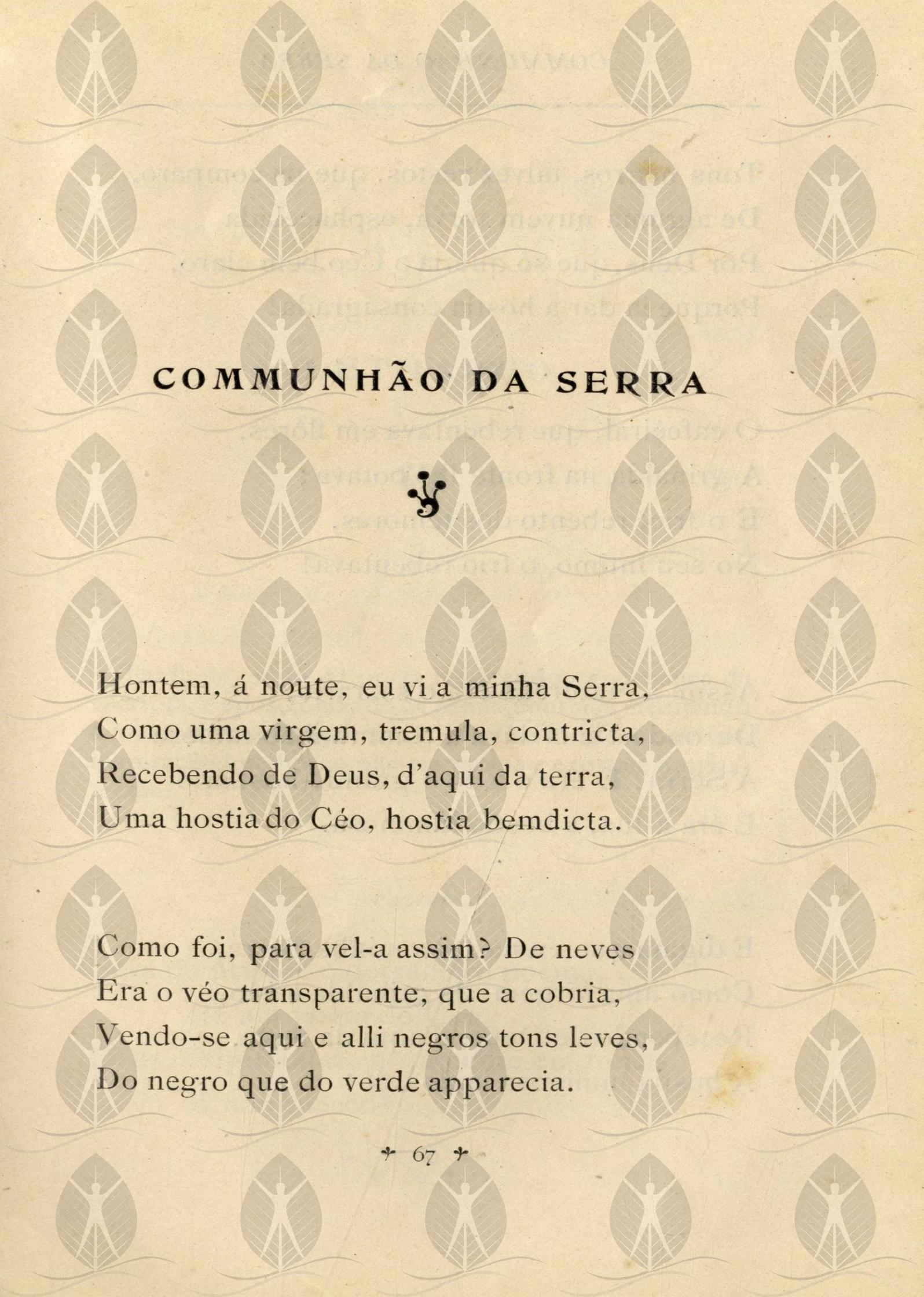
Sentir-se apenas, se sentir-se póde,  
Sob a negra pressão das sepulturas,  
Mundos espirituaes...

Nunca mais vêr o Sol, a Lua, a Estrella,  
O orvalho, o campo, a flôr e as outras cousas,  
Nunca mais, nũca mais!...

Não mais se ser o que se foi na vida!  
Ser-se nada, ao depois de tudo ser-se,  
E' natural, Sentir?

Deus — verdade suprema do Universo,  
Deus, mysterio, Deus, dôr, Deus, Morte eterna,  
Deus vem a existir!...





## COMMUNHÃO DA SERRA



Hontem, á noute, eu vi a minha Serra,  
Como uma virgem, tremula, constricta,  
Recebendo de Deus, d'aqui da terra,  
Uma hostia do Céu, hostia bemdicta.

Como foi, para vel-a assim? De neves  
Era o véo transparente, que a cobria,  
Vendo-se aqui e alli negros tons leves,  
Do negro que do verde apparecia.

## COMMUNHAO DA SERRA

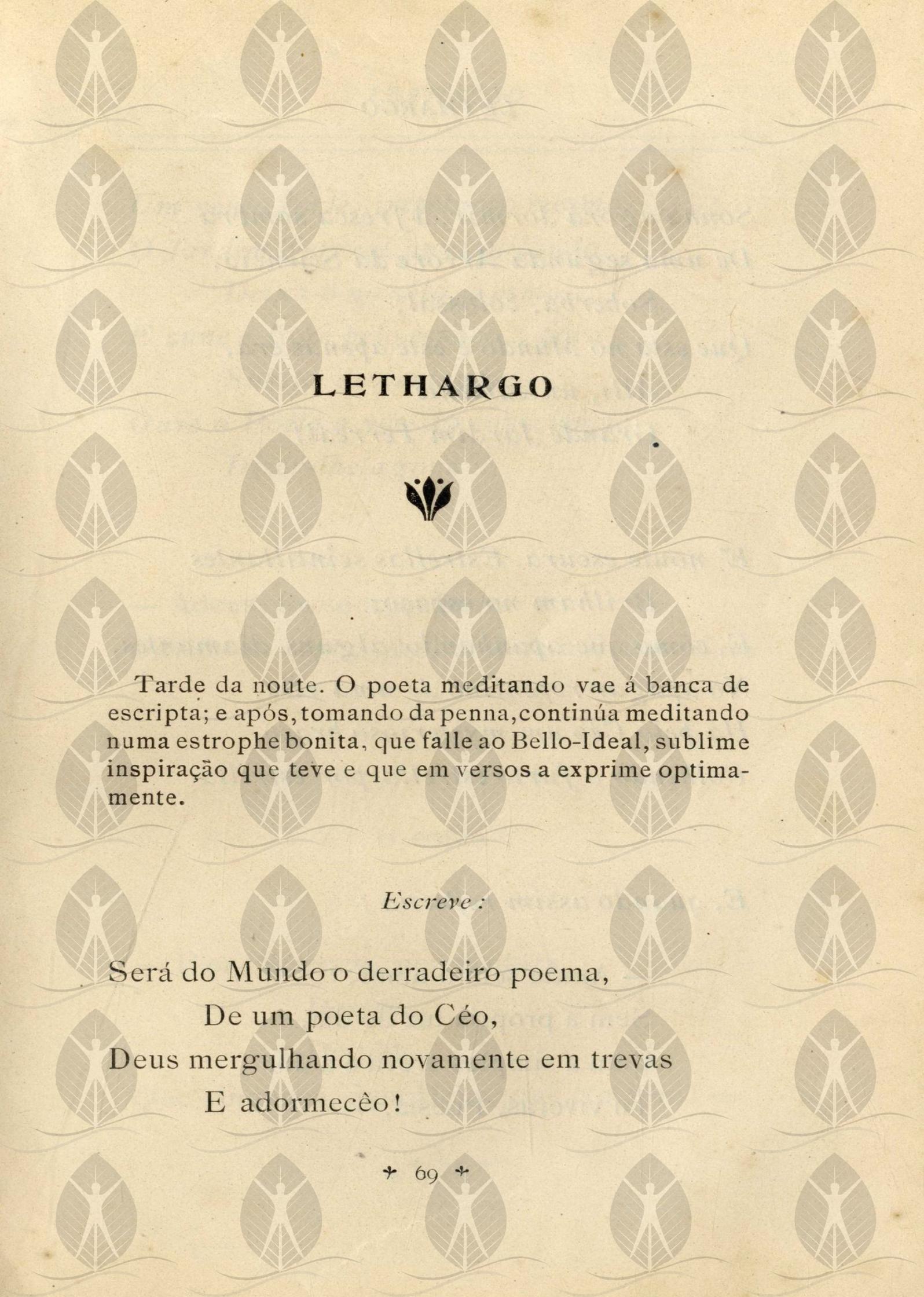
---

Tons negros, talvez restos, que os comparo,  
De alguma nuvem torva, esphacelada  
Por Deus, que só queria o Céu bem claro,  
Porque ia dar a hostia consagrada!

O cafeêiral, que rebentava em flôres,  
A grinalda na fronte lhe botava ;  
E o frio, rebento dos temores,  
No seu intimo, o frio rebentava!

Assim a Natureza era o sacrario,  
De onde Deus dava a communhão radiosa  
A'Serra! E era o Céu o grande hostiario  
E éra a lua, a hostia luminosa.

E digam que eu não vi a minha Serra,  
Como uma virgem, de grinalda e véo,  
Recebendo de Deus, d'aqui da terra,  
A hostia luminosa lá do Céu!



## LETHARGO



Tarde da noute. O poeta meditando vae á banca de escripta; e após, tomando da penna, continúa meditando numa estrophe bonita, que falle ao Bello-Ideal, sublime inspiração que teve e que em versos a exprime optima-mente.

*Escreve:*

Será do Mundo o derradeiro poema,  
De um poeta do Céu,  
Deus mergulhando novamente em trevas  
E adormecêo!

LETHARGO

*Sonha agora dormir, á fresca sombra  
De uma segunda Arvore da Sciencia,  
Soberba, colossal;  
Que está no Mundo e este apenas era,  
Alli, unicamente  
Grande Jardim Terreal!*

*E' noute escura. Estrellas scintillantes  
Brilham no espaço;  
E, como que apanhando alguns diamantes,  
No apagar repentino de uma vèla,  
Ha pelo Céu um mysterioso braço,  
Colhendo a furto estrella por estrella.*

*E, quando assim reflectia :*

*— Ainda sem o amor,  
Sem a propria luz do dia,  
Com a simples tréva e a dôr  
Tu viverás, Poesia, —*

LETHARGO

*Um vento forte, impetuoso mesmo,  
O Jardim Terreal anniquilando,  
Deixa-o no sólo, a esmo...*

*E zune e foge pelo espaço á fora!  
Subito despertando,*

*Ouve o Poéta a vóz da consciencia  
Dizer-lhe agóra :*

— Adeus, foi-se-te embora  
Devido ao *sopro* que lhe déra a Sciencia. —

O POÉTA :

— E eu, Sciencia, por ventura

Descri

De ti?!

Que vingança, meu Deus, que creatura! —

LETHARGO

*Desponta a Estrella d'Alva,  
E, ao lado seu,  
A Sciencia encantada,  
Em trajes de uma fada,  
Referindo-se ao Poéta :*

— Eu,  
Esta Luz,  
Que me conduz,  
E mais ninguem no Céu!  
Deixaste-te levar arrebatado  
Em delirio de gozos e venturas  
Por tua filha?

O POÉTA :

— Sim, bem, estas censuras  
Fazem me bem!

A SCIENCIA :

— E, ao teu lado,  
Um orgulho de pai, descomedido

LETHARGO

O POÉTA :

De pae, graças a Deus.

A SCIENCIA :

— Este o sou e estás perdido.

O POÉTA :

— A senhora? E' deusa, quando muito!

A SCIENCIA :

Eis-o fructo

Da transição dos pensamentos teus.

E, como não me creste, com a tua filha,

Já morta, tu serás também já morto.

Em breve, nem sequer a luz te trilha

Um raio de conforto!

Sob teus pés, o sólo

Faltar-te-ha. E, para o meu consôlo,

O Chaos furtar-te-ha

LETHARGO

Este raio de luz fraca, mas bella,  
Unico que te cobre!

Tu rolarás, de tréva em tréva, sobre  
A pavorosa noute do Infinito —

E... apagou-se a Estrella!

*Mas nisso echoou na Immensidade um grito!*

*Um subito clarão,  
Como um trecho de Céu, de côr de rosa,  
Illuminou o canto da amplidão,  
Onde o Poéta arfava de agonia.*

*No trecho então se lia  
Esta inscripção divina, luminosa:*

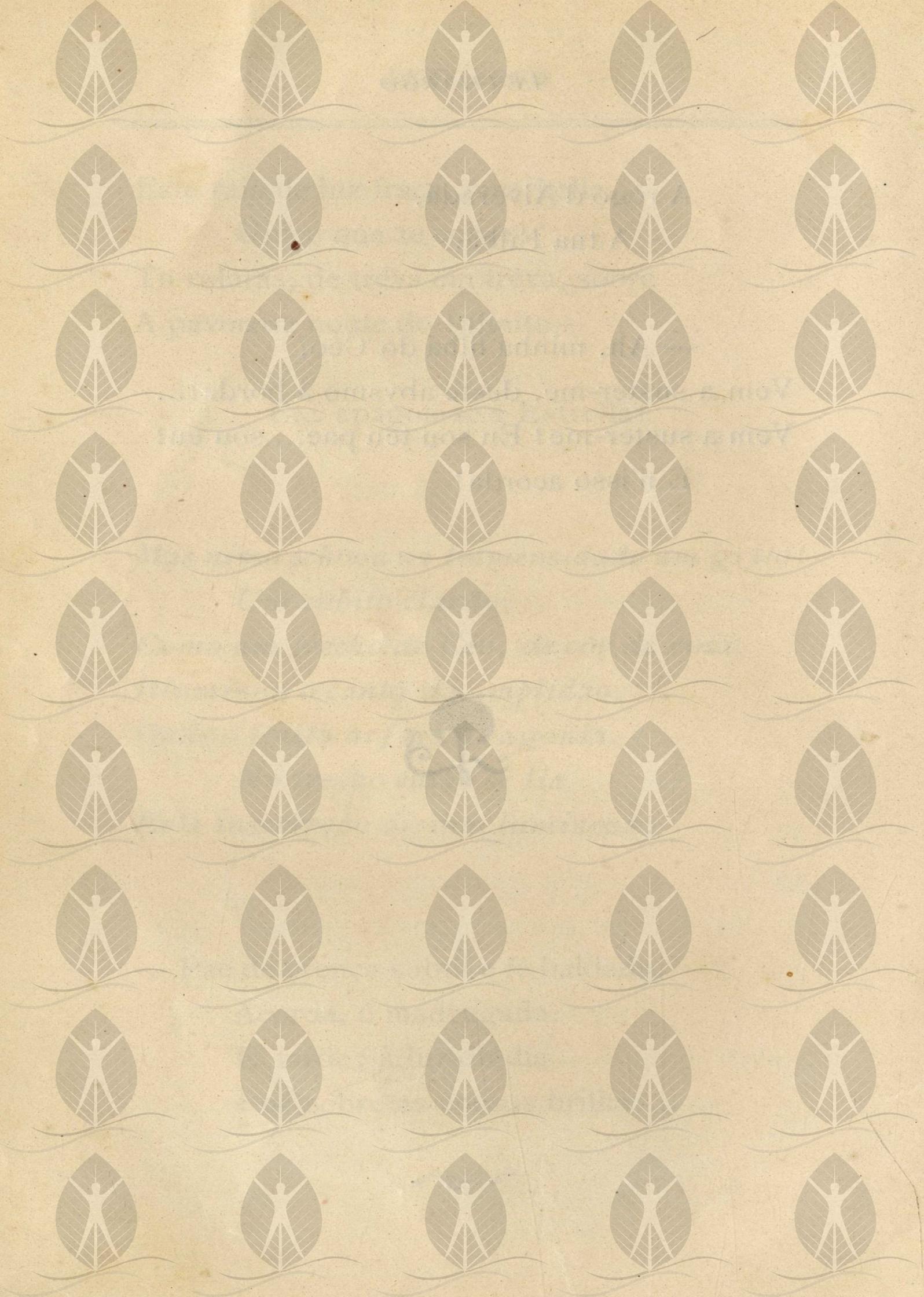
— Pae de crença subtil e fé baldada,  
Acorda, é madrugada,  
E' tarde; a luz do dia  
Por sobre as cousas brilha!...

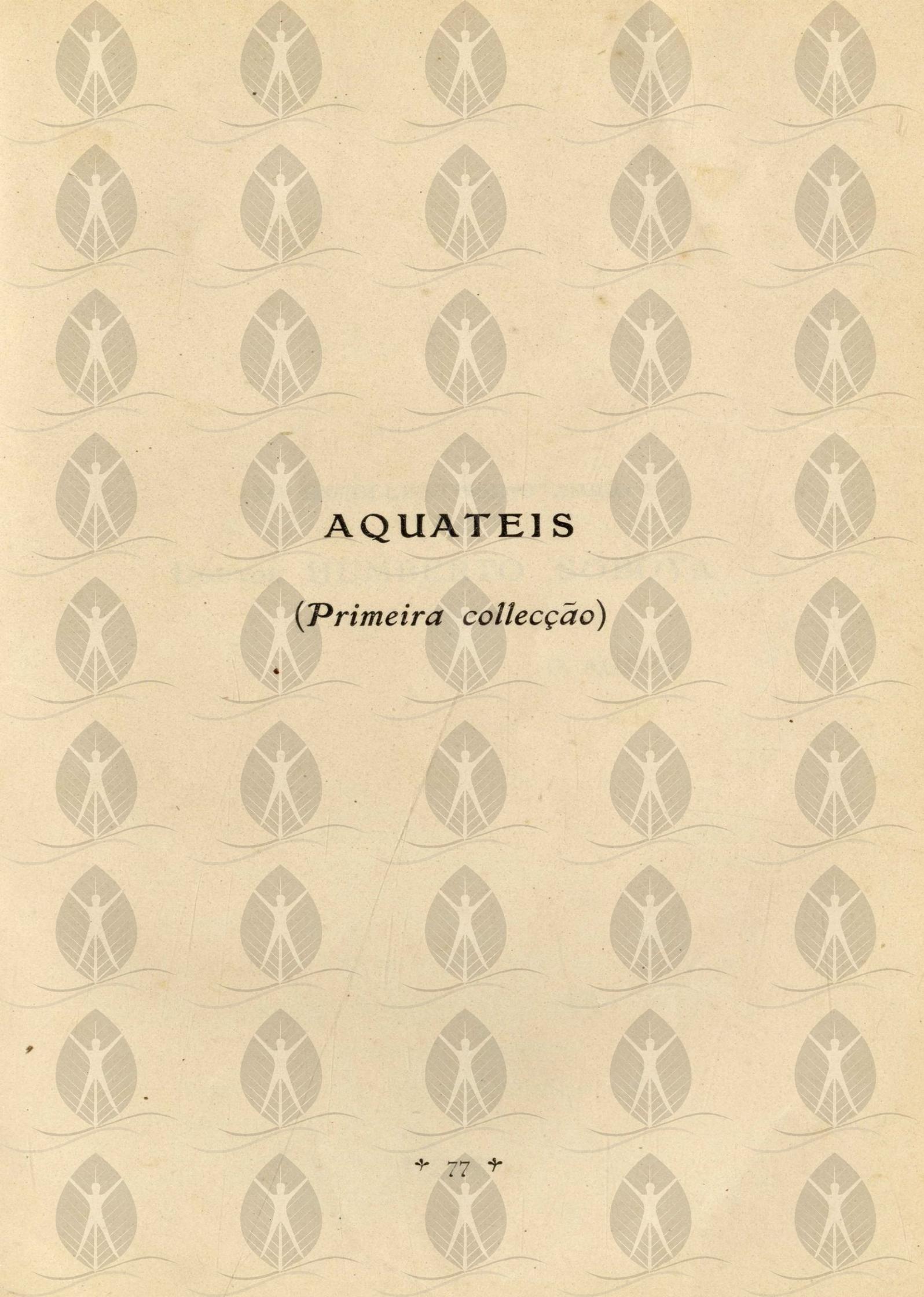
LETHARGO

A rôgo d'Alvorada,  
— A tua Filha.

— Ah, minha filha do Céu,  
Vem a suster-me, deste abysmo á borda!...  
Vem a suster-me! Eu sou teu pae... sou eu!  
E n'isso acorda!



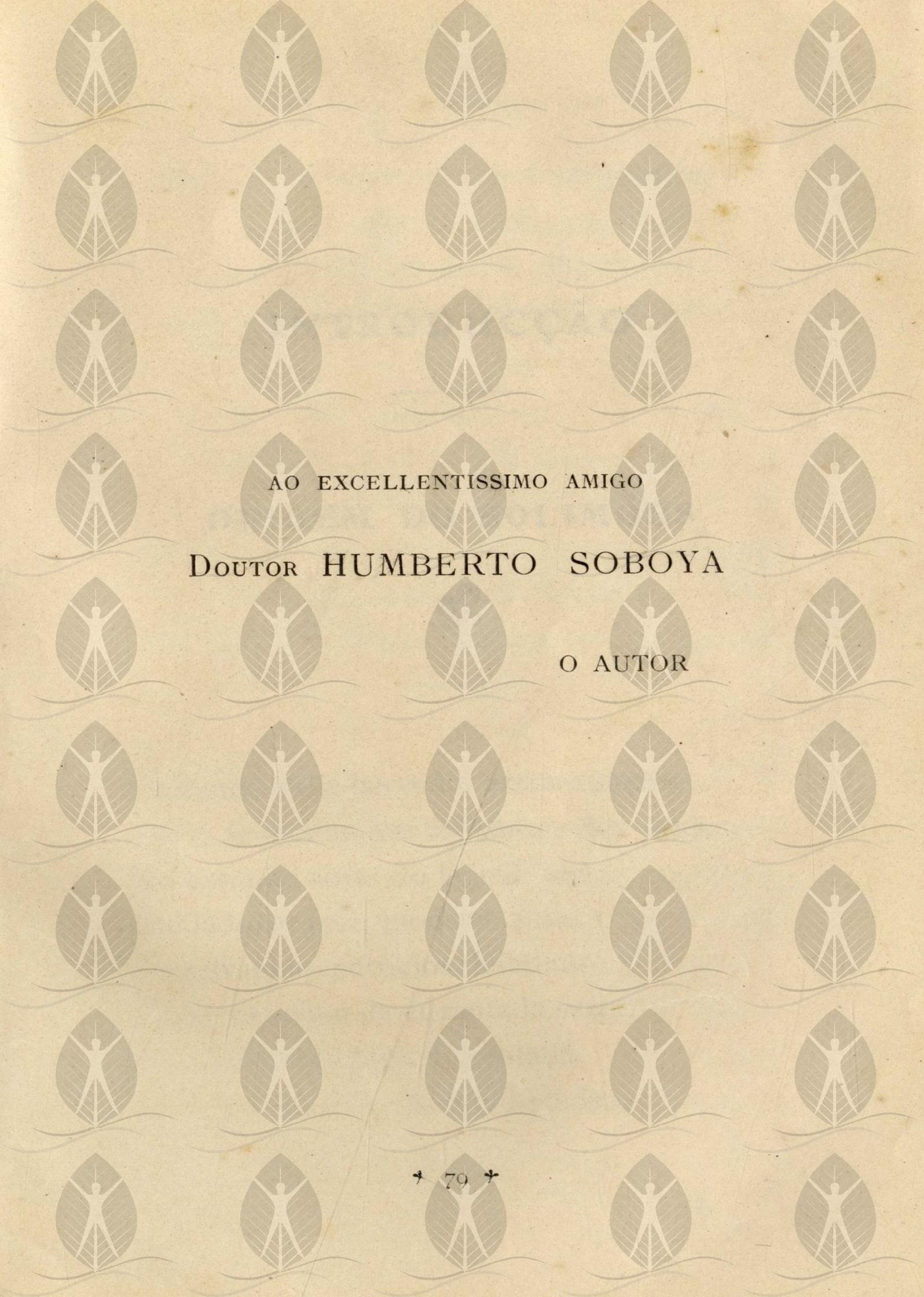




AQUATEIS

*(Primeira collecção)*



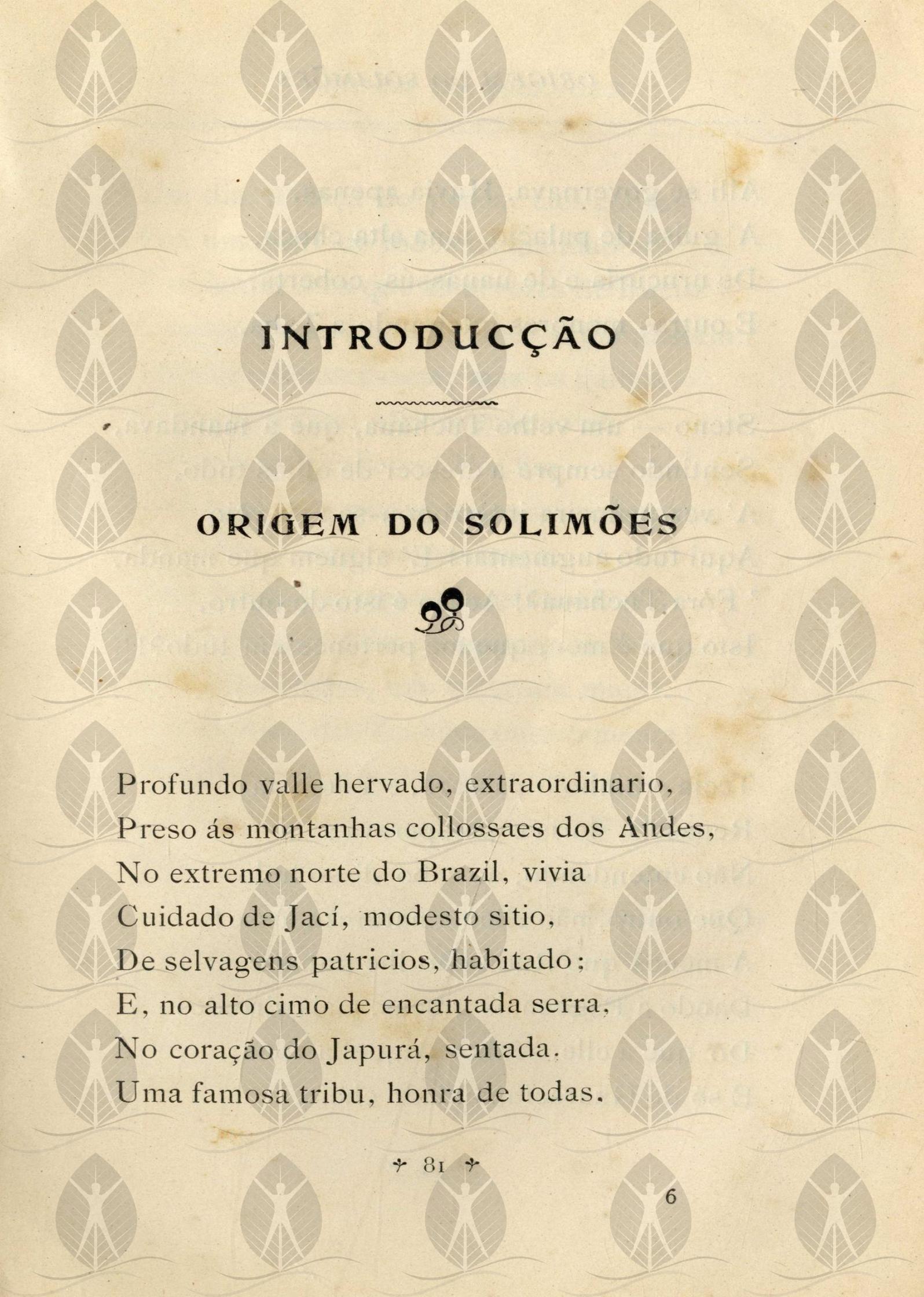


AO EXCELLENTÍSSIMO AMIGO

DOUTOR HUMBERTO SOBOYA

O AUTOR





# INTRODUÇÃO

## ORIGEM DO SOLIMÕES



Profundo valle hervado, extraordinario,  
Preso ás montanhas collossaes dos Andes,  
No extremo norte do Brazil, vivia  
Cuidado de Jací, modesto sitio,  
De selvagens patricios, habitado;  
E, no alto cimo de encantada serra,  
No coração do Japurá, sentada.  
Uma famosa tribu, honra de todas.

Alli se governava. Havia apenas,  
A' guisa de palacio, uma alta choça,  
De urucurís e de uauassús, coberta,  
E outras menores inteirando a Taba.

Steno — um velho Tucháua, que a mandava,  
Sentindo sempre a crescer de olhos tudo,  
A' vez primeira interrogou-se : eu vêjo  
Aqui tudo augmentar! E' alguém que manda,  
' Fóra Tucháua?! Acaso é isto de outro,  
Isto que é meu, que me pertence' em tudo?!!.

. . . . .

Tecia o ninho o passaro, e a floresta  
Renascia, floria e prosperava ;  
Não entendendo, ao cabo disso tudo,  
Que outro, não elle, a natureza fôsse !  
A menos que Rudá não lhe trahisse,  
Dando a Pagé mais graças, mais virtudes  
Do que a elle, senhor daquella zona,  
E só de Guarací mandado chefe.

## ORIGEM DO SOLIMÕES

Um dia, á força de pensar taes cousas,  
Fez um ajurí de todos os mandados  
E ordenou-lhes que as arvores de fructo  
Fôsem cortando e os galhos replantassem,  
Para que renascessem; mas os galhos  
Cedo mirravam, não reverdeciam!

Esforços infructiferos! Por fim  
Ordemna-lhes mudar todos os ninhos,  
Alterados apenas na mudança.

'Inda fallar-lhe vêm os seus mandados:  
Que os passarinhos desapparecendo,  
Aos ninhos feitos, não voltavam mais!

— Voltarão! diz Tucháua ousadamente!  
Tucháua quer, Guarací quer, Iuáca  
Não vence Guarací! A'inubia! A'inubia!  
Morte a Tupan!

Morte a Tupan, bradaram.  
E, do centro da roda onde, ao terreiro  
Da Taba, o Chefe ouviam respeitosos,  
Uma flexa sahío precipitada,  
Cortando o azul do Céu! . . . . .

Mas, nesse instante,  
Uirará, de Tupan fiel enviado,  
Descendo em furia, pelo céu abaixo,  
Um castigo de fogo lhes derrama  
Em cheio. A Taba inflamma-se! Atterrados,  
Prostram-se em terra, Guarací, bradando!

Era tarde, o castigo tinha vindo!...

— Steno, diz Uirará, por tua affronta  
A Tupan, Deus dos deuses, que nos manda,  
Tu serás prisioneiro de ti mesmo!  
Não morrerás; mas chorarás o tanto  
Que baste para tu morares, dentro  
Das tuas proprias lagrimas e a falla  
Perderás, inimigo de Tupan,  
Suspirando de dôr eternamente!

. . . . .  
Hoje, no cimo da encantada serra,  
No coração do Japurá, sentada,  
Ha um lago original, mesmo no cimo,

## ORIGEM DO SOLIMÕES

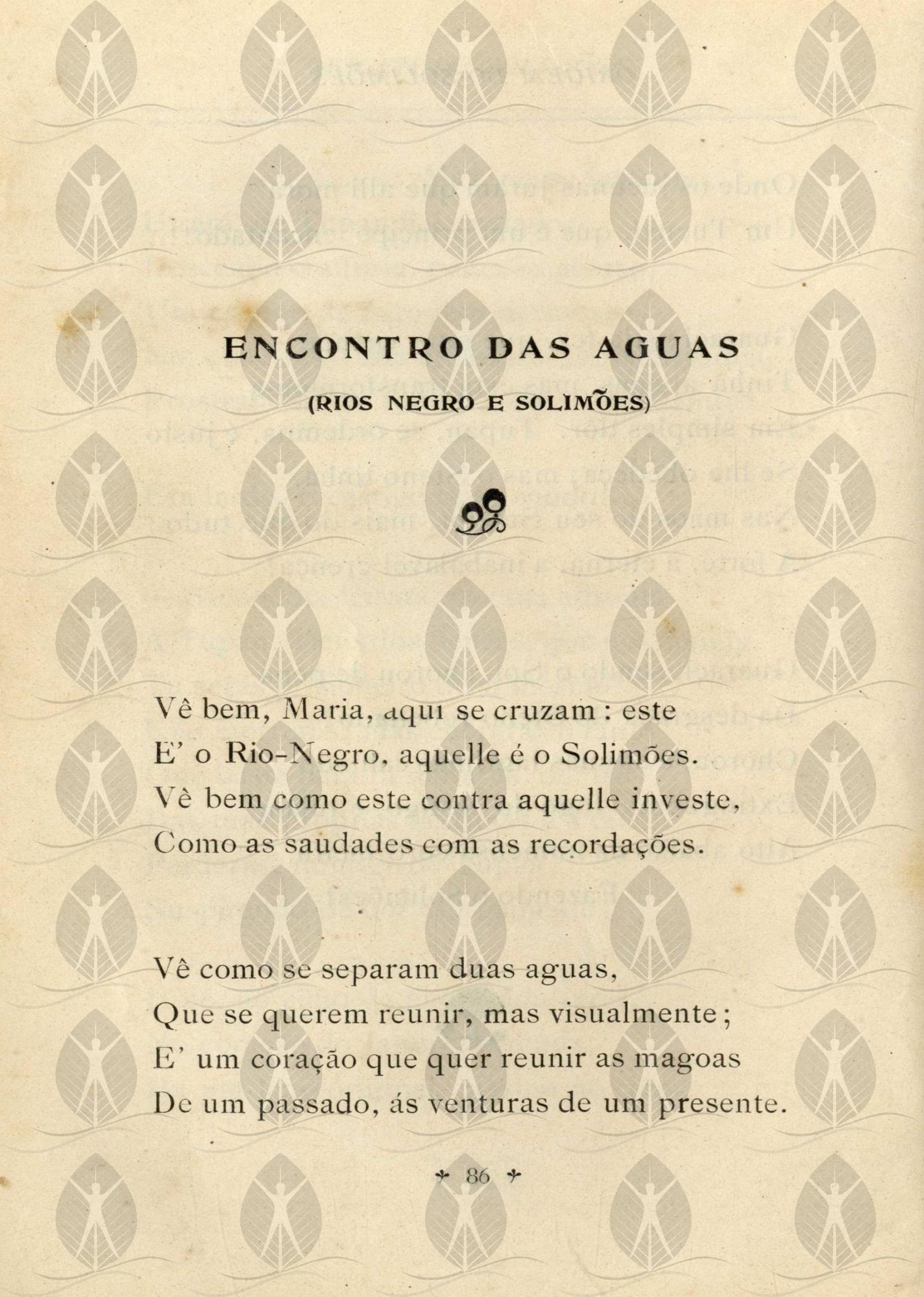
---

Onde os jucunas juram que alli mora  
Um Tucuxí, que é um principe encantado!!..

Guarací nada fez, que uma virtude  
Tinha apenas, mas esta transformou-a  
Em simples dôr. Tupan, se ordemna, é justo  
Se lhe obedeça; mas o Steno tinha,  
Nas mãos do seu Senhor, mais do que tudo :  
A forte, a eterna, a inabalavel crença!

Guarací, sendo o Sol, chorou de pena  
Da desgraça do Steno rebellado !  
Chorou, e as suas lagrimas cahindo  
Extinguem o fôgo do castigo, e rolam  
Alto abaixo da immensa cordilheira,  
Fazendo o Solimões!





## ENCONTRO DAS AGUAS

(RIOS NEGRO E SOLIMÕES)



Vê bem, Maria, aqui se cruzam : este  
E' o Rio-Negro, aquelle é o Solimões.  
Vê bem como este contra aquelle investe,  
Como as saudades com as recordações.

Vê como se separam duas aguas,  
Que se querem reunir, mas visualmente ;  
E' um coração que quer reunir as magoas  
De um passado, ás venturas de um presente.

## ENCONTRO DAS AGUAS

E' um simúlacro só, que as aguas donas  
D'esta terra não seguem curso adverso,  
Todas convergem para o Amazonas,  
O real rei dos rios do Universo ;

Para o velho Amazonas, Soberano  
Que, no sólo brazilio, tem o Paço ;  
Para o Amazonas, que nascêo humano,  
Porque afinal é filho de um abraço !

Olha esta agua, que é negra como tinta,  
Posta nas mãos, é alva que faz gôsto ;  
Dá por visto o nankim com que se pinta,  
Nos olhos, a paisagem de um desgôsto.

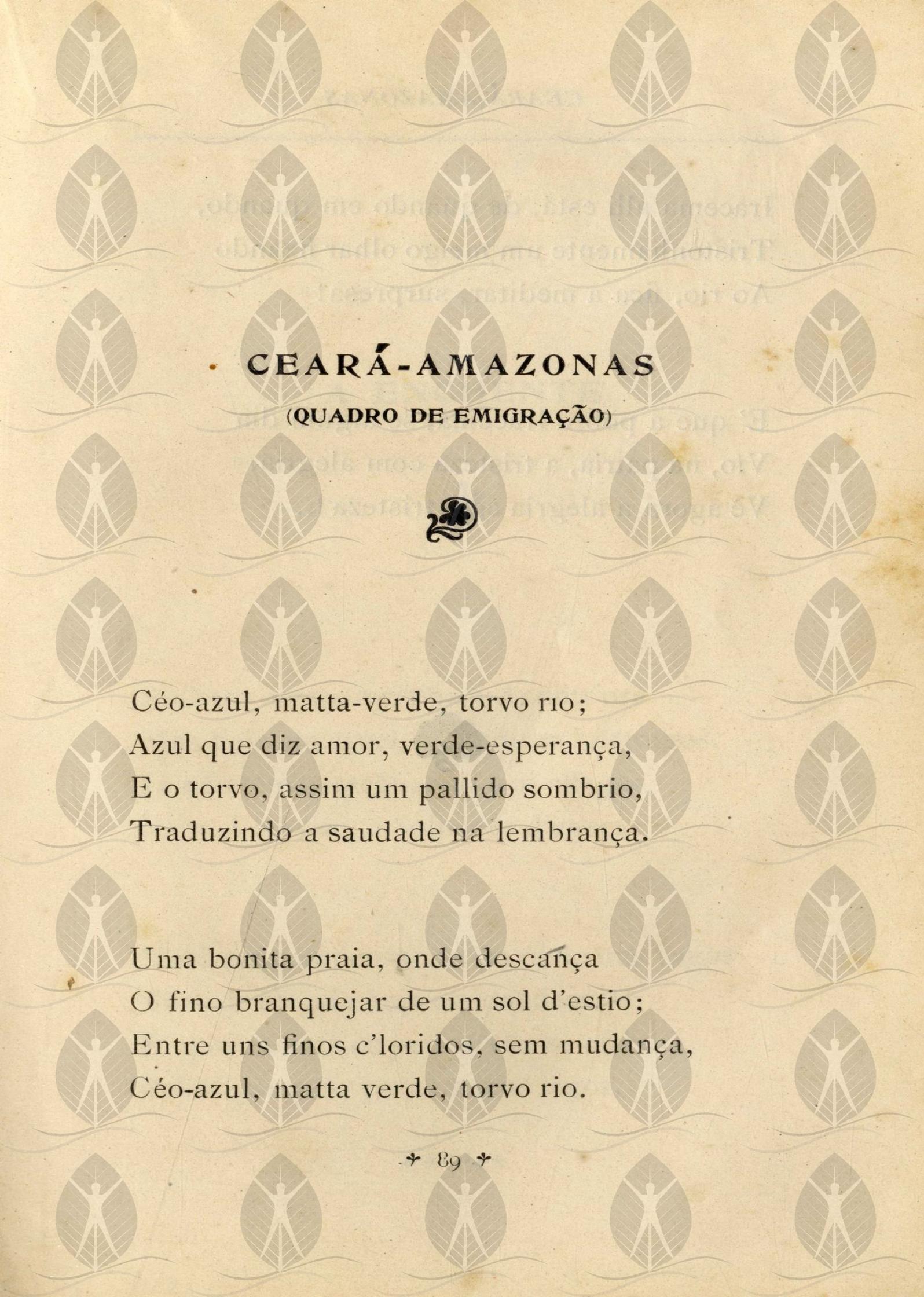
Aquella outra parece amarellaça,  
Muito, no emtanto é tambem limpa, engana ;  
E' direito a virtude quando passa  
Pela flexivel porta da choupana.

*ENCONTRO DAS AGUAS*

Que profundeza extraordinaria, immensa,  
Que profundeza, mais que desconforme!  
Este navio é uma estrella, suspensa  
N'este céu d'agua, brutalmente enorme.

Se estes dois rios fossemos, Maria,  
Todas as vezes que nos encontramos,  
Que Amazonas de amor não sahiria  
De mim, de ti, de nós que nos amamos !!!..





## CEARÁ-AMAZONAS

(QUADRO DE EMIGRAÇÃO)



Céo-azul, matta-verde, torvo rio;  
Azul que diz amor, verde-esperança,  
E o torvo, assim um pallido sombrio,  
Traduzindo a saudade na lembrança.

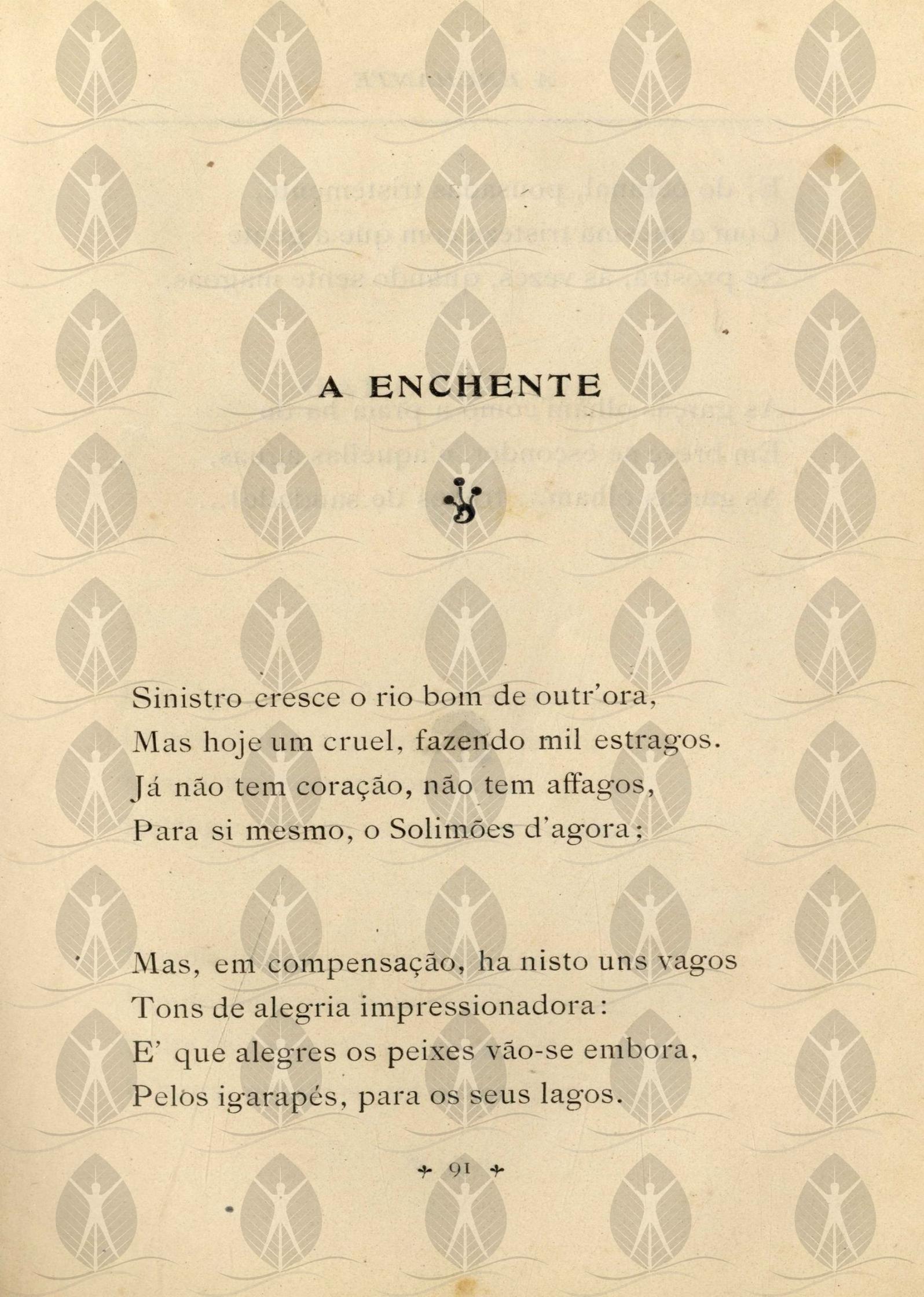
Uma bonita praia, onde descañça  
O fino branquejar de um sol d'estio;  
Entre uns finos c'loridos, sem mudança,  
Céo-azul, matta verde, torvo rio.

CEARÁ-AMAZONAS

Iracema alli está, de quando em quando,  
Tristonhamente um meigo olhar fixando  
Ao rio, fica a meditar, surpresa!

E' que a pobre Iracema, se algum dia  
Vio, na patria, a tristeza com alegria,  
Vê agora a alegria com tristeza !..





## A ENCHENTE



Sinistro cresce o rio bom de outr'ora,  
Mas hoje um cruel, fazendo mil estragos.  
Já não tem coração, não tem affagos,  
Para si mesmo, o Solimões d'agora;

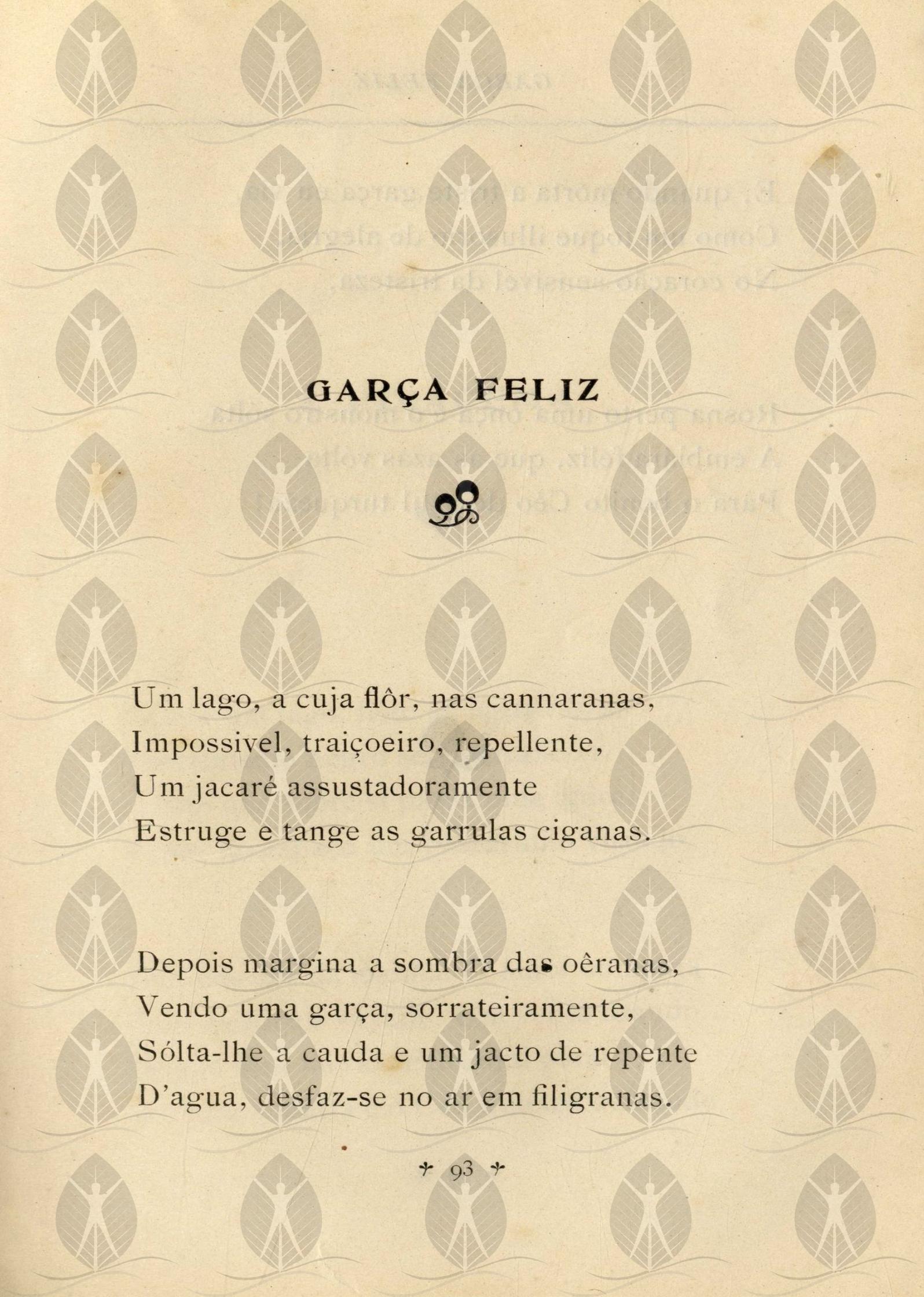
Mas, em compensação, ha nisto uns vagos  
Tons de alegria impressionadora:  
E' que alegres os peixes vão-se embora,  
Pelos igarapés, para os seus lagos.

A ENCHANTE

E, do oêranal, pousadas tristemente,  
Com a mesma tristeza com que a gente  
Se prostra, às vezes, quando sente magoas,

As garças olham como a praia ha de  
Em breve se esconder, n'aquellas aguas,  
As garças olham... tristes de saudade!...





## GARÇA FELIZ



Um lago, a cuja flôr, nas cannaranas,  
Impossivel, traiçoeiro, repellente,  
Um jacaré assustadoramente  
Estruge e tange as garrulas ciganas.

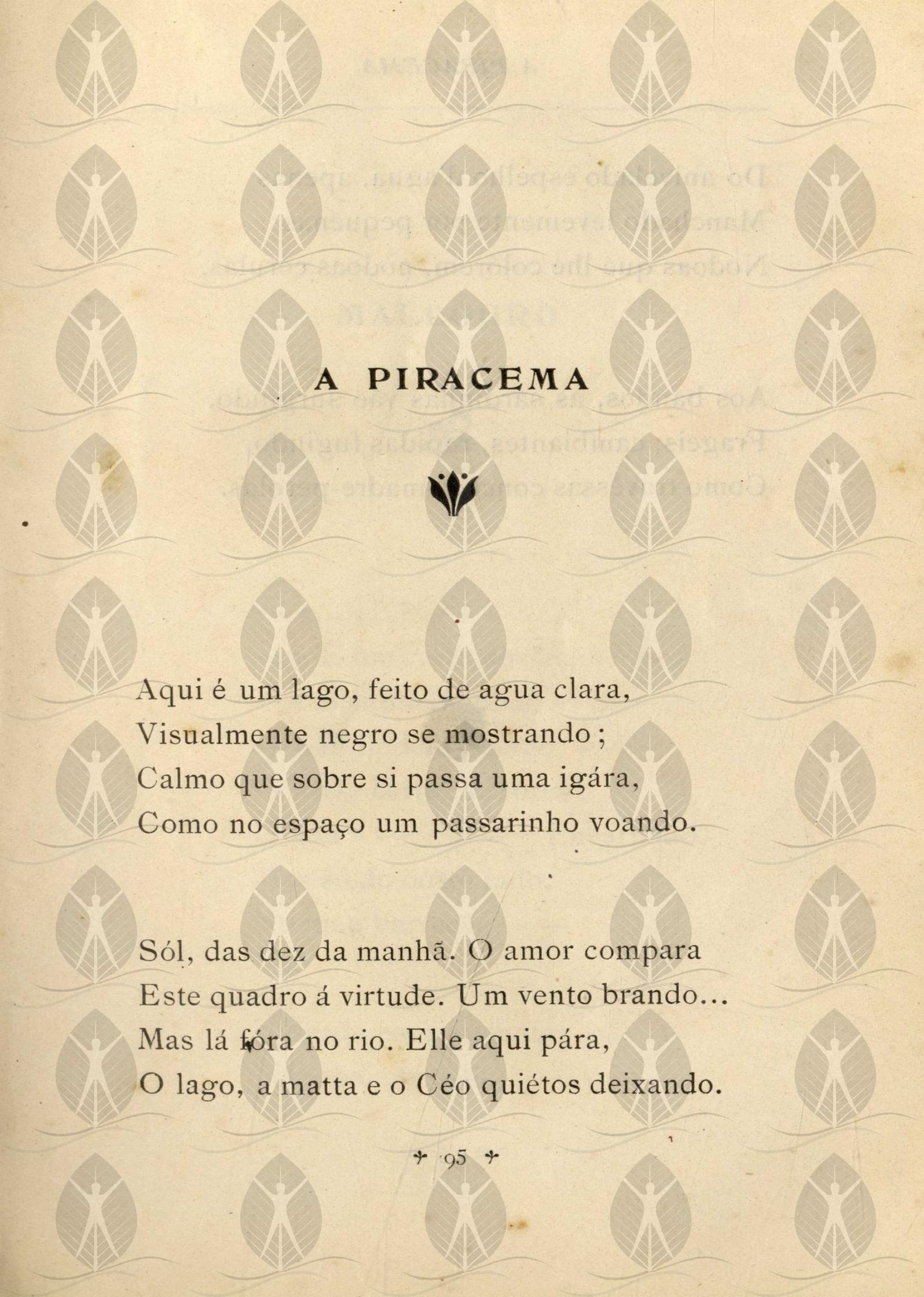
Depois margina a sombra das oêranas,  
Vendo uma garça, sorrateiramente,  
Sólta-lhe a cauda e um jacto de repente  
D'agua, desfaz-se no ar em filigranas.

GARÇA FELIZ

E, quando morta a triste garça eu via,  
Como um toque illusorio de alegria,  
No coração sensível da tristeza,

Rosna perto uma onça e o monstro solta  
A embiára feliz, que as azas vólta  
Para o bonito Céu de azul turqueza!





## A PIRACEMA



Aqui é um lago, feito de agua clara,  
Visualmente negro se mostrando ;  
Calmo que sobre si passa uma igára,  
Como no espaço um passarinho voando.

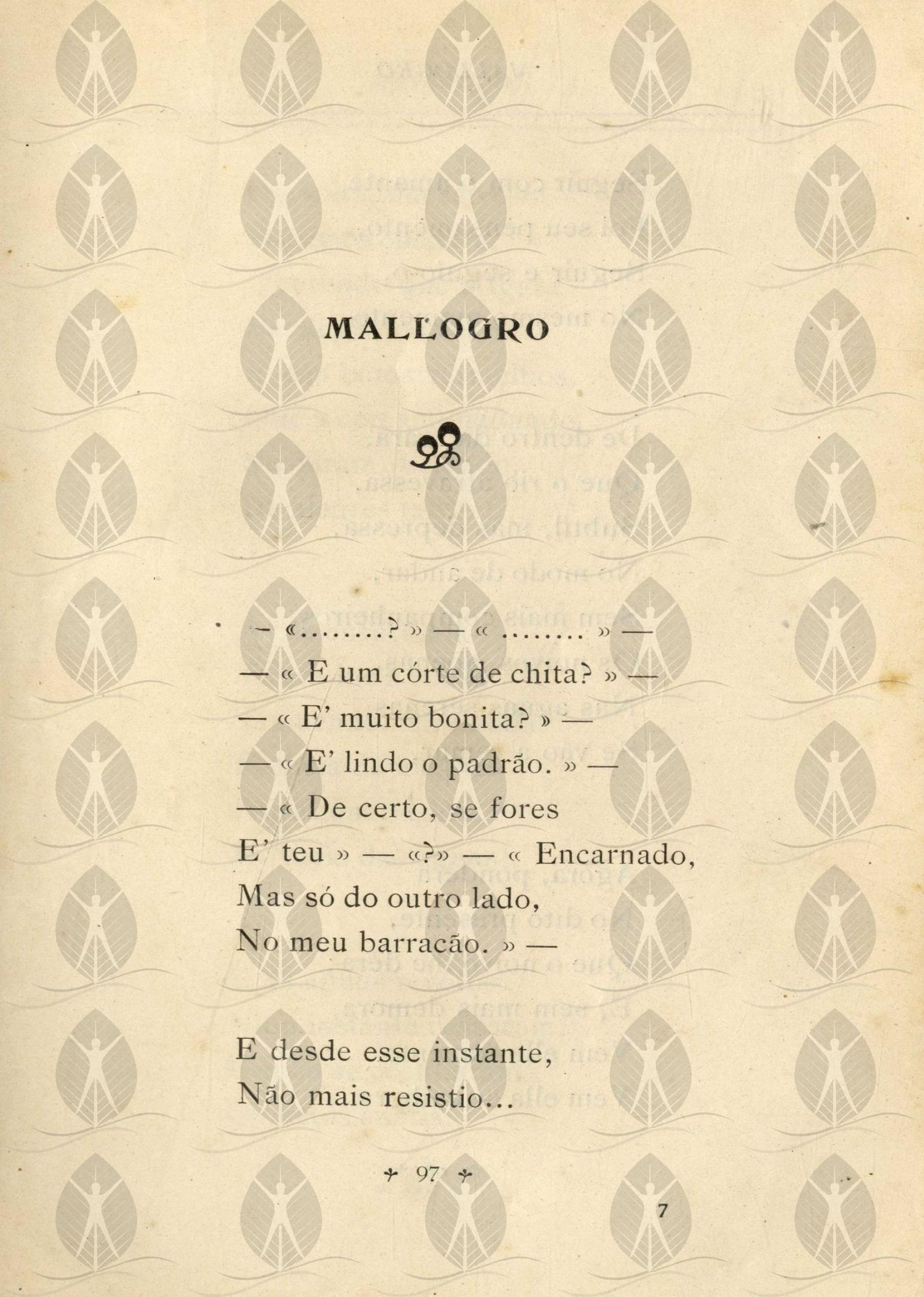
Sól, das dez da manhã. O amor compara  
Este quadro á virtude. Um vento brando...  
Mas lá fóra no rio. Elle aqui pára,  
O lago, a matta e o Céu quiétos deixando.

## A PIRACEMA

Do anivelado espelho d'agua, apenas  
Manchado levemente por pequenas  
Nódoas que lhe colórem, nódoas cêrulas,

Aos bandos, as sardinhas vão surgindo,  
Frageis, cambiantes, rapidas fugindo,  
Como travêssas conchas madre-perolas.





## MALLOGRO



— «.....?» — «.....» —  
— « E um córte de chita? » —  
— « E' muito bonita? » —  
— « E' lindo o padrão. » —  
— « De certo, se fores  
E' teu » — «?» — « Encarnado,  
Mas só do outro lado,  
No meu barracão. » —

E desde esse instante,  
Não mais resistio...

Seguir com o amante  
Foi seu pensamento,  
Seguir e seguio-o,  
No mesmo momento.

De dentro da igára,  
Que o rio atravessa,  
Subtil, mas depressa,  
No modo de andar,  
Sem mais companheiros,  
Os noivos, apenas,  
Nas aguas serenas,  
Se vão a remar.

Agóra, pondéra  
No dito presente,  
Que o noivo lhe déra;  
E, sem mais demora,  
Vem ella sómente.  
Vem ella se embora...

De volta, um raivoso  
Banzeiro chegara,  
Querendo que a igára  
Se alague de vez;  
E uns bôtos vermelhos,  
Que a cercam, nadando,  
Suspiram, boiando,  
De alegres talvez!...

A côr encarnada  
Tirara-lhe a sorte,  
Tremendo, apressada,  
E cheia de magoas  
Atira com o côrte,  
No meio das aguas!.

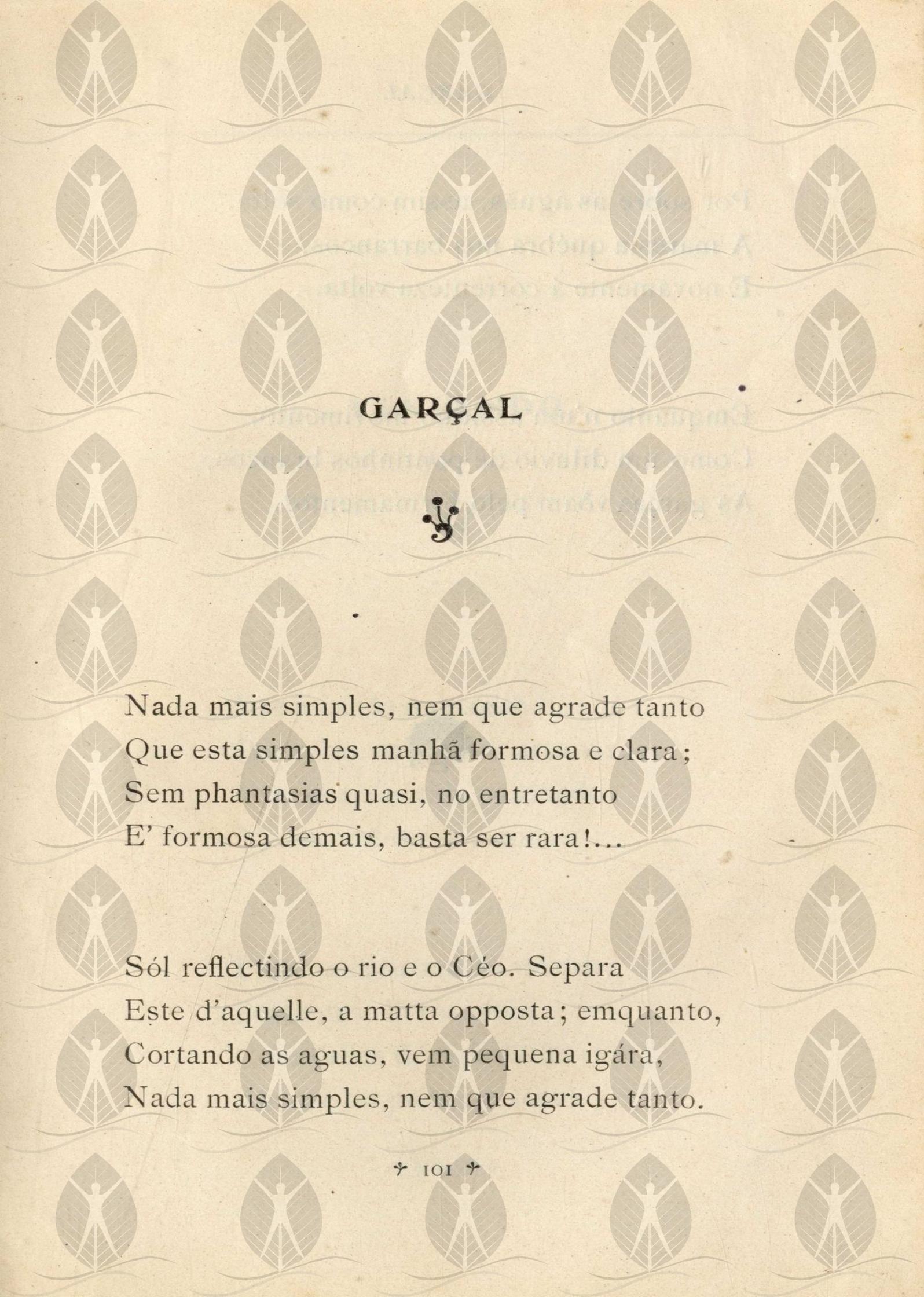
E as aguas revôltas,  
Num instante cessaram,  
E após se occultaram  
Os bôtos subtís;

MALLOGRO

Emquanto, de volta,  
Chegava, serena,  
A igára pequena  
Da noiva infeliz.

E, desde esse dia,  
Lembrando o passado,  
A pobre Maria  
Não mais se esquecêo  
Do córte encarnado,  
Que o noivo lhe dêo!...





## GARÇAL



Nada mais simples, nem que agrade tanto  
Que esta simples manhã formosa e clara;  
Sem phantasias quasi, no entretanto  
E' formosa demais, basta ser rara!...

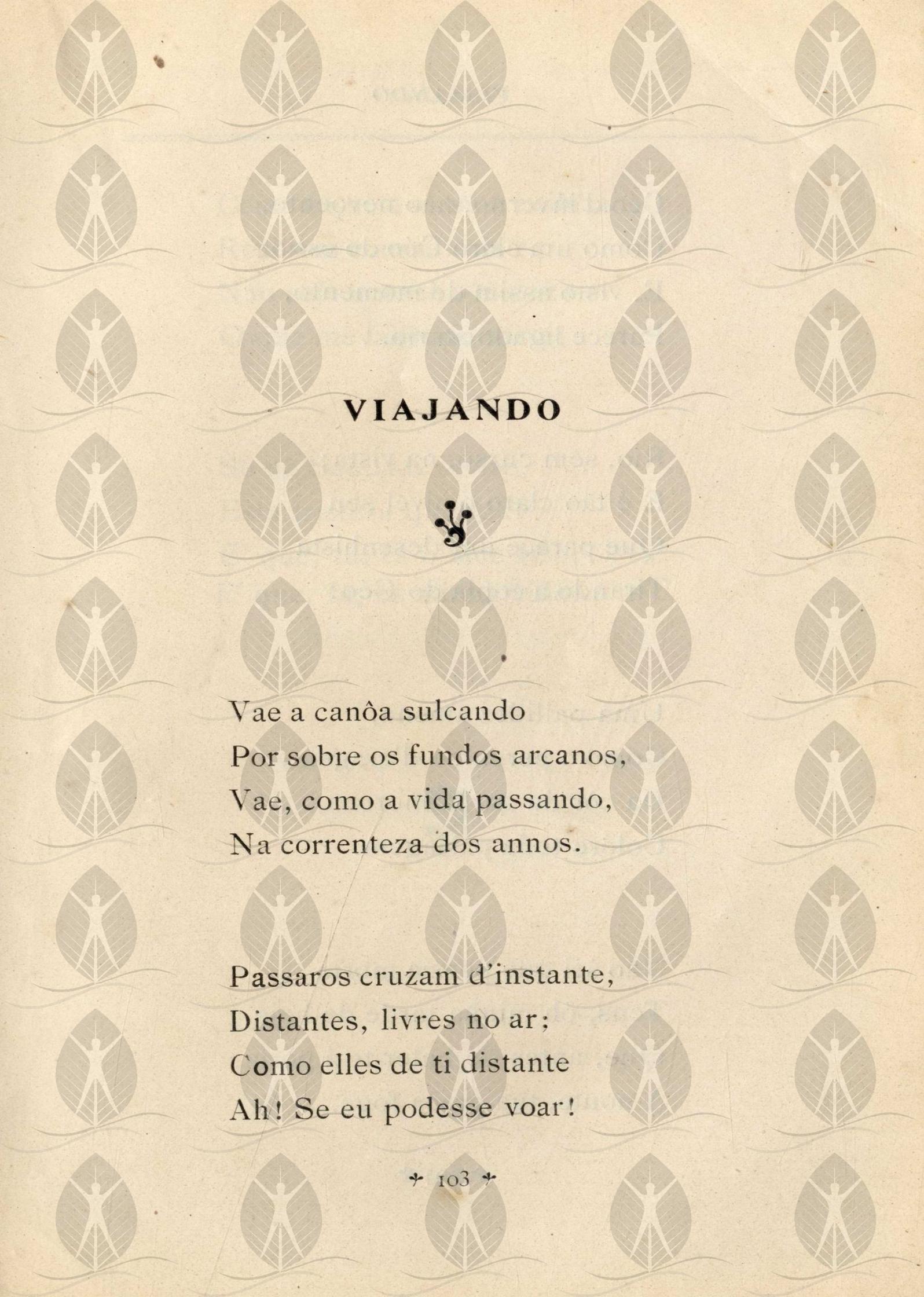
Sól reflectindo o rio e o Céu. Separa  
Este d'aquelle, a matta opposta; enquanto,  
Cortando as aguas, vem pequena igára,  
Nada mais simples, nem que agrade tanto.

GARÇAL

Por sobre as aguas, assim como sôlta,  
A maresia québra nos barrancos,  
E novamente á correnteza volta...

•  
Emquanto n'um assiduo movimento,  
Como um diluvio de pontinhos brancos,  
As garças vôam pelo Firmamento!...





## VIAJANDO

Vae a canôa sulcando  
Por sobre os fundos arcanos,  
Vae, como a vida passando,  
Na correnteza dos annos.

Passaros cruzam d'istante,  
Distantes, livres no ar;  
Como elles de ti distante  
Ah! Se eu podesse voar!

VIAJANDO

Céu d'inverno, não nevoento,  
Como um claro Céu de estio;  
E, visto assim de momento,  
Parece ligado ao rio...

Rio, sem curso, na vista;  
E é tão claro o nível seu  
Que parece um desenhista  
Tirando a copia do Céu!

Uma pallidez amena,  
Como o percurso d'aragem,  
Da côr da garça morena,  
Colóre toda paisagem.

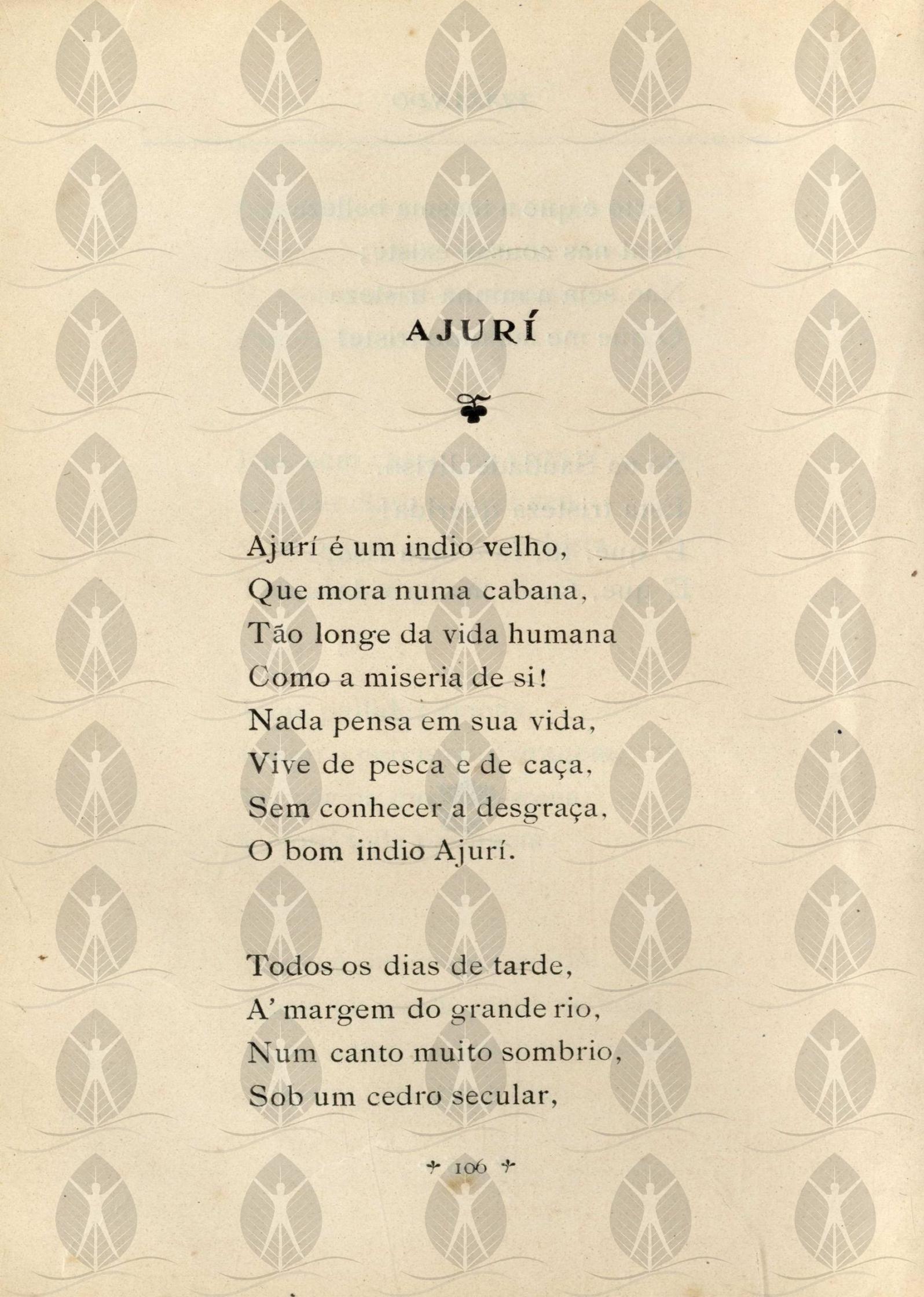
Não sei que poesia morta  
Tens, óh minha tarde de hoje,  
Que, antes de bater-te á porta,  
A noute, tua graça foge...

VIAJANDO

Certo é que a mesma beleza  
Real nas cousas existe;  
Não seja a minha tristeza  
O que me faz tudo triste!

Só na Saudade diviso,  
Esta tristeza querida!  
E' que, tu, és o meu riso,  
E' que, tu, és minha vida!...





## AJURÍ



Ajuri é um indio velho,  
Que mora numa cabana,  
Tão longe da vida humana  
Como a miseria de si!  
Nada pensa em sua vida,  
Vive de pesca e de caça,  
Sem conhecer a desgraça,  
O bom indio Ajuri.

Todos os dias de tarde,  
A' margem do grande rio,  
Num canto muito sombrio,  
Sob um cedro secular,

Ajuri vae presuroso,  
Vae satisfeito o bom velho  
Vêr algum bôto vermelho,  
A' flôr das aguas boiar!

E quando, como é costume,  
Algum bôto lhe apparece  
E de novo ao fundo desce,  
E de novo á tona vem,  
Ahi é que satisfeito,  
No mais profundo desvello,  
Ajuri murmúra ao vêl-o :  
— Maria, meu doce bem!

Todo o povo falla que esta,  
Que Ajuri amava tanto,  
Na tarde de um dia santo,  
A sombra na agua botou;

E que um bôto com certeza  
A bôtára; pois Maria  
Nunca mais, desde esse dia,  
Um triste instante passou.

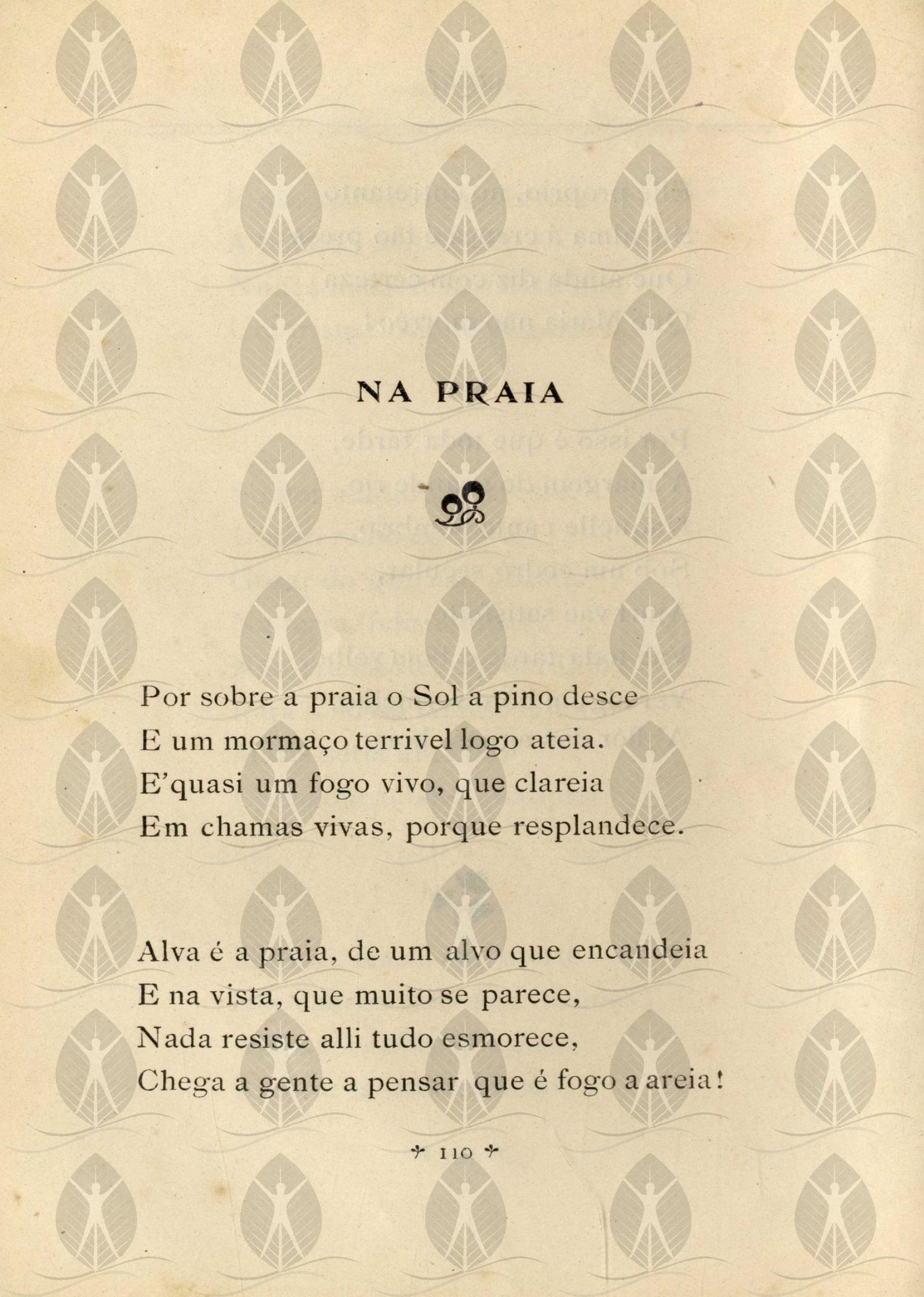
Se por ventura morresse,  
Iria ao reino de Yára,  
Gozar do que não gozara  
Na terra, feliz mulher!  
Não era morte, era encanto,  
Para o nosso mundo ignoto,  
Maria seria um bôto  
Como outro bôto qualquer.

Morrêo, mas a sua morte  
Não causou luto nem magoas!  
Ajurí por sobre as aguas,  
A noiva morta estendêo;

Elle proprio, no entretanto  
Su' alma á crença é tão presa  
Que ainda diz com certeza  
Que Maria não morrêo !

Por isso é que toda tarde,  
A' margem do grande rio,  
Naquelle canto sombrio,  
Sob um cedro secular,  
Ajurí vae satisfeito,  
Vae toda tarde o bom velho,  
Ver algum bôto vermelho,  
A' flôr das aguas, boiar.





## NA PRAIA



Por sobre a praia o Sol a pino desce  
E um mormaço terrível logo ateia.  
E'quasi um fogo vivo, que clareia  
Em chamas vivas, porque resplandece.

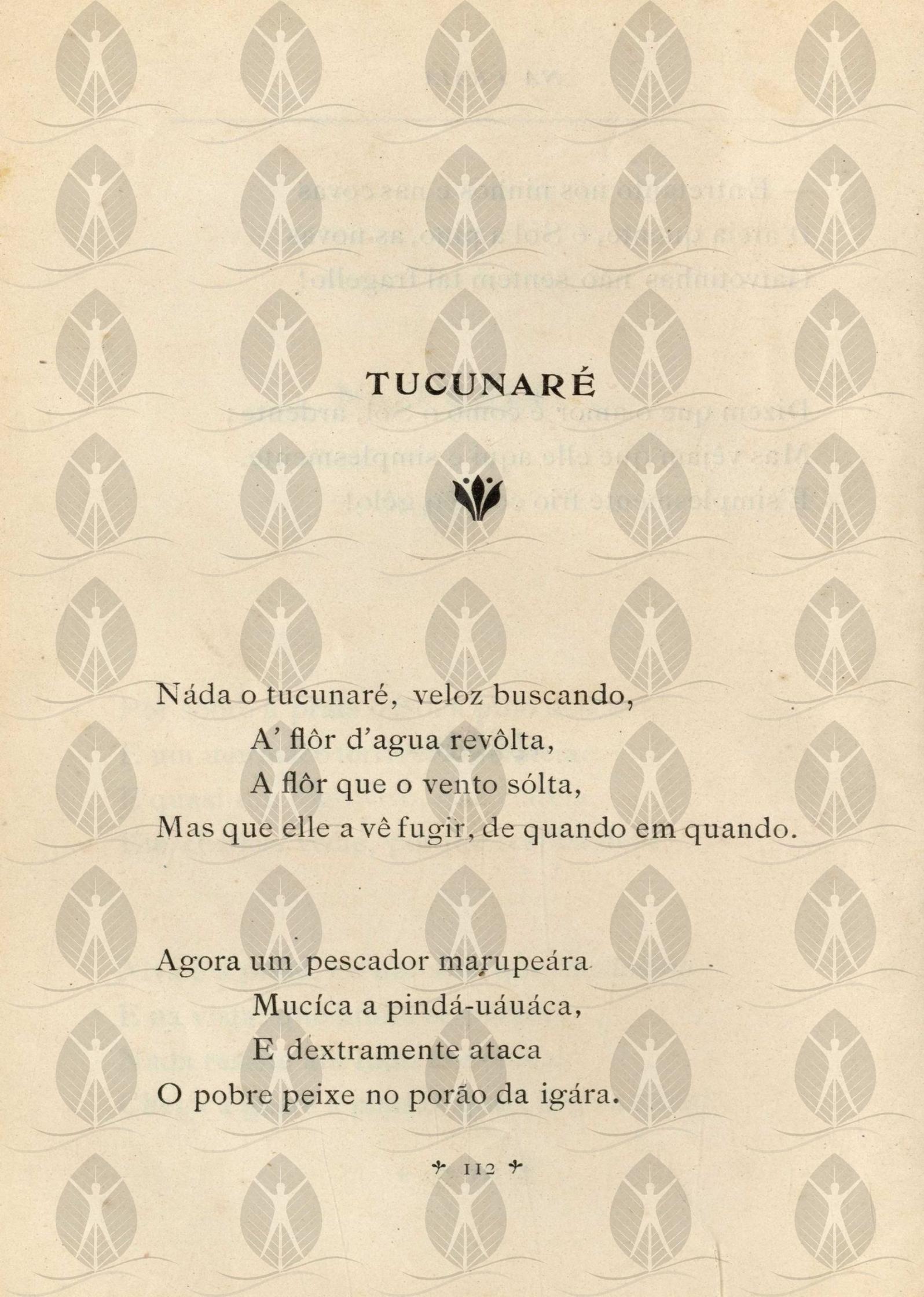
Alva é a praia, de um alvo que encandeia  
E na vista, que muito se parece,  
Nada resiste allí tudo esmorece,  
Chega a gente a pensar que é fogo a areia!

NA PRAIA

— Entretanto nos ninhos e nas covas  
D'areia quente, o Sol a pino, as novas  
Gaivotinhas não sentem tal fragello!

Dizem que o amor é como o Sol, ardente ;  
Mas vêjam que elle aqui é simplesmente,  
E' simplesmente frio como o gêlo!





## TUCUNARÉ



Náda o tucunaré, veloz buscando,  
A' flôr d'agua revôlta,  
A flôr que o vento sólta,  
Mas que elle a vê fugir, de quando em quando.

Agora um pescador marupeára  
Mucíca a pindá-uáuáca,  
E dextramente ataca  
O pobre peixe no porão da igára.

TUCUNARÉ

E digam que a virtude hoje é que vòã,  
À procura do amor,  
Nesse tempo em que a flôr  
Engana que é direito uma pessôa!...

Vive, é o amor á cata da virtude,  
Isto é o que é;  
E, quasi sempre, a flôr é quem o illude,  
Como ao tucunaré!...



## ANTITHESE

Rio a cima, alli vai cantarolando,  
Na montaria que bastante pesa,  
Constantemente o remo mergulhando,  
Um viajante, que rema com presteza.

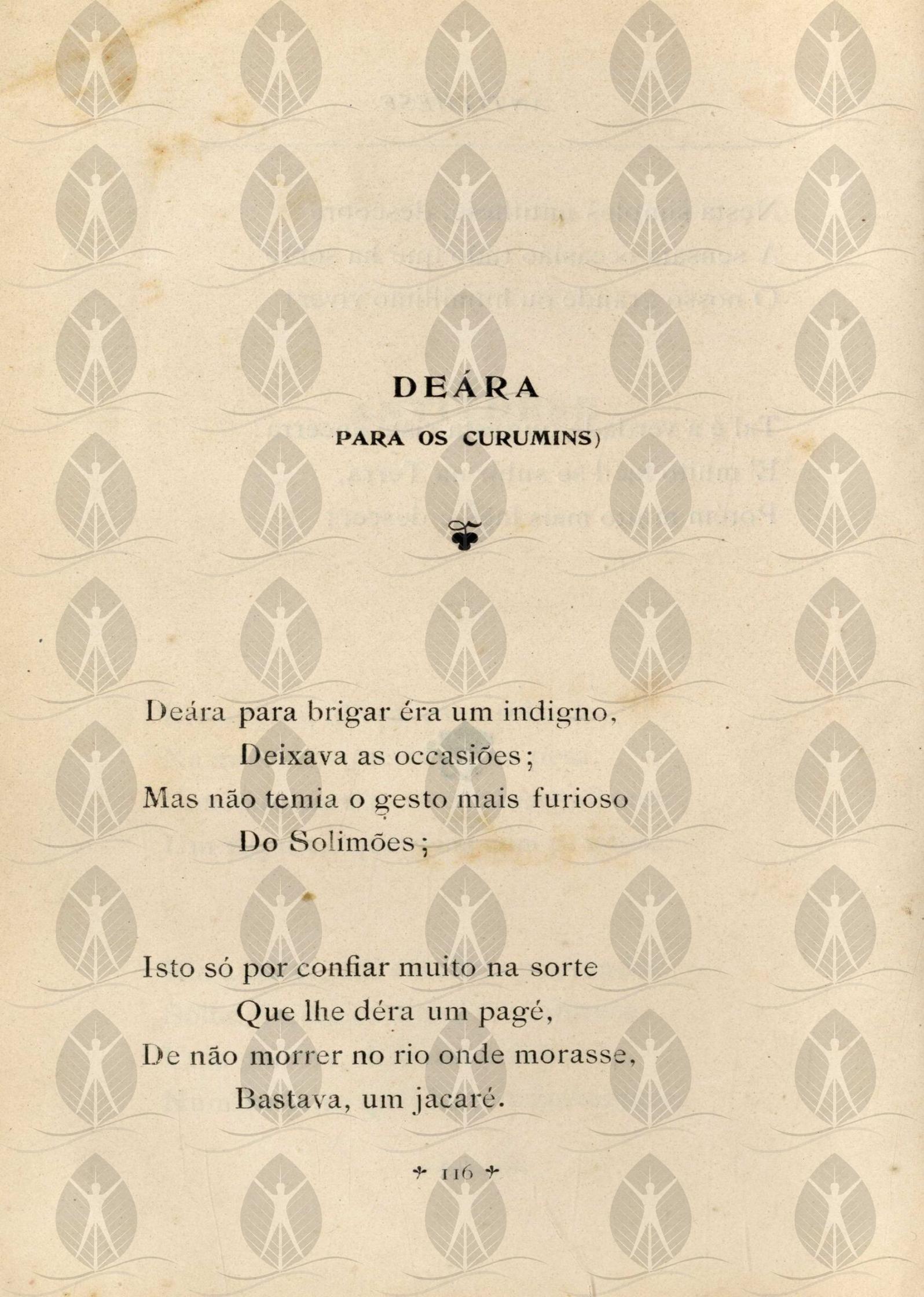
Rio a baixo, alli vai triste pousando,  
Sôlta, á simples mercê da natureza,  
Uma gaivota, de bubuia andando,  
Num balseiro que desce á correnteza.

ANTITHESE

Nesta simples antithese, descobre  
A sensata occasião tudo que ha sobre  
O nosso grande ou humillimo viver!

Tal é a verdade que esta vista encerra:  
E' muito facil se subir na Terra,  
Porém muito mais facil é descer!





DEÁRA

PARA OS CURUMINS)



Deára para brigar éra um indigno,  
Deixava as occasiões;  
Mas não temia o gesto mais furioso  
Do Solimões;

Isto só por confiar muito na sorte  
Que lhe déra um pagé,  
De não morrer no rio onde morasse,  
Bastava, um jacaré.

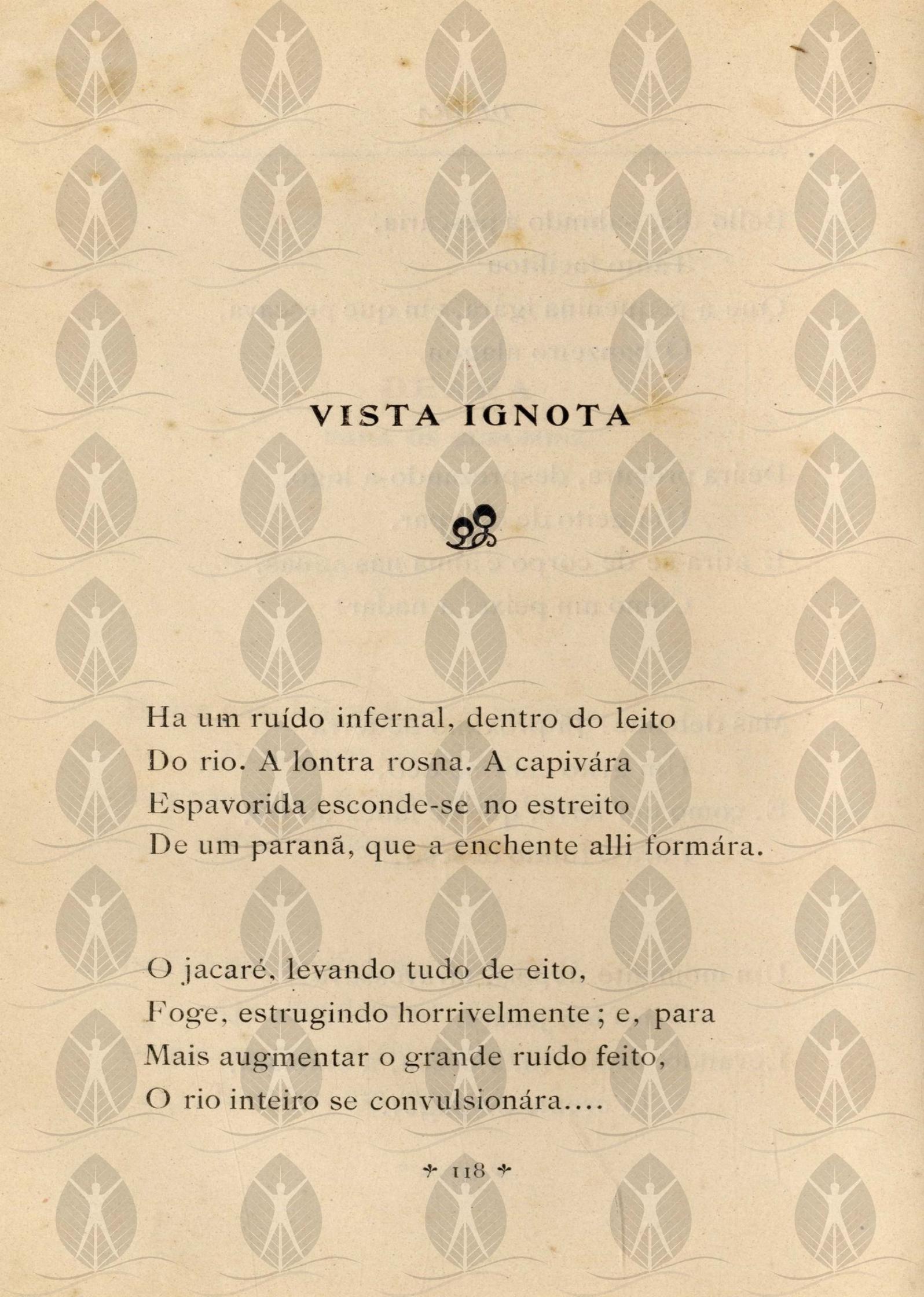
DEÁRA

Bello dia, sahindo á pescaria,  
Tanto facilitou  
Que a pequenina igára, em que pescava,  
O banzeiro alagou.

Deára procura, desprezando-a logo,  
Um geito de escapar,  
E atira-se de corpo e alma nas aguas,  
Como um peixe, a nadar!

Mas debalde! Já proximo de terra  
Um grito enorme dêo;  
E, como um ferro, que se lança ao rio,  
Para o fundo descêo;

Um momento depois, atravessava  
O rio um jacaré,  
Levando, semiviva, á bocca, a embiára,  
— O crente do pagé!.



## VISTA IGNOTA



Ha um ruído infernal, dentro do leito  
Do rio. A lontra rosna. A capivára  
Espavorida esconde-se no estreito  
De um paranã, que a enchente alli formára.

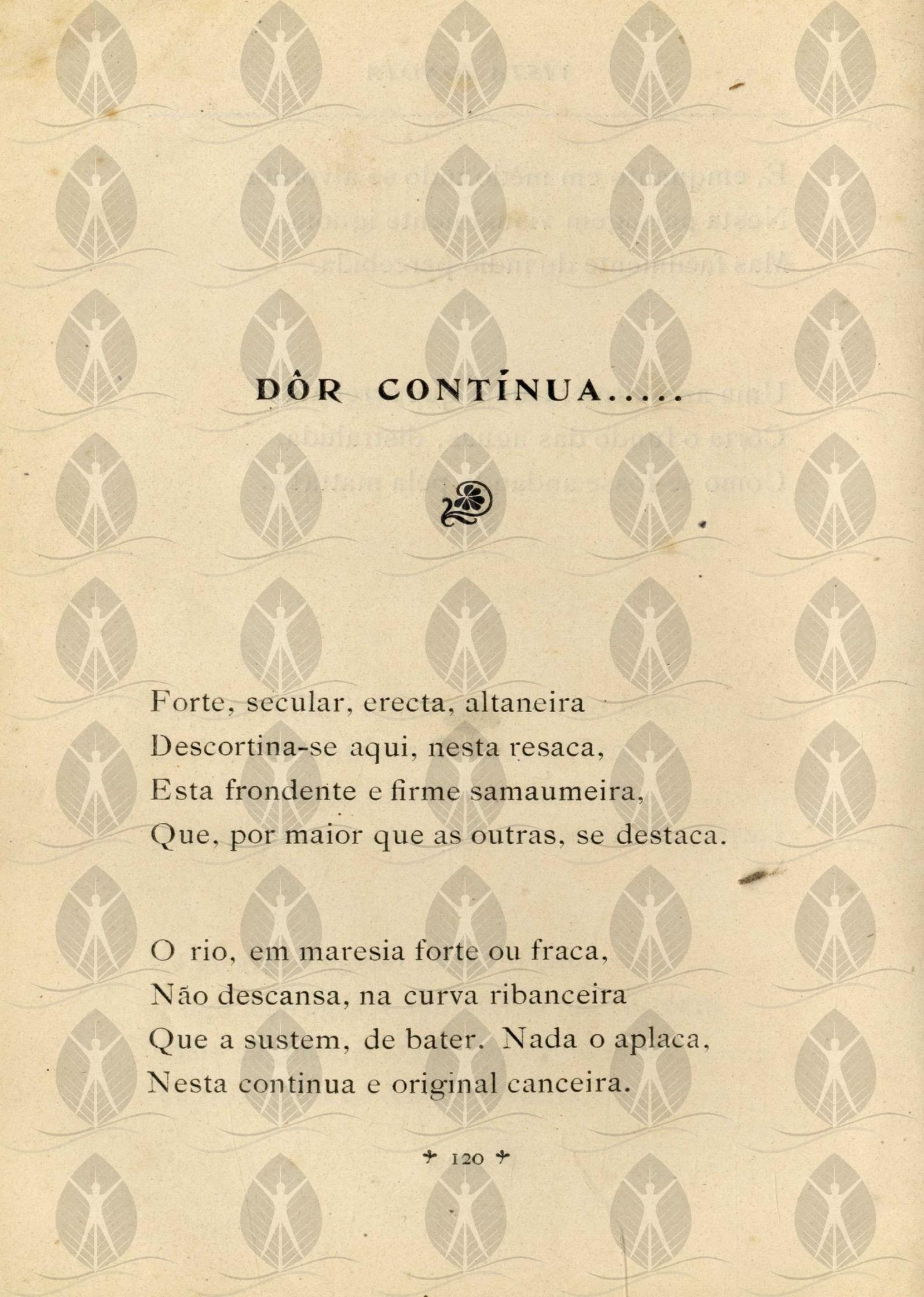
O jacaré, levando tudo de eito,  
Foge, estrugindo horrivelmente; e, para  
Mais augmentar o grande ruído feito,  
O rio inteiro se convulsionára....

VISTA IGNOTA

E, enquanto em mêdo tudo se alvoroça,  
Nesta paisagem visualmente ignota,  
Mas facilmente do indio percebida,

Uma anta firme, calma que arrebatá,  
Córta o fundo das aguas, distrahida,  
Como se fôsse andando pela matta!...





DÔR CONTÍNUA.....



Forte, secular, erecta, altaneira  
Descortina-se aqui, nesta resaca,  
Esta frondente e firme samaumeira,  
Que, por maior que as outras, se destaca.

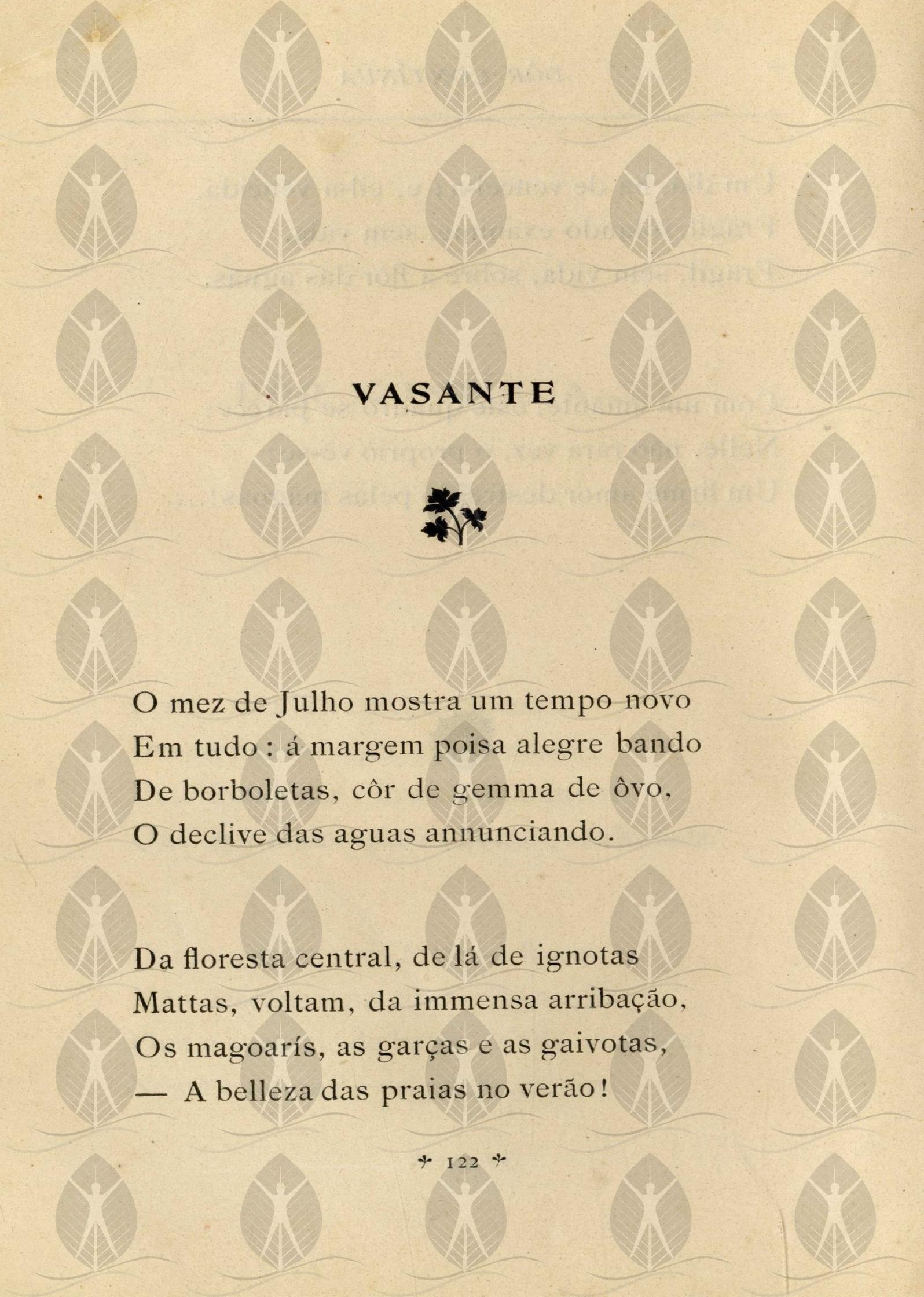
O rio, em maresia forte ou fraca,  
Não descansa, na curva ribanceira  
Que a sustem, de bater. Nada o aplaca,  
Nesta continua e original canceira.

DOR CONTINUA

Um dia, ha de vencel-a ; e, eil-a vencida,  
Fragil, rolando exanime, sem vida,  
Fragil, sem vida, sobre a flôr das aguas.

Com um amante, este quadro se parece ;  
Nelle, não rara vez, o proprio vê-se :  
Um firme amor destruido pelas magoas!...





## VASANTE



O mez de Julho mostra um tempo novo  
Em tudo : á margem poisa alegre bando  
De borboletas, côr de gemma de ôvo,  
O declive das aguas annunciando.

Da floresta central, de lá de ignotas  
Mattas, voltam, da immensa arribação,  
Os magoarís, as garças e as gaivotas,  
— A belleza das praias no verão!

E o uirá-paié cantando e a saracura  
Cantando, em fim o placido barulho  
Das aves todas, dá-nos a envoltura  
Dessas manhãs esplendidas de Julho.

A propria vida mais amor exalta,  
Nesses dias magnificos, sem par,  
Quando mais se ouve o canto da pernalta,  
No alegre aneio de nidificar.

Em fria e funda claridade diurna,  
Doido de alegre do verão vindoiro,  
Coacha o sombrio mocotó na furna,  
Uns gemidos bucolicos de toiro!

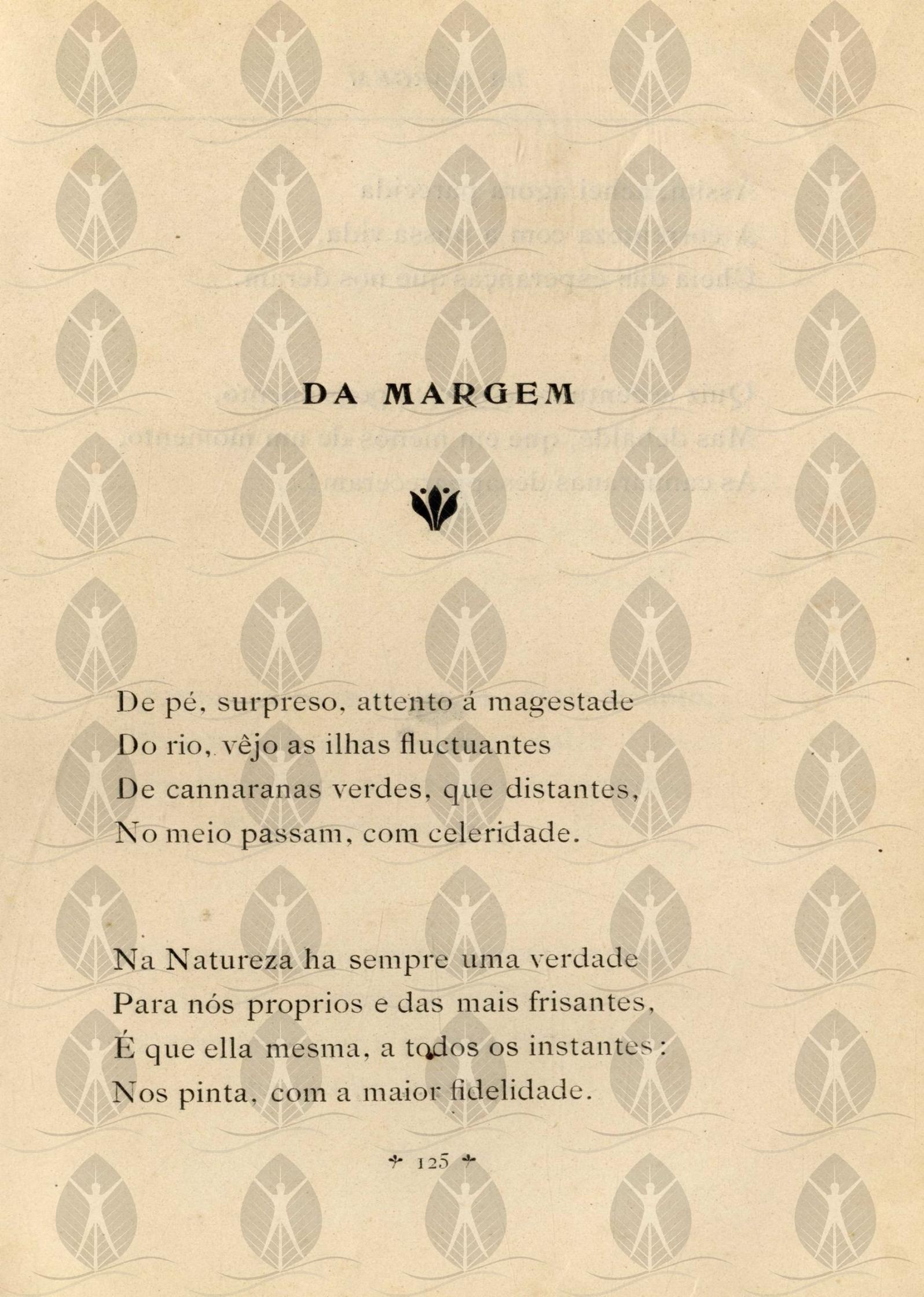
Já se houve ao longe a rispida algazarra  
Das ciganas nas moutas e por fim  
O zumbido da garrula cigarra,  
E o allarído do garrulo japim.

Cedêo a allagação extraordinaria.  
Já busca a praia a arisca tartaruga.  
(A quem procura a terra necessaria,  
Mesmo no rio, Deus um canto enxuga!)

Tanta poesia, tanta graça em tudo;  
No entretanto decresce de valor  
O rio calmo, o rio manso, o rio mudo  
Como um peixe submisso a um pescador.

E não se altera e segue n'um profundo,  
Dolente, calmo e dulcido marulho ;  
E' que elle vê que todos têm no mundo,  
Nas enchentes da vida, um mez de Julho.





**DA MARGEM**



De pé, surpreso, attento á magestade  
Do rio, vêjo as ilhas fluctuantes  
De cannaranas verdes, que distantes,  
No meio passam, com celeridade.

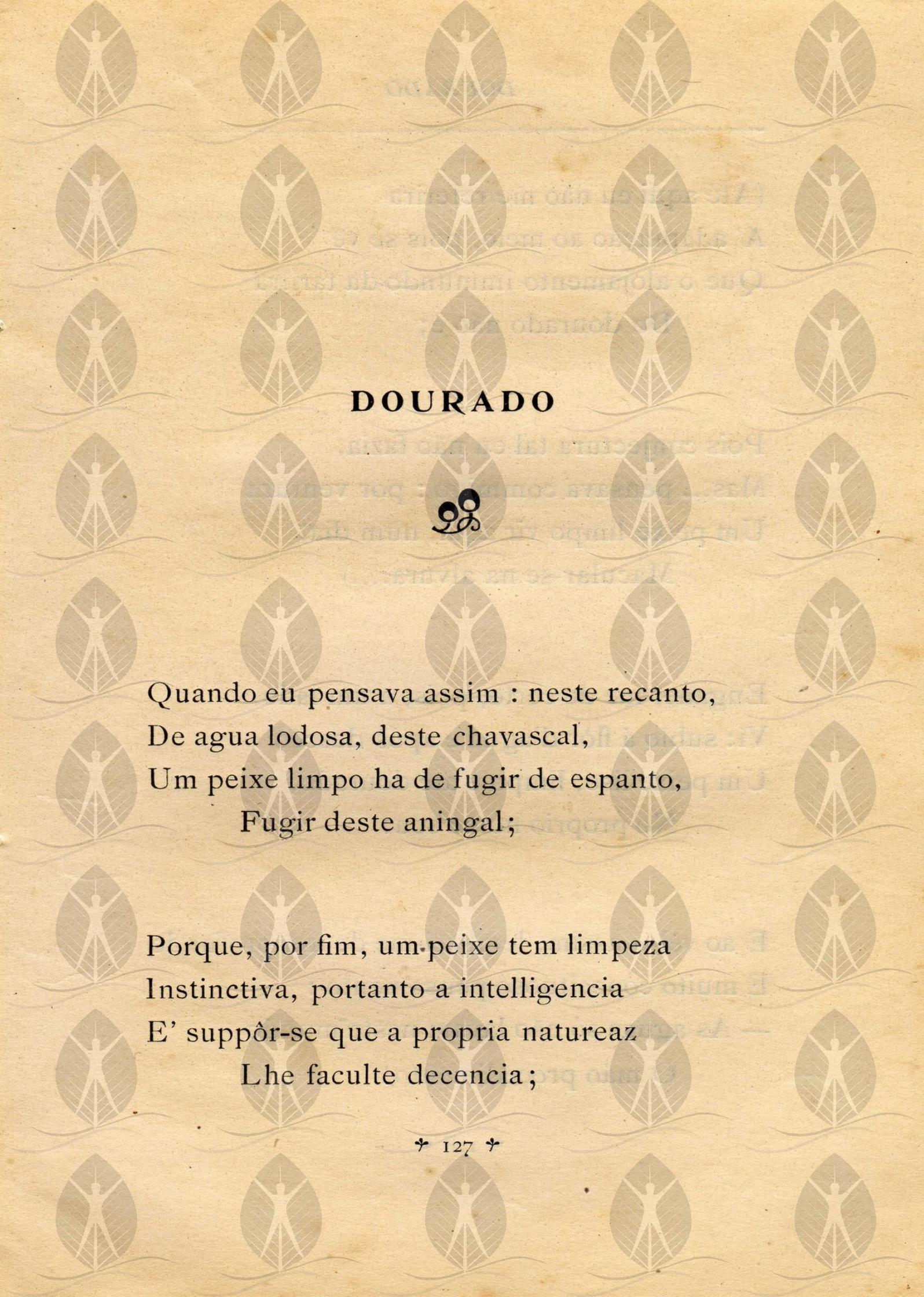
Na Natureza ha sempre uma verdade  
Para nós propios e das mais frisantes,  
É que ella mesma, a todos os instantes:  
Nos pinta, com a maior fidelidade.

DA MARGEM

Assim, achei agora parecida  
A correnteza com a nossa vida,  
Cheia das esperanças que nos deram.

Quiz accentuar de novo o pensamento,  
Mas debalde, que em menos de um momento,  
As cannaranas desapareceram!...





## DOURADO



Quando eu pensava assim : neste recanto,  
De agua lodosa, deste chavascal,  
Um peixe limpo ha de fugir de espanto,  
Fugir deste aningal;

Porque, por fim, um peixe tem limpeza  
Instinctiva, portanto a intelligencia  
E' suppôr-se que a propria natureaz  
Lhe faculte decencia;

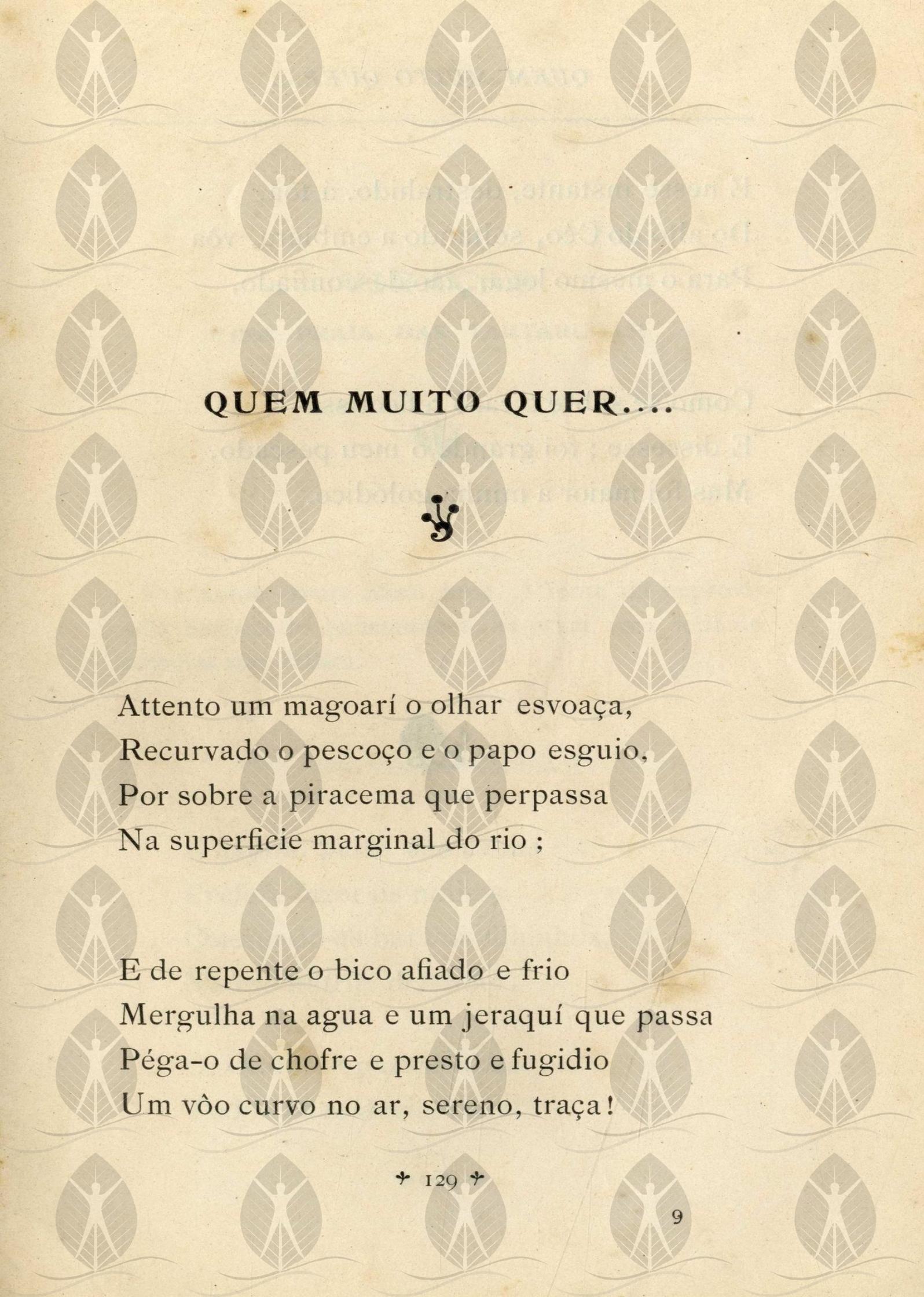
*DOURADO*

(Até aqui eu não me referira  
A' adaptação ao meio, pois se vê  
Que o alojamento immundo da tariíra  
Do dourado não é;

Pois conjectura tal eu não fazia,  
Mas... pensava commigo : por ventura  
Um peixe limpo vir aqui, num dia,  
Macular-se na alvura....)

Enganei-me de certo, pois, a um lado,  
Vi: subió á flôr d'agua e após descêo  
Um peixe lisó, limpo e até dourado,  
No proprio nome seu!

E ao vê-lo assim, lembrei-me de um profundo  
E muito conceituoso pensamento :  
— As aguas só não lavam neste mundo  
O máo procedimento!



QUEM MUITO QUER....



Attento um magoarí o olhar esvoaça,  
Recurvado o pescoço e o papo esguio,  
Por sobre a piracema que perpassa  
Na superficie marginal do rio ;

E de repente o bico afiado e frio  
Mergulha na agua e um jeraquí que passa  
Péga-o de chofre e presto e fugidio  
Um vôo curvo no ar, sereno, traça!

QUEM MUITO QUER...

E nesse instante, destrahido, á tóa,  
Do alto do Céu, soltando a embiára, vòa  
Para o mesmo logar, tão desconfiado,

Como se sobre o caso reflectisse  
E dissesse : foi grande o meu pescado,  
Mas foi maior a minha golodice.



# VIRAÇÃO

(NA PRAIA DAS TARTARUGAS)



Éra noute escura como breu. Áfrente da improvi-  
sada barraca do commandante da praia, uma rodâ de  
caboclos que fallam.

UM VELHO TAPUÍÁ:

O japim, perto das cabas  
Prefere fazer os ninhos,  
Querendo-as para os filhinhos,  
Não só nutrir, defender.

Cuidadosos passarinhos  
Todos paes deviam ser!

## VIRAÇÃO

UM PESCADOR, *interrompendo-o* :

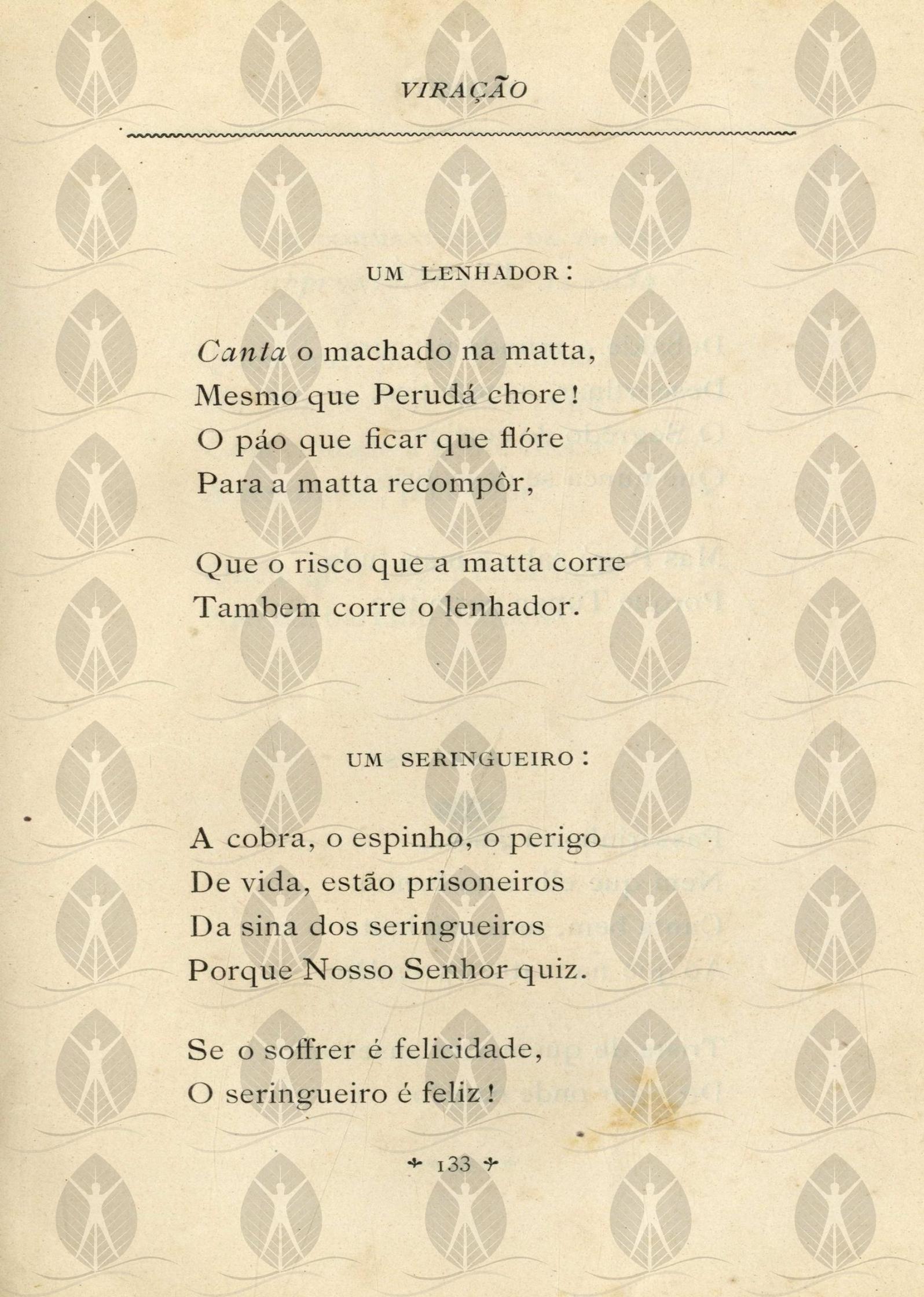
A onça se sente fome  
E não vê carne, marisca,  
E péscia peixe sem isca,  
Ensinou-lhe a ocasião.

Pescador quando se arrisca  
Faz isca da precisão.

UM OUTRO, *vis a uma cunhatã* :

Vive a sucurí na toca,  
Junto com a paca morando;  
E morre uma dellas quando  
A outra desaparece.

Ha muitos olhos chorando  
Por falta de um amor desse.



VIRAÇÃO

---

UM LENHADOR :

*Canta* o machado na matta,  
Mesmo que Perudá chore!

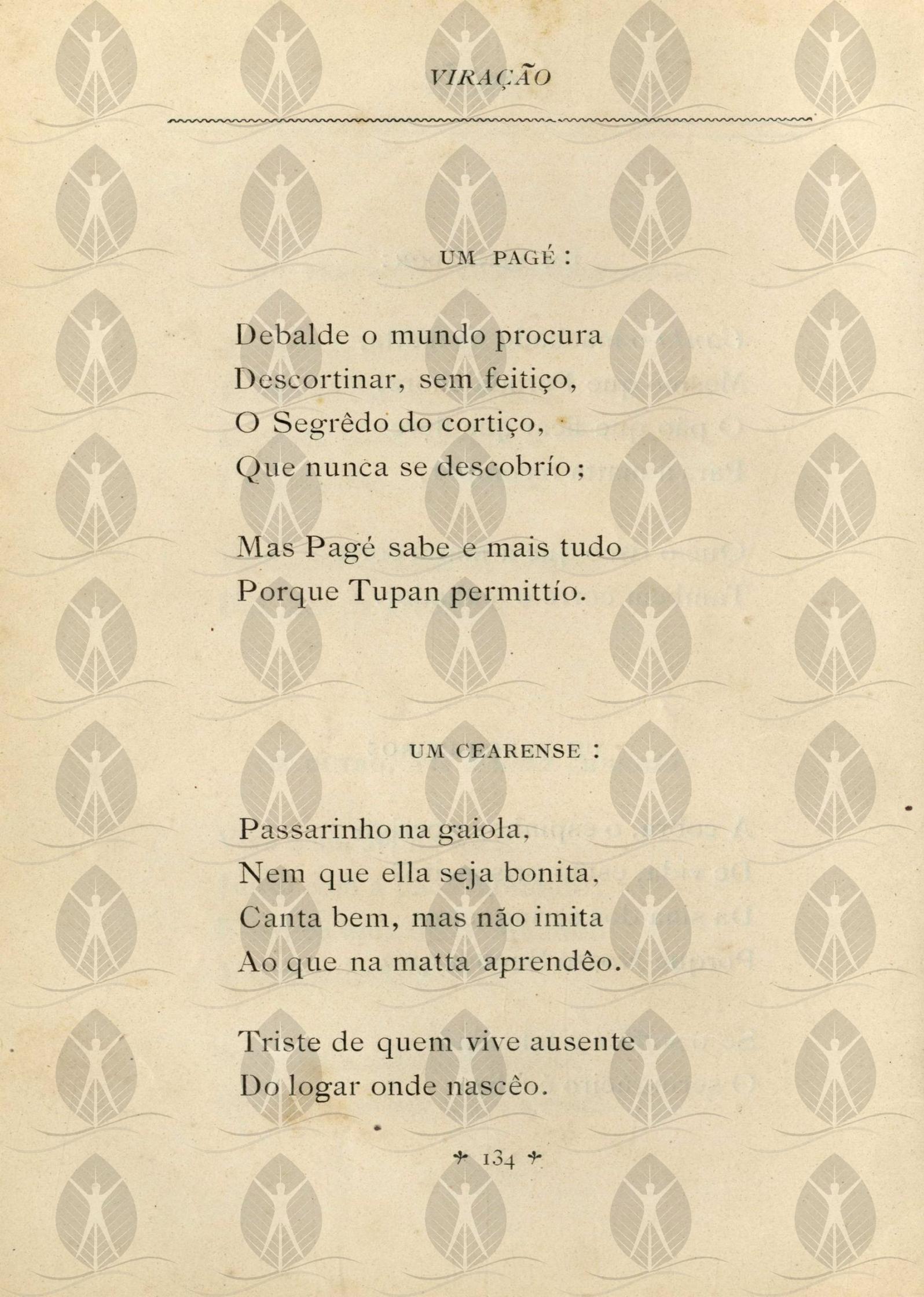
O páo que ficar que flóre  
Para a matta recompôr,

Que o risco que a matta corre  
Tambem corre o lenhador.

UM SERINGUEIRO :

A cobra, o espinho, o perigo  
De vida, estão prisioneiros  
Da sina dos seringueiros  
Porque Nosso Senhor quiz.

Se o soffrer é felicidade,  
O seringueiro é feliz!



VIRAÇÃO

UM PAGÉ :

Debalde o mundo procura  
Descortinar, sem feitiço,  
O Segrêdo do cortiço,  
Que nunca se descobrió ;  
Mas Pagé sabe e mais tudo  
Porque Tupan permittio.

UM CEARENSE :

Passarinho na gaiola,  
Nem que ella seja bonita,  
Canta bem, mas não imita  
Ao que na matta aprendêo.

Triste de quem vive ausente  
Do logar onde nascêo.

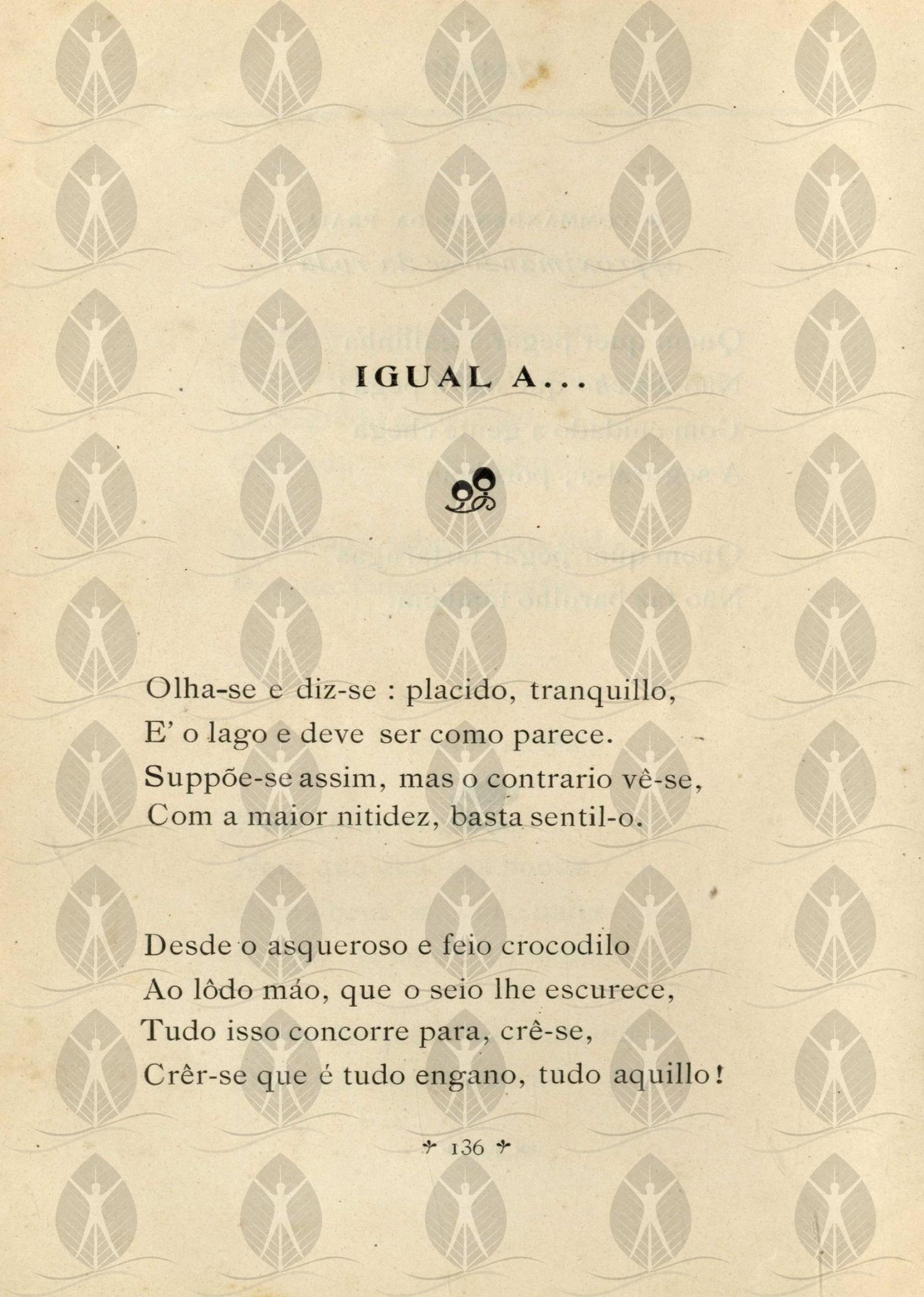
## VIRAÇÃO

O COMMANDANTE DA PRAIA,  
*approximando-se da roda:*

Quem quer pegar a gallinha  
Não diz *chô* que não a péga ;  
Com cuidado a gente chega  
A segural-a ; pois bem,

Quem quer pegar tartarugas  
Não faz barulho tambem.





IGUAL A...



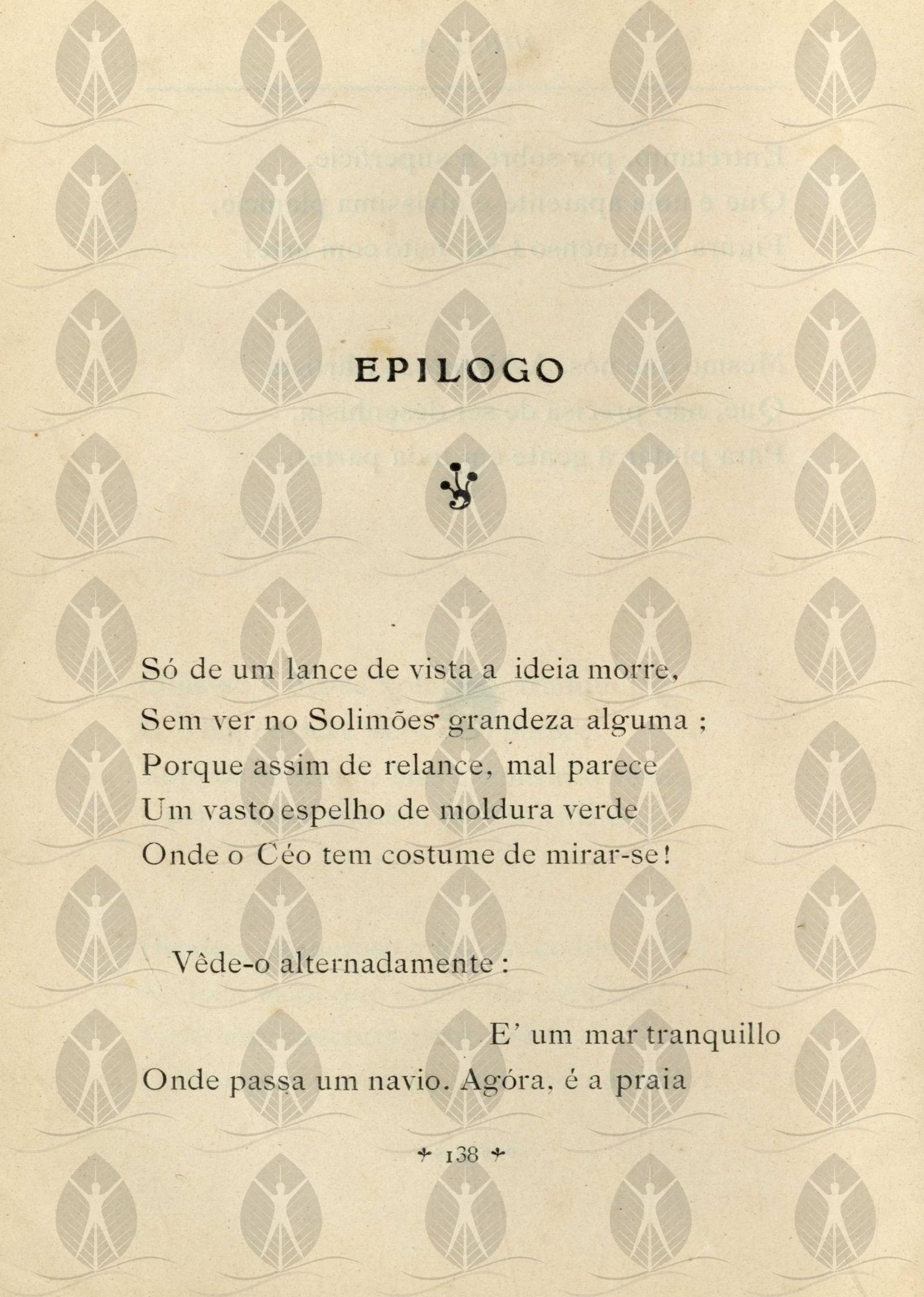
Olha-se e diz-se : placido, tranquillo,  
E' o lago e deve ser como parece.  
Suppõe-se assim, mas o contrario vê-se,  
Com a maior nitidez, basta sentil-o.

Desde o asqueroso e feio crocodilo  
Ao lôdo mão, que o seio lhe escurece,  
Tudo isso concorre para, crê-se,  
Crêr-se que é tudo engano, tudo aquillo!

Entretanto, por sobre a superfície,  
Que é uma aparente e alvíssima planície,  
Figúra o immenso Céu, feito com arte!

Mesmo que nós. A Natureza é artista  
Que, não precisa de ser desenhista,  
Para pintar a gente em toda parte!...





## EPILOGO



Só de um lance de vista a ideia morre,  
Sem ver no Solimões\* grandeza alguma ;  
Porque assim de relance, mal parece  
Um vasto espelho de moldura verde  
Onde o Céu tem costume de mirar-se!

Vêde-o alternadamente :

E' um mar tranquillo  
Onde passa um navio. Agóra, é a praia

## EPILOGO

— Branca toalha de Deus ao Sol corando.  
Uma igára, que o desça, a vida lembra  
No declive do mundo enfurecido,  
E ora tão calmo, das paixões humanas.  
A garça que alli poise, é o ponto branco  
Da pulchra proposição: — a ave é a poesia.  
Se por ventura o vento o agita, um côro  
De banzeiros, em lagrimas desfeito,  
Echôa ao longe, no intimo das mattas!  
O loiro-rosa, o cedro, a samaumeira,  
Quando derivam na voraz corrente,  
Lembram destroços de cruel derrota  
Da mais tremenda luta pela vida.  
Quando á margem fervilha a pirácema  
De jeraquís, pacús, mandís, sardinhas,  
Frageis, cambiantes, madreperoladas,  
Veze subindo á flôr d'agua, e de novo,  
Quando o dourado ou o bôto lhes persegue,  
Cahindo como bategas de chuva  
Na coberta de zinco das barracas,  
Igualando-os, no meio, a piráíua

## EPILOGO

Como a queda de um' arvore na matta,  
Ou mesmo a pirárara, arremedando  
As lavadeiras quando batem roupa ;  
Quando estrugindo o jacaré bubúia,  
Na defesa dos filhos pequeninos,  
Se humana voz em terra os arremeda ;  
Quando, á mercê da simples correnteza,  
De bubúia, nas arvores que descem,  
As gaiivotas tambem descem reunidas,  
Como um bando de naufragos, que buscam  
Salvação nos destroços, que fluctúam,  
Da galéra infeliz da humanidade,  
Se tal galéra a matta immensa fôsse ;  
E quando outras no ar recurvam voares  
E o corta-agua e a aríramba gaivotciam,  
Assim, sim, já se póde ter em mente  
Que o territorio desse rio immenso,  
Sem marcos miliarios confinantes,  
E' um paiz ideal, cheio de assombros,  
E de verdades e d'encantos cheio!

## EPILOGO

Vêde-o profundamente :

No seu seio

Milhões de seres encantados moram,  
Mythologicamente idealizados :  
De Uirará, de Unutára, de Honorato  
A' virginal Arára-Mboia, á Yára,  
Yára — a formosa imperatriz neptunica,  
A serêa fluvial, por cujo canto,  
Perdera a falla a fáuna ichthyologica,  
Subjugando-a, vencendo-a, dominando-a,  
Como o proprio Tupan, do alto de Iuáca

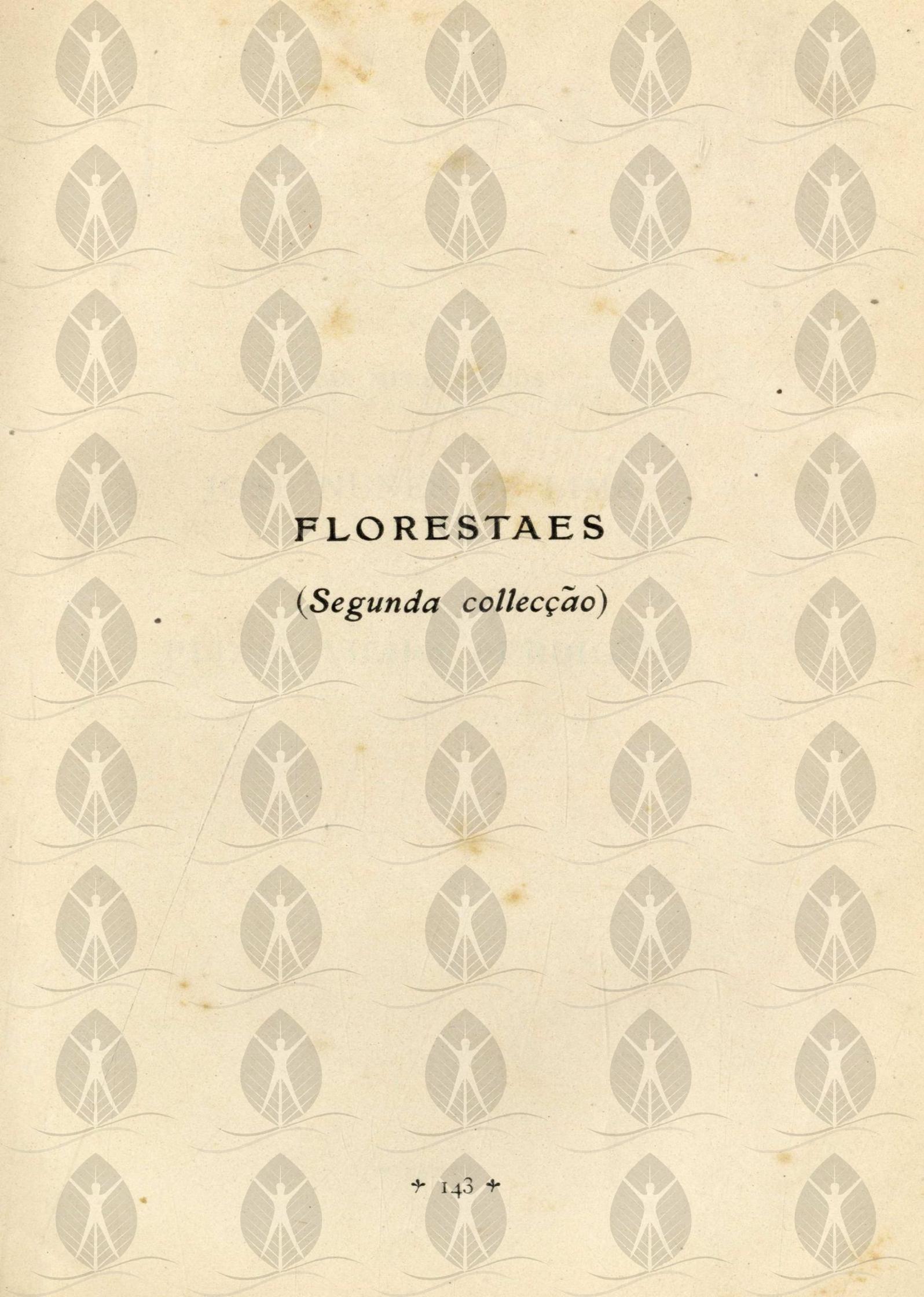
Na patria pois das ilhas fluctuantes,  
Onde Bôia-Uaçú nos déra a noute,  
E onde Membiíra rosna como a onça,  
Quando os bôtos suspiram como gente,  
Os bôtos, filhos da encantada côrte,  
Nesse canto, patricios, a poesia  
Não fluctúa, mas vive como os peixes !...

. . . . .

## EPILOGO

Dá-me, Amor Patrio, com que agora o veja  
De um moroso galerno, espanejado,  
Como uma taça immensa, onde Yára bêba  
A' saude do Sól que nos aclara,  
Com esse licôr original de sombras  
— Sombras de nuvens, dissolvidas nagua!

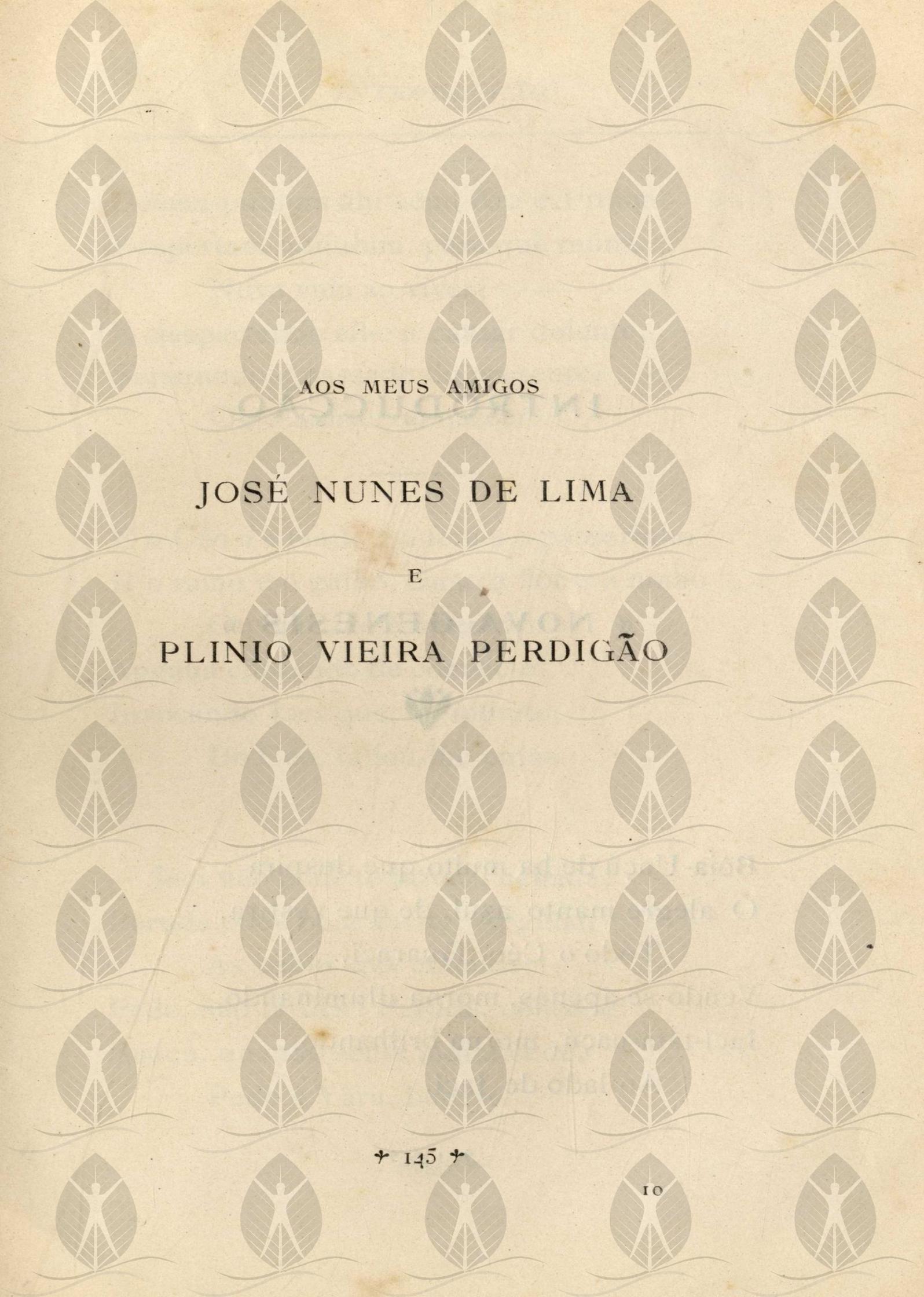




FLORESTAES

*(Segunda collecção)*





AOS MEUS AMIGOS

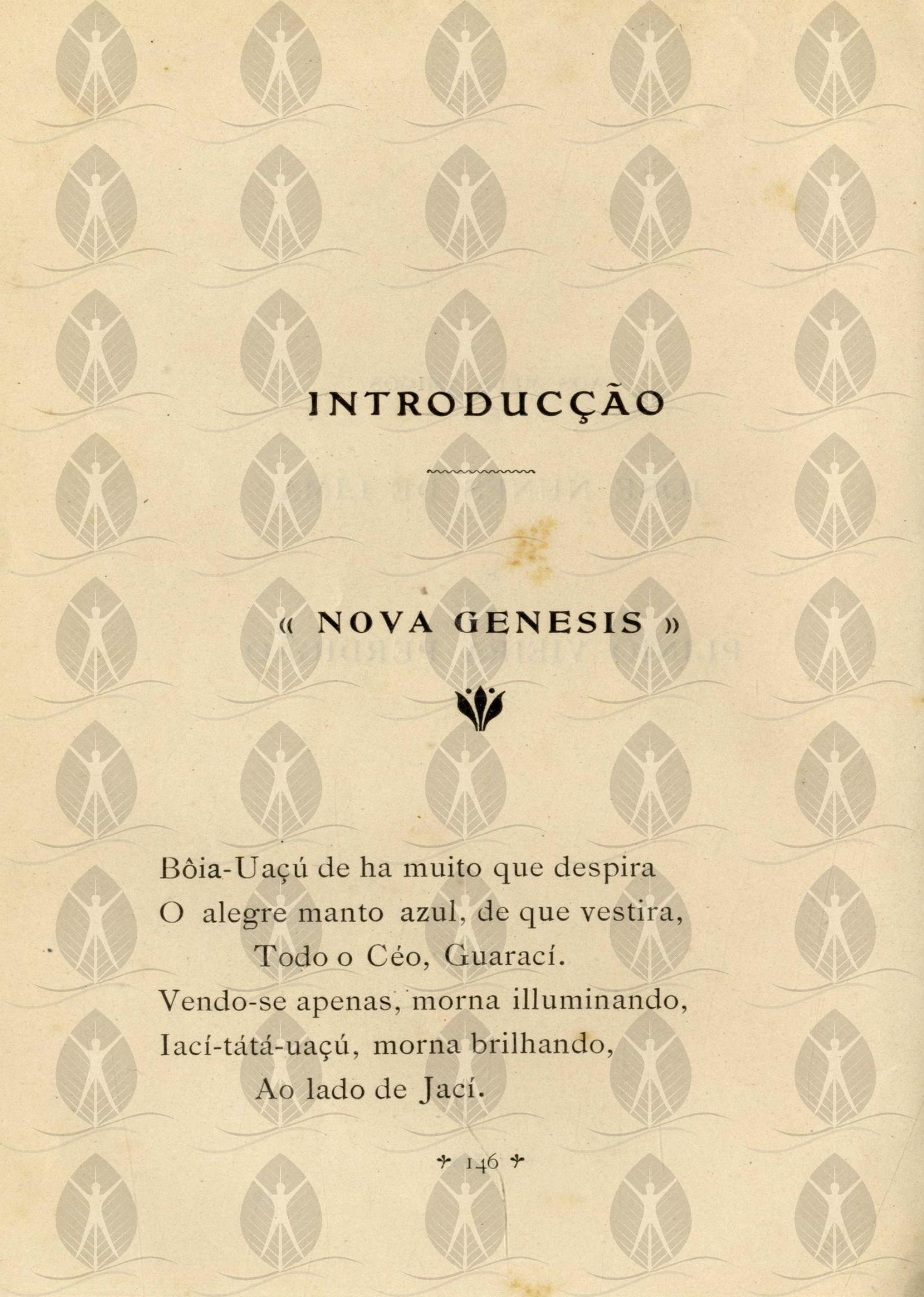
JOSÉ NUNES DE LIMA

E

PLINIO VIEIRA PERDIGÃO

✦ 145 ✦

10



# INTRODUÇÃO

« NOVA GENESIS »



Bôia-Uaçú de ha muito que despira  
O alegre manto azul, de que vestira,  
Todo o Céu, Guarací.

Vendo-se apenas, morna illuminando,  
Iací-tátá-uaçú, morna brilhando,  
Ao lado de Jací.

## INTRODUÇÃO

Coema-piranga ahi vem. Ara e Pitúna  
Despertam Cujubim, para que reúna  
Nova vida ao viver;

E despertando eil-o a cantar dolente,  
Separando o passado do presente,  
Ou a morte, do nascer.

E o Céu e a matta e a fera e o passarinho  
E o ramo e o galho, como a flôr e o ninho  
Ouviam, com atenção,  
Apgáua chorando de constricto  
Invocando Jací que, do infinito,  
Do Céu, fallou-lhe então :

— Jací não pôde te fazer Tucháua!  
Perudá pôde bem dar-te, Apgáua,  
As tribus que entender!  
Pede, não tardes ! Perudá, concéde !  
Suáçú, quando sente muita sêde,  
Pede á Yára, beber!

## INTRODUÇÃO

---

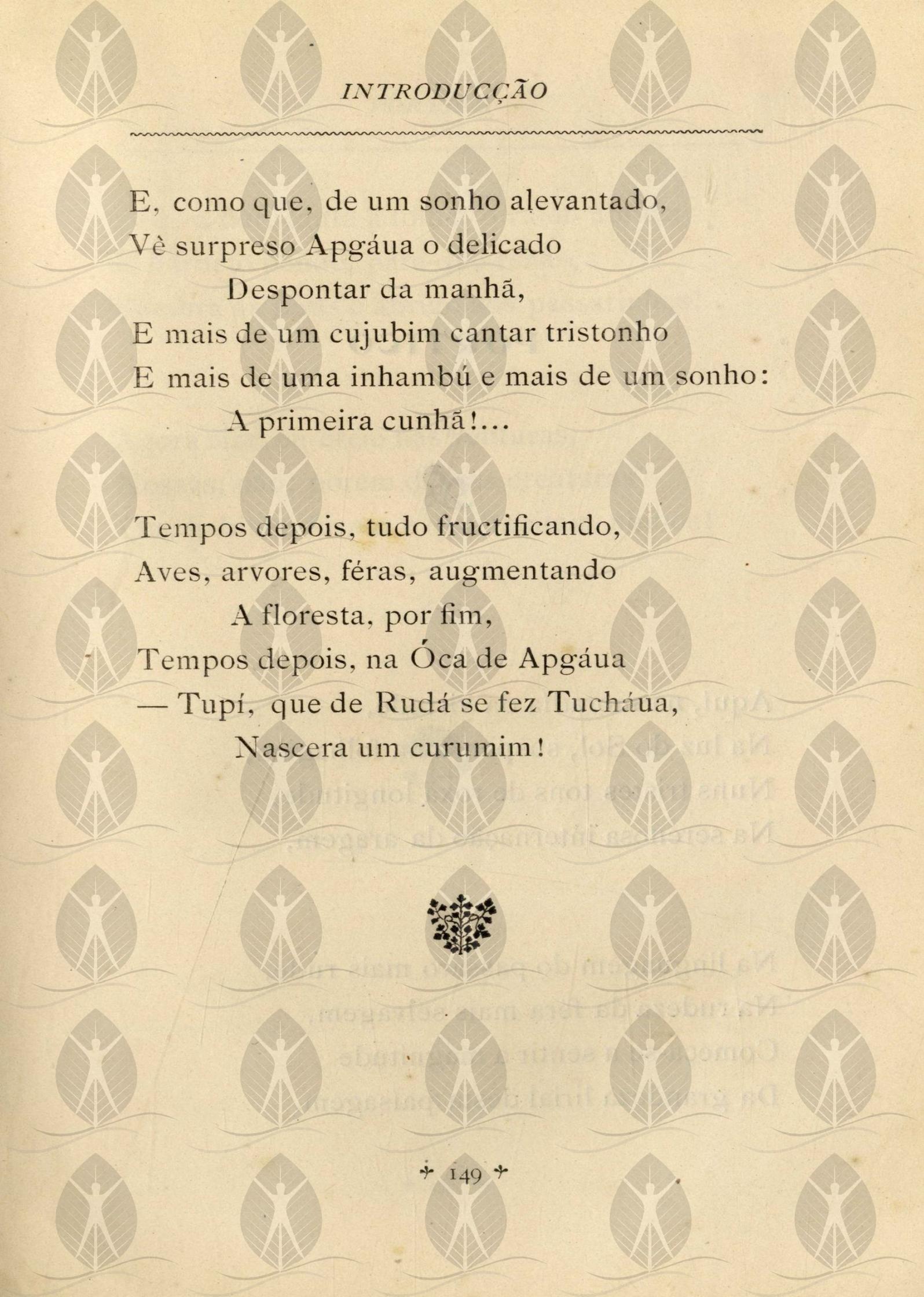
Guarací, póde sim; mas considera  
Que o germen d'ave, d'arvore, da féra  
Tupan dêo a Rudá.

Volta-te a este, em prece dolorida,  
Que, Apgáua, verás : da flôr á vida  
Tudo germinará !

Foi assim que Apgáua, olhando para  
Iuáca, o akaintar cahir deixara,  
Com o moirapára aos pés:  
E, ardendo em fé, em supplica murmúra :  
— Perudá, Perudá, quero a ventura  
De sentir-te uma vez!

Cujubim não descansa, é grande a matta!  
Chora a Inhambú, que ás forças lhe arrebatá  
A Floresta, sem fim!

Apgáua, sózinho tambem cansa!  
Perudá, Perudá, minha esperança  
E' que venhas a mim! —

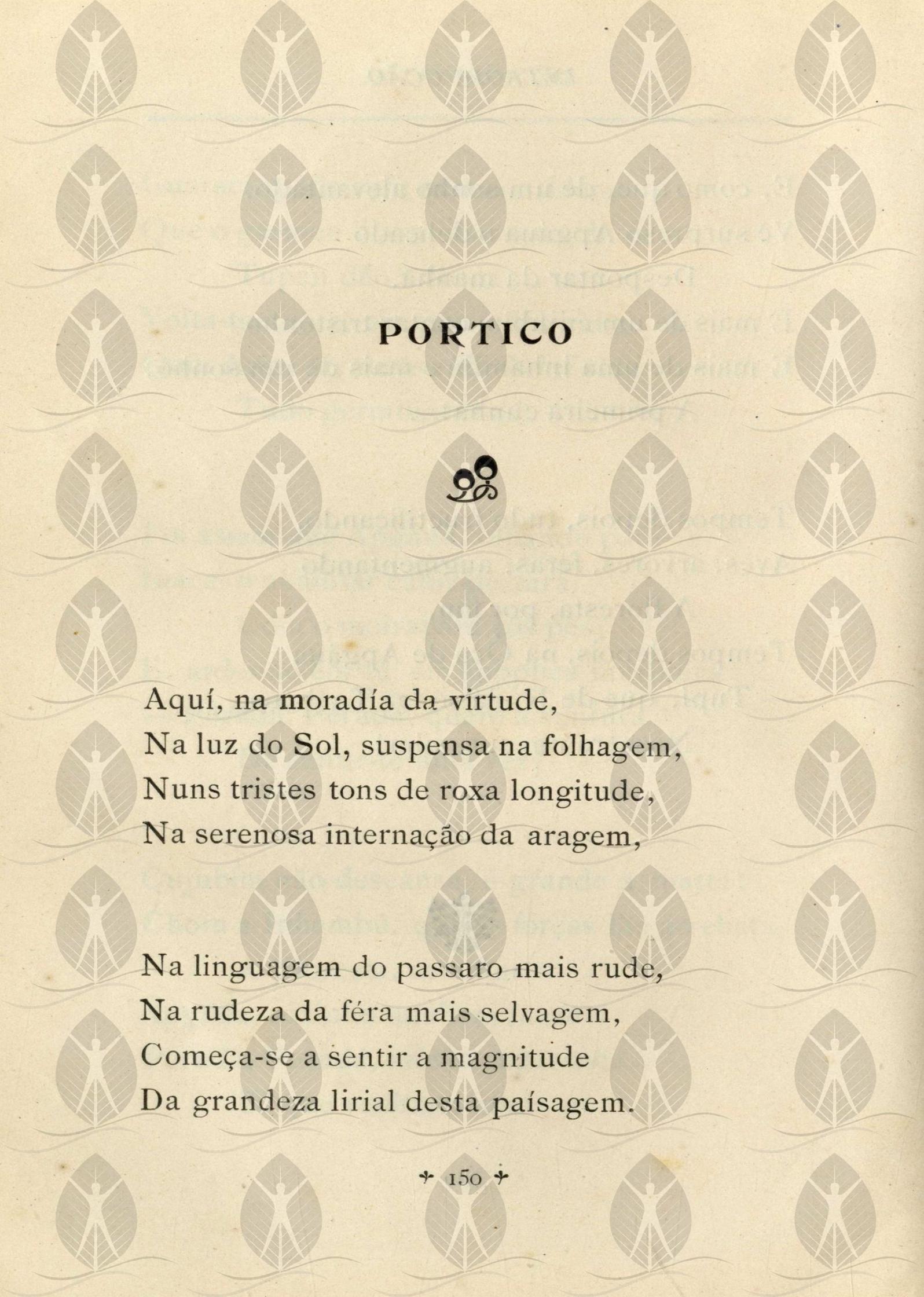


INTRODUÇÃO

---

E, como que, de um sonho alevantado,  
Vê surpreso Apgáua o delicado  
Despontar da manhã,  
E mais de um cujubim cantar tristonho  
E mais de uma inhambú e mais de um sonho:  
A primeira cunhá!...

Tempos depois, tudo fructificando,  
Aves, arvores, féras, augmentando  
A floresta, por fim,  
Tempos depois, na Óca de Apgáua  
— Tupí, que de Rudá se fez Tucháua,  
Nascera um curumim!



## PORTICO



Aquí, na moradía da virtude,  
Na luz do Sol, suspensa na folhagem,  
Nuns tristes tons de roxa longitude,  
Na serenosa internação da aragem,

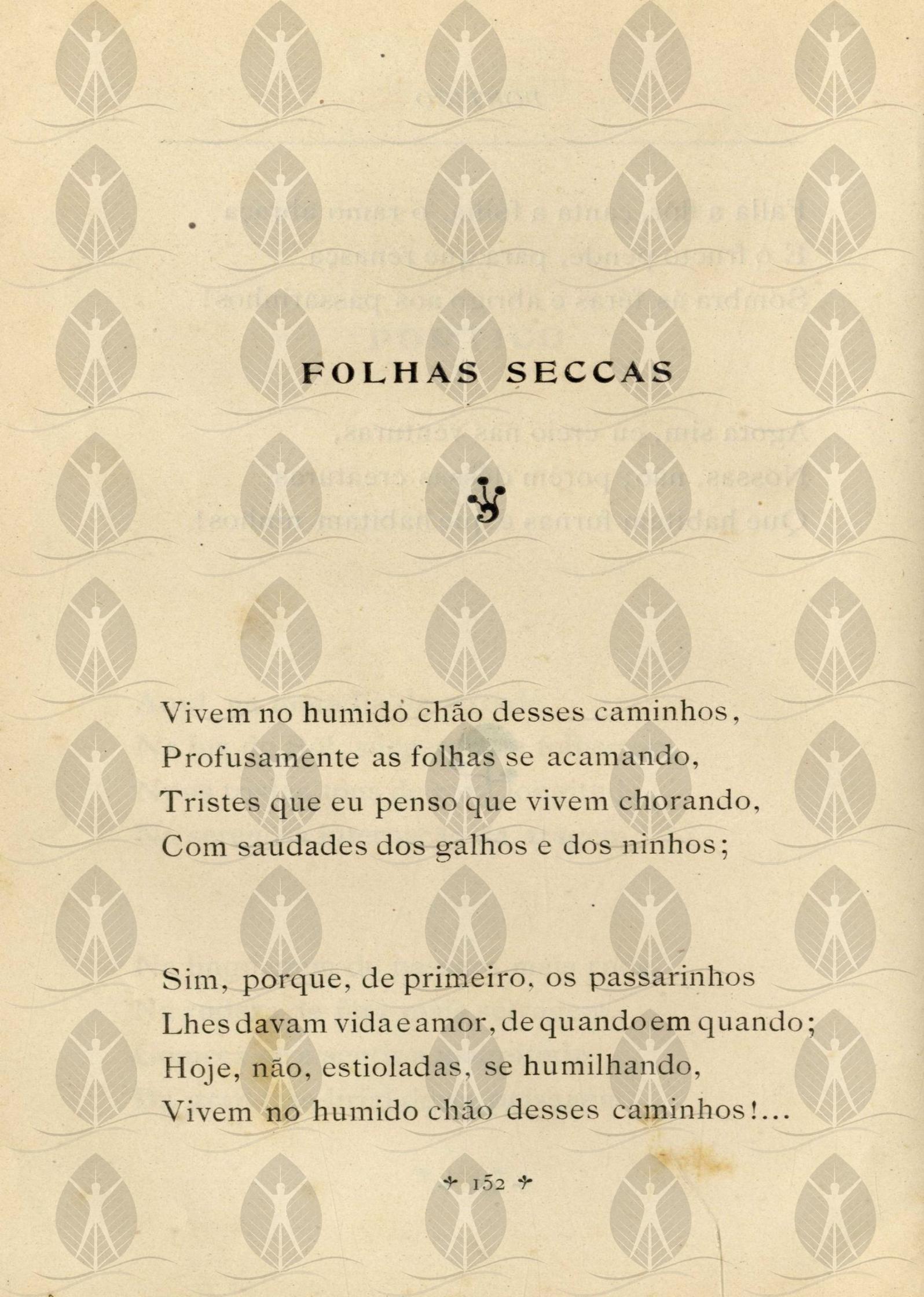
Na linguagem do passaro mais rude,  
Na rudeza da féra mais selvagem,  
Começa-se a sentir a magnitude  
Da grandeza lirial desta paisagem.

PORTICO

Falla a flôr, canta a folha, o ramo abraça  
E o fructo pende, para que renasça  
Sombra ás fêras e abrigo aos passarinhos!

Agora sim, eu creio nas venturas,  
Nossas, não; porém dessas creaturas,  
Que habitam furnas e que habitam ninhos!





## FOLHAS SECCAS

Vivem no humido chão desses caminhos,  
Profusamente as folhas se acamando,  
Tristes que eu penso que vivem chorando,  
Com saudades dos galhos e dos ninhos;

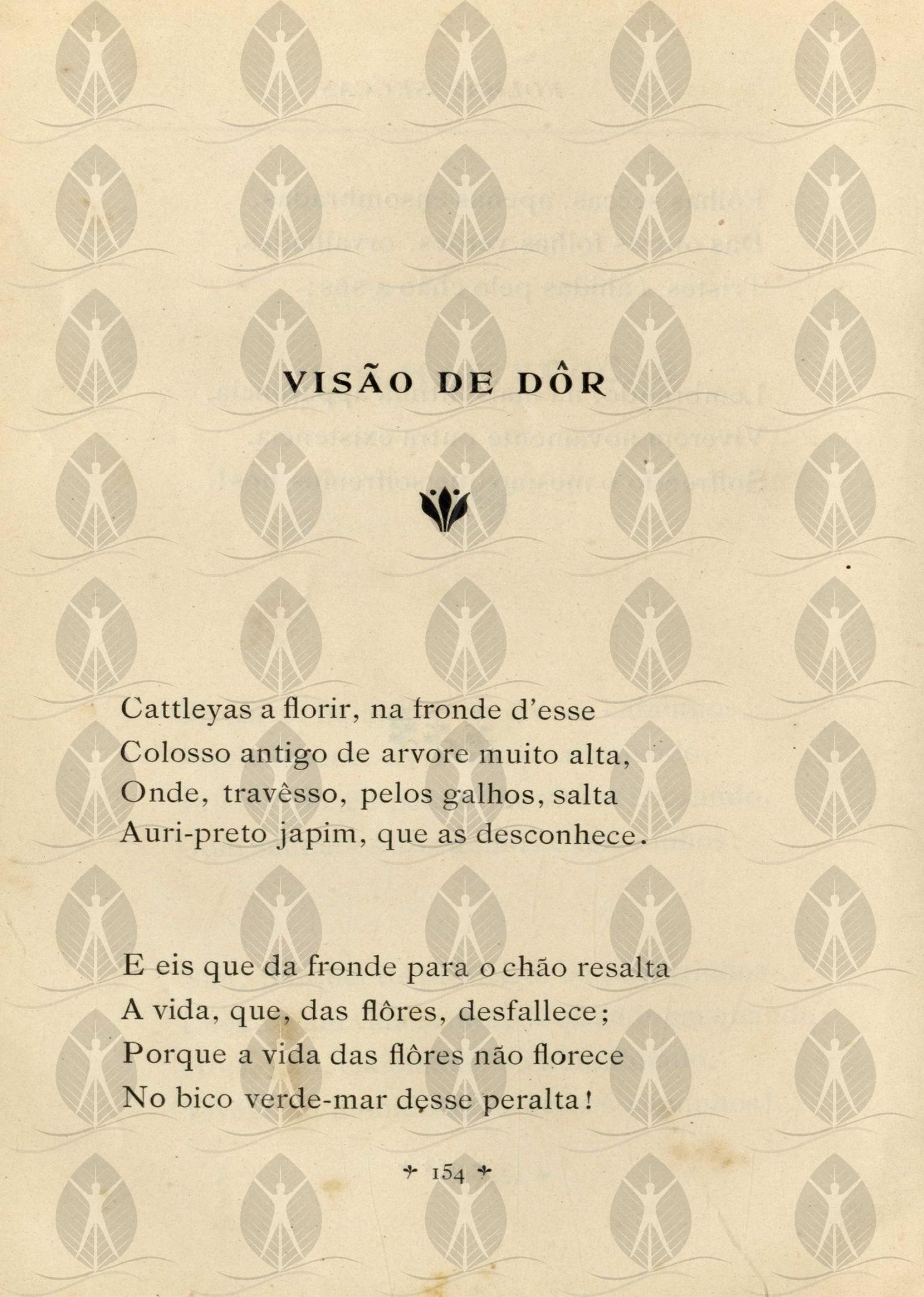
Sim, porque, de primeiro, os passarinhos  
Lhes davam vida e amor, de quando em quando;  
Hoje, não, estioladas, se humilhando,  
Vivem no humido chão desses caminhos!...

FOLHAS SECCAS

Folhas seccas, apenas ensombradas,  
Das outras folhas verdes, orvalhadas,  
Tristes, cahidas pelo chão a sós;

Lembrando, na mais íntima apparencia,  
Viverem novamente outra existencia,  
Soffrendo o mesmo que soffremos nós!...





## VISÃO DE DÔR



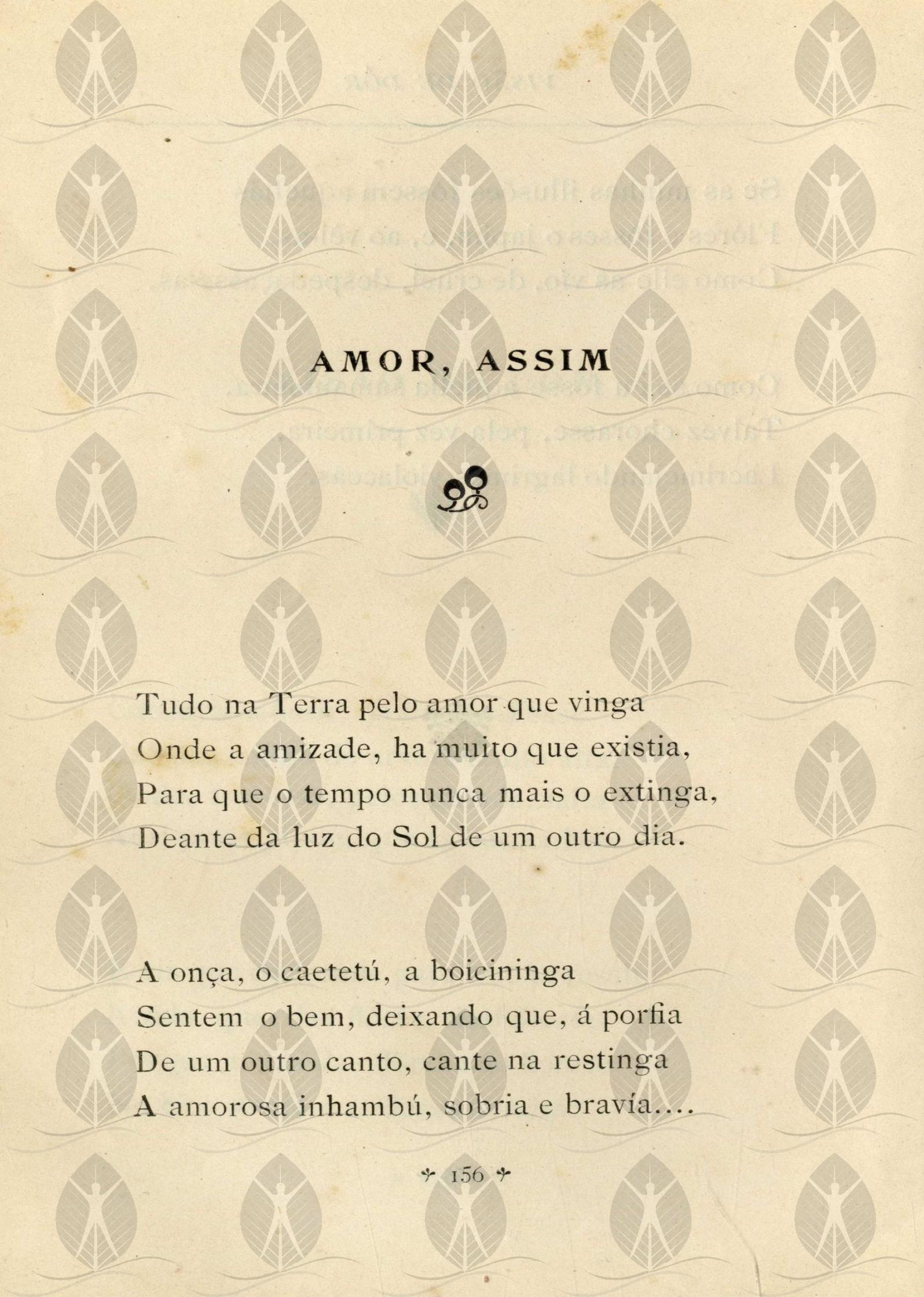
Cattleyas a florir, na fronde d'esse  
Colosso antigo de arvore muito alta,  
Onde, travêso, pelos galhos, salta  
Auri-preto japim, que as desconhece.

E eis que da fronde para o chão resalta  
A vida, que, das flôres, desfallece;  
Porque a vida das flôres não floresce  
No bico verde-mar desse peralta!

VISÃO DE DÓR

Se as minhas illusões fòssem aquellas  
Flôres e fòssem o japim, e, ao vê-las,  
Como elle as vío, de cruel, despedaçasse-as,  
Como se eu fòsse aquella samaumeira,  
Talvez chorasse, pela vez primeira,  
Lacrimando lagrimas violaceas.





## AMOR, ASSIM



Tudo na Terra pelo amor que vinga  
Onde a amizade, ha muito que existia,  
Para que o tempo nunca mais o extinga,  
Deante da luz do Sol de um outro dia.

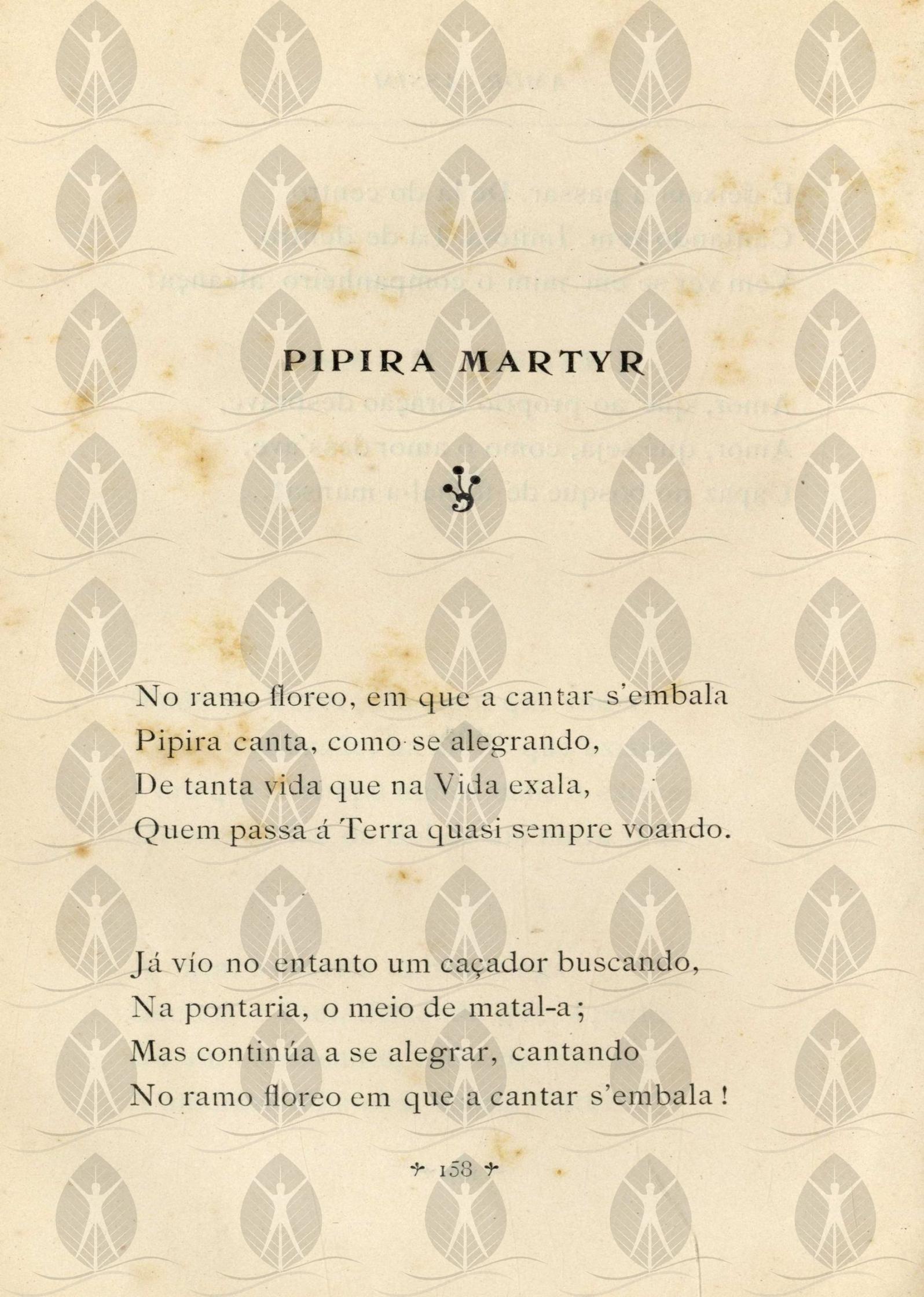
A onça, o caetetú, a boicininga  
Sentem o bem, deixando que, á porfia  
De um outro canto, cante na restinga  
A amorosa inhambú, sobria e bravía....

AMOR, ASSIM

E deixam a passar. De lá do centro  
Cantando vem. Imito-a. Lá de dentro,  
Vem ver se em mim o companheiro alcança!

Amor, que ao proprio coração desbrave,  
Amor, que seja, como o amor dess'ave,  
Capaz no bosque de tornal-a mansa!...





## PIPIRA MARTYR



No ramo floreo, em que a cantar s'embala  
Pipira canta, como se alegrando,  
De tanta vida que na Vida exala,  
Quem passa á Terra quasi sempre voando.

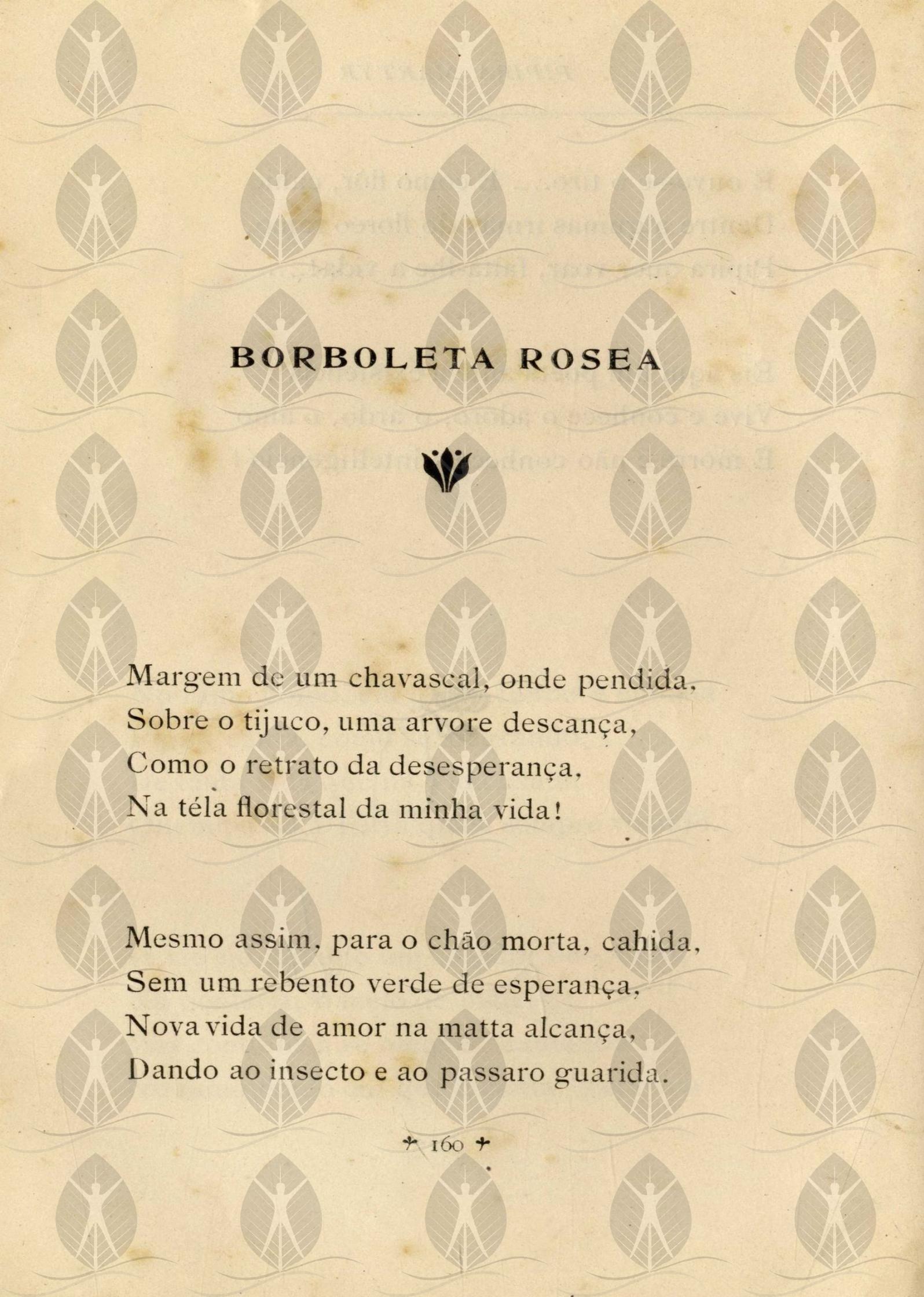
Já vío no entanto um caçador buscando,  
Na pontaria, o meio de matal-a;  
Mas continúa a se alegrar, cantando  
No ramo floreo em que a cantar s'embala !

PIPIRA MARTYR

E ouve-se o tiro.... E como flôr, cahida  
Dentre algumas irmãs do floreo ramo,  
Pipira quer voar, falta-lhe a vida!....

Eis aqui um poeta ante a existencia :  
Vive e conhece o adoro, o ardo, o amo  
E morre e não conhece a intelligencia !





## BORBOLETA ROSEA



Margem de um chavascal, onde pendida,  
Sobre o tijuco, uma arvore descança,  
Como o retrato da desesperança,  
Na téla florestal da minha vida!

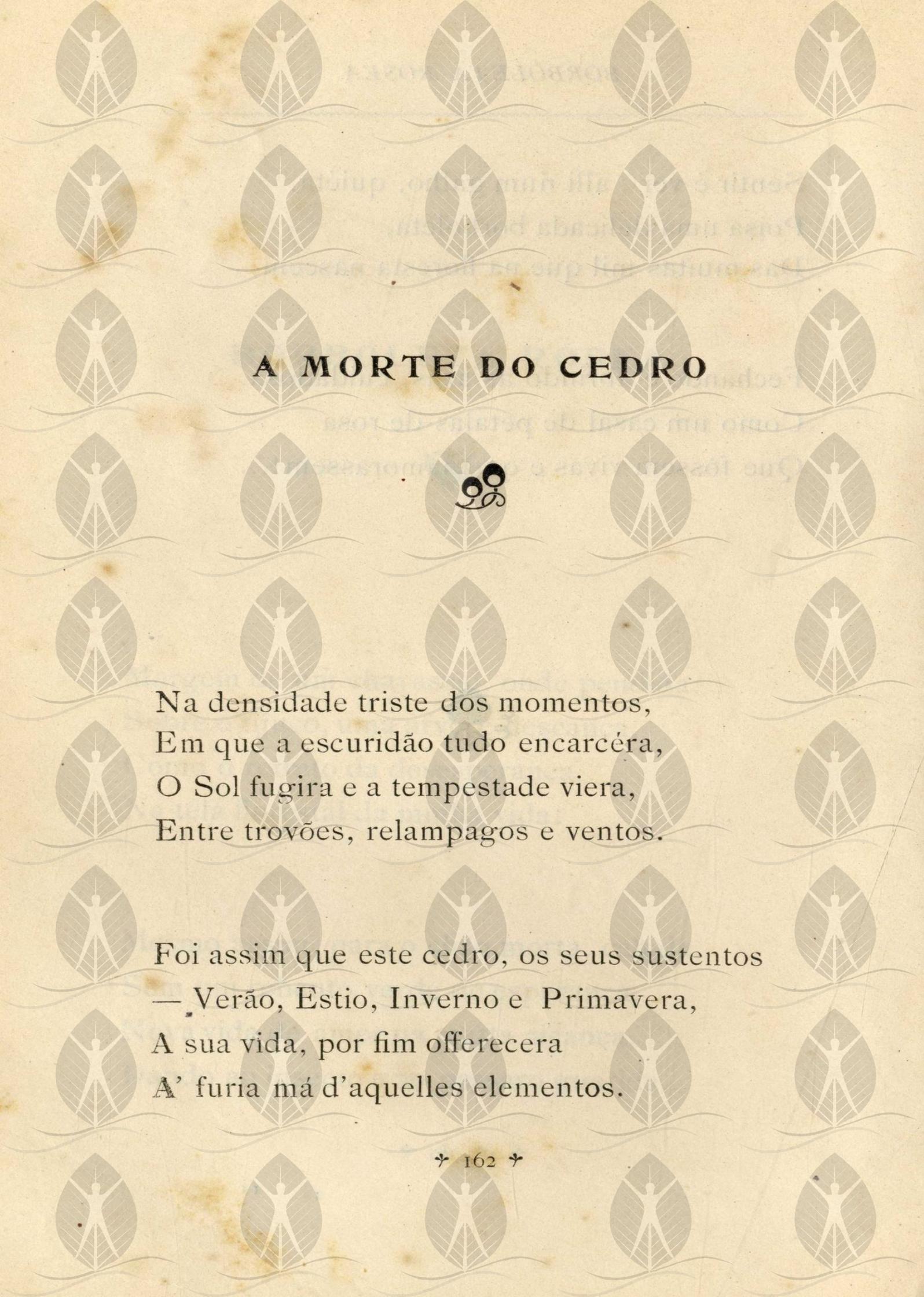
Mesmo assim, para o chão morta, cahida,  
Sem um rebento verde de esperança,  
Nova vida de amor na matta alcança,  
Dando ao insecto e ao passaro guarida.

BORBOLETA ROSEA

Sentir é ver : alli num galho, quiéta,  
Poisa uma delicada borboleta,  
Das muitas mil que na floresta nascem,

Fechando e abrindo as azas, cuidadosa,  
Como um casal de petalas de rosa  
Que fôsem vivas e que namorassem!...





## A MORTE DO CEDRO



Na densidade triste dos momentos,  
Em que a escuridão tudo encarcera,  
O Sol fugira e a tempestade viera,  
Entre trovões, relampagos e ventos.

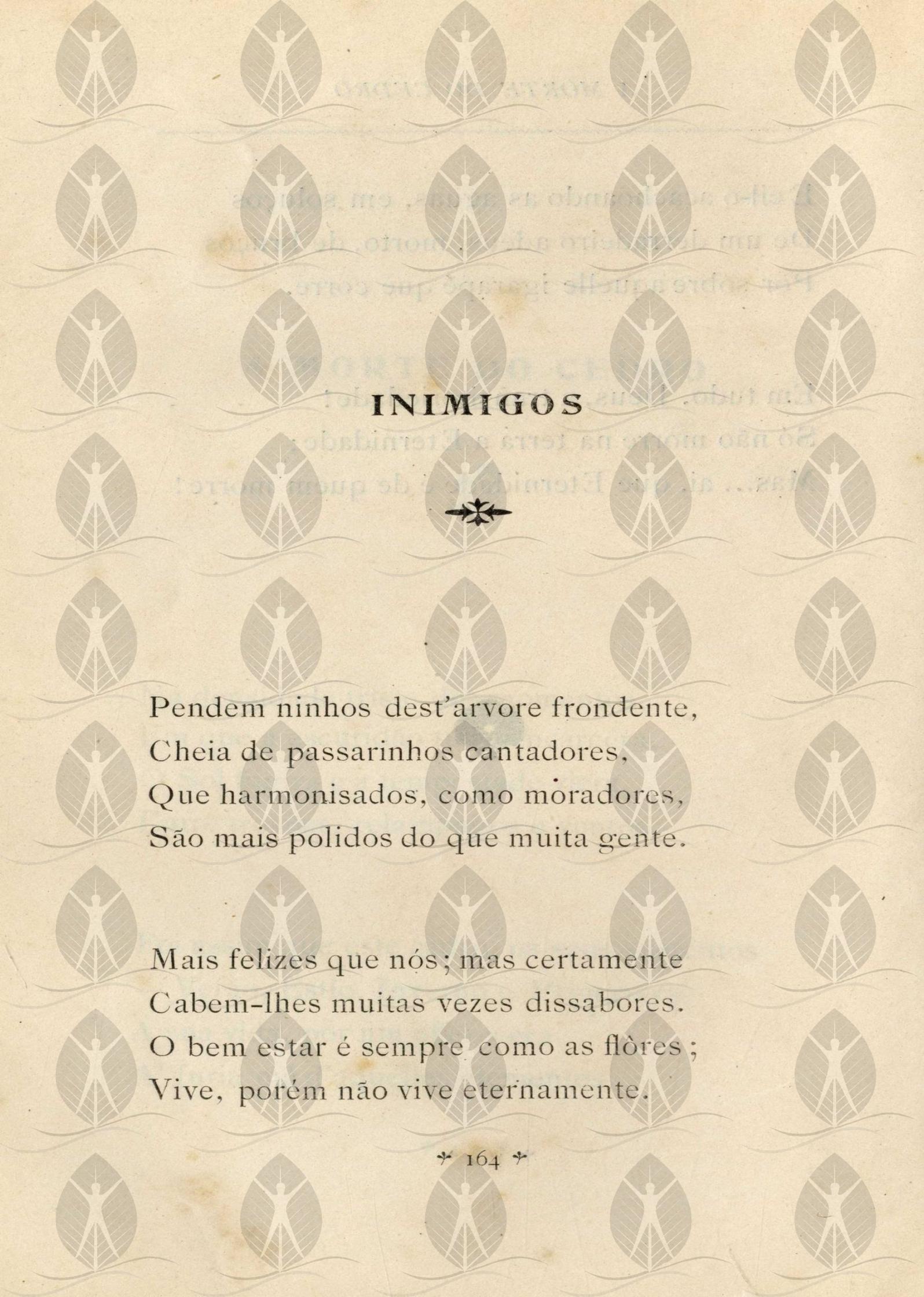
Foi assim que este cedro, os seus sustentos  
— Verão, Estio, Inverno e Primavera,  
A sua vida, por fim offerecera  
A' furia má d'aquelles elementos.

A MORTE DO CEDRO

E eil-o acachoando as aguas, em soluços  
De um derradeiro adeus, morto, de bruços  
Por sobre aquelle igarapé que corre.

Em tudo, Deus, a transitoriedade!  
Só não morre na terra a Eternidade;  
Mas... ai, que Eternidade é de quem morre!



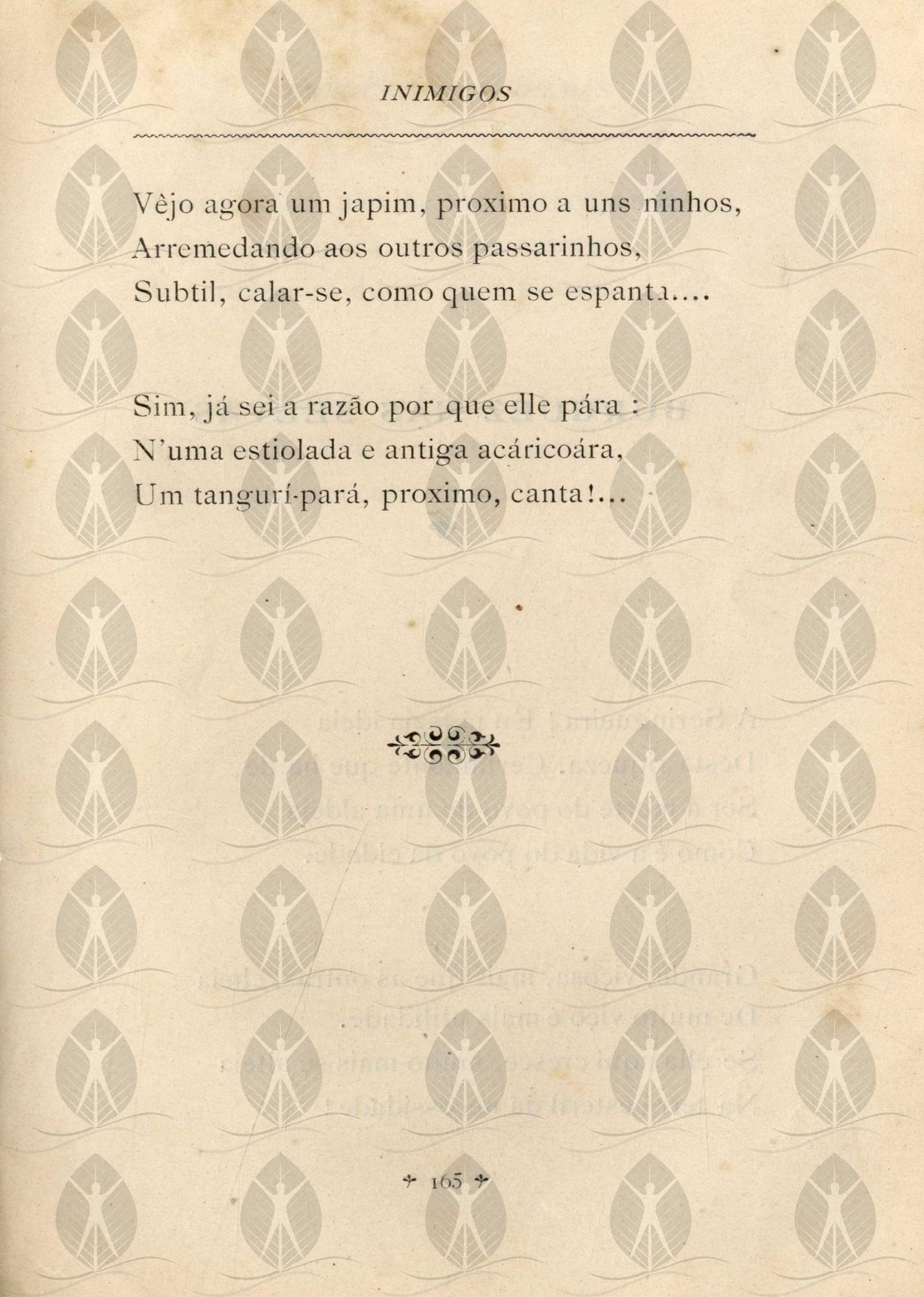


## INIMIGOS



Pendem ninhos dest'arvore frondente,  
Cheia de passarinhos cantadores,  
Que harmonisados, como moradores,  
São mais polidos do que muita gente.

Mais felizes que nós; mas certamente  
Cabem-lhes muitas vezes dissabores.  
O bem estar é sempre como as flôres;  
Vive, porém não vive eternamente.



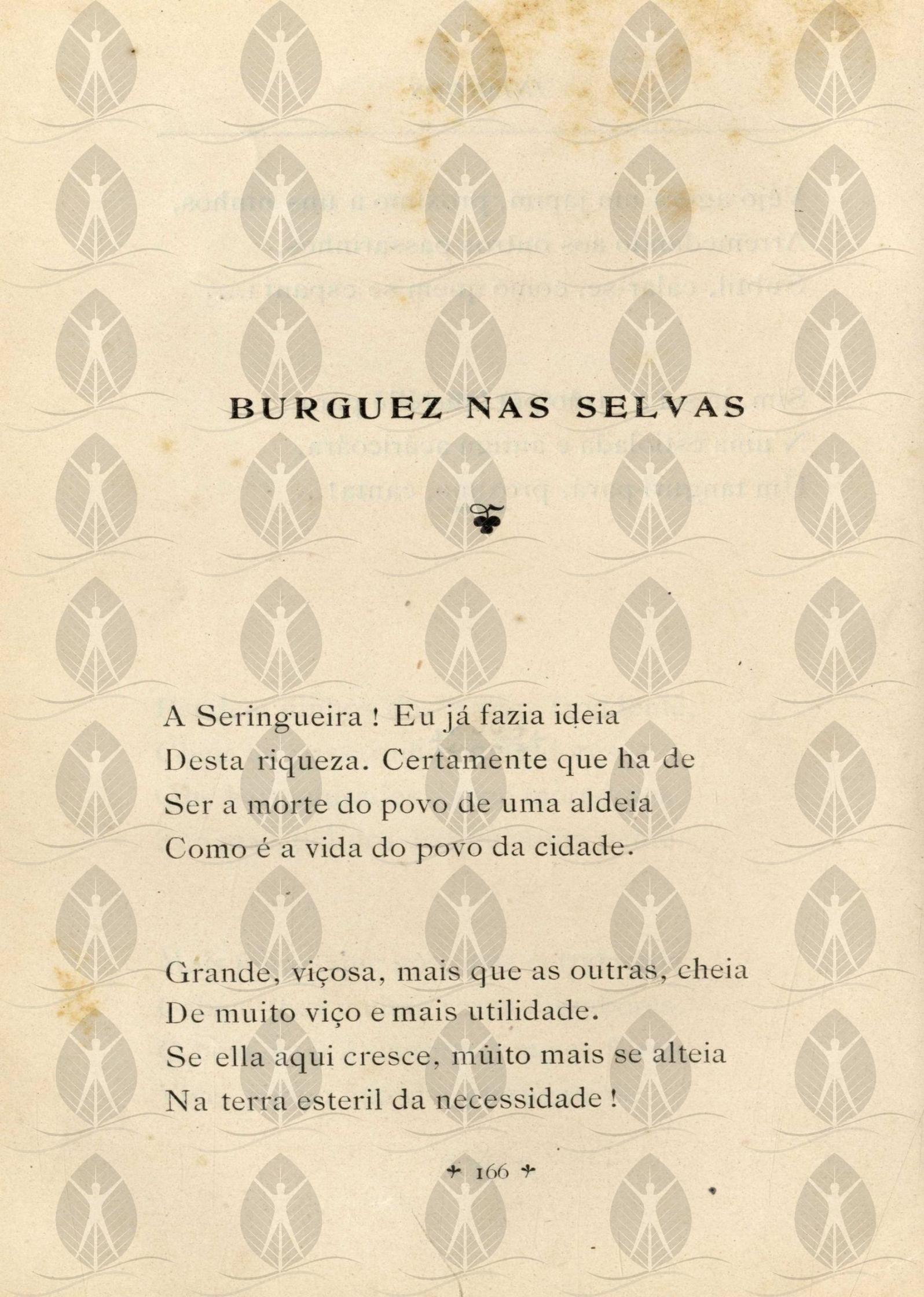
INIMIGOS

---

Vêjo agora um japim, proximo a uns ninhos,  
Arremedando aos outros passarinhos,  
Subtil, calar-se, como quem se espanta....

Sim, já sei a razão por que elle pára :  
N'uma estirolada e antiga acáricoára,  
Um tangurí-pará, proximo, canta!...





## BURGUEZ NAS SELVAS

A Seringueira ! Eu já fazia ideia  
Desta riqueza. Certamente que ha de  
Ser a morte do povo de uma aldeia  
Como é a vida do povo da cidade.

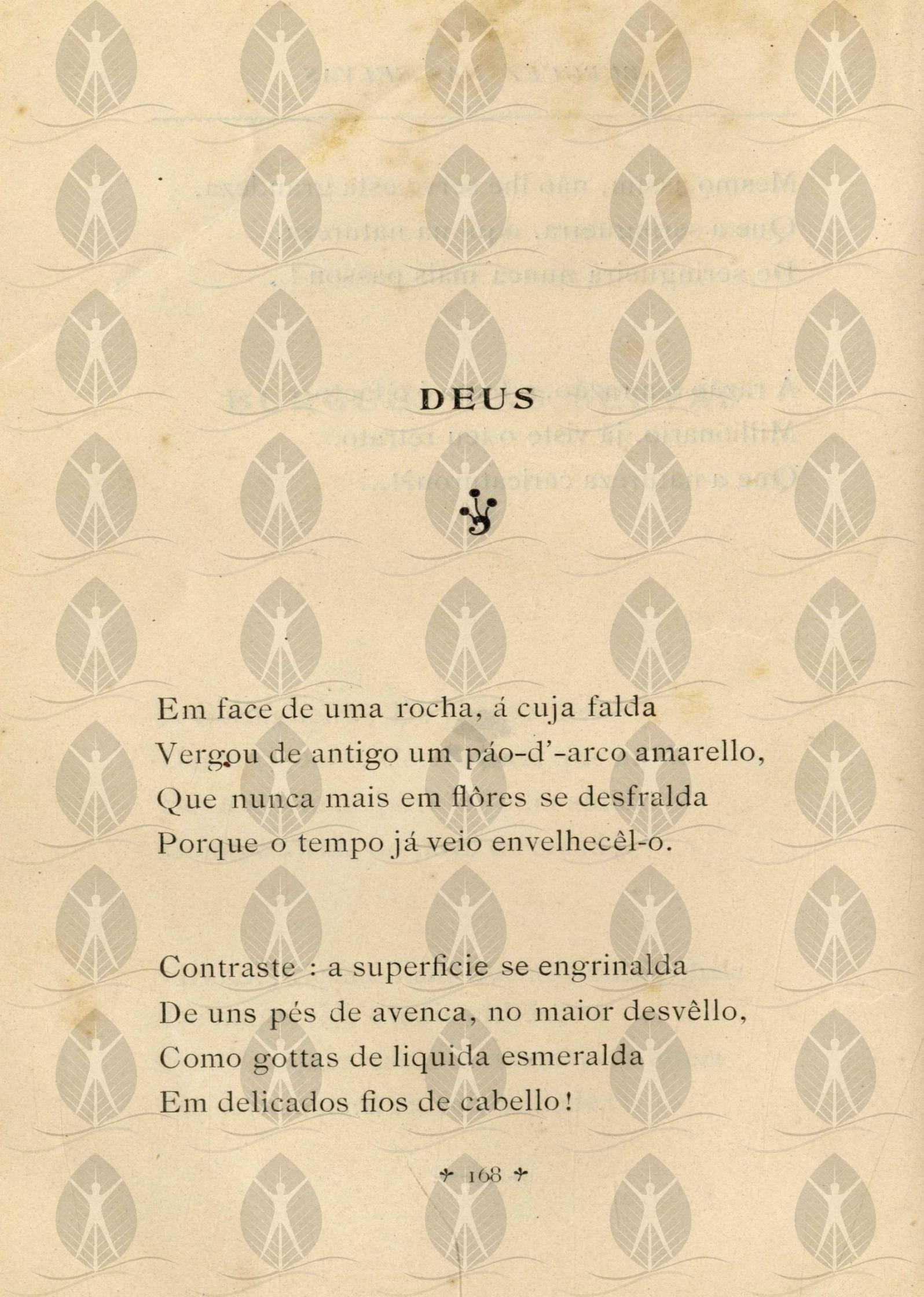
Grande, viçosa, mais que as outras, cheia  
De muito viço e mais utilidade.  
Se ella aqui cresce, muito mais se alteia  
Na terra esteril da necessidade !

BURGUEZ NAS SELVAS

Mesmo assim, não lhe serve esta grandeza,  
Que a seringueira, aqui na natureza,  
De seringueira nunca mais passou !

A razão é a razão, o facto é o facto.  
Millionario, já viste o teu retrato,  
Que a natureza caricaturou?!...





DEUS



Em face de uma rocha, á cuja falda  
Vergou de antigo um páo-d'-arco amarello,  
Que nunca mais em flôres se desfralda  
Porque o tempo já veio envelhecê-lo.

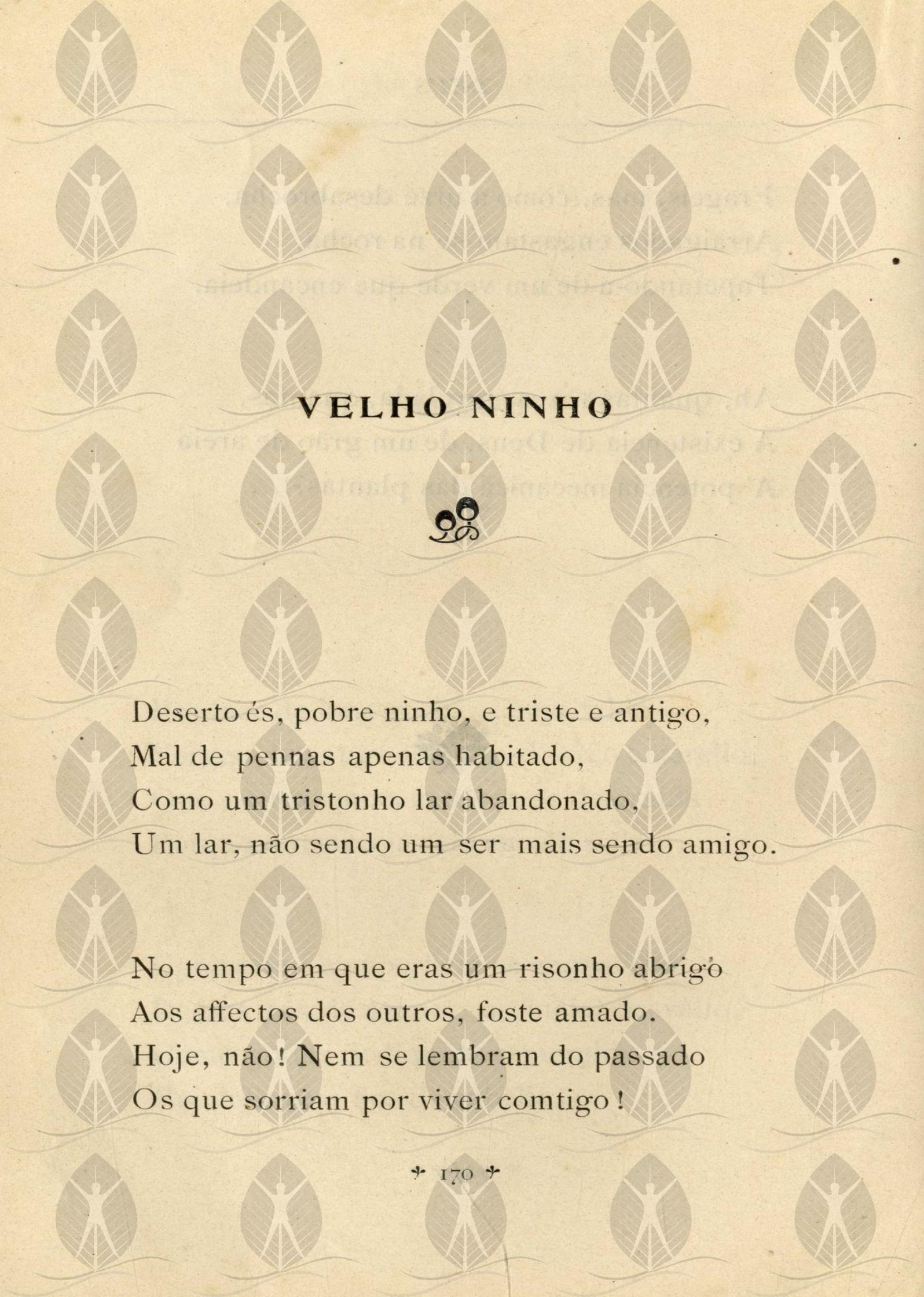
Contraste : a superficie se engrinalda  
De uns pés de avenca, no maior desvêllo,  
Como gottas de liquida esmeralda  
Em delicados fios de cabelo!

DEUS

Frageis, mas, como a urze desabrocha,  
Arraigados engastam-se na rocha,  
Tapetando-a de um verde que encandeia.

Ah, quantas vezes, revelada, quantas,  
A existencia de Deus, de um grão de areia  
A' potencia mecanica das plantas?!...





## VELHO NINHO



Deserto és, pobre ninho, e triste e antigo,  
Mal de pennas apenas habitado,  
Como um tristonho lar abandonado,  
Um lar, não sendo um ser mais sendo amigo.

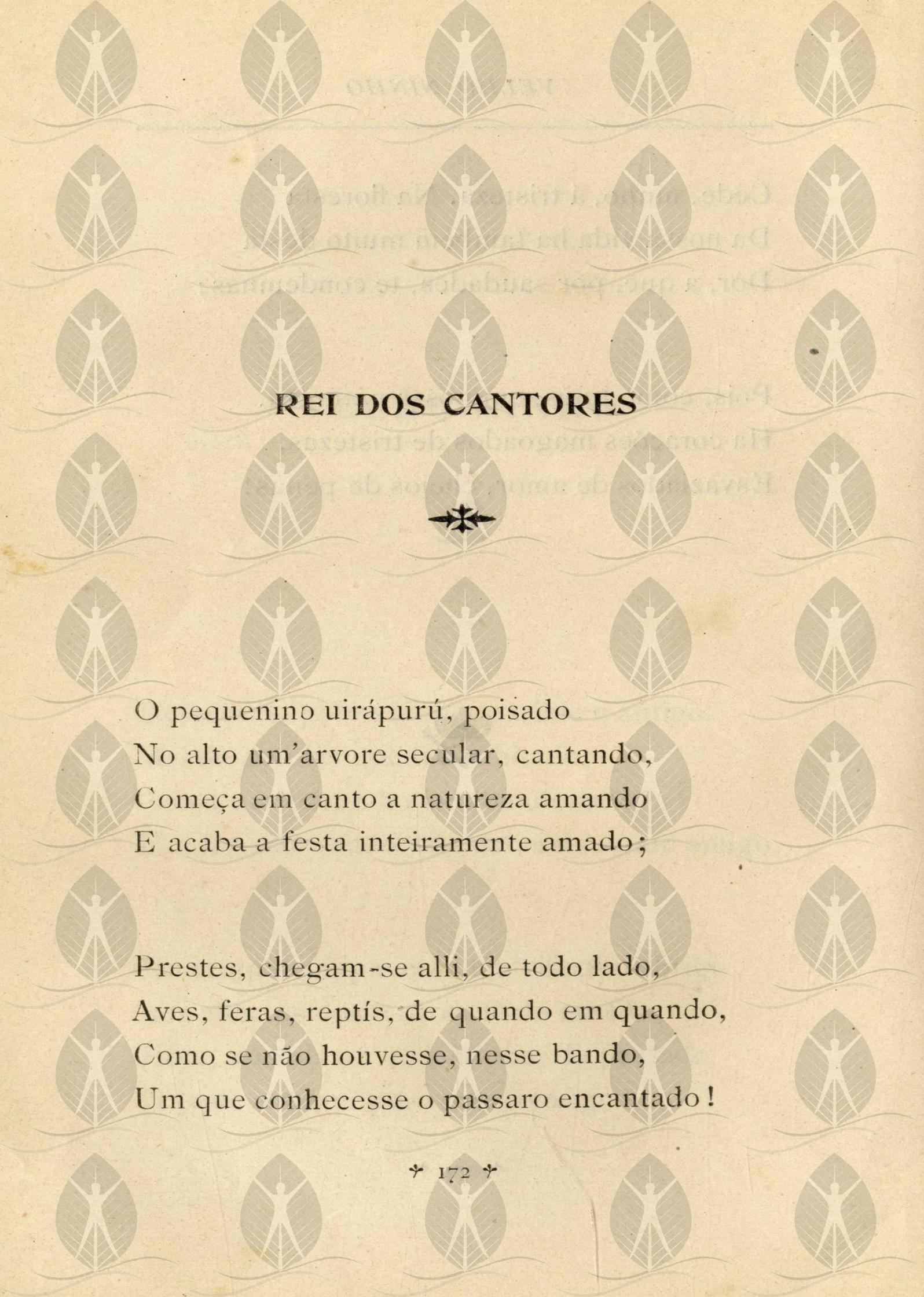
No tempo em que eras um risonho abrigó  
Aos affectos dos outros, foste amado.  
Hoje, não! Nem se lembram do passado  
Os que sorriam por viver contigo!

VELHO NINHO

Céde, ninho, á tristeza. Na floresta  
Da nossa vida ha tambem muito desta  
Dôr, a que, por saudades, te condemnas ;

Pois, como tu és, em nossa natureza,  
Ha corações magoados de tristezas,  
Esvaziados de amor, cheios de penas!





## REI DOS CANTORES

O pequenino uirápurú, poisado  
No alto um'arvore secular, cantando,  
Começa em canto a natureza amando  
E acaba a festa inteiramente amado;

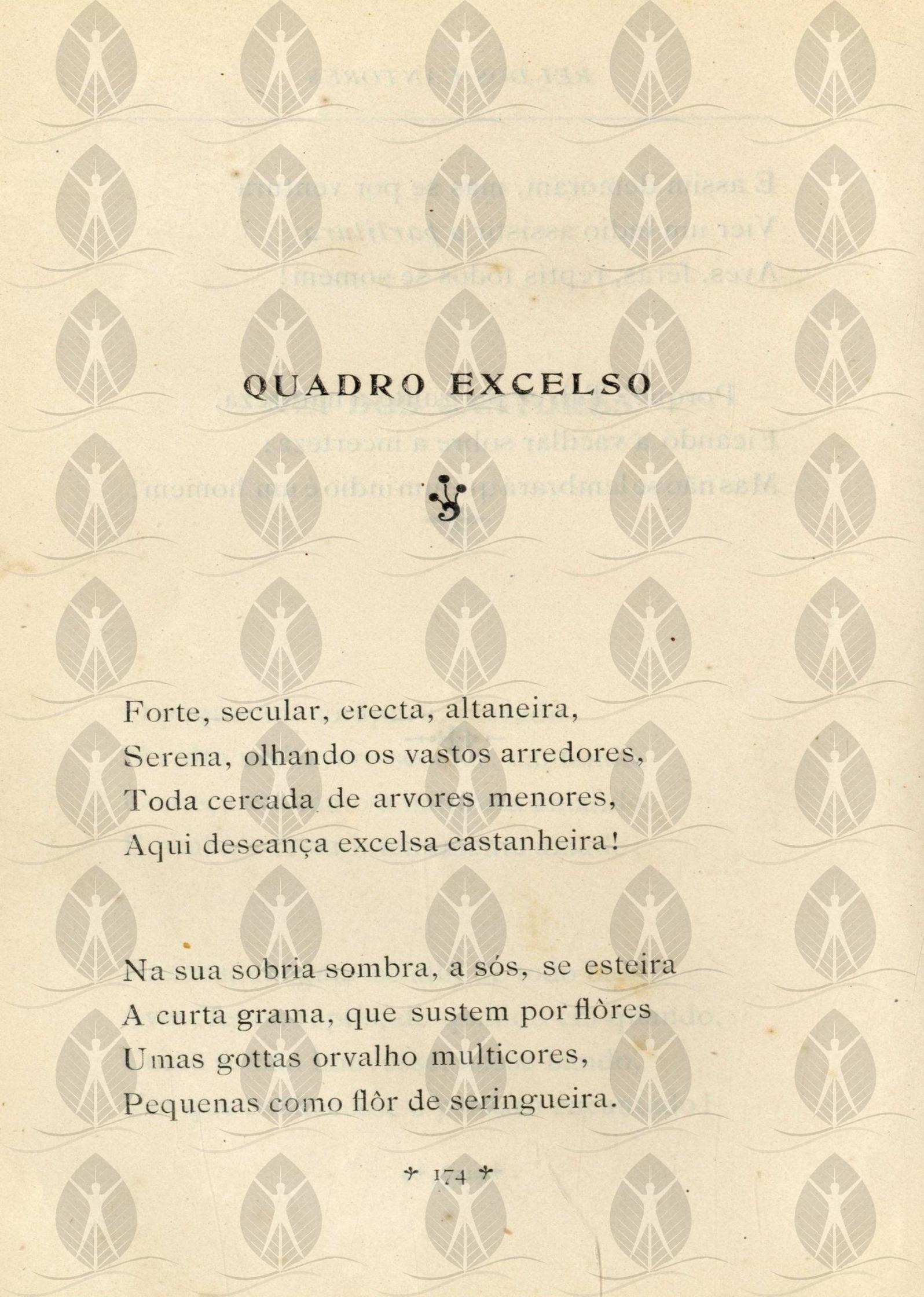
Prestes, chegam-se alli, de todo lado,  
Aves, feras, reptís, de quando em quando,  
Como se não houvesse, nesse bando,  
Um que conhecesse o passaro encantado!

REI DOS CANTORES

E assim demoram, mas se por ventura  
Vier um indio assistir a *partitura*  
Aves, feras, reptís todos se somem!

— Porque? Talvez pergunte a natureza,  
Ficando a vacillar sobre a incerteza;  
Mas não se lembrará que um indio é um homem!





## QUADRO EXCELSO

Forte, secular, erecta, altaneira,  
Serena, olhando os vastos arredores,  
Toda cercada de arvores menores,  
Aqui descansa excelsa castanheira!

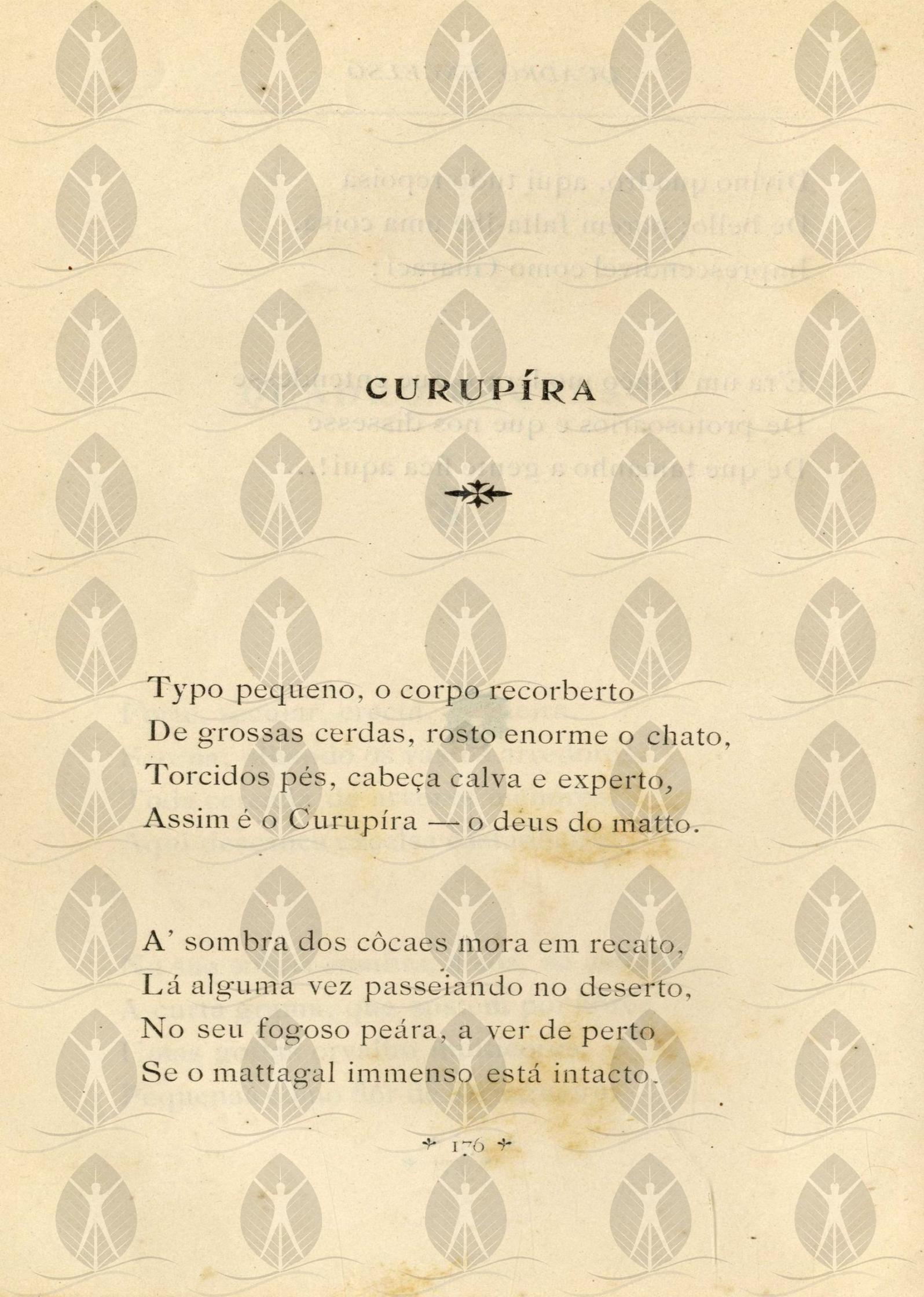
Na sua sobria sombra, a sós, se esteira  
A curta grama, que sustem por flôres  
Umás gottas orvalho multicores,  
Pequenas como flôr de seringueira.

QUADRO EXCELSO

Divino quadro, aqui tudo repouisa  
De bello; porém falta-lhe uma coisa,  
Imprescendivel como Guarací :

E'ra um Linêo moderno, que entendesse  
De protosoarios e que nos dissesse  
De que tamanho a gente fica aqui!...



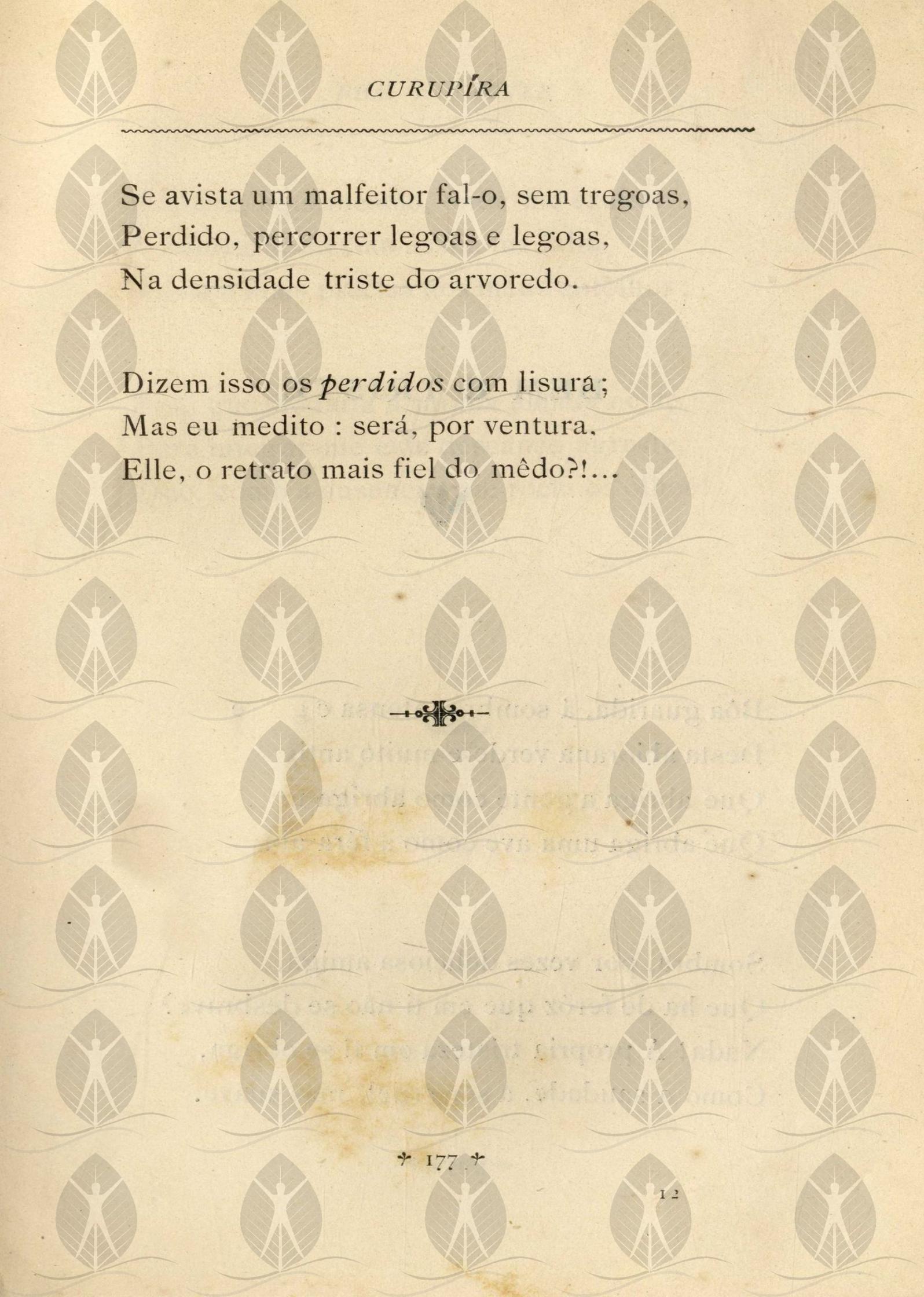


## CURUPÍRA



Typo pequeno, o corpo recorberto  
De grossas cerdas, rosto enorme o chato,  
Torcidos pés, cabeça calva e experto,  
Assim é o Curupíra — o deus do matto.

A' sombra dos côcaes mora em recato,  
Lá alguma vez passeiando no deserto,  
No seu fogo peára, a ver de perto  
Se o mattagal immenso está intacto.



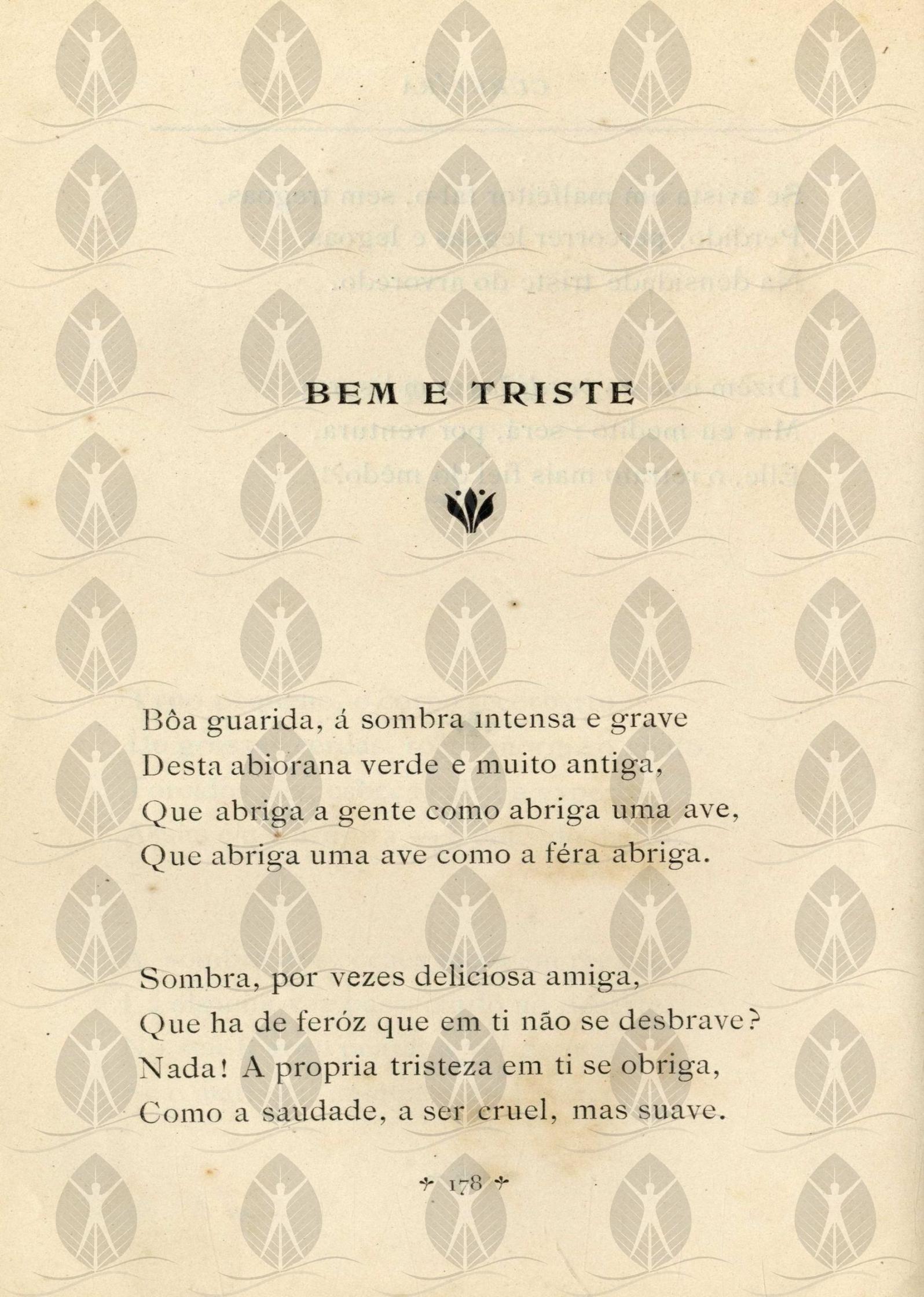
CURUPIRA

---

Se avista um malfeitor fal-o, sem tregoa,  
Perdido, percorrer legoas e legoas,  
Na densidade triste do arvoredo.

Dizem isso os *perdidos* com lisura;  
Mas eu medito : será, por ventura,  
Elle, o retrato mais fiel do mêdo?!...





**BEM E TRISTE**

Bôa guarida, á sombra intensa e grave  
Desta abiorana verde e muito antiga,  
Que abriga a gente como abriga uma ave,  
Que abriga uma ave como a féra abriga.

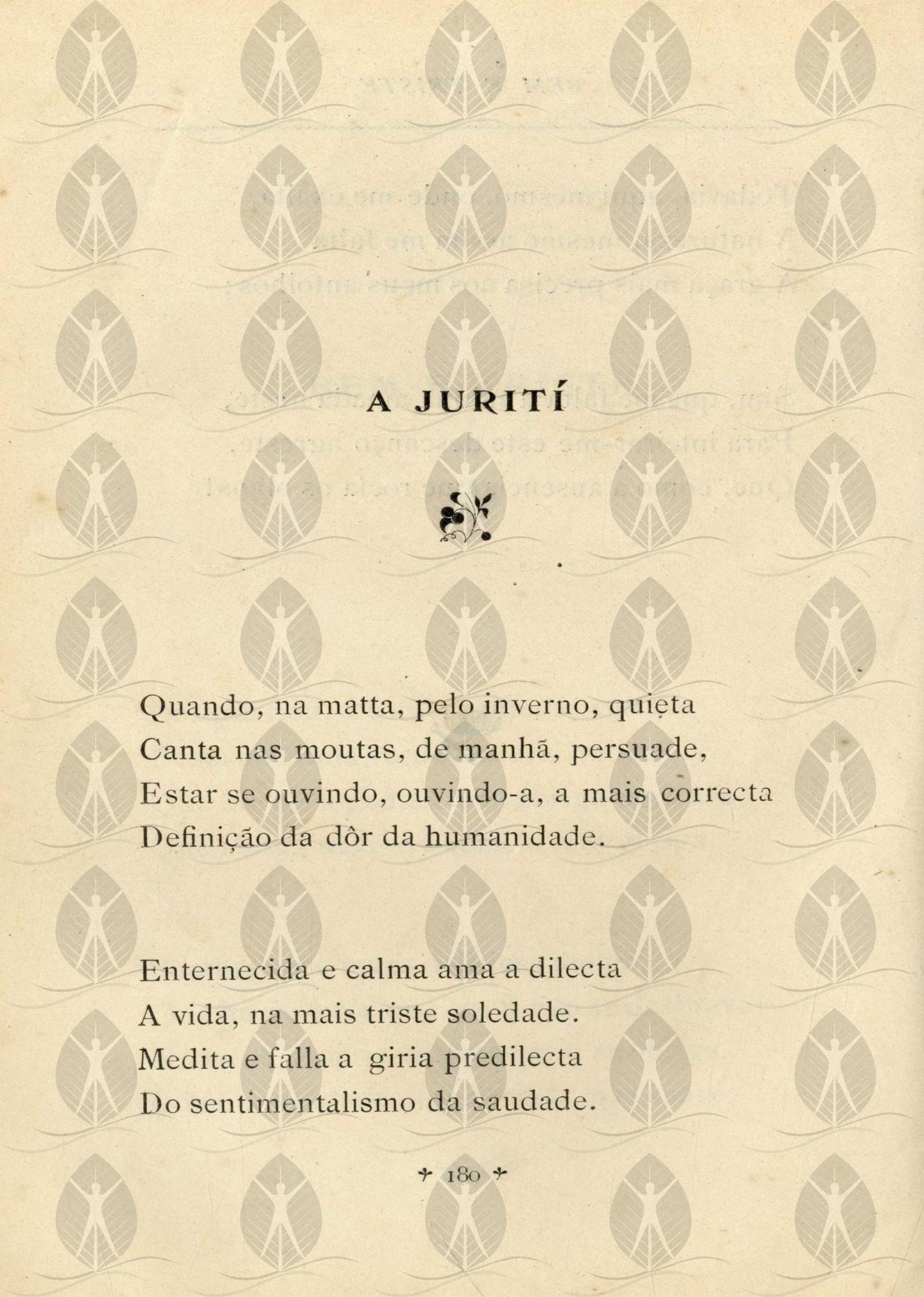
Sombra, por vezes deliciosa amiga,  
Que ha de feróz que em ti não se desbrave?  
Nada! A propria tristeza em ti se obriga,  
Como a saudade, a ser cruel, mas suave.

*BEM E TRISTE*

Todavia, aqui mesmo, onde me exalta,  
A natureza, mesmo assim me falta  
A graça mais precisa aos meus antolhos ;

Sim, que me falta a minha amada neste,  
Para inteirar-me este descanso agreste,  
Que, como a ausencia, me rocía os olhos!





## A JURITÍ



Quando, na matta, pelo inverno, quieta  
Canta nas moutas, de manhã, persuade,  
Estar se ouvindo, ouvindo-a, a mais correcta  
Definição da dôr da humanidade.

Enternecida e calma ama a dilecta  
A vida, na mais triste soledade.  
Medita e falla a giria predilecta  
Do sentimentalismo da saudade.

A JURITÍ

Diz-nos a Jurití, quanta docura,  
Toda a sua ventura e desventura,  
Num breve arrulho, onde a tristeza poisa!

Não tem que vêr o coração da gente:  
Na doce paz, sentenciosamente,  
Com uma pancada só diz tanta coisa!!



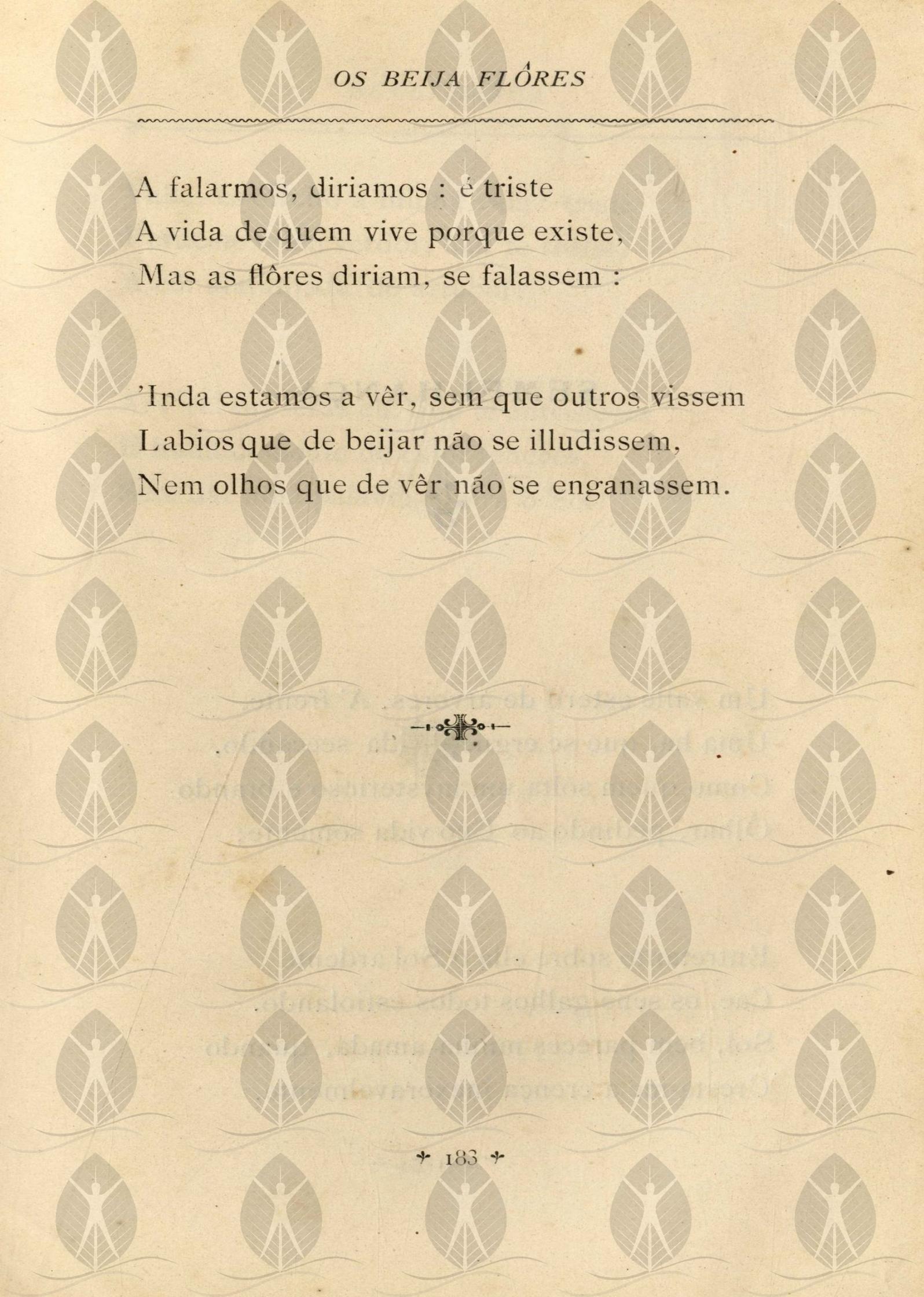


## OS BEIJA-FLÔRES



Dizem que os colibrís são beija-flôres,  
Que as flôres beijam cariciosamente!  
Aqui os vêjo, nesta arvore frondente,  
A mais florída desses arredores.

Fingem que as beijam, mas de enganadores,  
Nesse adejar subtil e permanente,  
Furtam-lhes sabia e cautelosamente,  
O nectar, como a luz lhes furta as côres.

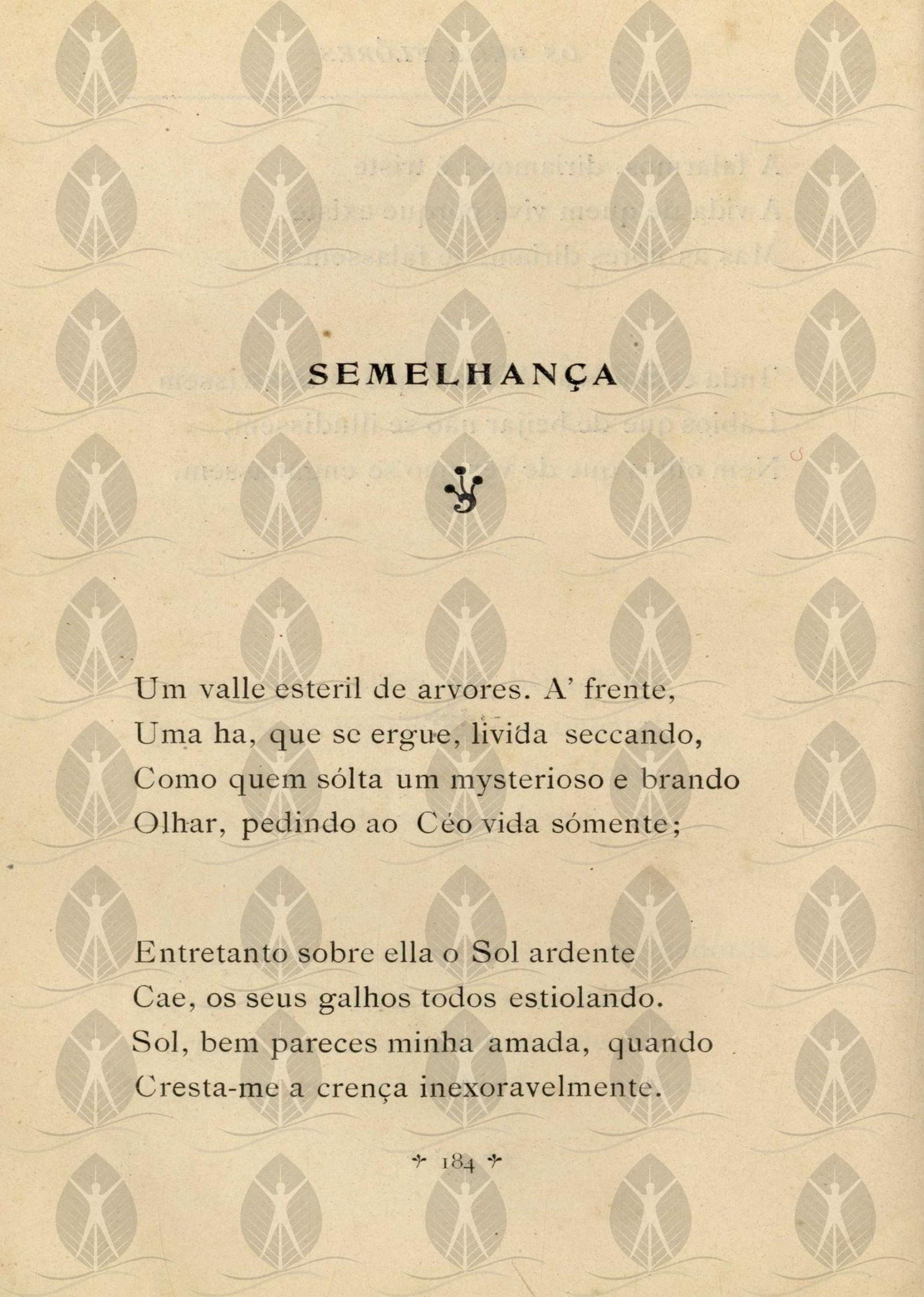


OS BEIJA FLÔRES

A falarmos, diríamos : é triste  
A vida de quem vive porque existe,  
Mas as flôres diriam, se falassem :

'Inda estamos a vêr, sem que outros vissem  
Labios que de beijar não se illudissem,  
Nem olhos que de vêr não se enganassem.





## SEMELHANÇA



Um valle esteril de arvores. A' frente,  
Uma ha, que se ergue, livida seccando,  
Como quem sólta um mysterioso e brando  
Olhar, pedindo ao Céu vida sómente;

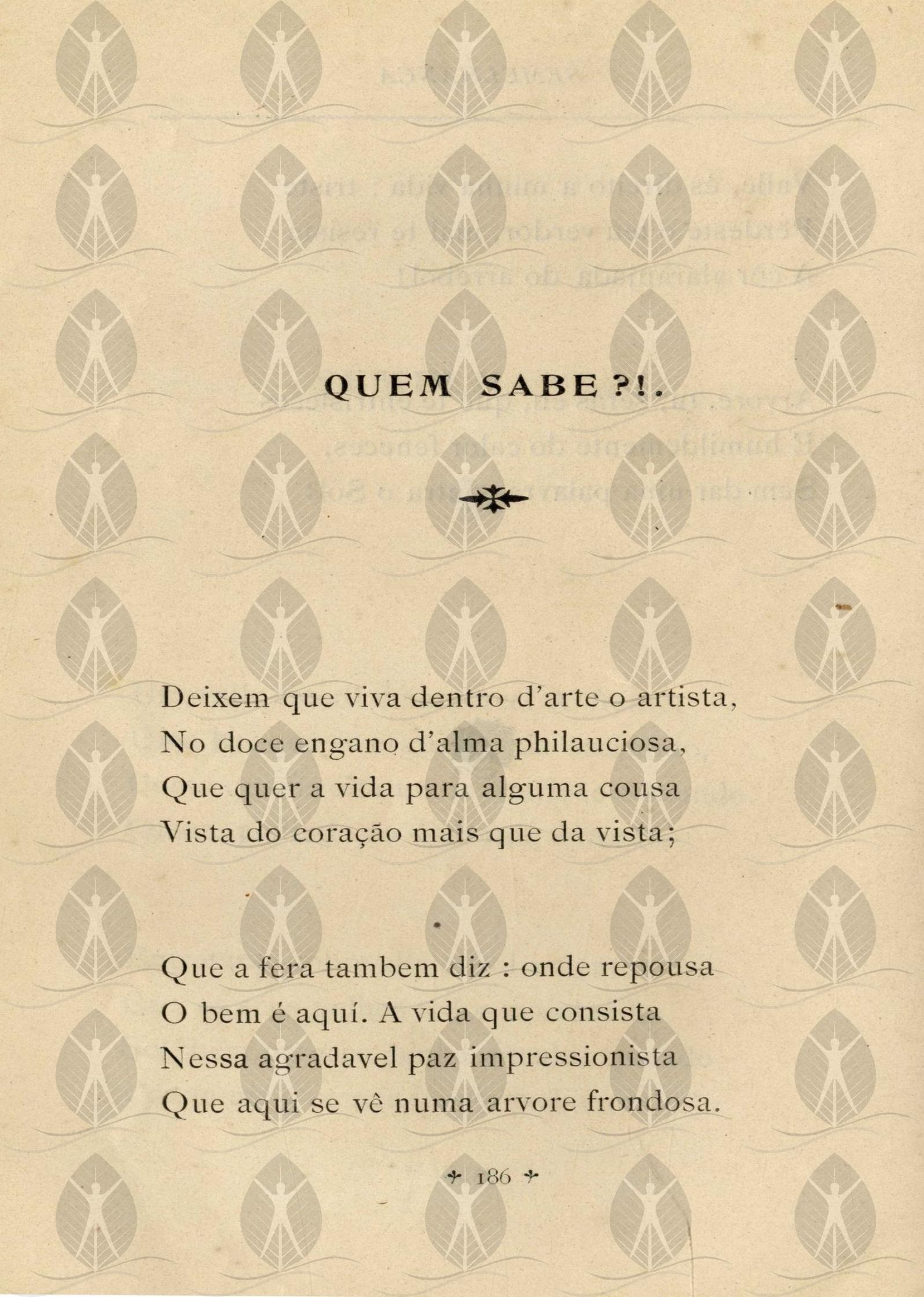
Entretanto sobre ella o Sol ardente  
Cae, os seus galhos todos estioloando.  
Sol, bem pareces minha amada, quando  
Cresta-me a crença inexoravelmente.

SEMELHANÇA

Valle, és direito a minha vida : triste  
Perdeste o teu verdor, mal te resiste  
A côr alaranjada do arrebol!

Arvore, tu, serás eu, que te entristeces  
E humildemente do calor feneces,  
Sem dar uma palavra contra o Sol!





**QUEM SABE ?!**

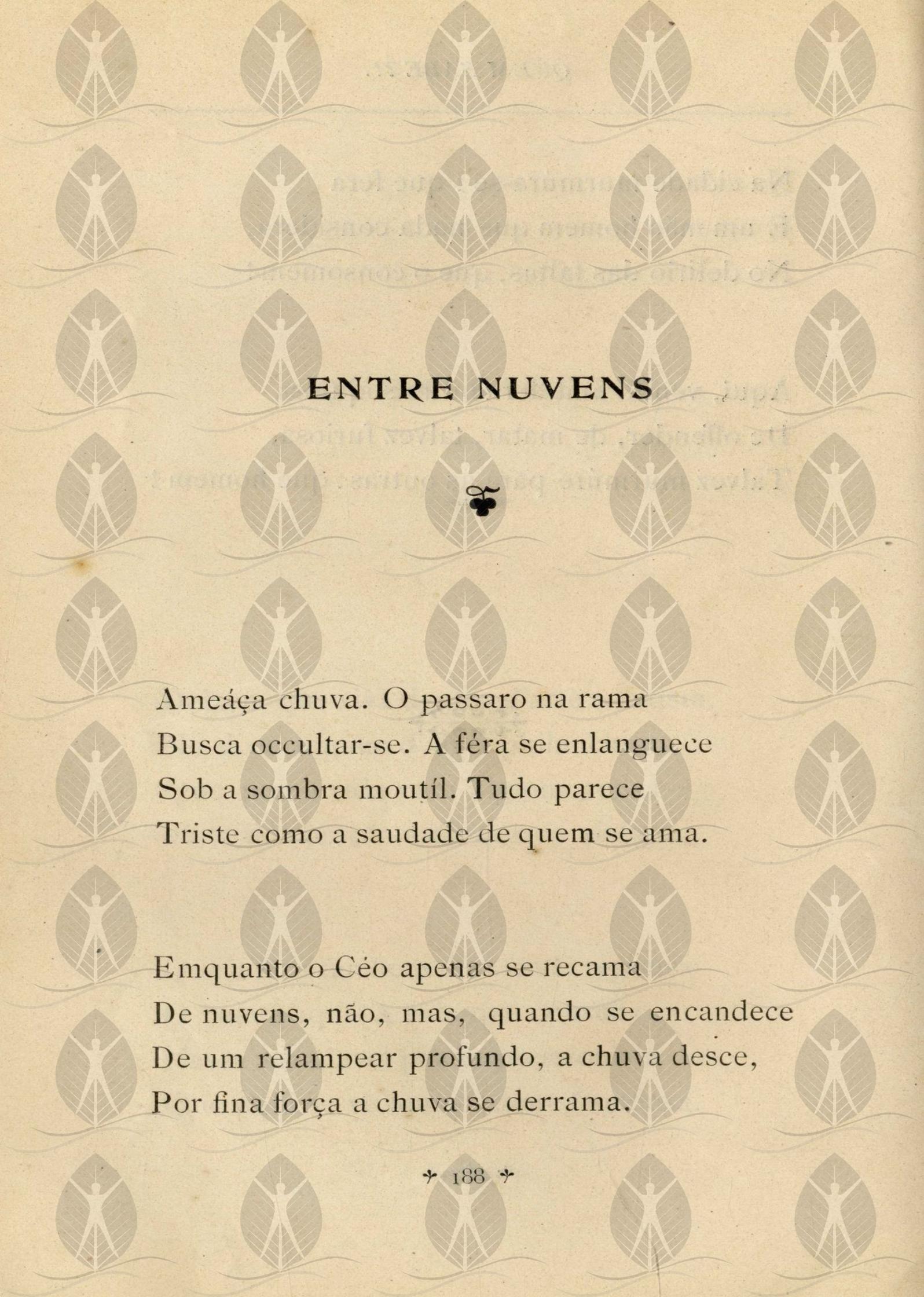
Deixem que viva dentro d'arte o artista,  
No doce engano d'alma philauciosa,  
Que quer a vida para alguma coisa  
Vista do coração mais que da vista;

Que a fera tambem diz : onde repousa  
O bem é aquí. A vida que consista  
Nessa agradavel paz impressionista  
Que aqui se vê numa arvore frondosa.

Na cidade murmúra-se : que fera  
E um máo homem que nada considera,  
No delirio das faltas, que o consomem !

Aquí, vendo uma fera outra sequiosa  
De offender, de matar, talvez furiosa,  
Talvez murmúre para as outras : que homem !





## ENTRE NUVENS

Ameação chuva. O passaro na rama  
Busca occultar-se. A féra se enlanguece  
Sob a sombra mouíl. Tudo parece  
Triste como a saudade de quem se ama.

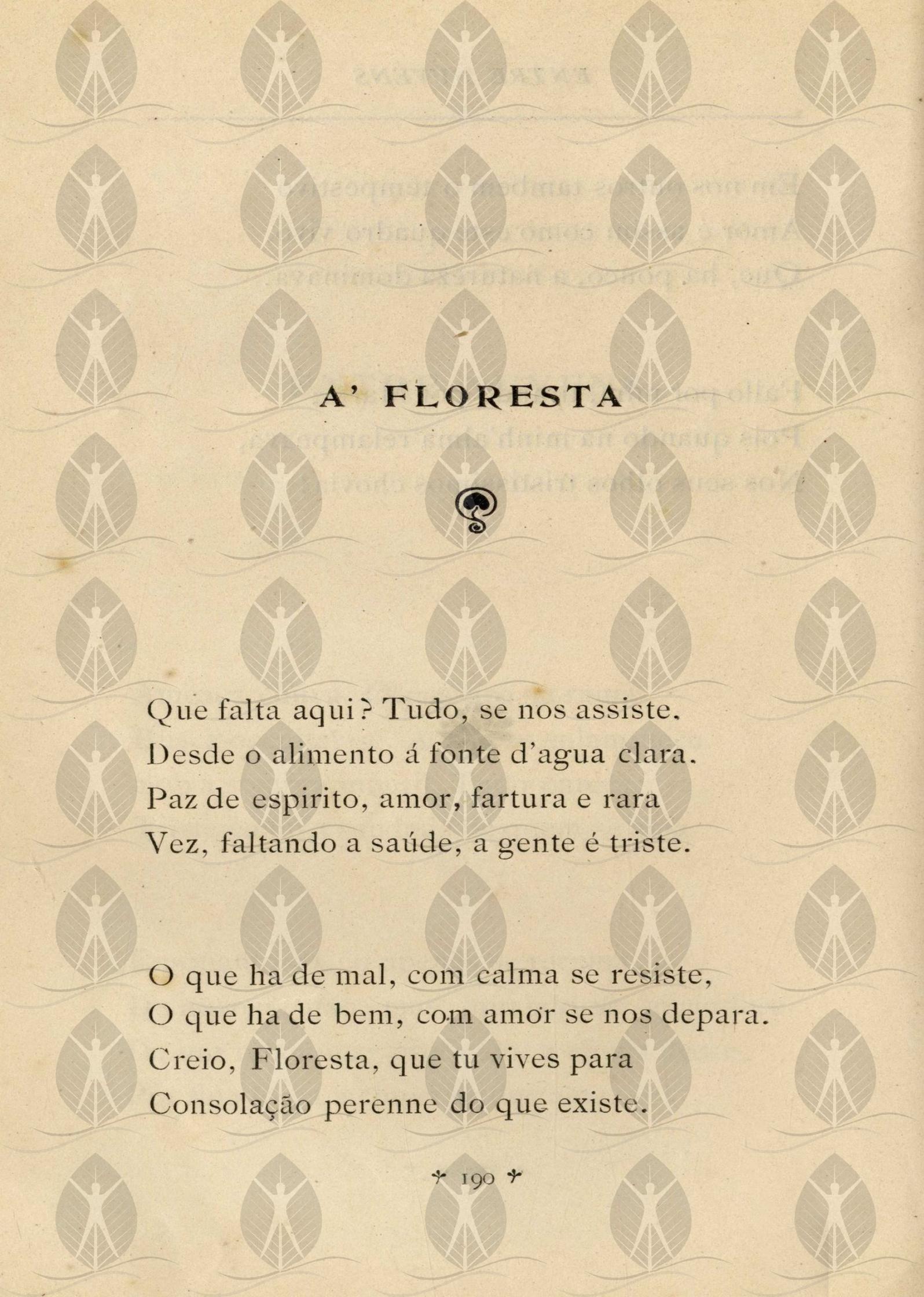
Emquanto o Céu apenas se recama  
De nuvens, não, mas, quando se encandece  
De um relampear profundo, a chuva desce,  
Por fina força a chuva se derrama.

ENTRE NUVENS

Em nós outros também o tempestivo  
Amor é assim como este quadro vivo,  
Que, ha pouco, a natureza dominava.

Fallo por mim, tirando por Maria;  
Pois quando na minh'alma relampeava,  
Nos seus olhos tristissimos chovia!





## A' FLORESTA



Que falta aqui? Tudo, se nos assiste,  
Desde o alimento á fonte d'agua clara.  
Paz de espirito, amor, fartura e rara  
Vez, faltando a saúde, a gente é triste.

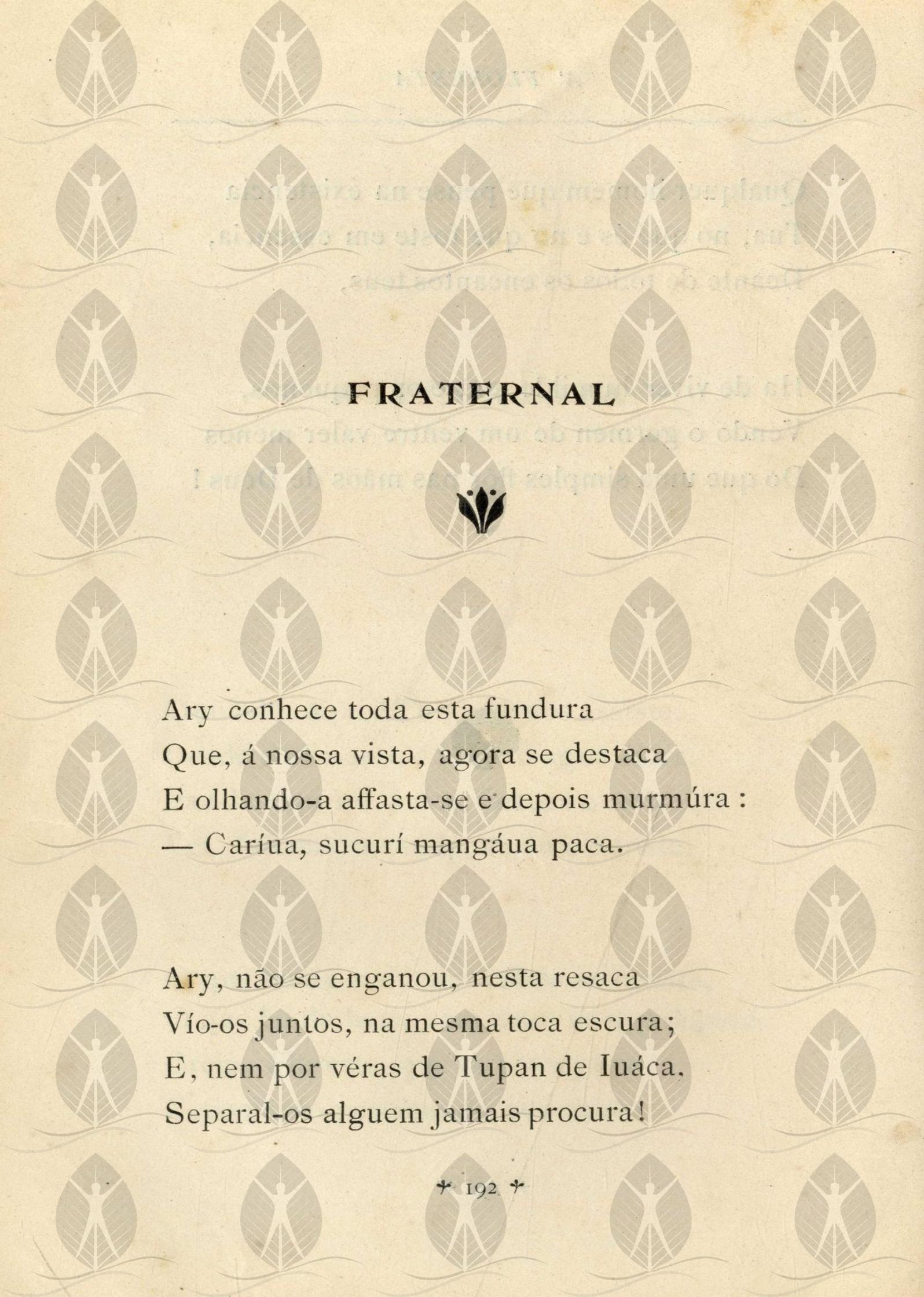
O que ha de mal, com calma se resiste,  
O que ha de bem, com amor se nos depara.  
Creio, Floresta, que tu vives para  
Consolação perenne do que existe.

A' FLORESTA

Qualquer homem que pense na existencia  
Tua, no que és e no que foste em essencia,  
Deante de todos os encantos teus,

Ha de viver humilde, entre os pequenos,  
Vendo o germen de um ventre valer menos  
Do que uma simples flôr nas mãos de Deus !





## FRATERNAL



Ary conhece toda esta fundura  
Que, á nossa vista, agora se destaca  
E olhando-a affasta-se e depois murmúra :  
— Cariúa, sucurí mangáua paca.

Ary, não se enganou, nesta resaca  
Vio-os juntos, na mesma toca escura;  
E, nem por véras de Tupan de Iuáca,  
Separal-os alguém jamais procura!

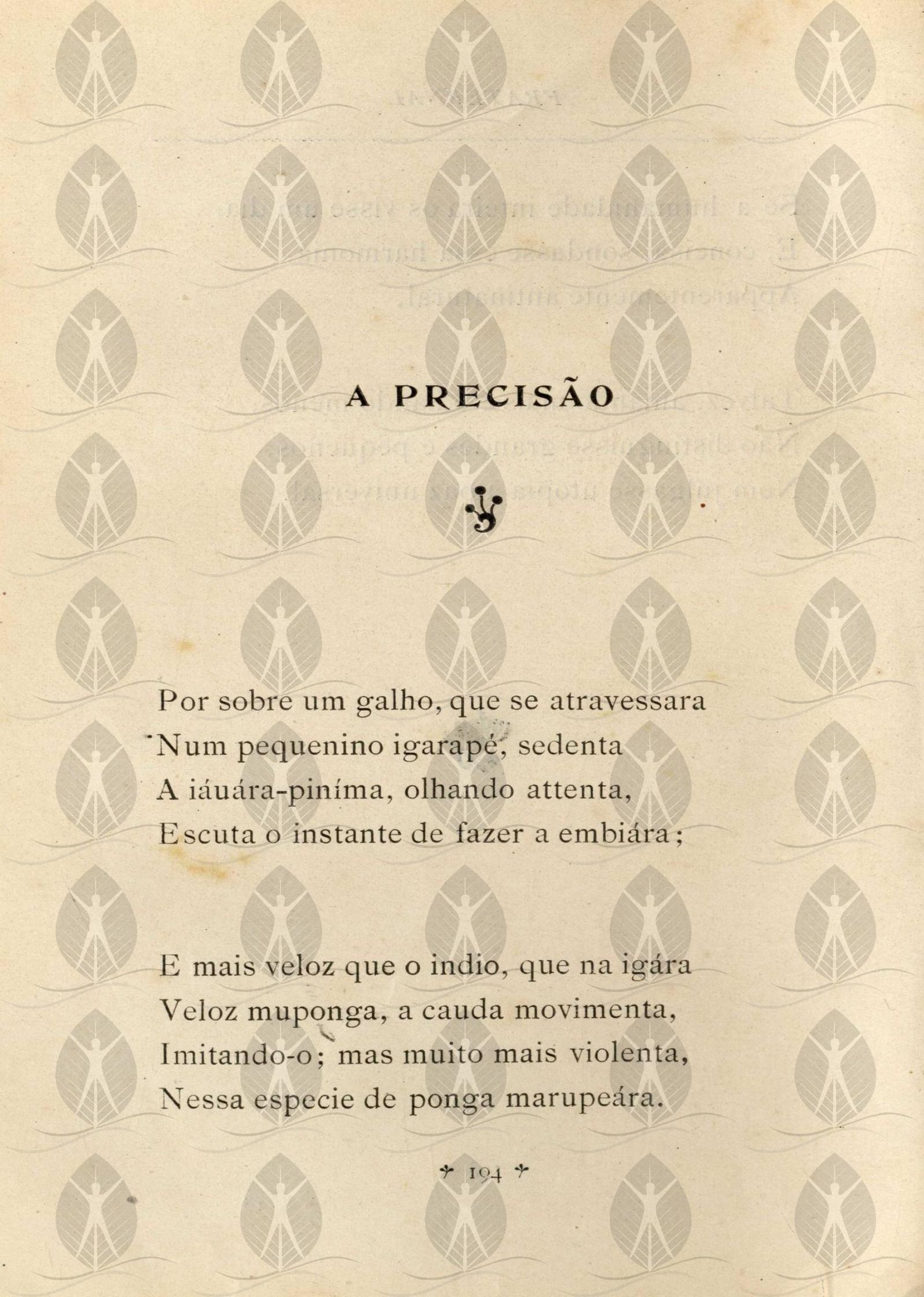
*FRATERNAL*

---

Se a humanidade inteira os visse um dia,  
E, concisa, sondasse essa harmonia,  
Apparentemente antinatural,

Talvez, amando mais e odiando menos,  
Não distinguisse grandes e pequenos,  
Nem julgasse utopía a paz universal.





## A PRECISÃO

Por sobre um galho, que se atravessara  
Num pequenino igarapé, sedenta  
A iáuára-piníma, olhando attenta,  
Escuta o instante de fazer a embiára;

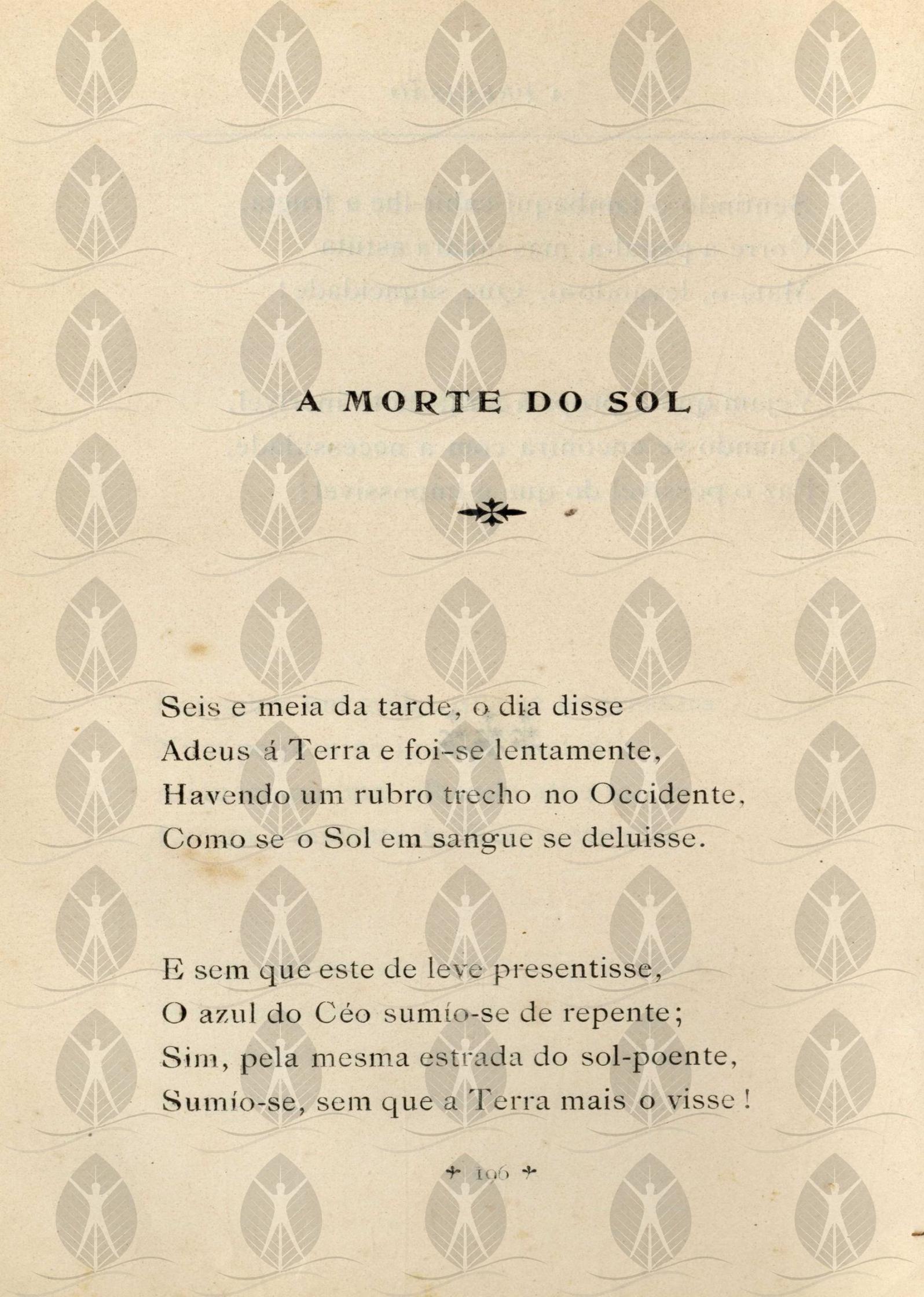
E mais veloz que o indio, que na igára  
Veloz muponga, a cauda movimenta,  
Imitando-o; mas muito mais violenta,  
Nessa especie de ponga marupeára.

A PRECISÃO

Sentindo o tabaqui cahir-lhe a fructa,  
Corre a pegal-a, mas iáuára astuta  
Mata-o, levando-o. Que sagacidade!

Vejam que a propria féra, facto incrível,  
Quando se encontra com a necessidade,  
Faz o possivel do que é impossivel!





## A MORTE DO SOL



Seis e meia da tarde, o dia disse  
Adeus á Terra e foi-se lentamente,  
Havendo um rubro trecho no Occidente,  
Como se o Sol em sangue se deluisse.

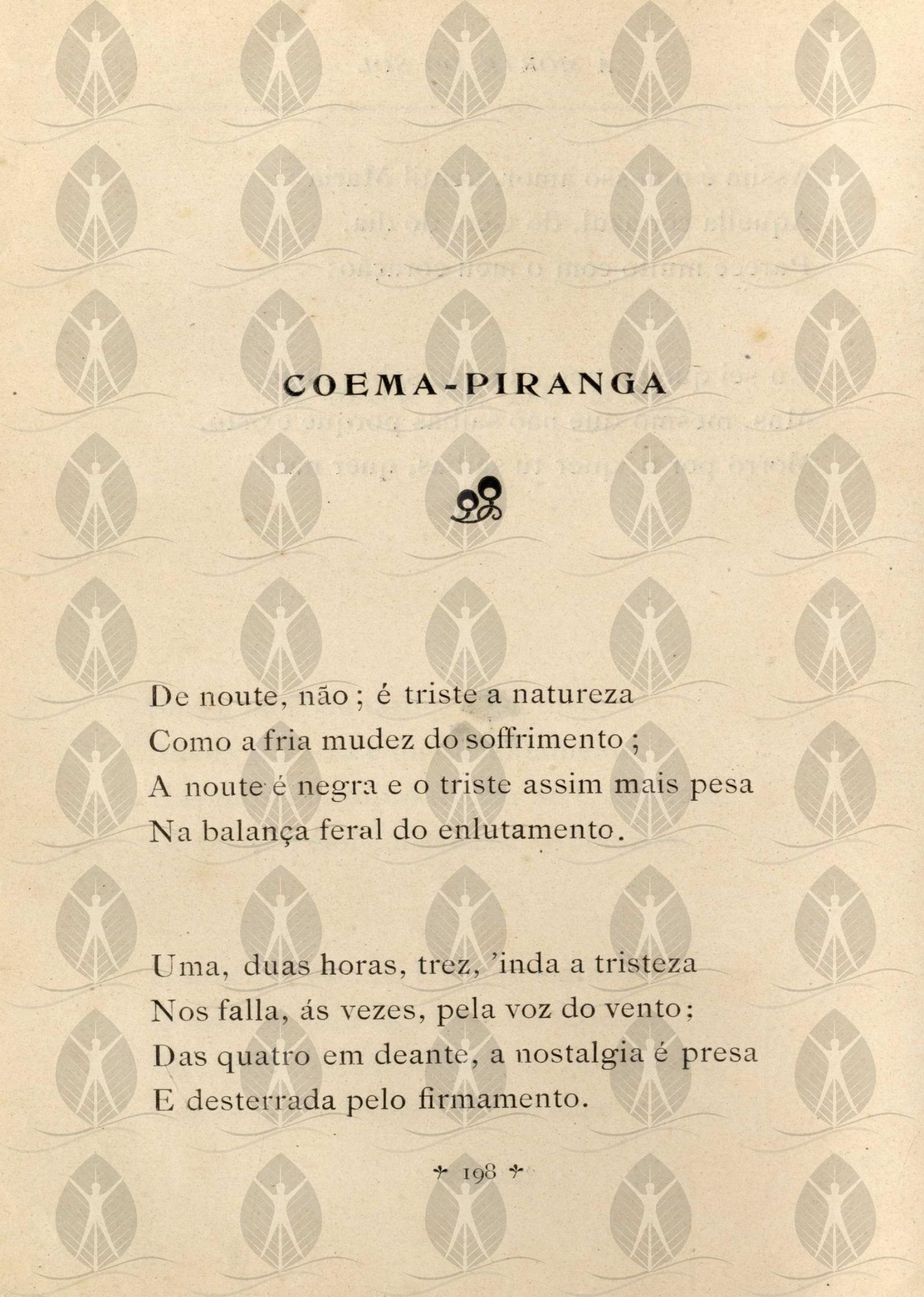
E sem que este de leve presentisse,  
O azul do Céu sumio-se de repente;  
Sim, pela mesma estrada do sol-poente,  
Sumio-se, sem que a Terra mais o visse!

A MORTE DO SOL

Assim é o nosso amor, gentil Maria :  
Aquella côr azul, do Céu, do dia,  
Parece muito com o meu coração;

Eu sei que te amo e tu não sabes disto,  
Mas, mesmo que não saibas porque existo,  
Morro por ti, quer tu saibas, quer não!





## COEMA-PIRANGA



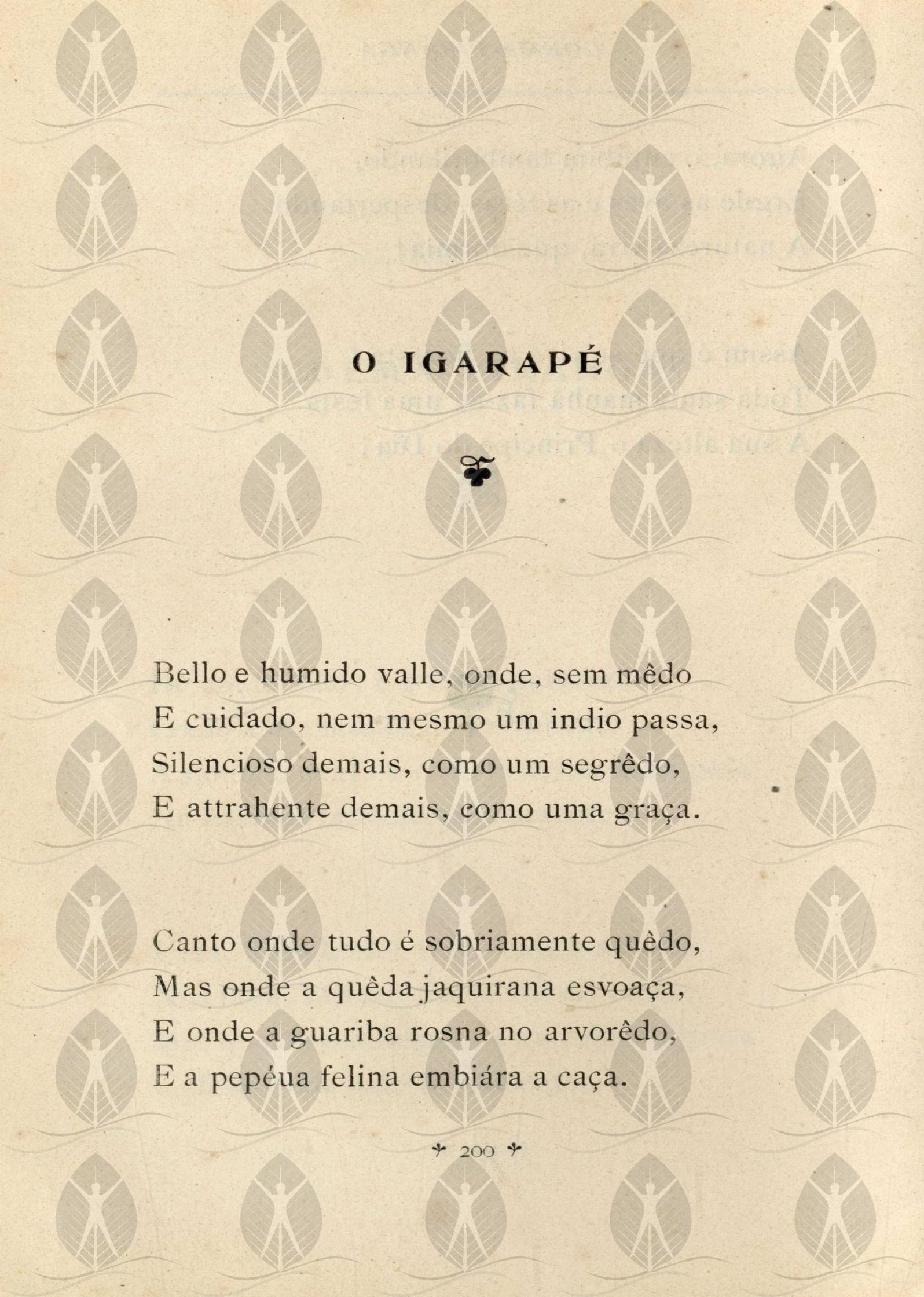
De noute, não ; é triste a natureza  
Como a fria mudez do sofrimento ;  
A noute é negra e o triste assim mais pesa  
Na balança feral do enlutamento.

Uma, duas horas, trez, 'inda a tristeza  
Nos falla, ás vezes, pela voz do vento ;  
Das quatro em deante, a nostalgia é presa  
E desterrada pelo firmamento.

Agora, o cujubim tamborilando,  
Ergue as aves e as feras, despertando  
A natureza viva, que dormia!

Assim é que se vive na floresta :  
Toda santa manhã faz-se uma festa  
A sua alteza o Príncipe do Dia!

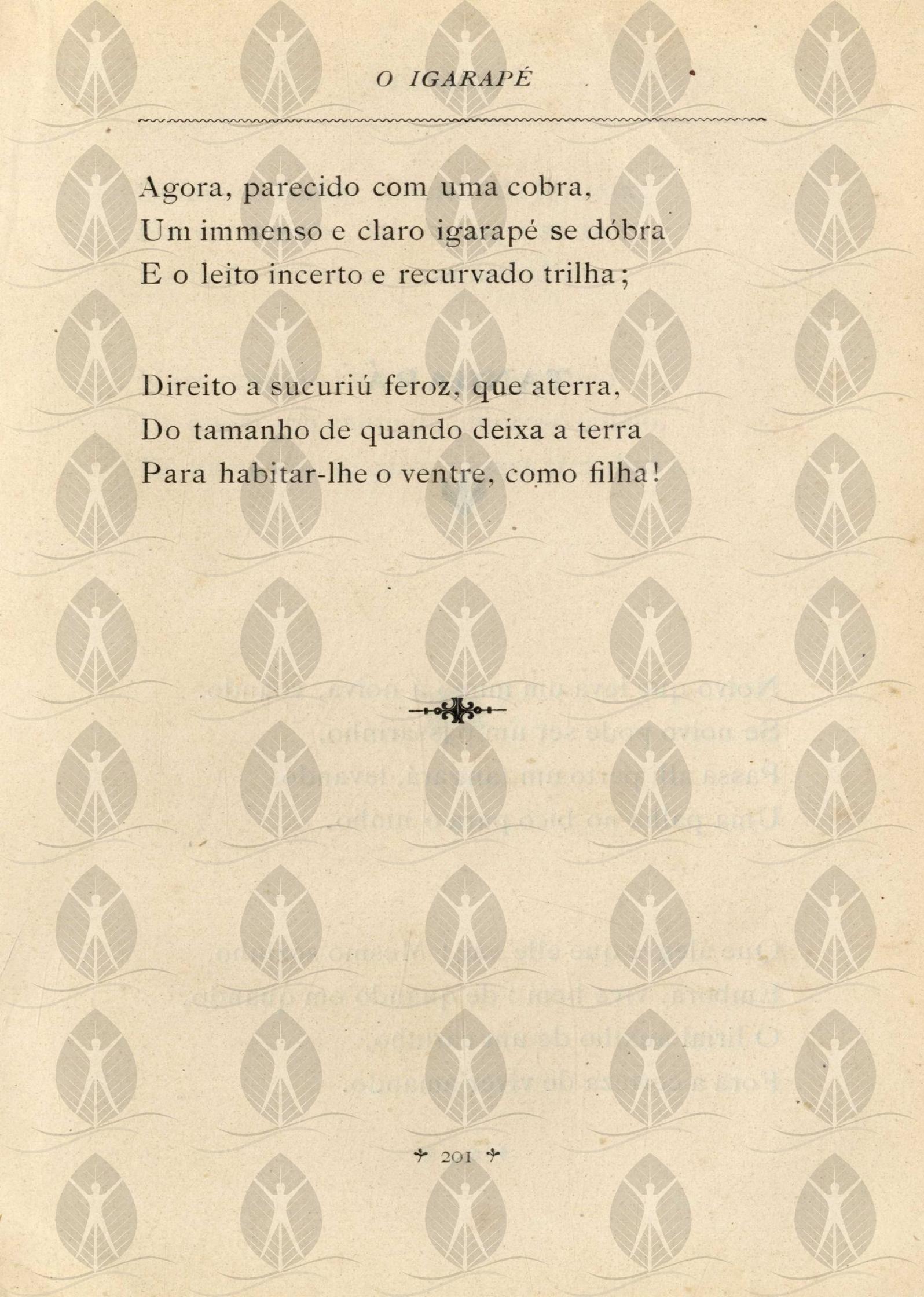




## O IGARAPÉ

Bello e humido valle, onde, sem mêdo  
E cuidado, nem mesmo um indio passa,  
Silencioso demais, como um segrêdo,  
E attrahente demais, como uma graça.

Canto onde tudo é sobriamente quêdo,  
Mas onde a quêda jaquirana esvoaça,  
E onde a guariba rosna no arvorêdo,  
E a pepéua felina embiára a caça.



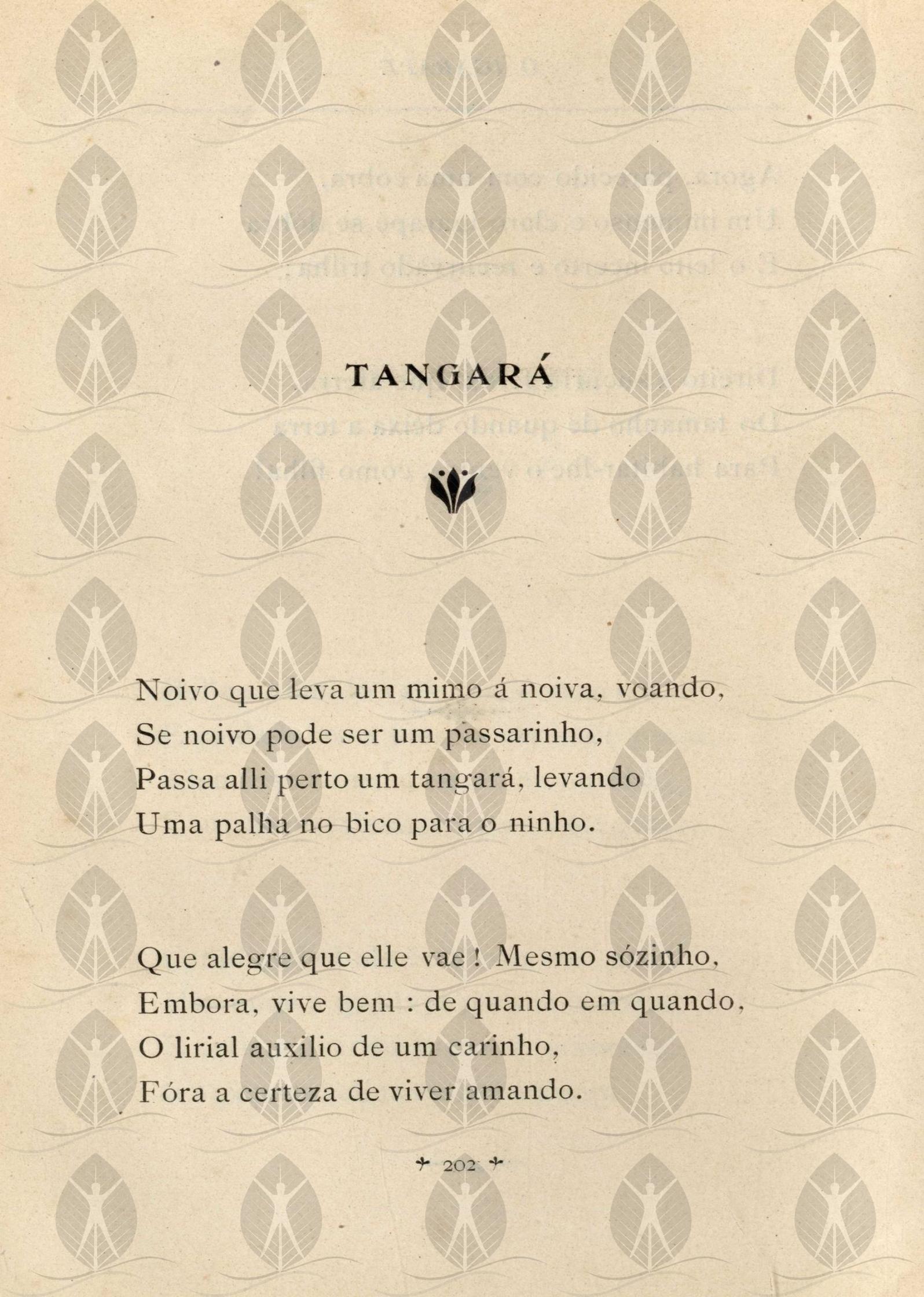
O IGARAPÉ

---

Agora, parecido com uma cobra,  
Um immenso e claro igarapé se dóbra  
E o leito incerto e recurvado trilha;

Direito a sucuriú feroz, que aterra,  
Do tamanho de quando deixa a terra  
Para habitar-lhe o ventre, como filha!





## TANGARÁ



Noivo que leva um mimo á noiva, voando,  
Se noivo pode ser um passarinho,  
Passa alli perto um tangará, levando  
Uma palha no bico para o ninho.

Que alegre que elle vae ! Mesmo sózinho,  
Embora, vive bem : de quando em quando,  
O lirial auxilio de um carinho,  
Fóra a certeza de viver amando.

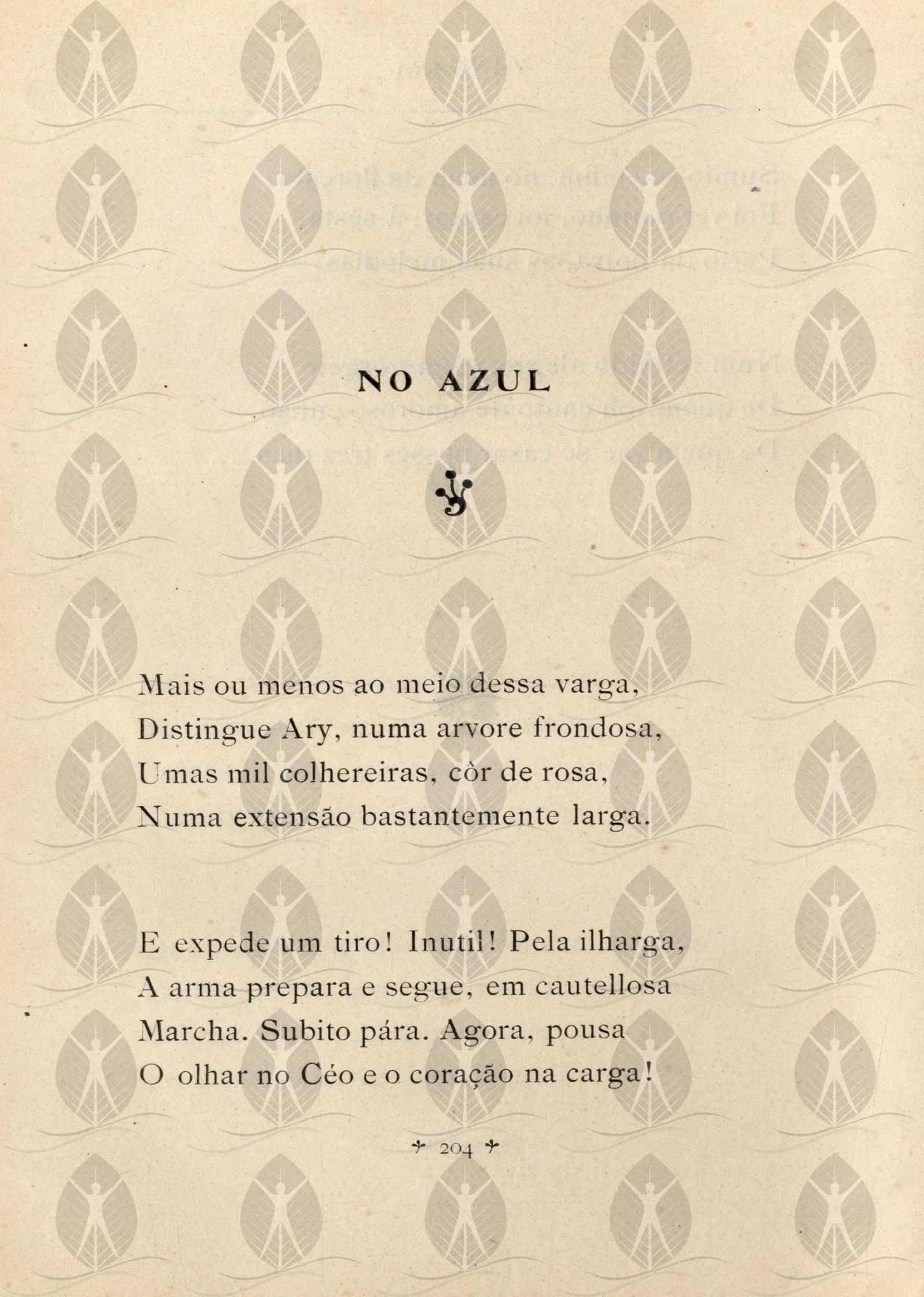
## TANGARÁ

---

Sumio-se emfim, no meio da floresta;  
Foi ver o ninho, foi cantar, á sésta,  
Perto da noiva, as suas melodias;

Num retinido alegre, num gorgoeio  
De quem, oh canto de amoroso enleio,  
De quem vae se casar nesses trez dias!...





## NO AZUL



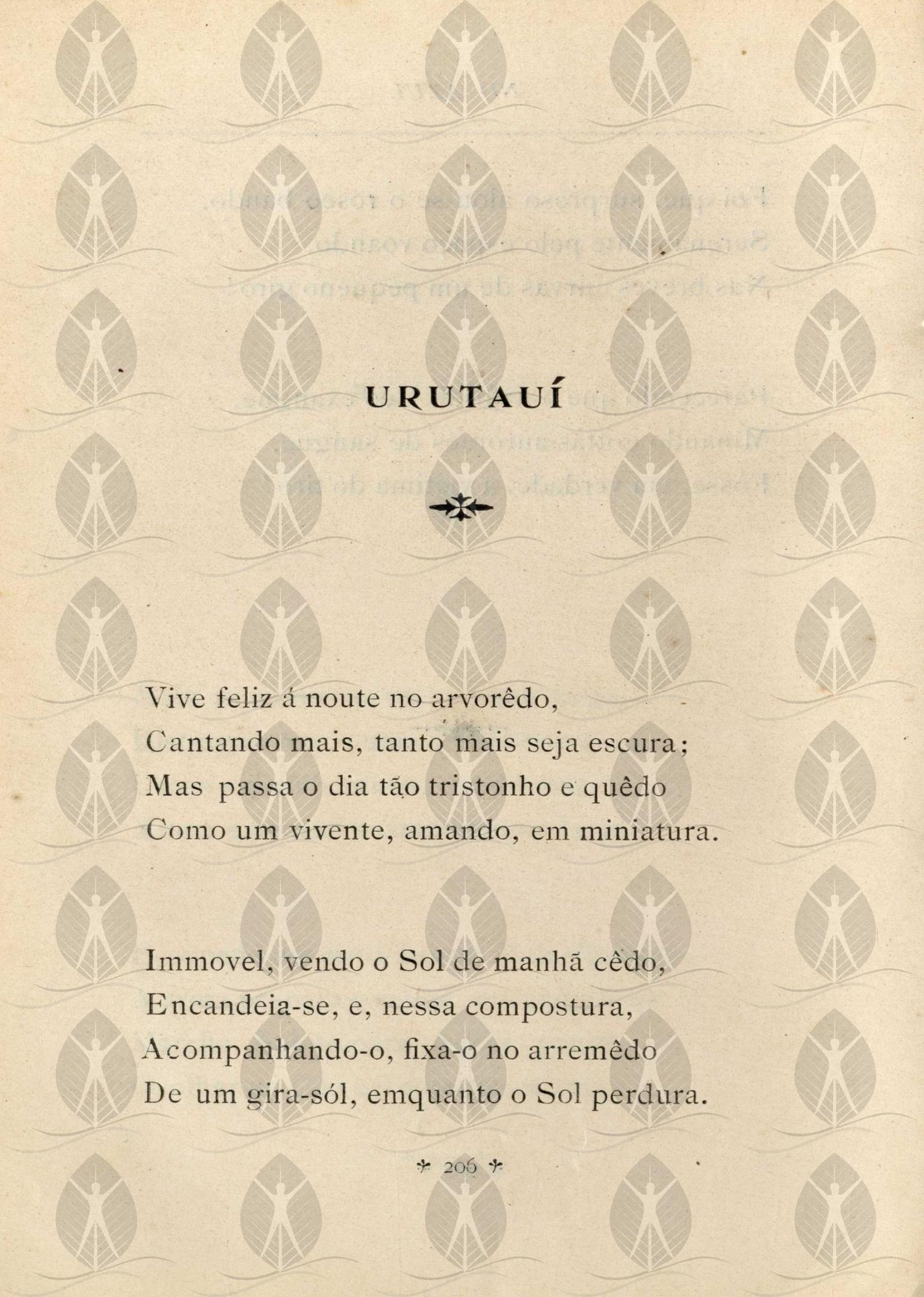
Mais ou menos ao meio dessa varga,  
Distingue Ary, numa arvore frondosa,  
Umas mil colhereiras, côr de rosa,  
Numa extensão bastantemente larga.

E expede um tiro! Inutil! Pela ilharga,  
A arma prepara e segue, em cautellosa  
Marcha. Subito pára. Agora, pausa  
O olhar no Céu e o coração na carga!

Foi que, surpreso alou-se o roseo bando,  
Serenamente pelo espaço voando,  
Nas breves curvas de um pequeno giro!

Parecendo que o azul do Céu exangue,  
Minando gottas auroraes de sangue,  
Fôsse, em verdade, a victima do tiro!

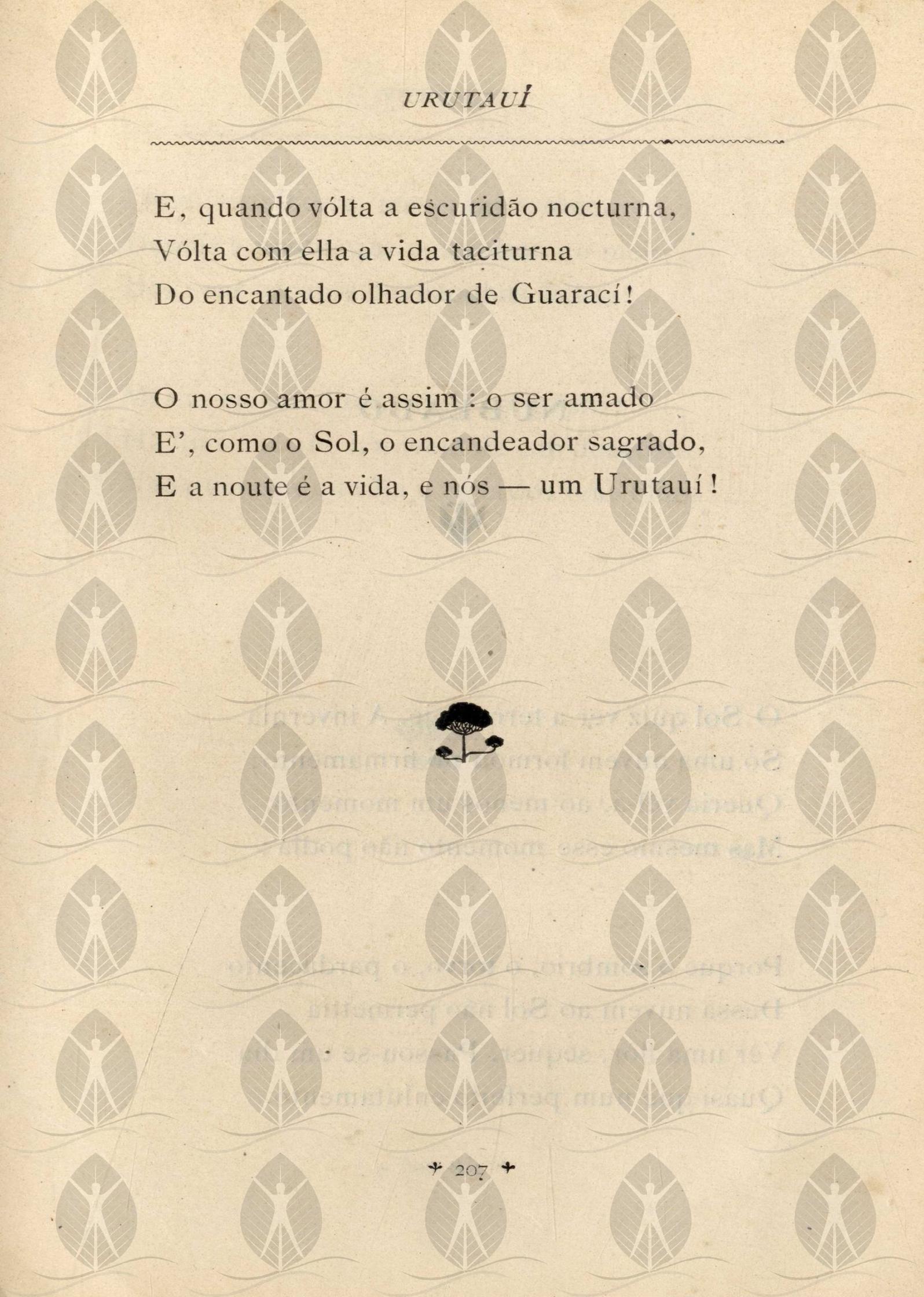




## URUTAUÍ

Vive feliz á noute no arvorêdo,  
Cantando mais, tanto mais seja escura;  
Mas passa o dia tão tristonho e quêdo  
Como um vivente, amando, em miniatura.

Immovel, vendo o Sol de manhã cêdo,  
Encandeia-se, e, nessa compostura,  
Acompanhando-o, fixa-o no arremêdo  
De um gira-sól, emquanto o Sol perdura.



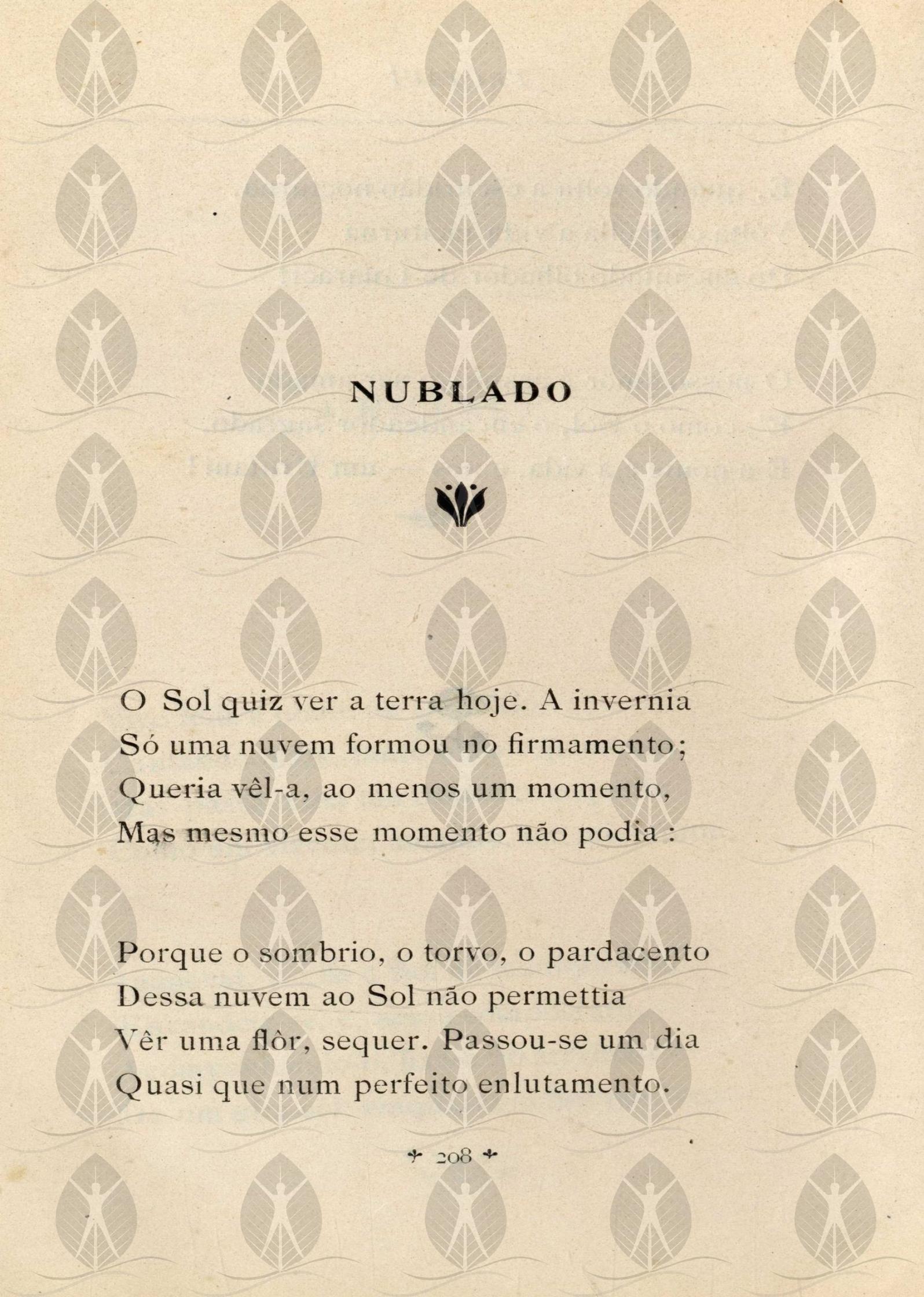
URUTAUÍ

---

E, quando vólta a escuridão nocturna,  
Vólta com ella a vida taciturna  
Do encantado olhador de Guarací!

O nosso amor é assim : o ser amado  
E', como o Sol, o encandeador sagrado,  
E a noute é a vida, e nós — um Urutauí!





## NUBLADO



O Sol quiz ver a terra hoje. A invernia  
Só uma nuvem formou no firmamento;  
Queria vê-la, ao menos um momento,  
Mas mesmo esse momento não podia :

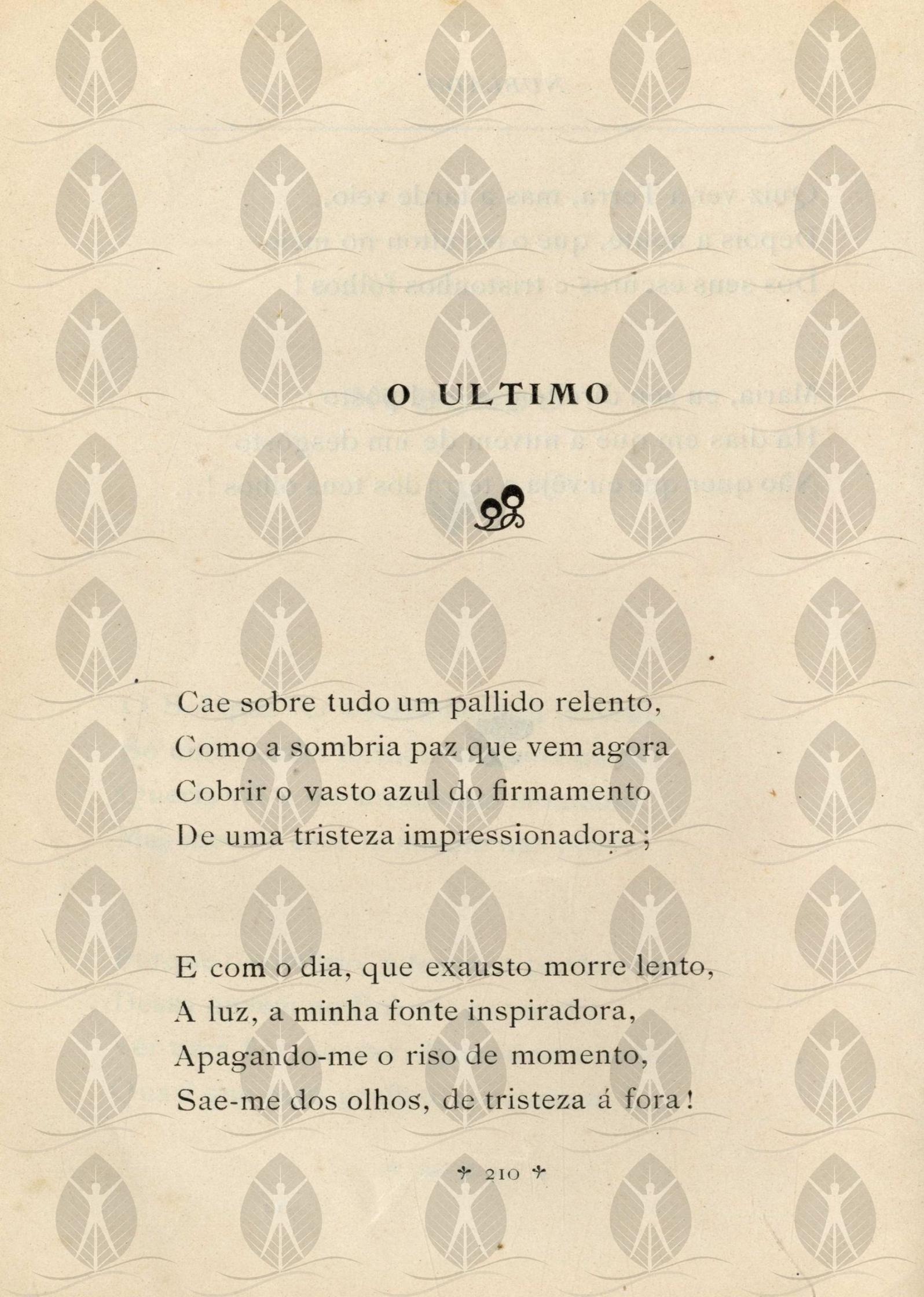
Porque o sombrio, o torvo, o pardacento  
Dessa nuvem ao Sol não permettia  
Vêr uma flôr, sequer. Passou-se um dia  
Quasi que num perfeito enlutamento.

NUBLADO

Quiz ver a Terra, mas a tarde veio,  
Depois a noite, que o occultou no meio  
Dos seus escuros e tristonhos fólhos !

Maria, eu sou direito esse sol-pôsto :  
Ha dias em que a nuvem de um desgôsto  
Não quer que eu vêja a terra dos teus olhos !...





## O ULTIMO



Cae sobre tudo um pallido relento,  
Como a sombria paz que vem agora  
Cobrir o vasto azul do firmamento  
De uma tristeza impressionadora ;

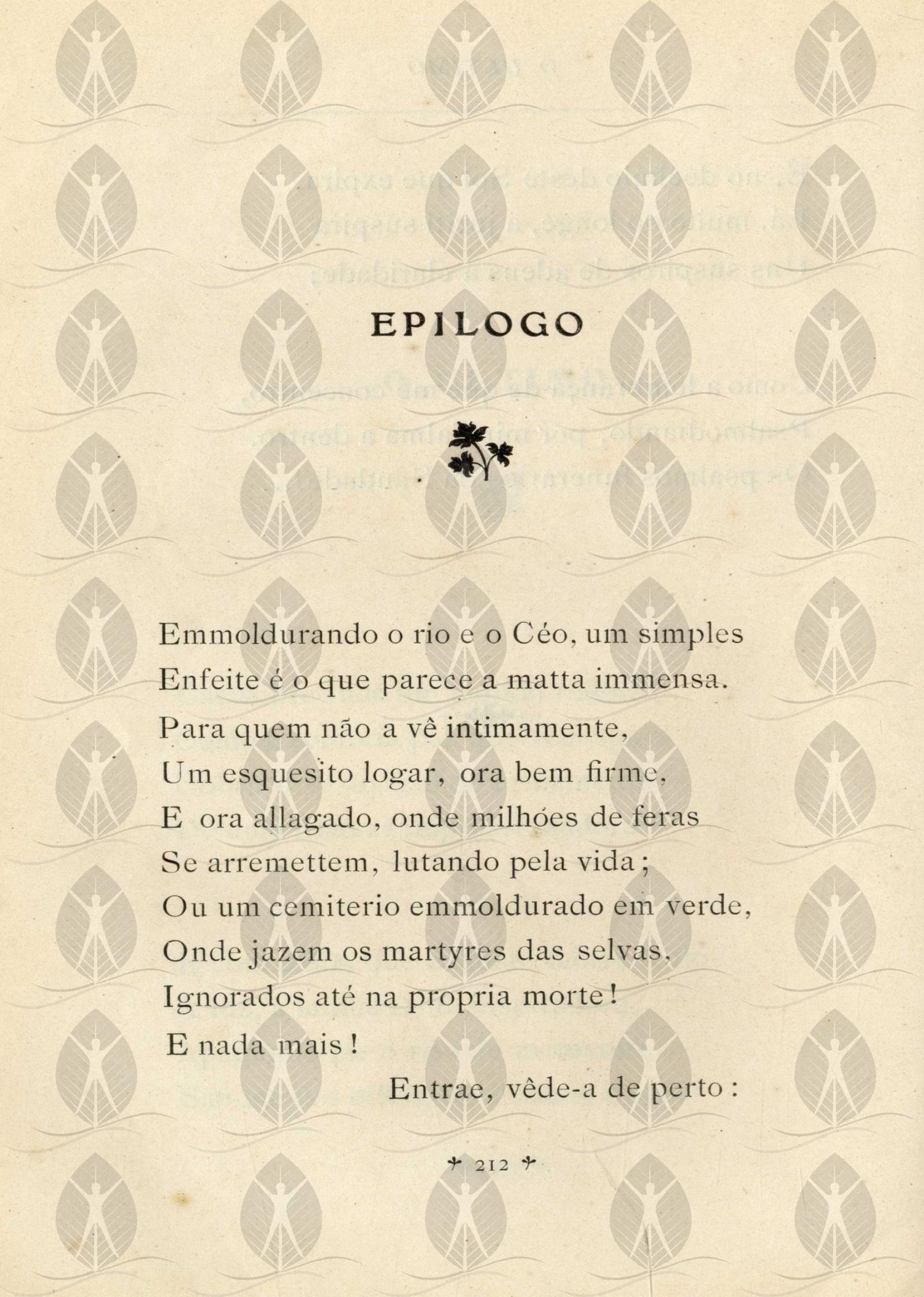
E com o dia, que exausto morre lento,  
A luz, a minha fonte inspiradora,  
Apagando-me o riso de momento,  
Sae-me dos olhos, de tristeza á fora !

O ÚLTIMO

E, no declínio deste Sol que expira,  
Lá, muito no longe, a juriti suspira  
Uns suspiros de adeus á claridade;

Como a lembrança de que me concentro,  
Psalmodiando, por minh'alma a dentro,  
Os psalmos funerarios da Saudade!...





## EPILOGO



Emmoldurando o rio e o Céu, um simples  
Enfeite é o que parece a matta immensa.  
Para quem não a vê intimamente,  
Um esquesito logar, ora bem firme,  
E ora allagado, onde milhões de feras  
Se arremettem, lutando pela vida;  
Ou um cemiterio emmoldurado em verde,  
Onde jazem os martyres das selvas,  
Ignorados até na propria morte!  
E nada mais !

Entrae, vêde-a de perto :

## EPILOGO

---

Aqui, descança a castanheira excelsa,  
De secular lembrando a vida eterna,  
Em cuja cópa verde, escura, intensa,  
Toda aromatisada de baunilha,  
O passarinho nidifica e canta;  
Em cujo corpo a jaquirana pousa,  
Como para matal-a, de invejosa,  
E, a cuja sombra, o viado grama e sésta.  
Alli, um cruzamento de veredas :  
Ora, o caminho diurno da cotia,  
Ora, a estrada, onde a paca noctivága.  
Além, na frouxa lama de um barreiro,  
Uns rastros de jagoáras ou tapiíras,  
Se não de taiaçús, ou caiauáras.

Seguí, deixando o cimo do arvoredó,  
A original povoação, suspensa,  
Dos pequeninos moradores de azas.  
Vêde agora a soberba seringueira,  
Magestosa e frondente como um cedro,

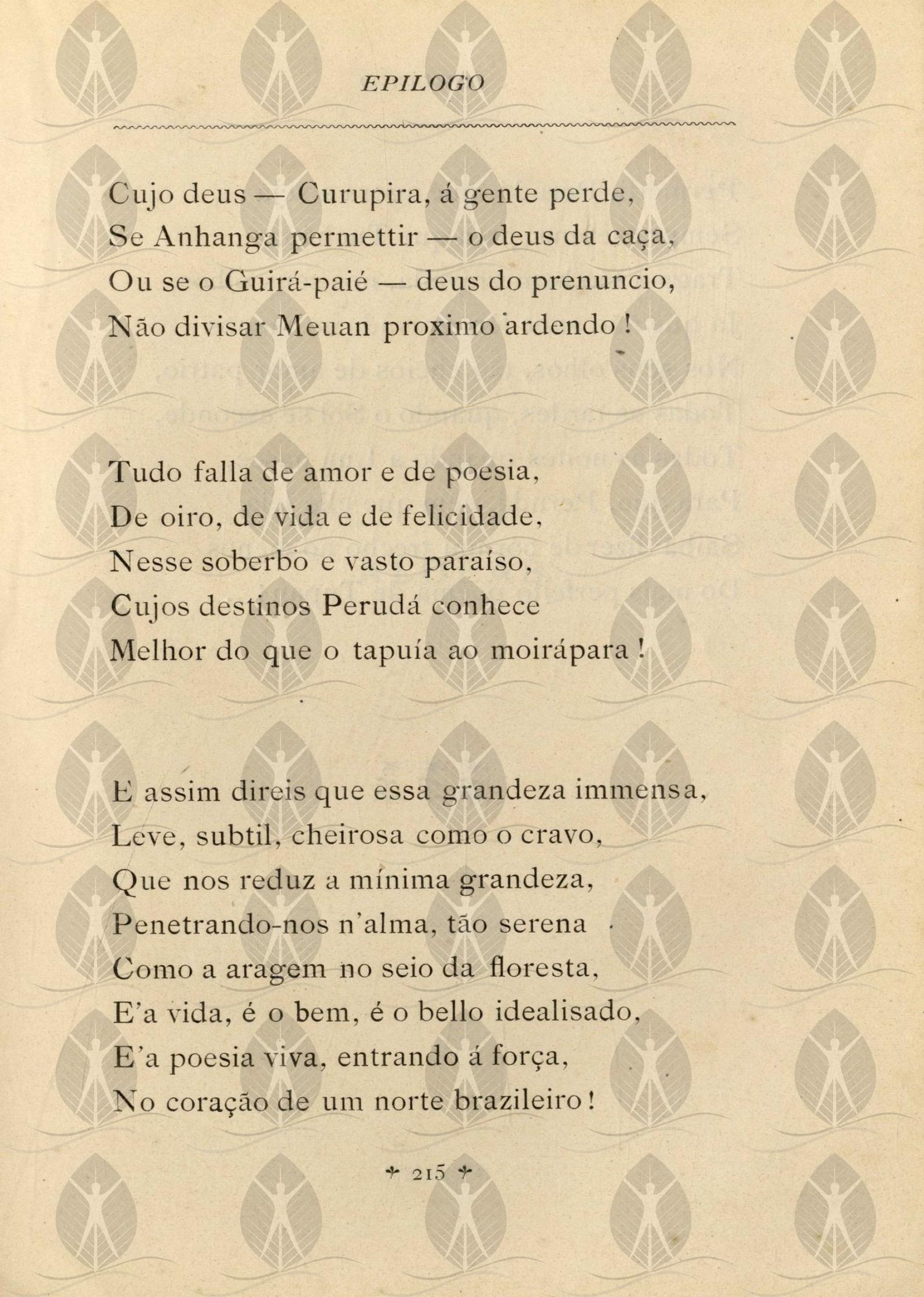
## EPILOGO

Que, na vida botânica das selvas,  
E' martyr como os martyres da historia !

E depois murmurae :

— A vida calma,  
Fóra do odio dos desenganados,  
Fóra do alcance dos desilludidos,  
Vive aqui na floresta, onde a ventura  
Mora nos pés, depende de caminhar !

Agora, a tenue irmã das cousas leves,  
Que vê num passarinho uma flôr viva,  
Ou encantada visão : aqui lembrando,  
Com o seu cantar, algum agoiro ou aviso ;  
Alli guiando, ás vezes, á ventura,  
Prenunciando, ás vezes, a desgraça ;  
Assim, em deus do agoiro, o Urutauí  
Vive cantando e, como deus dos cantos,  
Vive tambem o Uirápurú nas mattas,



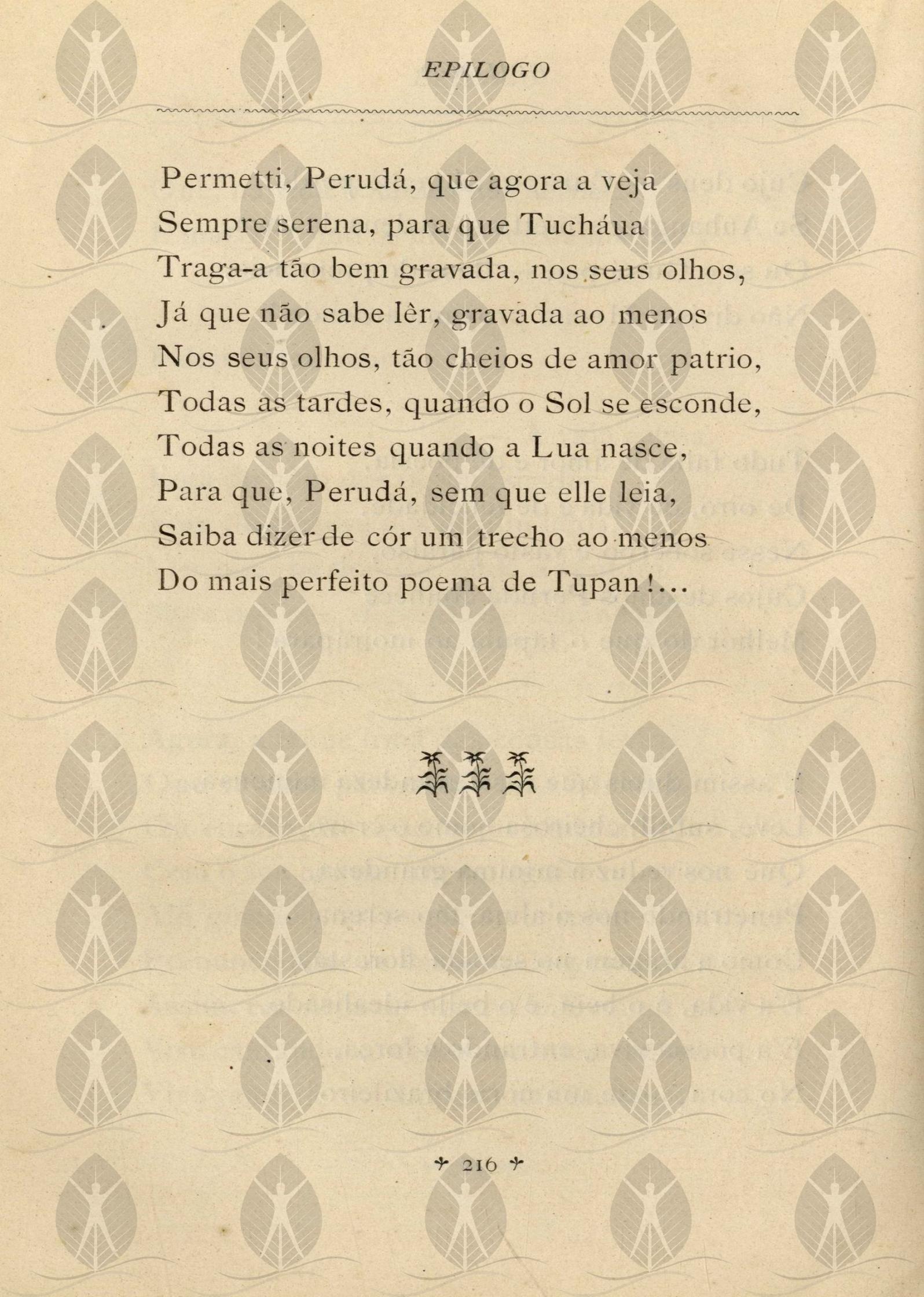
EPILOGO

---

Cujo deus — Curupira, á gente perde,  
Se Anhangá permittir — o deus da caça,  
Ou se o Guirá-paié — deus do prenuncio,  
Não divisar Meuan proximo ardendo!

Tudo falla de amor e de poesia,  
De oiro, de vida e de felicidade,  
Nesse soberbo e vasto paraíso,  
Cujos destinos Perudá conhece  
Melhor do que o tapuía ao moirápara!

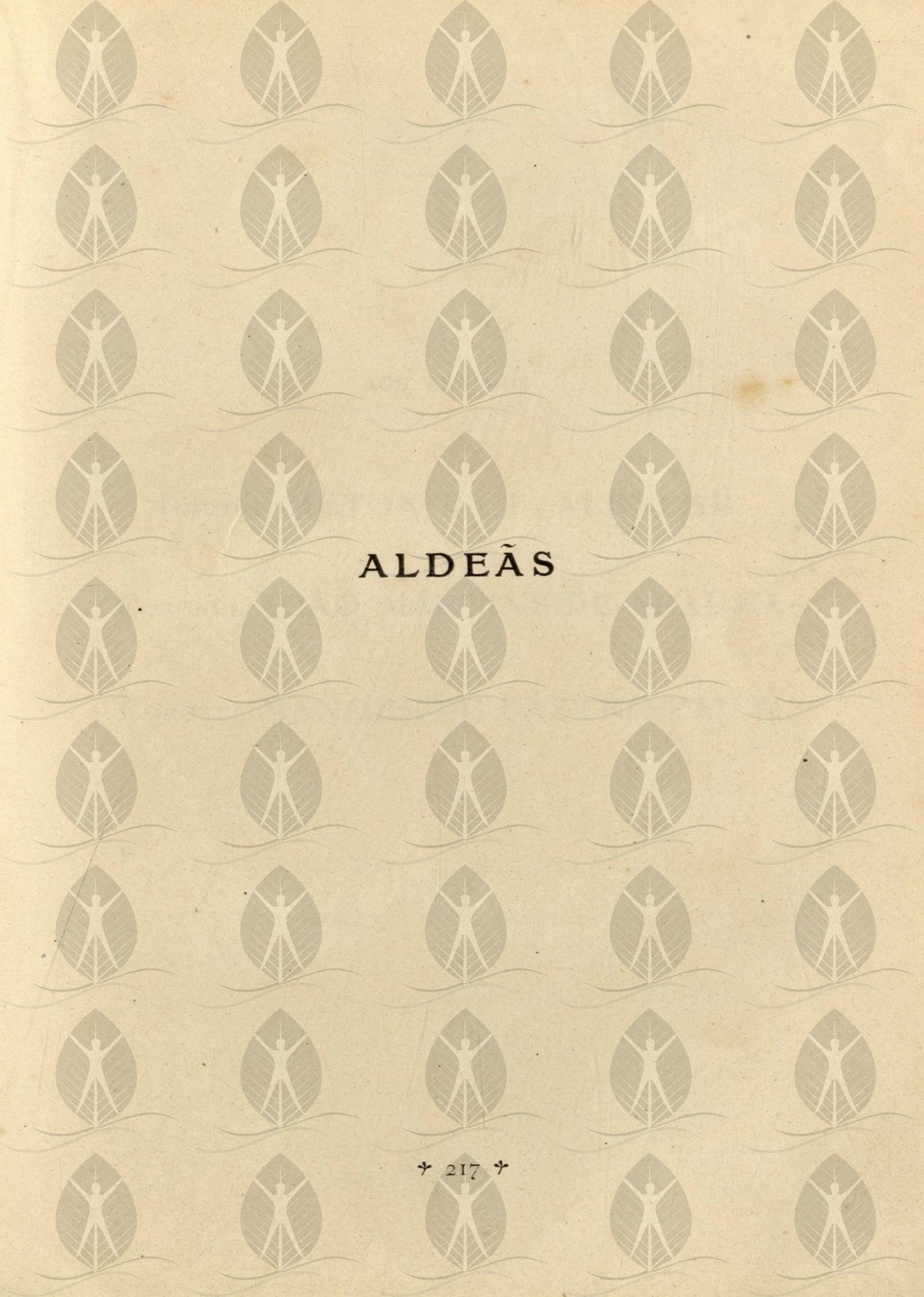
E assim direis que essa grandeza immensa,  
Leve, subtil, cheirosa como o cravo,  
Que nos reduz a mínima grandeza,  
Penetrando-nos n'alma, tão serena  
Como a aragem no seio da floresta,  
E'a vida, é o bem, é o bello idealizado,  
E'a poesia viva, entrando á força,  
No coração de um norte brasileiro!



EPILOGO

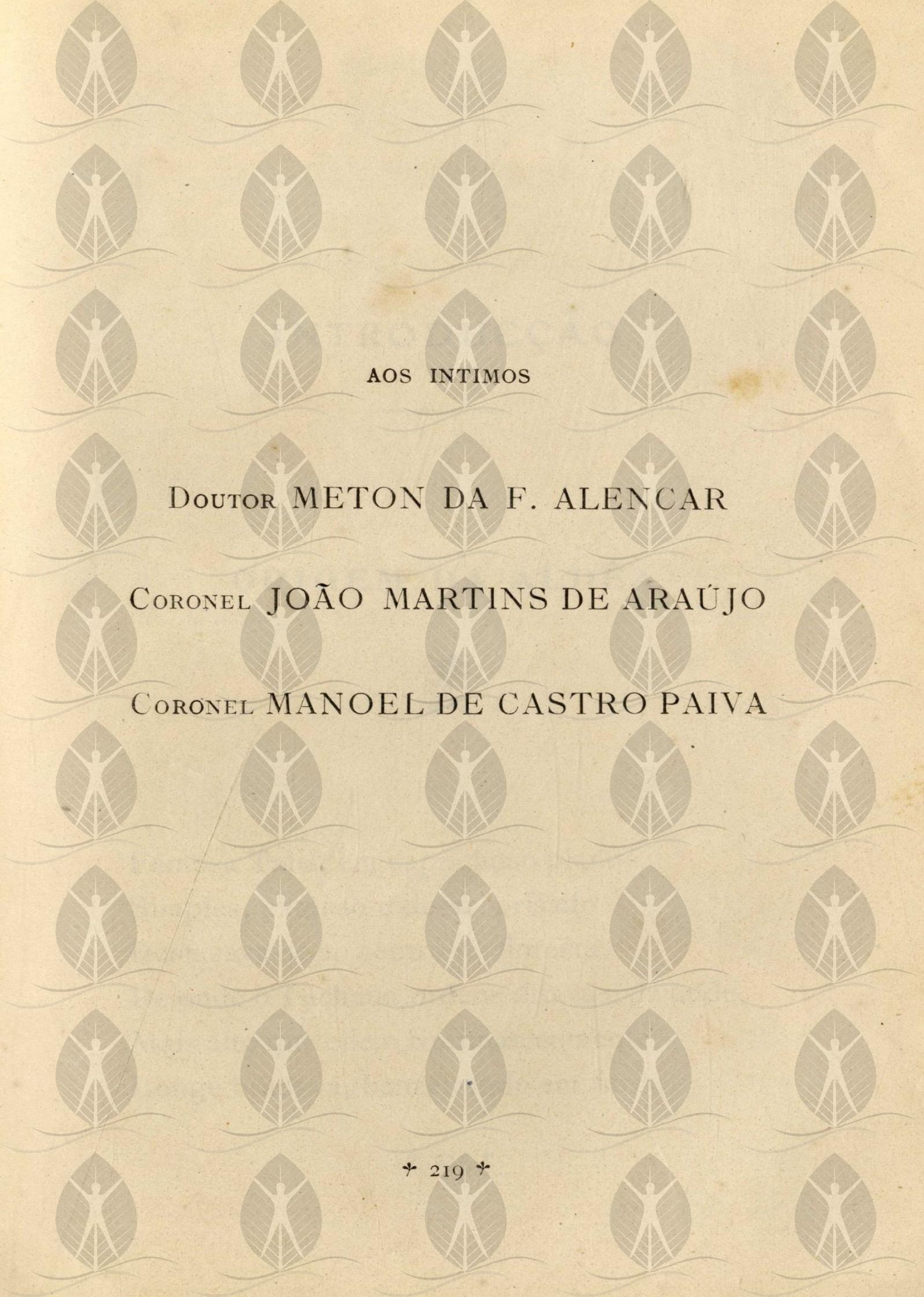
Permetti, Perudá, que agora a veja  
Sempre serena, para que Tucháua  
Traga-a tão bem gravada, nos seus olhos,  
Já que não sabe lèr, gravada ao menos  
Nos seus olhos, tão cheios de amor patrio,  
Todas as tardes, quando o Sol se esconde,  
Todas as noites quando a Lua nasce,  
Para que, Perudá, sem que elle leia,  
Saiba dizer de cór um trecho ao menos  
Do mais perfeito poema de Tupan!...





ALDEÃS





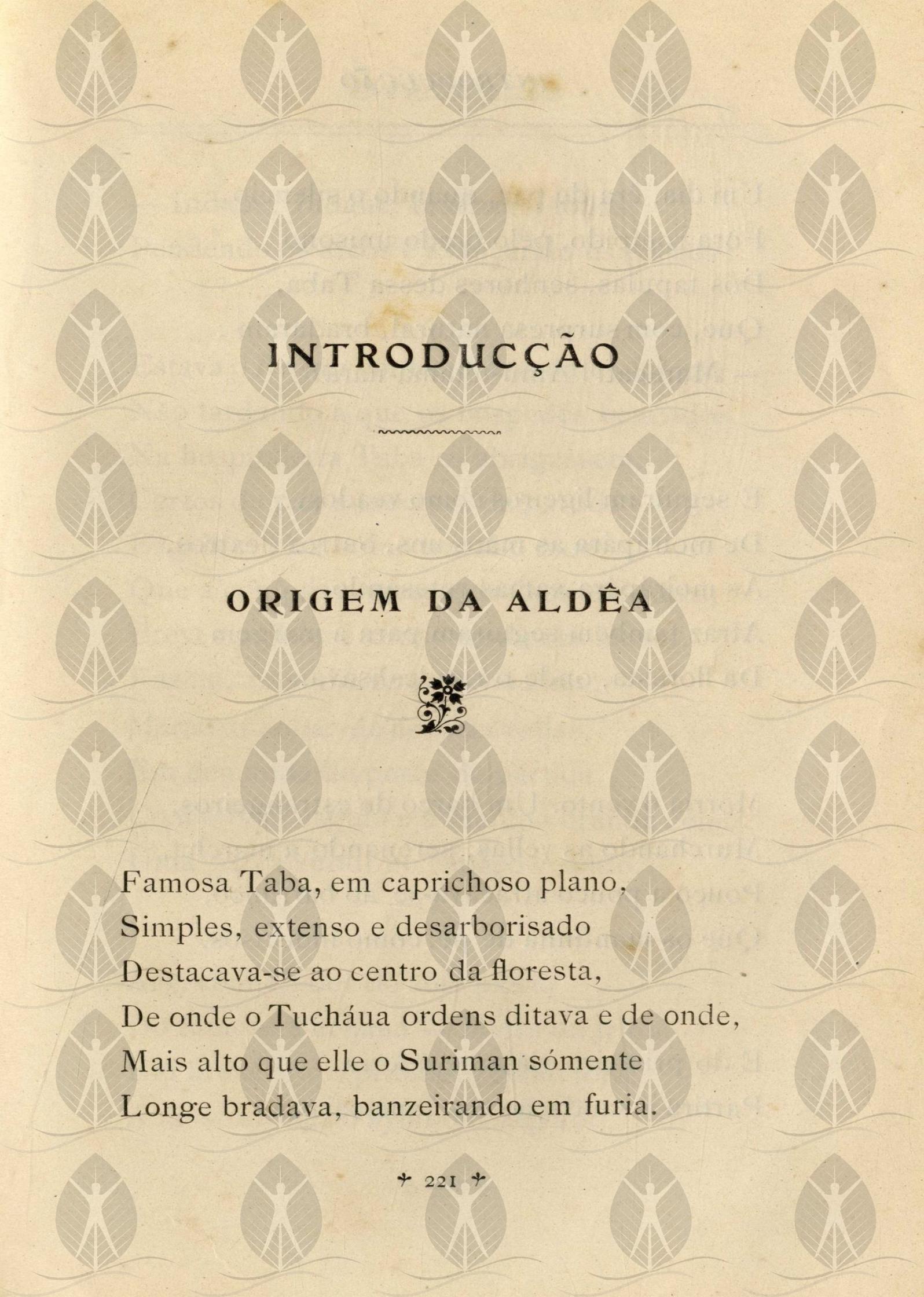
AOS ÍNTIMOS

DOUTOR METON DA F. ALENCAR

CORONEL JOÃO MARTINS DE ARAÚJO

CORONEL MANOEL DE CASTRO PAIVA





## INTRODUÇÃO

---

### ORIGEM DA ALDÊA



Famosa Taba, em caprichoso plano,  
Simples, extenso e desarborizado  
Destacava-se ao centro da floresta,  
De onde o Tucháua ordens ditava e de onde,  
Mais alto que elle o Suriman sómente  
Longe bradava, banzeirando em furia.

## INTRODUÇÃO

Um dia, éra de paz, quando o silencio  
Fôra rompido, pelo brado unisono  
Dos tapuiás, senhores dessa Taba,  
Que, com surpresa natural, bradaram :  
— Maracatí! Amú-tétama-uára!

E seguiram ligeiros como veados,  
De moirápára as mãos uns, outros dextros,  
As moirápára-xamas retesando,  
Atraz tambem seguiram para a margem  
Da floresta, onde o rio deslisava.

Morria o vento. Um barco de estrangeiros,  
Murchando as vellas, serenando a marcha,  
Pouco a pouco atracava-se ao barranco,  
Que os mantinha de pé, como indecisos.

E do primeiro viajante á terra  
Partira a saudação : — Ianê-carúca!

## INTRODUÇÃO

— Indaué, Indaué, bradaram todos,  
Pendendo os arcos e avançando os passos!

Estava o *lingua* em terra e se entenderam;  
Não tardando a que os hospedes bemvidos,  
Na hospitaleira Taba se abrigassem,  
Certos de paz e incertos da partida!  
E tal lhes fôra o fino tracto e tudo  
Que a conquista crescendo-lhes aos olhos,  
Breves palhoças construindo em breve,  
Fazem, num dia de galerno forte,  
Maracatí soltar de novo as vellas,  
Em demanda do porto de partida,  
Com o bôjo esguio e a marcha branda como  
Uma garça subtil no espaço voando.

Ary, conhecedor do sólo patrio  
Do famoso Tucháua — honra da tribu,  
Em breve era o primeiro, como fôra,  
A mostrar-lhes o symbolo sagrado,

## INTRODUÇÃO

O sagrado estandarte do martyrio,  
A cruz, o marco eterno confinante  
Da terra de Cabral com o mar do Eterno!  
E o trabalho com methodo e a virtude  
E o labor e a constancia, harmonisados,  
Juntos crescendo, caminharam juntos,  
Como dous corações que muito se amam.

E o amor, a causa do progresso humano?!

De então, Tucháua terminava odiando  
À lontra, á irára, ao caetetú, bravios,  
Que na floresta aos bandos se congregam,  
Sem conhecer os pais dos proprios filhos!

Mas amava aos japins, cheios de affectos,  
Que irmanados, amigos, nidificam  
Numa arvore sómente, e conjugavam  
Muito melhor do que elle os seus amores.

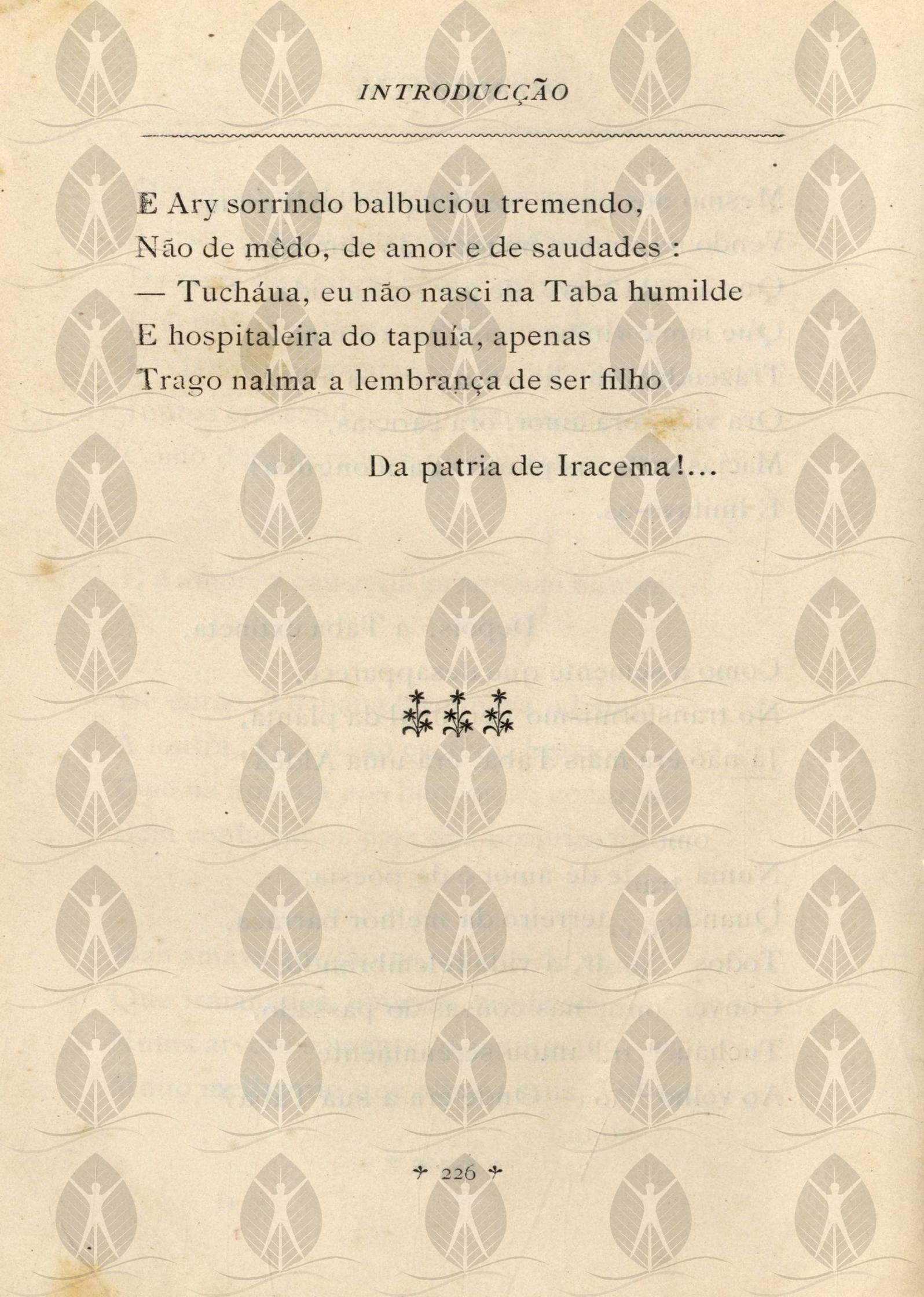
## INTRODUÇÃO

---

Mesmo aos pares nos bosques idylhavam,  
Vendo no amor a imagem do alimento,  
Que a cada serve, de per si, na vida ;  
Que iam e vinham pastorar os ninhos,  
Trazendo, ora alimento para os filhos,  
Ora vida, ora amor, ora caricias,  
Macias como as plumas da mongúba!  
E imitava-os.

Depois, a Taba extincta,  
Como a semente que desaparece,  
No transformismo germinal da planta,  
Já não é mais Taba, é uma Aldêa!

Numa noute de amor e de poesia,  
Quando, ao terreiro da melhor barraca,  
Todos ao luar, a vida relembrando,  
Conversavam nas cousas do passado,  
Tucháua perguntou serenamente  
Ao velho Ary — Onde é a sua Taba?



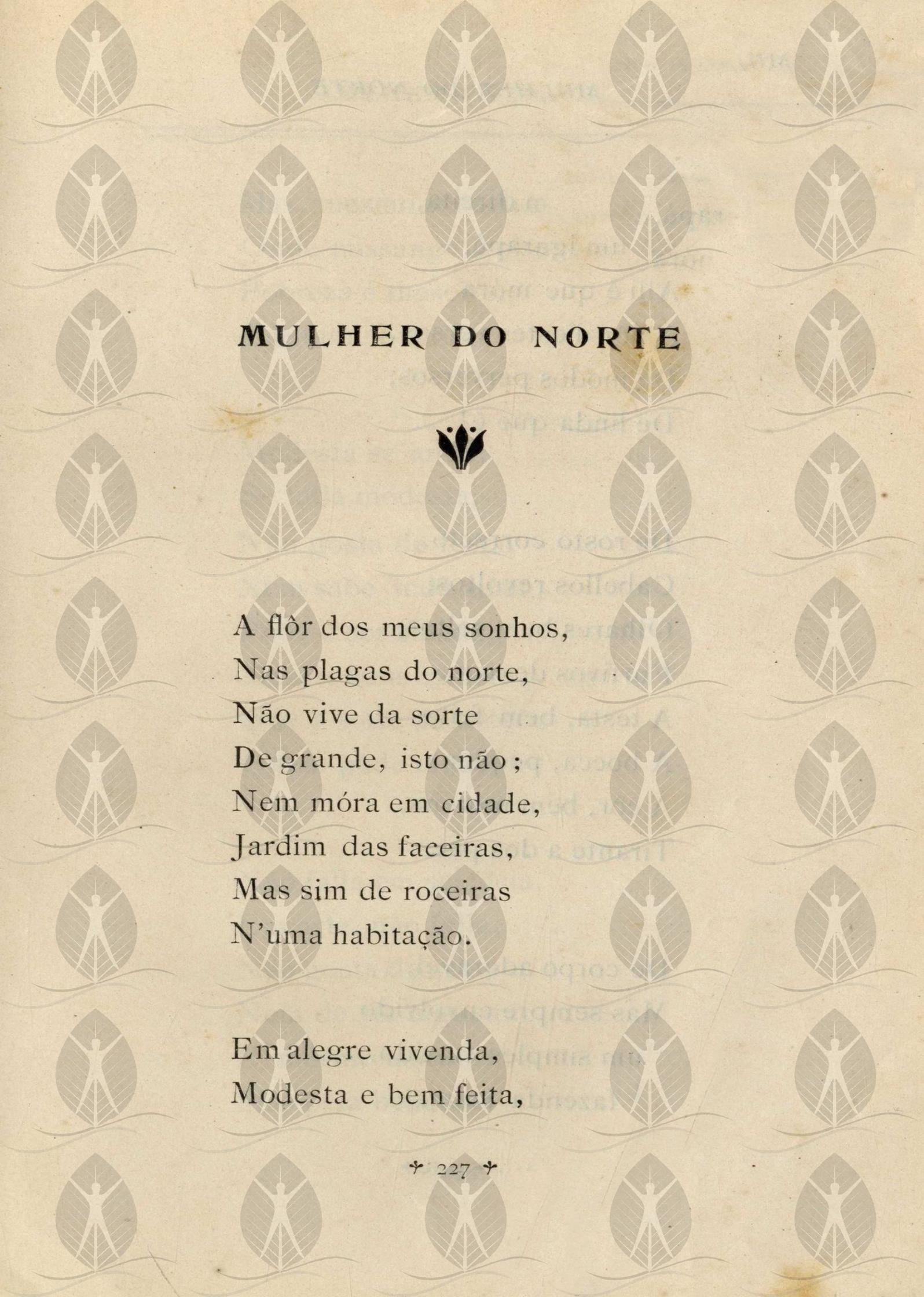
INTRODUÇÃO

---

E Ary sorrindo balbuciou tremendo,  
Não de medo, de amor e de saudades :  
— Tucháua, eu não nasci na Taba humilde  
E hospitaleira do tapuía, apenas  
Trago nalma a lembrança de ser filho

Da patria de Iracema!...





## MULHER DO NORTE



A flôr dos meus sonhos,  
Nas plagas do norte,  
Não vive da sorte  
De grande, isto não ;  
Nem móra em cidade,  
Jardim das faceiras,  
Mas sim de roceiras  
N'uma habitação.

Em alegre vivenda,  
Modesta e bem feita,

A' margem direita,  
De um igarapé,  
Alli é que móra  
A flôr d'estes versos,  
De modos perversos,  
De linda que é!...

De rosto correcto,  
Cabellos revoltos,  
Olhares bem soltos,  
Furtivos demais;  
A testa, bem feita,  
A bocca, pequena,  
A côr, bem morena,  
Tirante a dos paes.

De corpo adoravel,  
Mas sempre envolvido  
Num simples vestido,  
De fazenda ruim,

MULHER DO NORTE

Mas, mesmo em seu corpo,  
Onde missanga é oíro,  
Pobreza é thesoiro,  
Cretonne é setim.

Modesta se anda,  
Se falla modesta,  
Não gosta de festa,  
Nem sabe 'inda amar;  
Pode é ser amada,  
Mesmo sem amores,  
Que a sorte das flôres  
Quem pode mudar?

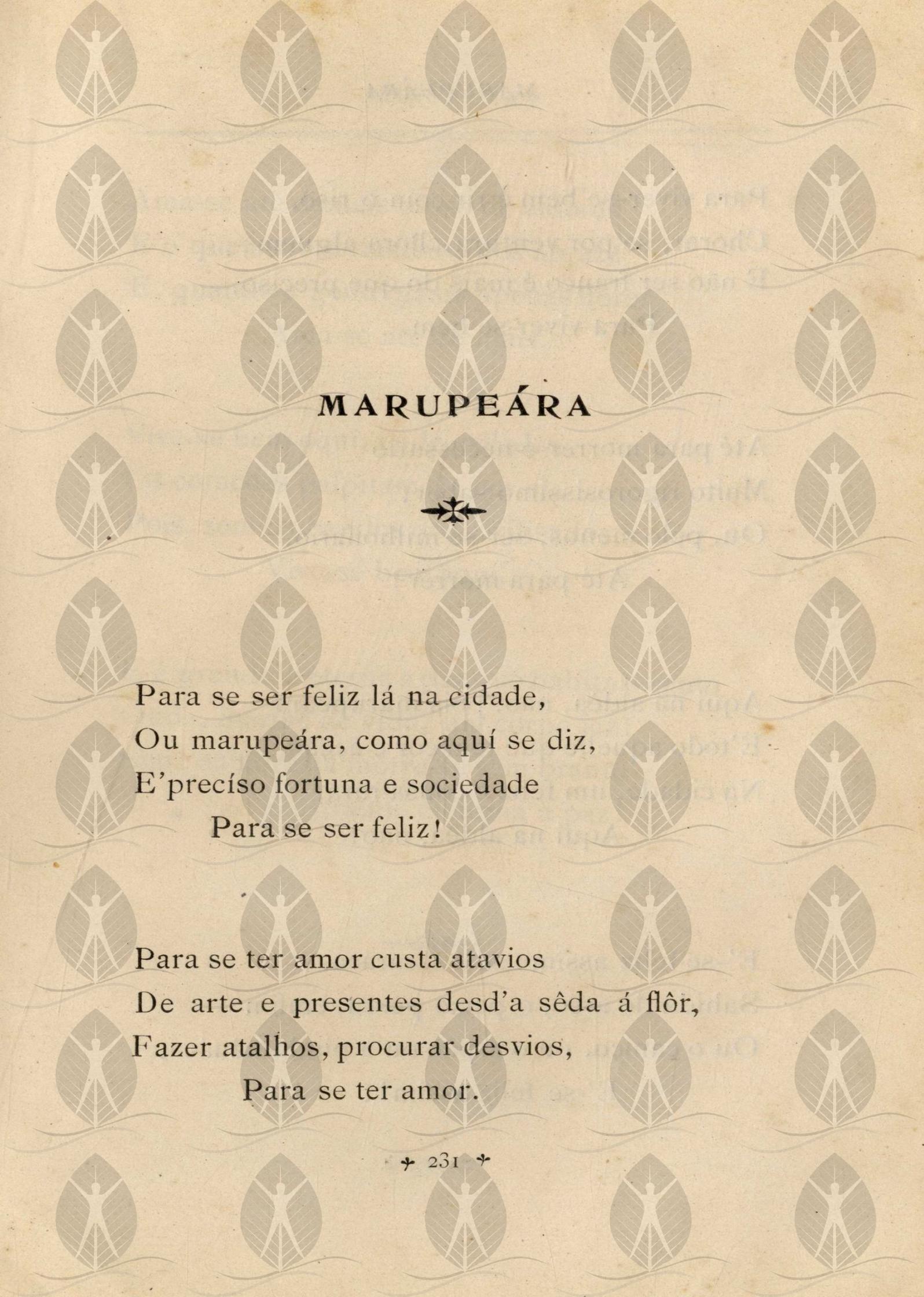
Não falla em sciencia,  
Em arte, não falla,  
Não gosta de sala,  
Nem de vêr alguem.  
E' mesmo matuta;  
Mas pela belleza

MULHER DO NORTE

Faz um com certeza  
Matuto também.

Pois n'essa vivenda,  
Simples moradia,  
Que chamo em poesia  
Um canto do Céu,  
Alli é que passa  
Os dias risonhos  
A flôr dos meus sonhos,  
Que o norte me deò!...





## MARUPEÁRA



Para se ser feliz lá na cidade,  
Ou marupeára, como aquí se diz,  
E'preciso fortuna e sociedade  
Para se ser feliz!

Para se ter amor custa atavios  
De arte e presentes desd'a sêda á flôr,  
Fazer atalhos, procurar desvios,  
Para se ter amor.

MARUPEÁRA

Para viver-se bem é rir com o riso,  
Chorar, se por ventura chora alguém;  
E não ser franco é mais do que preciso,  
Para viver-se bem.

Até para morrer é necessario  
Muito rigorosissimo saber;  
Ou, pelo menos, ser-se millionario,  
Até para morrer!

Aqui na aldêa, não, pois marupeára  
E' todo aquelle que tem côr e acção.  
Na cidade, um feliz é cousa rara,  
Aqui na aldêa, não!

E'-se feliz assim : se a sararáca,  
Sahida do arco, o peixe pesca, emfim  
Ou o caniço, ou o arpão ou a pindá-uáuáca,  
E'-se feliz assim!

MARUPEÁRA

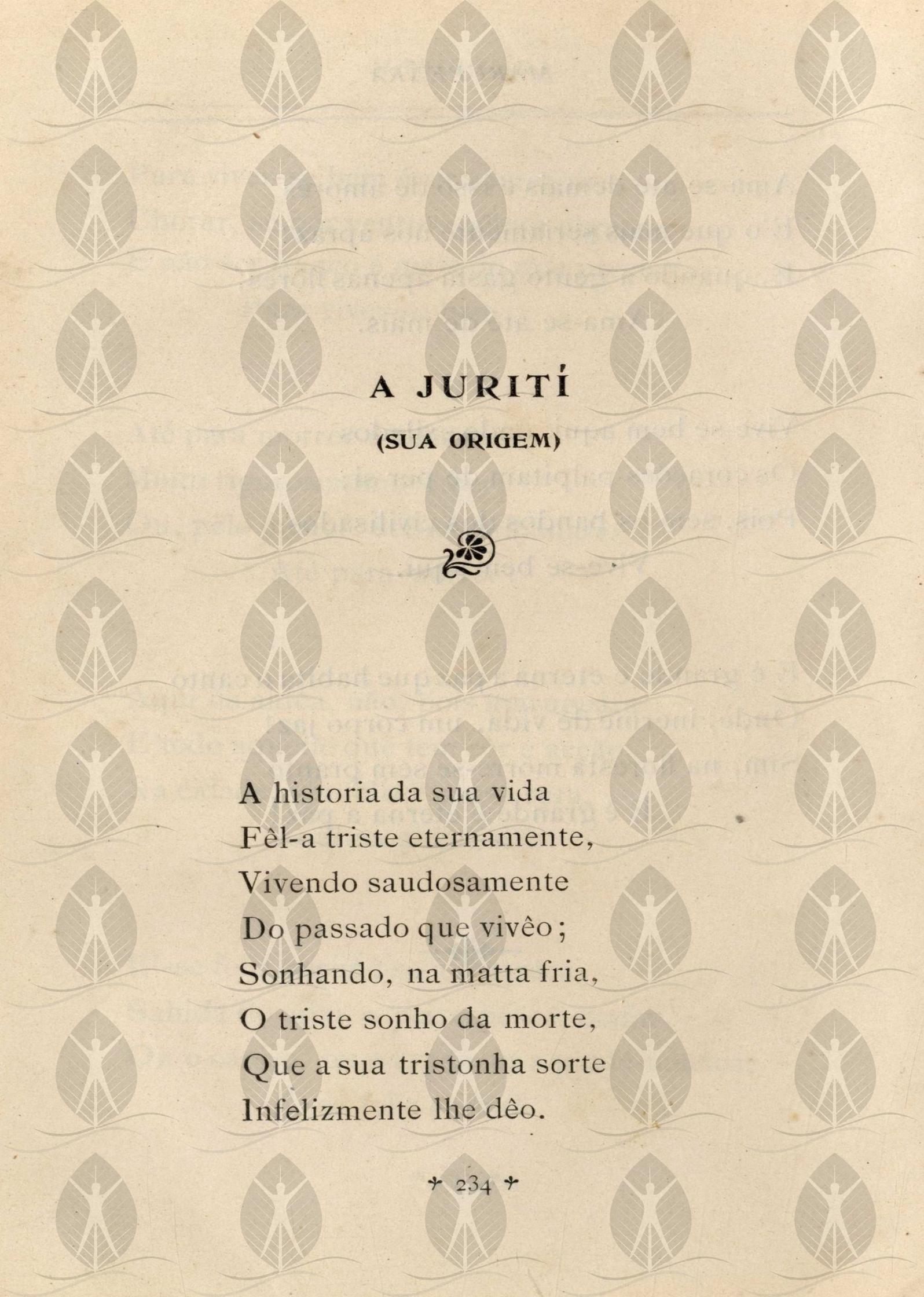
---

Ama-se até demais e isso de amores  
E' o que mais seriamente nos apraz!  
E, quando a gente gasta apenas flôres,  
Ama-se até de mais.

Vive-se bem aqui, onde exilados  
Os corações palpitam de per si;  
Pois, sem os bandos dos civilizados,  
Vive-se bem aqui.

E é grande e eterna a paz que habita o canto  
Onde, inerme de vida, um corpo jaz!  
Sim, na floresta morre-se sem pranto  
E é grande e eterna a paz!

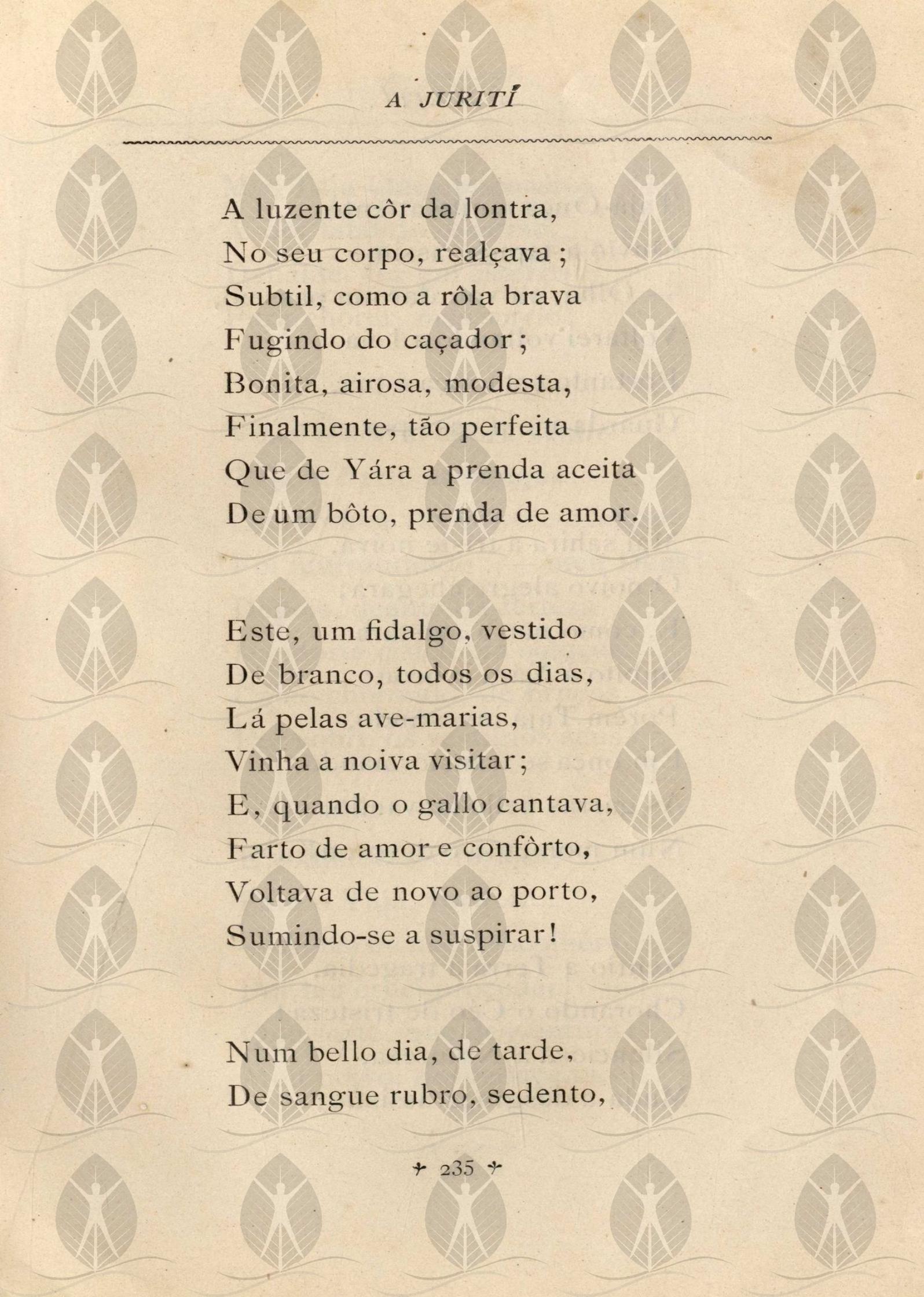




**A JURITÍ**  
**(SUA ORIGEM)**



A historia da sua vida  
Fêl-a triste eternamente,  
Vivendo saudosamente  
Do passado que vivêo;  
Sonhando, na matta fria,  
O triste sonho da morte,  
Que a sua tristonha sorte  
Infelizmente lhe dêo.



A JURITÍ

---

A luzente côr da lontra,  
No seu corpo, realçava ;  
Subtil, como a rôla brava  
Fugindo do caçador ;  
Bonita, airosa, modesta,  
Finalmente, tão perfeita  
Que de Yára a prenda aceita  
De um bôto, prenda de amor.

Este, um fidalgo, vestido  
De branco, todos os dias,  
Lá pelas ave-marias,  
Vinha a noiva visitar ;  
E, quando o gallo cantava,  
Farto de amor e confôrto,  
Voltava de novo ao porto,  
Sumindo-se a suspirar !

Num bello dia, de tarde,  
De sangue rubro, sedento,

A JURITI

Tajá-Onça muito attento  
Ouvio a tapuia, assim:  
— Olha, eu vou dar um passeio,  
Voltarei voltando a Lua,  
Portanto esta roça é tua,  
Guarda-me a casa por mim.

Mal sahira a triste noiva,  
O noivo alegre chegara;  
E, como não a avistara,  
Subito á Yára evocou;  
Porém Tajá investindo,  
Em onça se transformando,  
As garras nelle cravando,  
Num momento o devorou!...

Sentio a Terra a tragedia,  
Chorando o Céu de tristeza!  
Silenciosa a Natureza,  
Muda a desgraça assistio;

A JURITÍ

Mas Tajá-Onça impassivo  
A' dôr fatal do remorso,  
Debalde, fez um esforço  
Para chorar, mas sorrió!

Vólta a noiva, agora vendo  
Tajá coberto de sangue;  
Lembrou-se do noivo e exangue  
Foi murmurando : — meu Deus!  
Depois, diante da certeza  
Da morte cruel, em soluços,  
Cahío chorando, de bruços  
Por sobre os vestígios seus!

E voltando-se, furiosa,  
Para o Tajá, vociféra :  
— Antes eu não te acolhêra,  
Por teu cruel proceder!  
Que sorte, que desventura!  
Meu noivo, despedaçado,

Quem te pediu, desgraçado?  
Tajá responde : — o dever!

Tambem o dever reclama  
Que morras, como vingança  
A' minha desesperança,  
A' minha desillusão!  
Nisso tenta espedaçal-o;  
Mas Tajá se transformando,  
Falla-lhe, as garras mostrando:  
— Messamos a obrigação!

Eras me dona, eu, captivo  
Do tracto em que me tiveste,  
Cumprí ordens que me deste,  
Sem nunca te constrangir;  
Se acáso, pelo que é feito,  
Existe a tomar desfórra,  
E' bom que o culpado morra,  
Para o crime se extinguir.

E, ao dizer isso, transforma  
A habitação em floresta,  
E um lance de salto apresta,  
Para extinguil-a, feroz!  
— Tupan! Murmúra a tapuíá.  
E Deus, ouvindo-lhe a prece,  
D'entre as nuvens apparece  
E falla, deante dos dous :

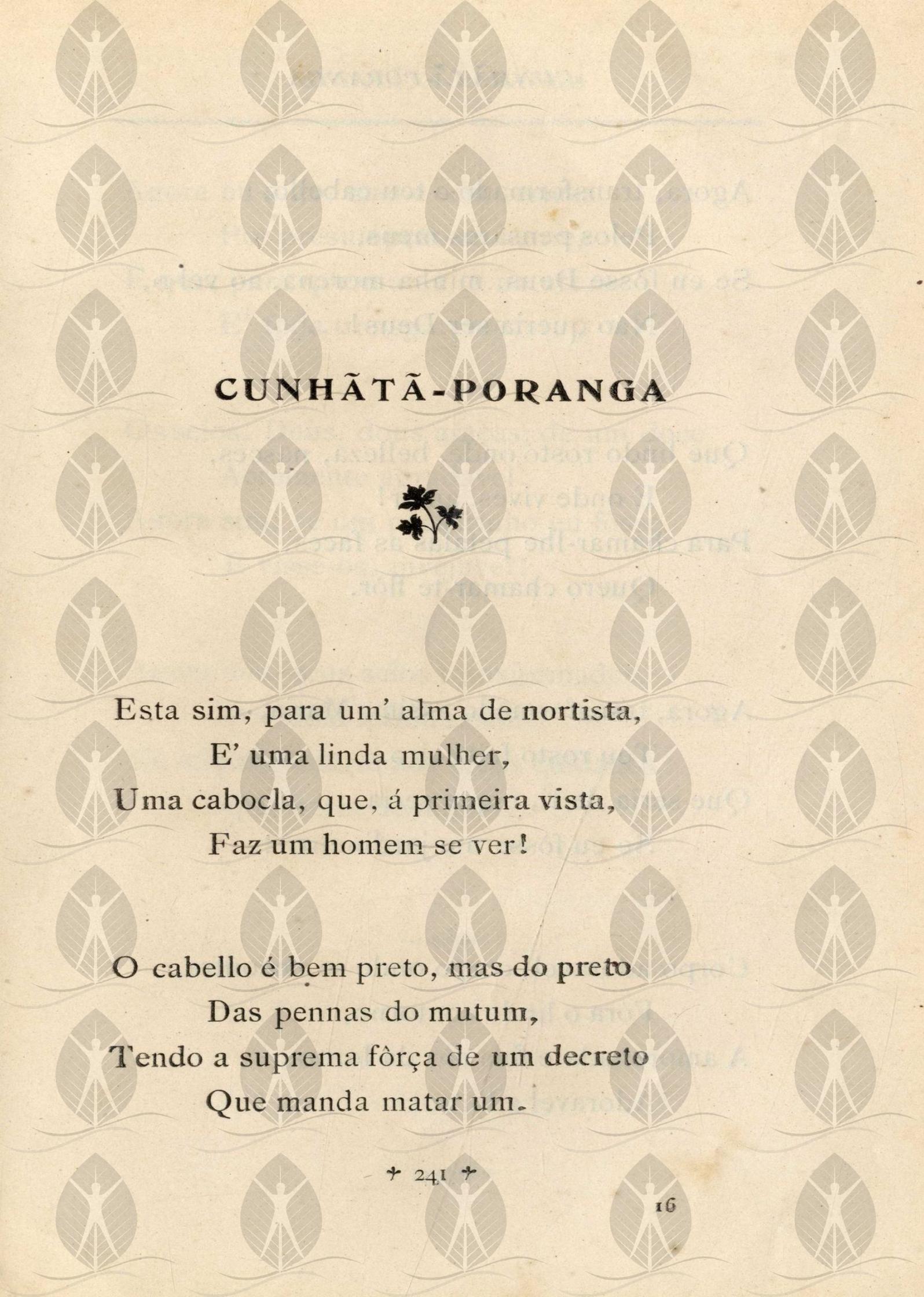
— Quem pelo amor mata ou morre  
Vive em mim viver eterno!  
Nisso Tajá, que é do Inferno,  
Murmúra : — Juruparí!  
E, novamente investindo,  
Parou de subito, olhando  
A noiva escapar-se voando,  
Transformada em Jurití!...

Hoje mesmo 'inda parece  
Que esse amor no peito lhe arde,

A JURITI

Quando, na matta, de tarde,  
Triste canta o seu viver!  
Eu bem via que esse canto,  
Tão suavemente sentido,  
Só mesmo tendo nascido  
De um coração de mulher!





## CUNHÃTÃ-PORANGA



Esta sim, para um' alma de nortista,  
E' uma linda mulher,  
Uma cabocla, que, á primeira vista,  
Faz um homem se ver!

O cabello é bem preto, mas do preto  
Das pennas do mutum,  
Tendo a suprema fôrça de um decreto  
Que manda matar um.

CUNHÃTÃ-PORANGA

Agora, transformado o teu cabelo,  
Pelos pensares meus,  
Se eu fôsse Deus, minha morena, ao vê-o,  
Não queria ser Deus!...

Que lindo rosto onde, beleza, nascas,  
E onde vives, amor!  
Para chamar-lhe petalas as faces,  
Quero chamar-te flôr.

Agora, transformado assim, Maria,  
Teu rosto feiticeiro,  
Que seria de ti, o que seria...  
Se eu fôsse um jardineiro?!

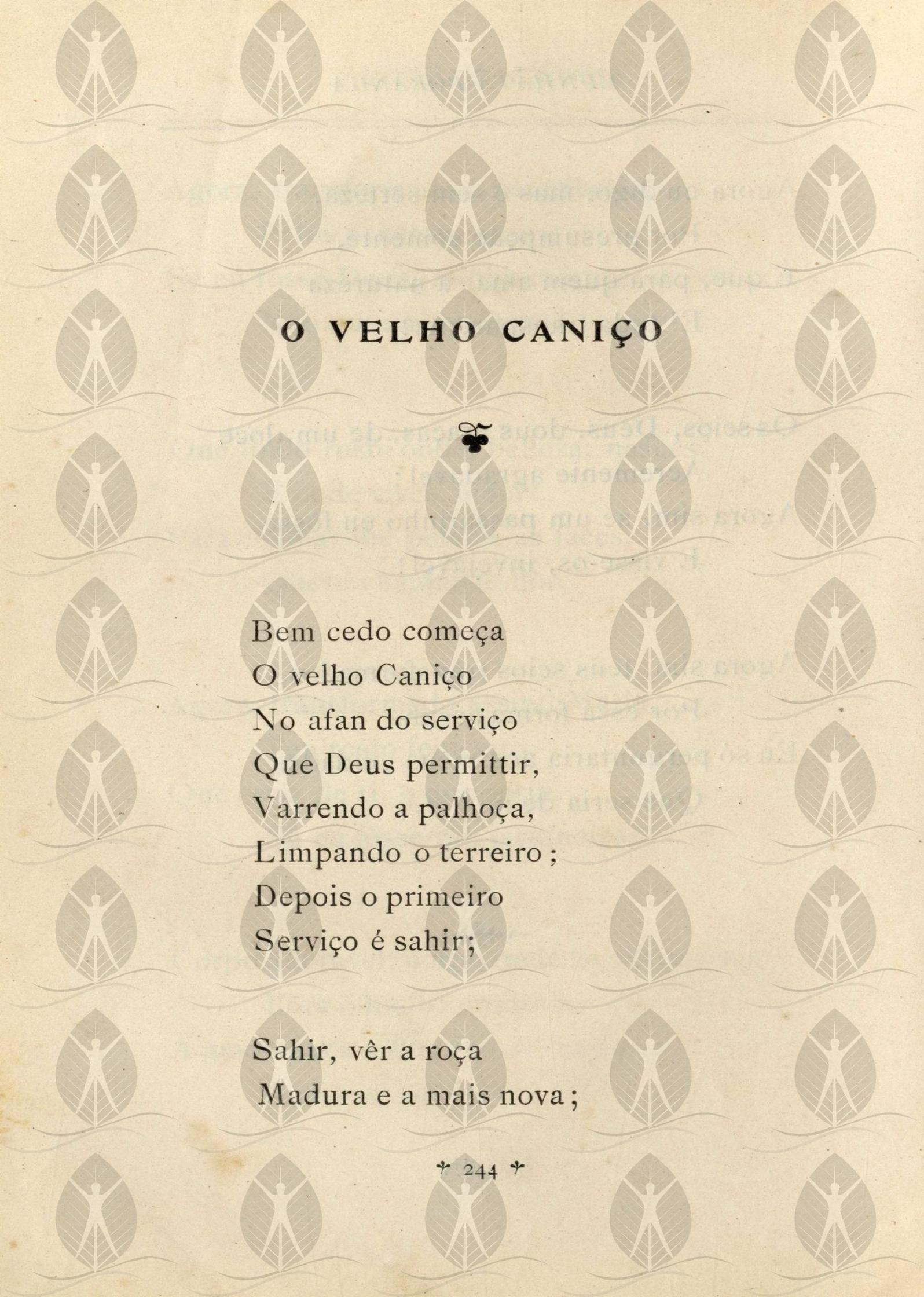
Corpo adoravel, corpo onde se encontra,  
Fóra o lindo contorno,  
A amorenada e fina côr da lontra,  
Adoravel adorno!

Agora eu digo, mas é sem certeza,  
Por presumpção sómente,  
É que, para quem ama, a natureza  
E' toda transparente!

Os seios, Deus, dous arças; de um doce  
Acremente agradável;  
Agora sim, se um passarinho eu fôsse  
E visse-os, invejavel!

Agora sim, teus seios transformados,  
Por essa fórmula assim,  
Eu só perguntaria aos meus cuidados:  
Que seria de mim?!..



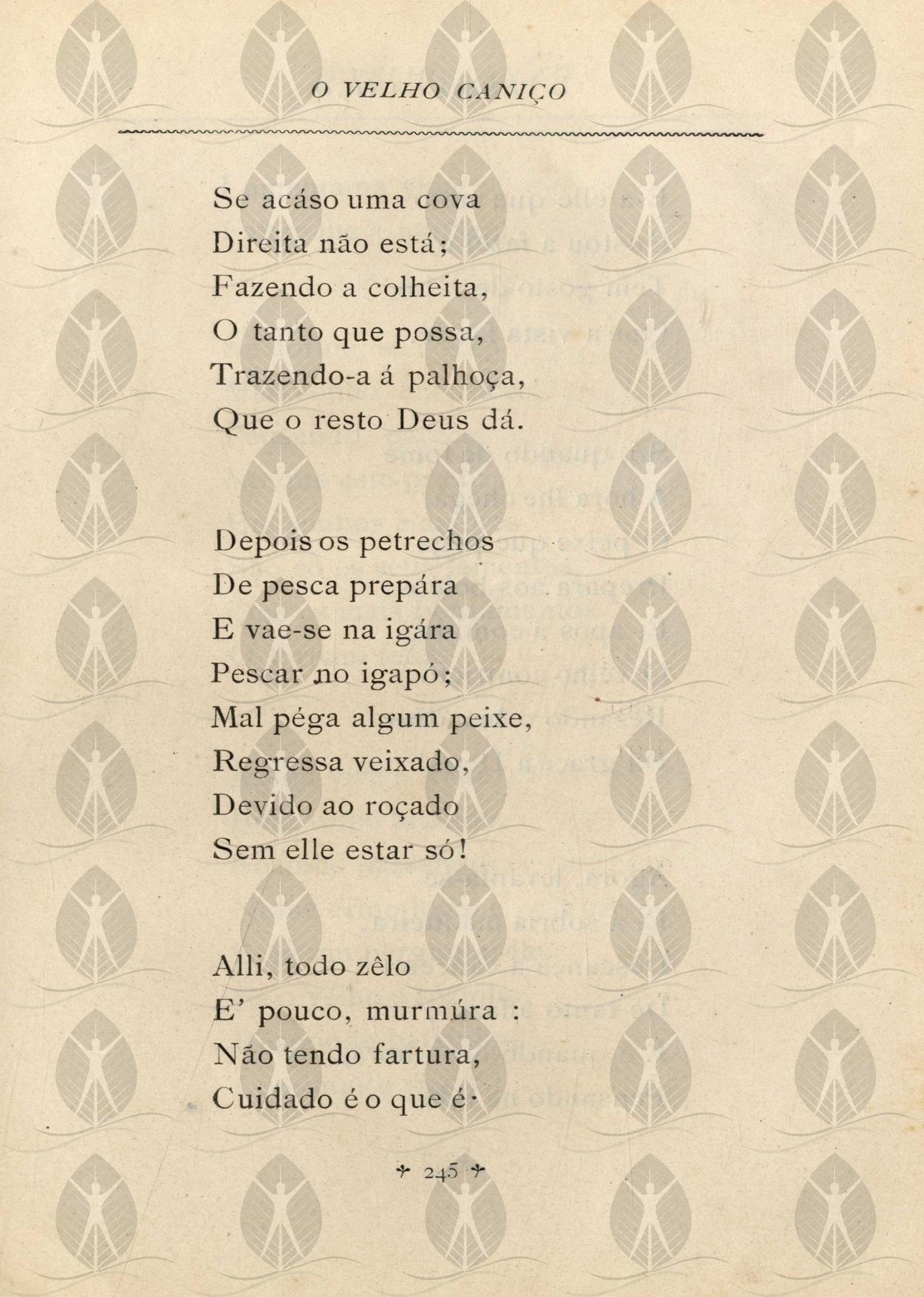


## O VELHO CANIÇO



Bem cedo começa  
O velho Caniço  
No afan do serviço  
Que Deus permittir,  
Varrendo a palhoça,  
Limpendo o terreiro ;  
Depois o primeiro  
Serviço é sahir;

Sahir, vêr a roça  
Madura e a mais nova ;

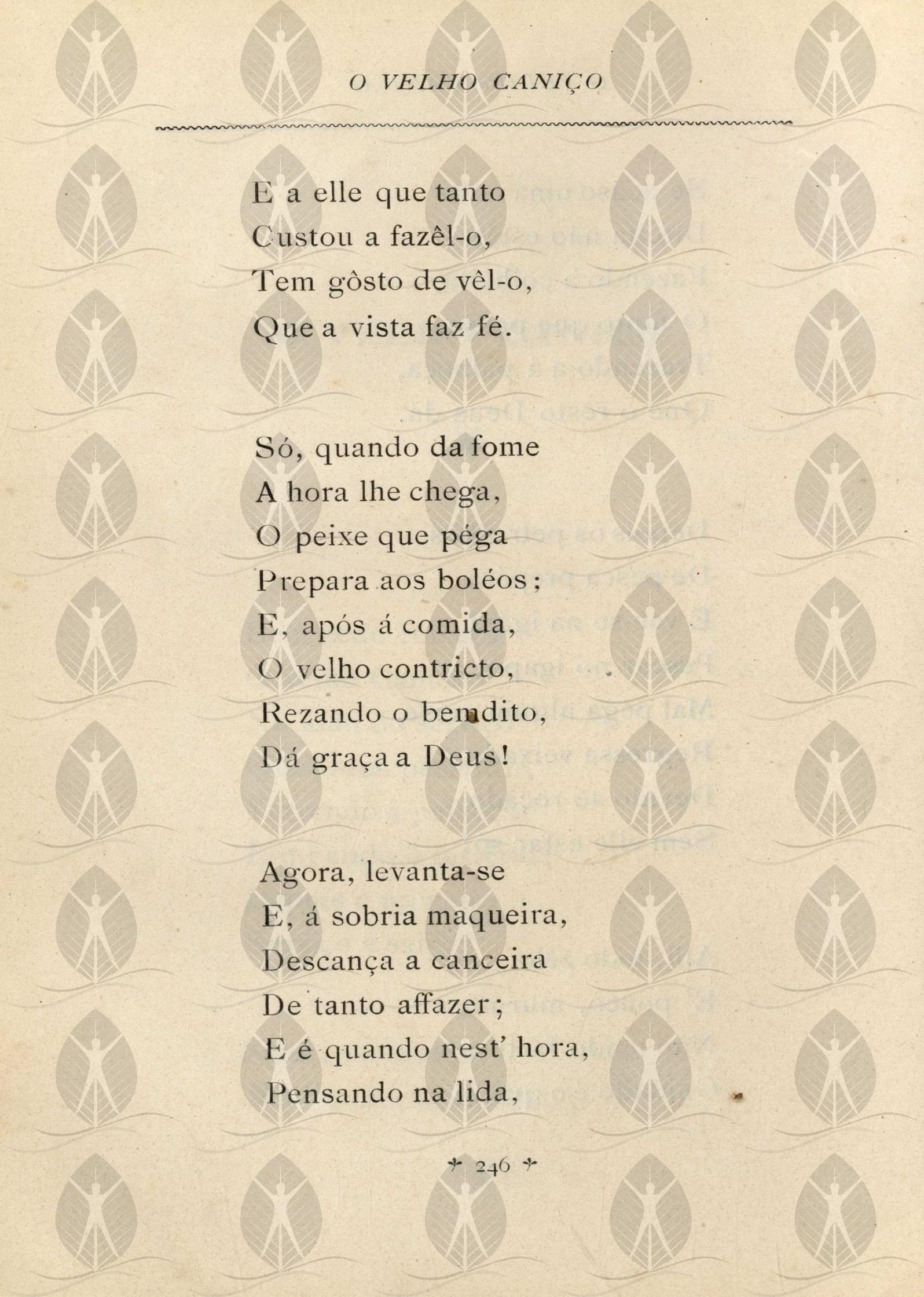


O VELHO CANIÇO

Se acáso uma cova  
Direita não está;  
Fazendo a colheita,  
O tanto que possa,  
Trazendo-a á palhoça,  
Que o resto Deus dá.

Depois os petrechos  
De pesca prepará  
E vae-se na igára  
Pescar no igapó;  
Mal péga algum peixe,  
Regressa veixado,  
Devido ao roçado  
Sem elle estar só!

Alli, todo zêlo  
E' pouco, murmúra :  
Não tendo fartura,  
Cuidado é o que é.



O VELHO CANIÇO

---

E a elle que tanto  
Custou a fazêl-o,  
Tem gôsto de vêl-o,  
Que a vista faz fé.

Só, quando da fome  
A hora lhe chega,  
O peixe que péga  
Prepara aos boléos ;  
E, após á comida,  
O velho constricto,  
Rezando o bemdito,  
Dá graça a Deus!

Agora, levanta-se  
E, á sobria maqueira,  
Descança a canceira  
De tanto affazer ;  
E é quando nest' hora,  
Pensando na lida,

O VELHO CANIÇO

Lamenta na vida  
Faltar-lhe a mulher!

Se dorme, se sonha  
Mão sonho, entristece,  
Pensando, parece,  
No que este prediz;  
Em sonhos e amores  
São só os seus lamentos,  
Que os mais pensamentos  
O tornam feliz.

Assim vive o triste  
Bom velho lutando,  
Sózinho passando  
Nesse ermo lugar;  
E se um perguntar-lhe  
Se o velho é sózinho,  
Responde baixinho,  
Com muito vagar :

— Senhor, eu casei-me,  
No tempo de moço;  
Mas hoje não posso  
Dizer que fiz bem!..  
Sou pobre, hoje vivo  
Sózinho, é bem certo;  
Mas Deus no deserto  
Não deixa ninguém!

Que vida tranquilla  
Do velho da aldeia,  
Mal tendo uma ideia  
Ligeira da dôr;  
Lá uns pensamentos  
Sentindo, tristonhos,  
Se sonha máos sonhos,  
Se falla de amor!...





## FEITICEIRA



Era cabocla nova e feiticeira,  
Como o meigo vem-vem;  
Muito bonita; mas namoradeira  
Como ninguem!

Gòsto era vê-la, sobre a pagerice,  
Muito crente fallar;  
E todo aquelle que fallar a ouvisse  
Tinha que acreditar.

FEITICEIRA

Sabía do segredo mais ignoto  
Que quizesse saber,  
Bastava-lhe uma simples prece ao bôto  
Pela noute, fazer!

Querendo, viveria na riqueza,  
Satisfeita, feliz;  
E se nunca mudou de natureza,  
Foi porque nunca quiz;

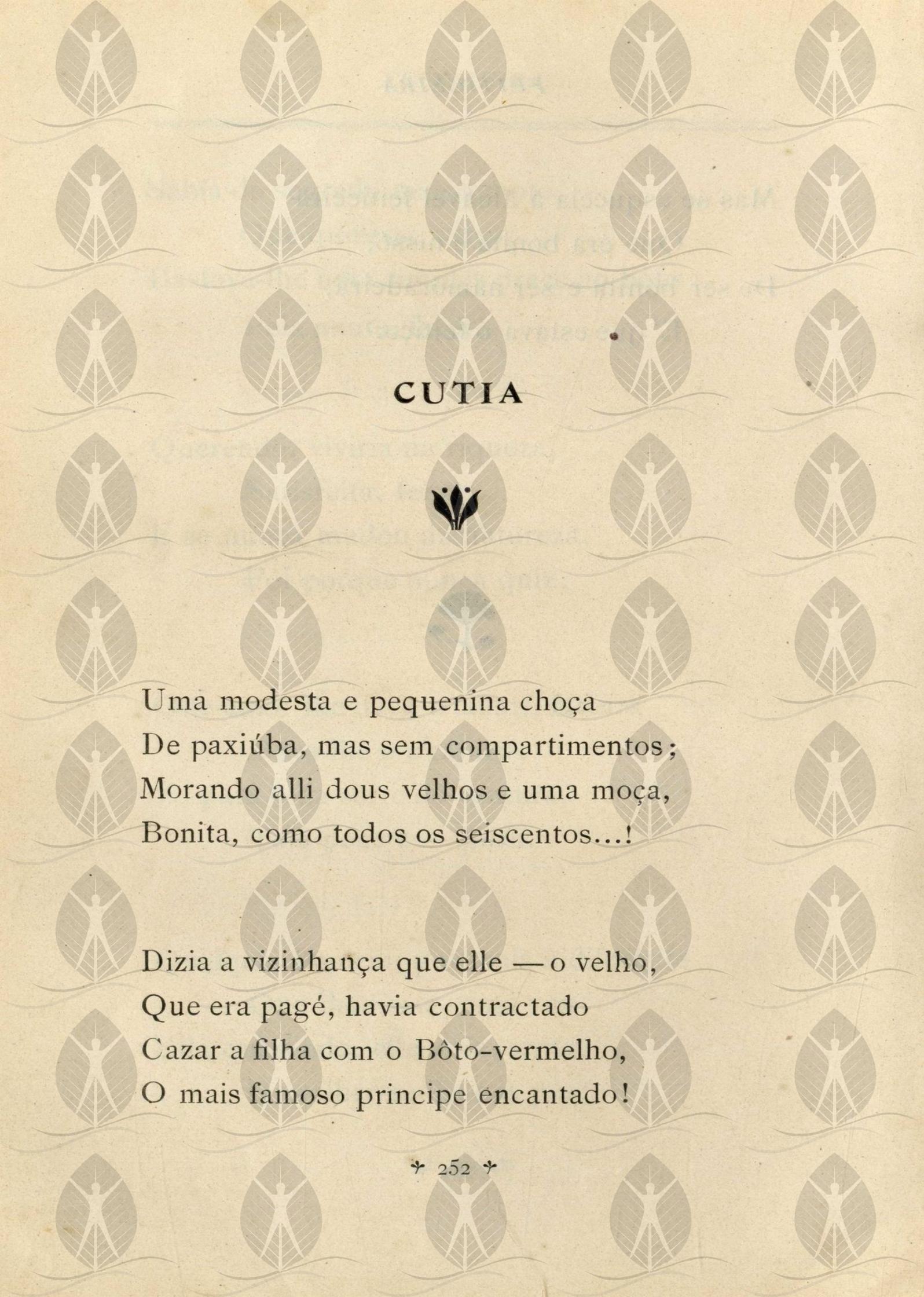
Que amor lhe dava o tauarí, fartura  
Dava-lhe o c'rajurú;  
E, para toda sorte de ventura,  
Tajá-péua e — purú.

Qualquer homem, por mais indiferente  
Que lhe fôsse, uma vez  
Ella querendo, elle viria, rente,  
Humilhar-se-lhe aos pés;

*FEITICEIRA*

Mas se esquecia a amavel feiticeira  
Que éra bonita e nisso,  
De ser bonita e ser namoradeira,  
E' que estava o feitiço.





CUTIA



Uma modesta e pequenina choça  
De paxiúba, mas sem compartimentos;  
Morando alli dous velhos e uma moça,  
Bonita, como todos os seiscentos...!

Dizia a vizinhança que elle — o velho,  
Que era pagé, havia contractado  
Cazar a filha com o Bôto-vermelho,  
O mais famoso principe encantado!

O certo é que na livida *princeza*,  
Desfigurada pelo amor, talvez,  
Havia sempre a original beleza  
De uns tons de noiva, da cabeça aos pés.

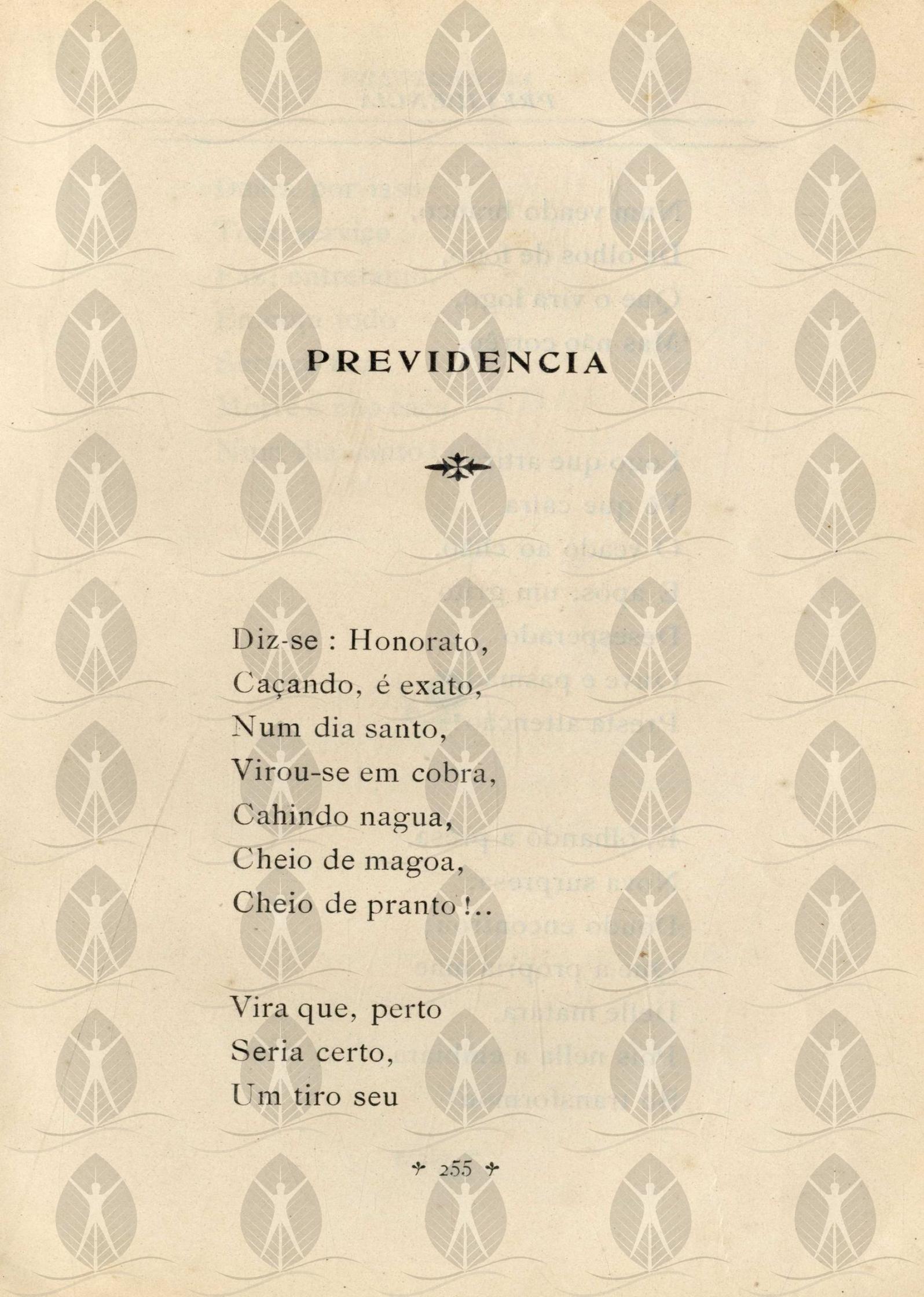
Era um demonio a maga da tapuíá,  
Tinha um modo de errar, tinha uns fallares,  
— Um *disque*, um *demais gósto*, um *de bubúia*,  
Que atiravam sorrisos pelos ares.

E se alguém no cazorio lhe fallava  
Ella a sorrir, moldavel como cêra,  
Um sorriso de duvida mostrava;  
Mas de manhosa só, isto é o que éra.

Os velhos, não! Serenos, firmes, crentes  
No que Tupan constante lhes dizia,  
Aguardavam felizes e contentes  
Do noivado feliz o alegre dia.

Hoje é que a vizinhança diz : tolice!  
Um casamento assim, nunca se viu!  
Sabe em que dêo a tal de pagerice?!..  
Foi que a noiva do Bôto hontem fugio!



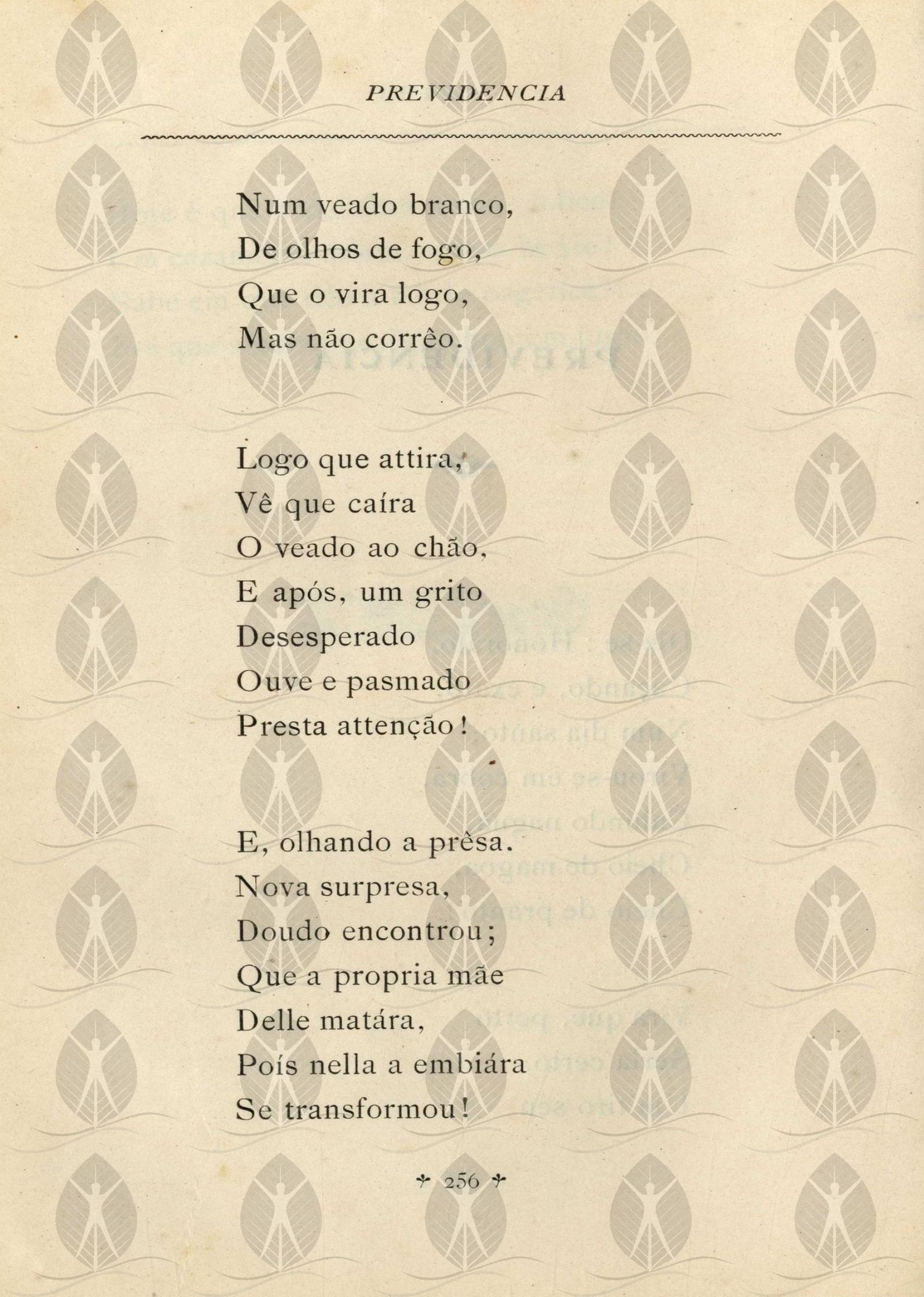


## PREVIDENCIA



Diz-se : Honorato,  
Caçando, é exato,  
Num dia santo,  
Virou-se em cobra,  
Cahindo nagua,  
Cheio de magoa,  
Cheio de pranto !..

Vira que, perto  
Seria certo,  
Um tiro seu



PREVIDENCIA

---

Num veado branco,  
De olhos de fogo,  
Que o vira logo,  
Mas não corrêo.

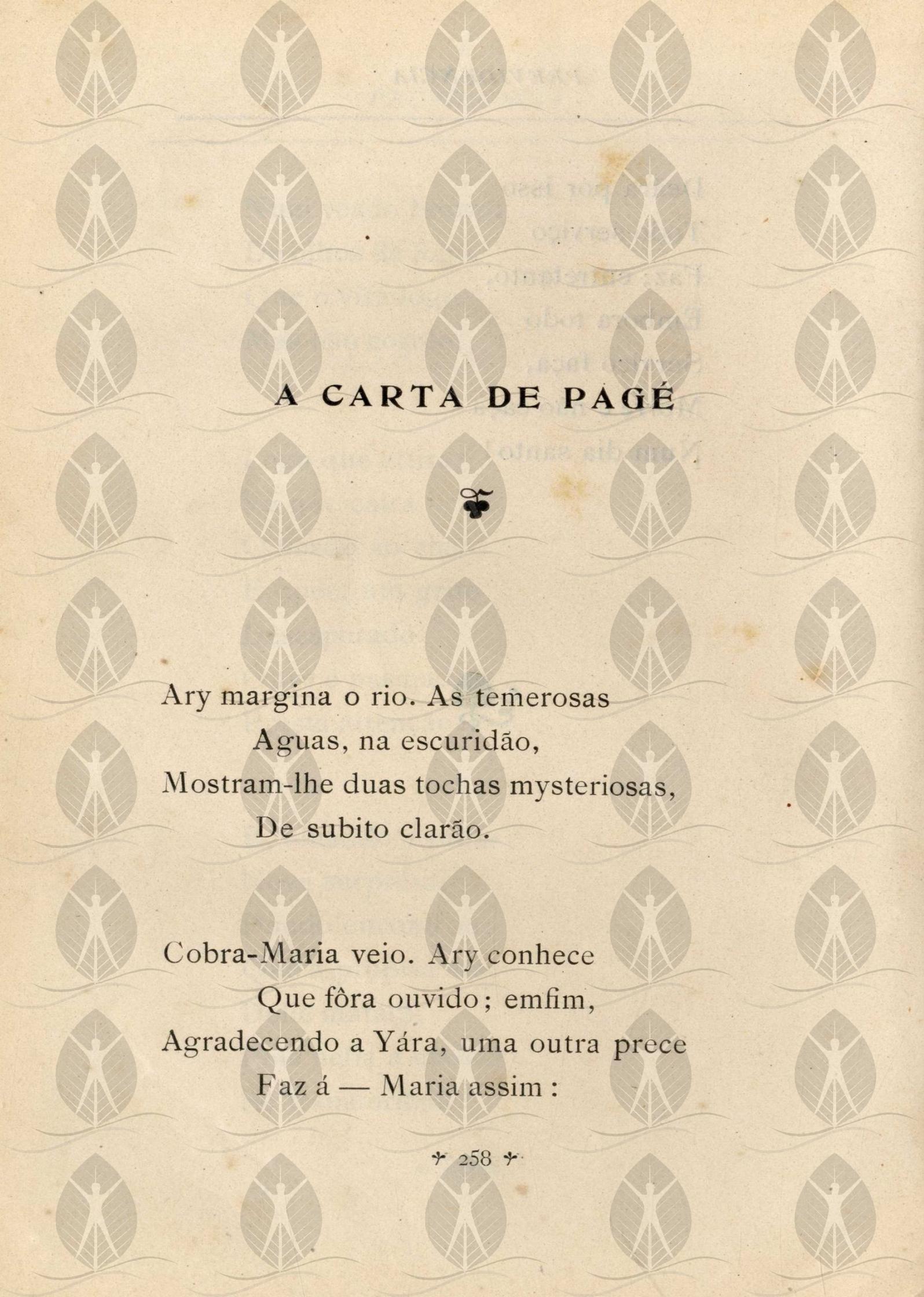
Logo que attira,  
Vê que caíra  
O veado ao chão,  
E após, um grito  
Desesperado  
Ouve e pasmado  
Presta atenção!

E, olhando a prêsa.  
Nova surpresa,  
Doudo encontrou;  
Que a propria mãe  
Delle matára,  
Poís nella a embiára  
Se transformou!

PREVIDENCIA

Deára por isso  
Todo serviço  
Faz; entretanto,  
Embora todo  
Serviço faça,  
Morre e não caça  
Num dia santo!





A CARTA DE PAGÉ

Ary margina o rio. As temerosas  
Aguas, na escuridão,  
Mostram-lhe duas tochas misteriosas,  
De subito clarão.

Cobra-Maria veio. Ary conhece  
Que fôra ouvido; emfim,  
Agradecendo a Yára, uma outra prece  
Faz á — Maria assim :

A CARTA DE PAGÉ

— Encantada tapuía, feiticeira  
Das cabanas de Ary,  
Elle quer ter-te, como companheira,  
Para viver por ti!

— Se Ary quiser ser marupeára, resta  
Tudo isto fazer :  
Nos auassús sombrios da floresta,  
O Curupira vêr.

Ary primeiro lúta, depois pede,  
Se com vida sahir,  
A virtude da caça; elle concéde  
Depois de resistir;

E sahirá depois caçando, e ouvindo  
Cantar o Uirápurú,  
Pede-lhe para ser passaro, pedindo  
Pelo seu c'rajurú,

Que o rei do canto, odiando a Curupira,  
A Ary transformará  
Num gentil passarinho, que lhe inspira  
Amor, num tangará;

E pousará sobre um tauáriseiro,  
Uma vez, para que  
Ary se desencante em feiticeiro  
E tenha crença e fé;

Porque Maria, d'essa arvore rude,  
Que na matta nascêo,  
Tirou encantos para dar virtude  
Ao que andar pelo Céo!. —

Dia santificado. A noite escura,  
A margem tremedal;  
E de novo voltando, Ary murmúra  
A' visão nocturnal:

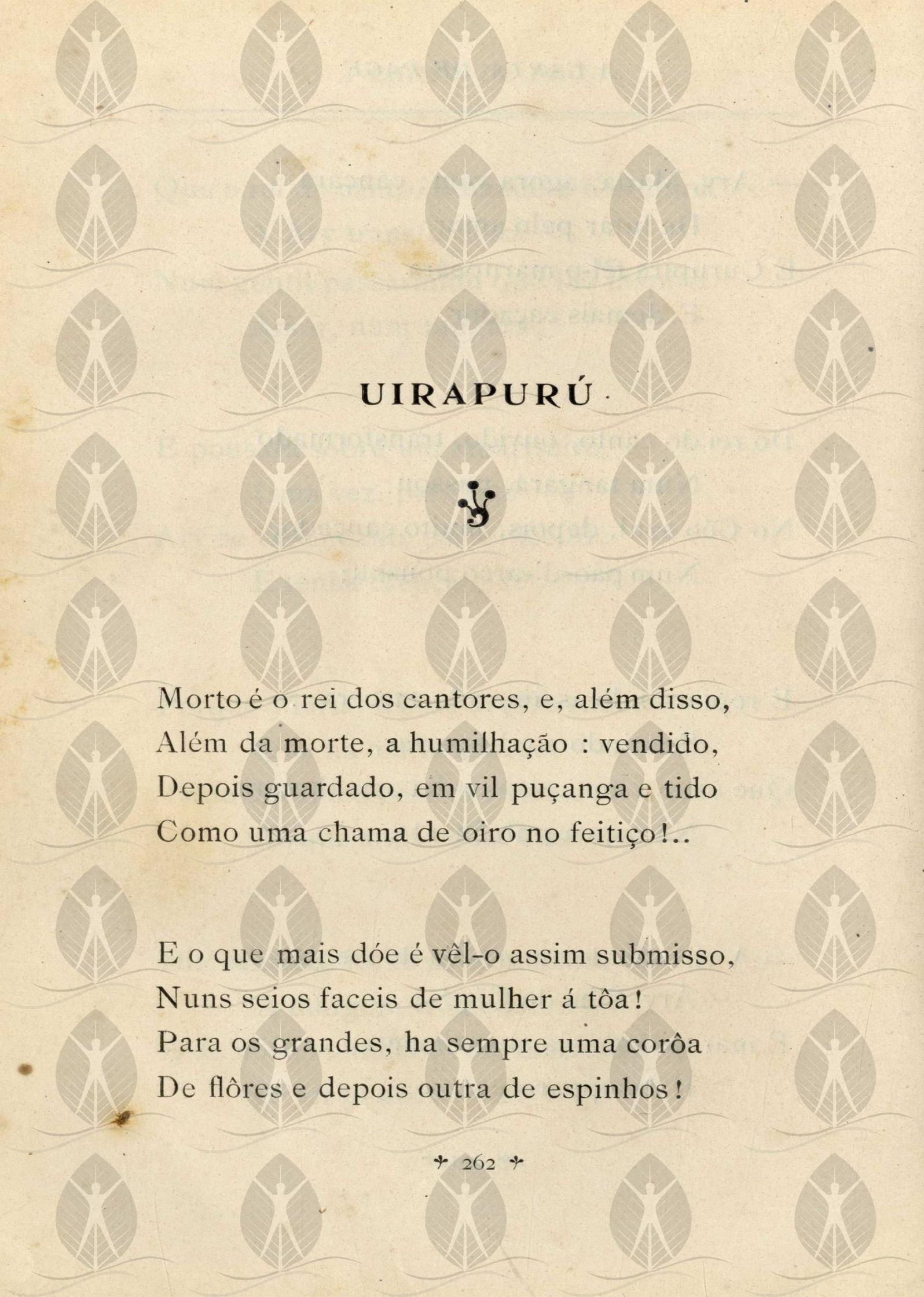
A CARTA DE PAGÉ

— Ary, Maria, agora vem; cançara  
De lutar pelo amor.  
E Curupira fêl-o marupeára  
E demais caçador.

Do rei do canto, ouvido, transformado  
Num tangará, passou  
No Céu azul, depois, muito cançado,  
Num páo-d'-arco pousou;

E repousando assim, adormecera...  
Sentindo ao despertar,  
Que estava em casa e o dia amanhecera  
Na roça a trabalhar! —

— A virtude do amor sêja do crente  
Ary, filho do Céu!  
E marupeára seja eternamente...  
E desaparecêo!...



## UIRAPURÚ.



Morto é o rei dos cantores, e, além disso,  
Além da morte, a humilhação : vendido,  
Depois guardado, em vil puçanga e tido  
Como uma chama de oiro no feitiço!..

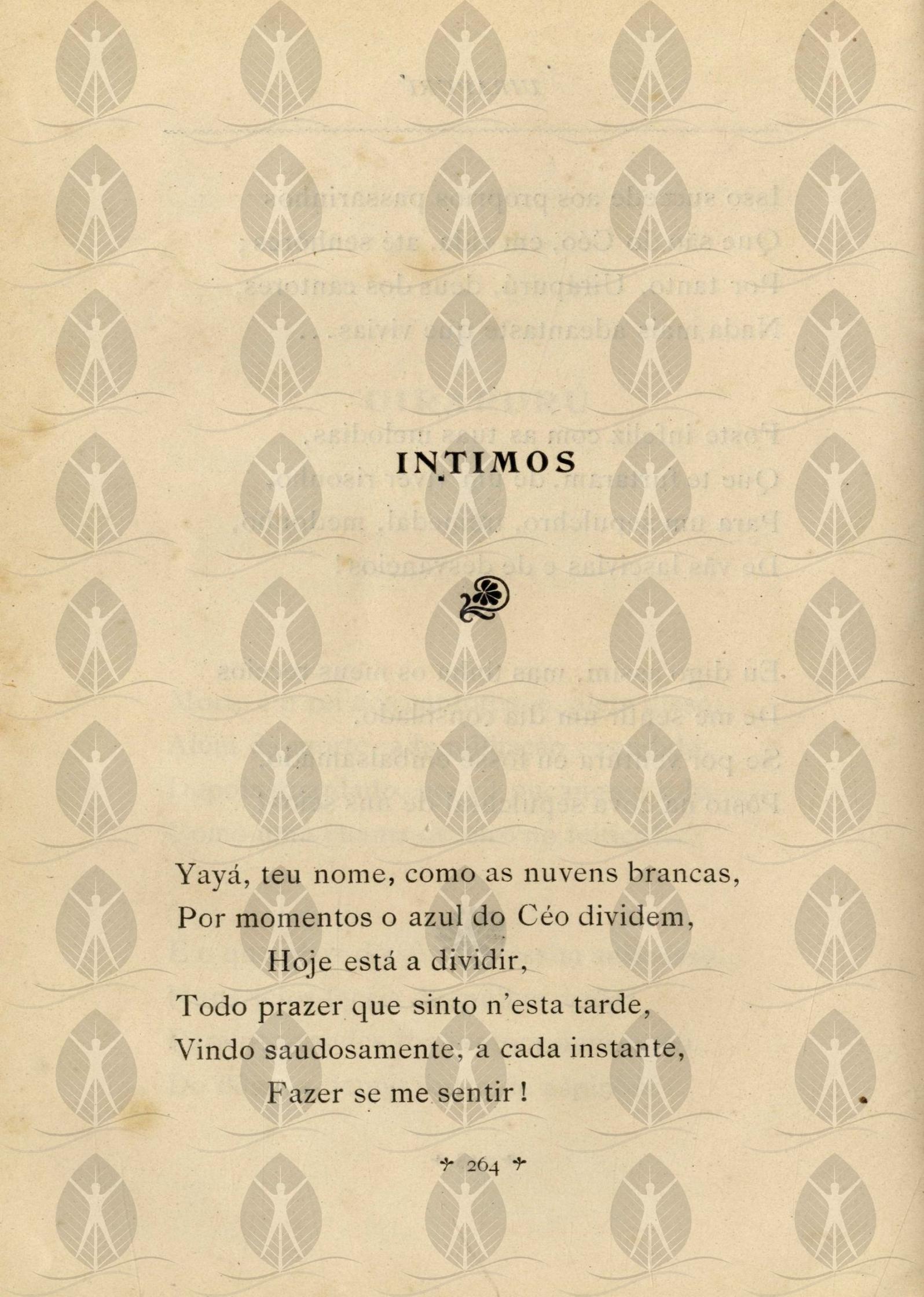
E o que mais dóe é vê-lo assim submisso,  
Nuns seios faceis de mulher á tôa!  
Para os grandes, ha sempre uma corôa  
De flôres e depois outra de espinhos!

Isso succede aos proprios passarinhos  
Que são do Céu, em vida, até senhores ;  
Por tanto, Uirápurú, deus dos cantores,  
Nada mais adeantaste que vivias...

Foste infeliz com as tuas melodias,  
Que te furtaram, de um viver risonho,  
Para um sepulchro, tremedal, medonho,  
De vãs lascivias e de desvaneios !

Eu digo assim, mas tinha os meus receios  
De me sentir um dia consolado,  
Se por ventura eu fôsse embalsamado,  
Pôsto na cova sepulchral de uns seios !





## INTIMOS



Yayá, teu nome, como as nuvens brancas,  
Por momentos o azul do Céu dividem,  
Hoje está a dividir,  
Todo prazer que sinto n'esta tarde,  
Vindo saudosamente, a cada instante,  
Fazer se me sentir!

INTIMOS

Faze ideia : d'aqui, d'onde o Amazonas  
Se bifurca, fazendo ilhas immensas,  
Nesta tarde de Abril,  
Eu, ou por outra, o amor que tu conheces  
Faz, sobre o teu estar, mil pensamentos,  
Mil conjecturas, mil...

Se volto o olhar ao Céu azul, um leque  
De gazas, com umas chispas amarellas,  
Ha no Occidente : é o fim  
De um adoravel dia nesta terra,  
Que a Saudade por ti quiz que elle fôsse  
Noute, só para mim !

Ao longe, a fita vêrde-escura, immensa,  
Da sepultura verde dos meus sonhos,  
Da matta colossal,  
Que o Céu separa deste grande rio,  
Como Deus, separando com a distancia  
Nosso amor conjugal.

Tremem turvas as aguas, treme a vista  
Olhando-as bem, como encandeada, extatica  
De as admirar, talvez...

Lembrando-me, Yayá, quando na serra,  
Naquella tarde eu disse que te amava,  
Pela primeira vez!

Algumas garças descem brandamente,  
Quebrando o vôo e á beira praia pousam,  
Volvendo a vista ao Céu!  
Quem, como ellas, ao um outro céu, da vida  
Do amor, a vista volve para vêr-te,  
Minha Yayá, sou eu.

Tudo aqui ha de bello. E' pena apenas  
Que como a branda claridade aclara  
Este quadro de Deus,  
Minha santa Yayá, tu não estejas,  
Ao meu lado, a aclarar-me o pensamento  
Com a luz dos olhos teus!

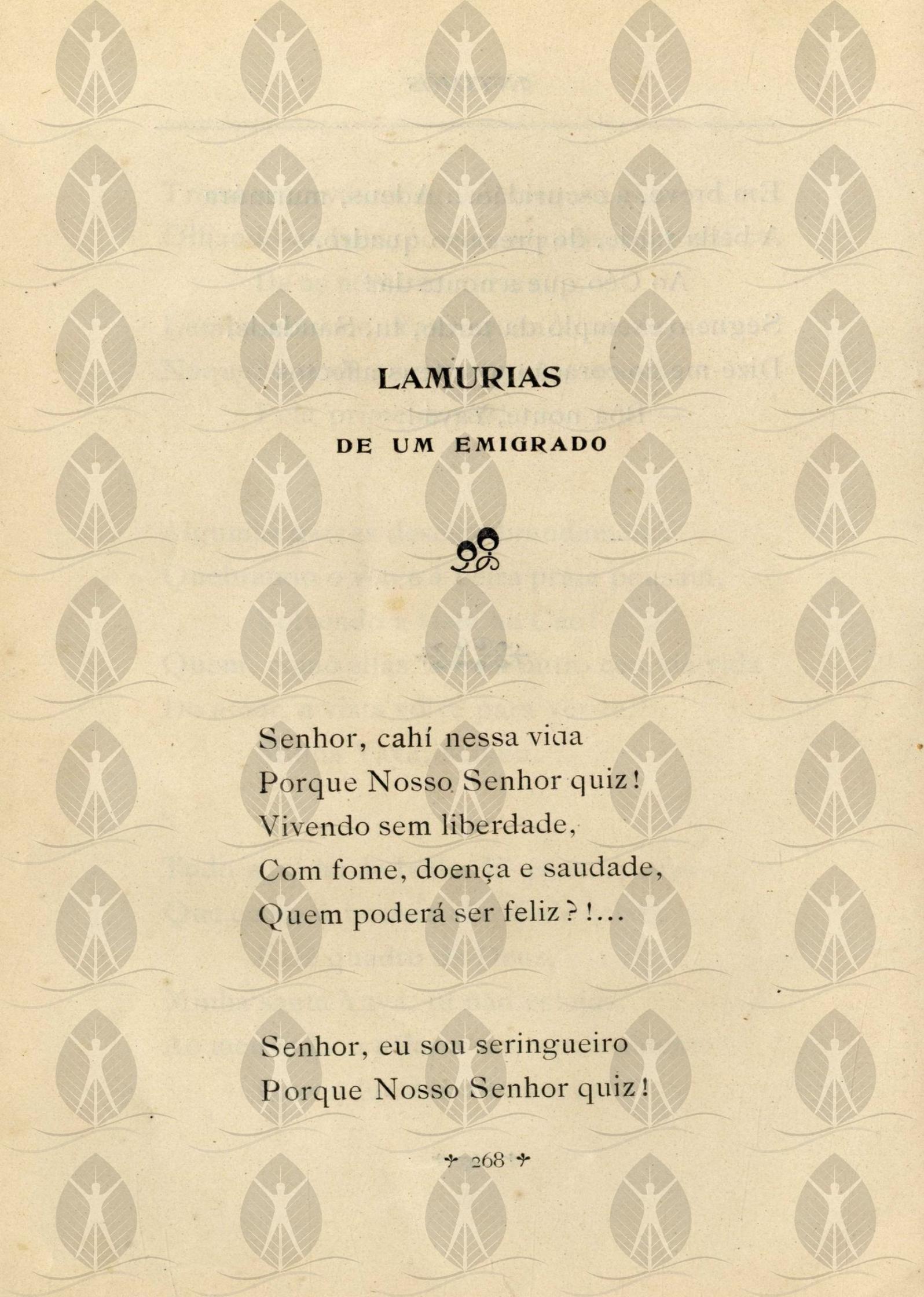
INTIMOS

Em breve, a escuridão... Adeus, murmúra  
A bella tarde, do precioso quadro,  
Ao Céu que a noute dá !

Segue o exemplo da tarde, tu, Saudade,  
Dize-me ao coração, por teus affectos :

— Bôa noute, Yayá !





## LAMURIAS

DE UM EMIGRADO



Senhor, cahí nessa vida  
Porque Nosso Senhor quiz!  
Vivendo sem liberdade,  
Com fome, doença e saudade,  
Quem poderá ser feliz ? !...

Senhor, eu sou seringueiro  
Porque Nosso Senhor quiz!

Não conto com o dia de hoje,  
Nem com o dia da amanhã ;  
Pois, quando não estou doente,  
De dia : chuva, ou Sol quente,  
De noite : carapanã... !

Se por ventura trabalho  
Que é do proveito, Senhor ?  
No contrario, fico á tôa ;  
Vendem-me a propria canôa  
E a mim, se possível fôr !

Nem mesmo a minha familia  
Posso soccorrer assim !  
Soffro fome, peste e guerra  
Quando acaba, em minha terra,  
Inda me chamam de ruim !

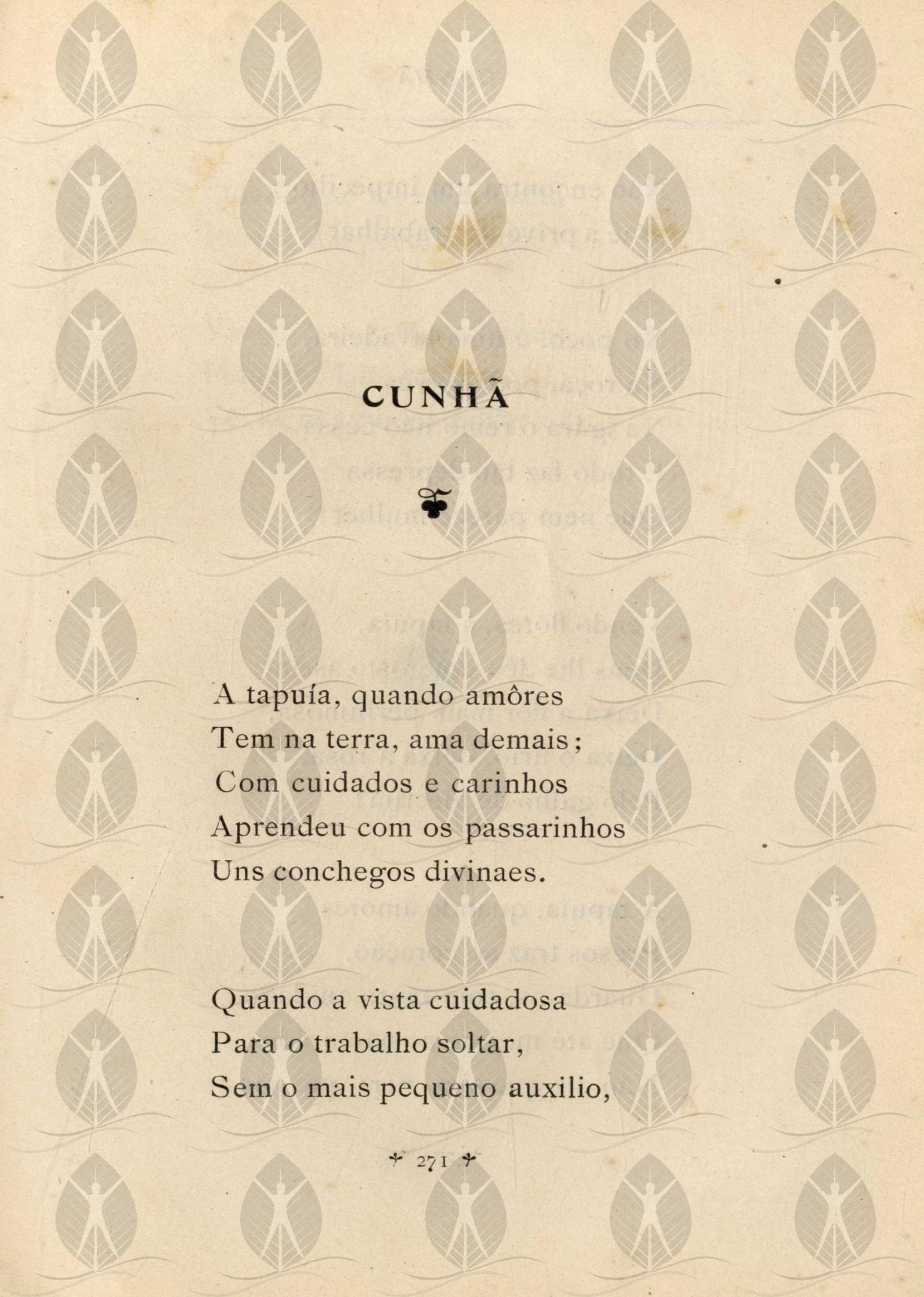
Quem quizer saber do gôsto  
Que essa nossa vida tem,

Largue a terra onde se cría  
E venha, ao menos um dia,  
Cortar *seringa* também !

Passarinho na gaiola,  
Prisioneiro como eu,  
Nem que ella seja bonita,  
Canta bem; mas não imita  
Com o que na matta aprendêo!

Triste de quem vive ausente  
Do lugar onde nascêo !





**CUNHÃ**



A tapuía, quando amôres  
Tem na terra, ama demais;  
Com cuidados e carinhos  
Aprende com os passarinhos  
Uns conchegos divinaes.

Quando a vista cuidadosa  
Para o trabalho soltar,  
Sem o mais pequeno auxilio,

CUNHÃ

Não encontra um impecilio  
Que a prive de trabalhar !

No poço, é uma lavadeira,  
Na roça, póde se vêr,  
Na igára o remo não cessa  
E tudo faz tão depressa  
Que nem parece mulher !

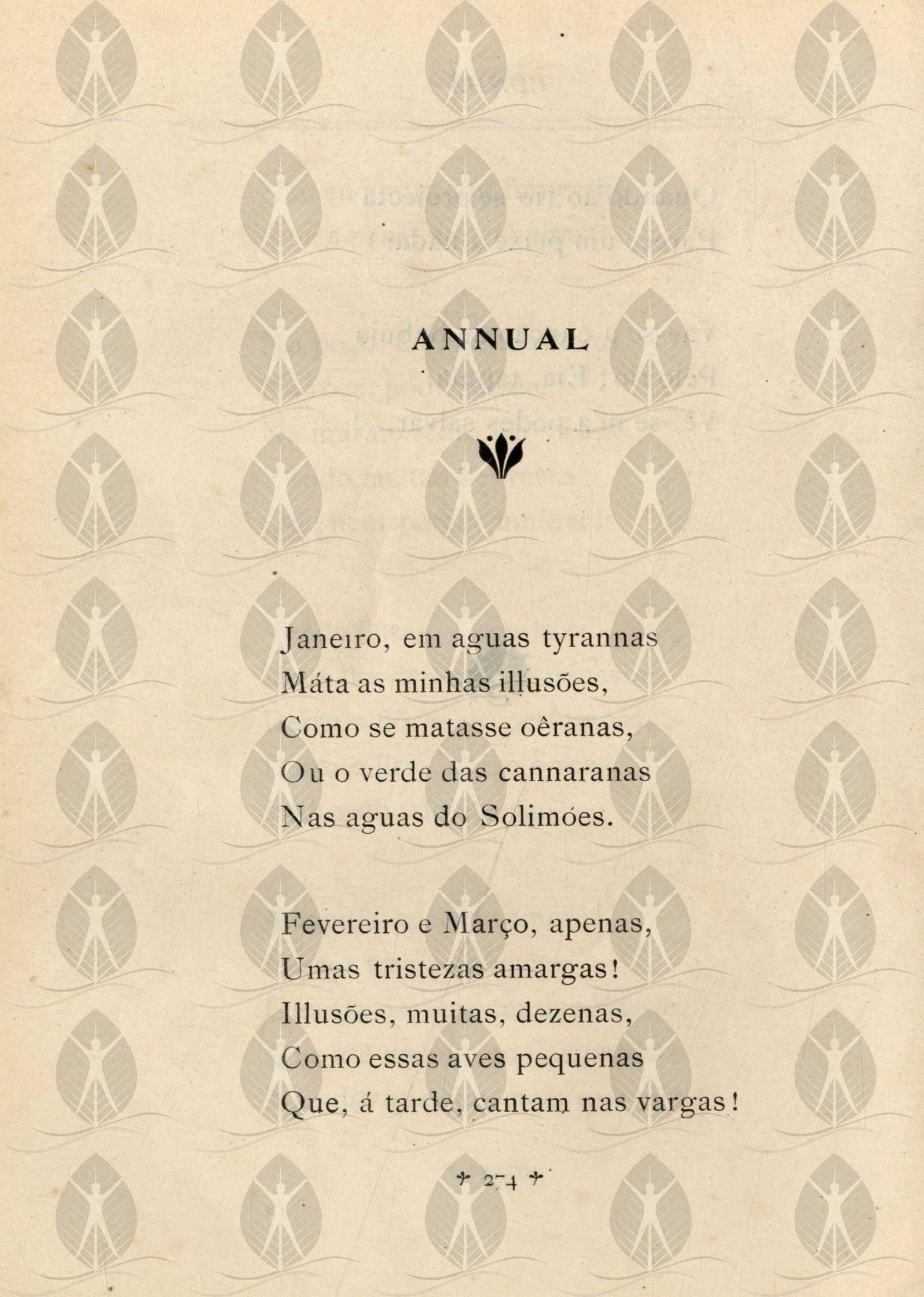
Vendo flôres, a tapuíá,  
Deus lhe dêo um gôsto assim:  
Deixa a flôr mais perfumosa,  
Deixa o lirio, deixa a rosa,  
Pelo galho de alecrim !

A tapuíá, quando amores  
Presos traz ao coração,  
Guarda-os, com tanto cuidado,  
Que até mesmo ao namorado,  
Não diz que sim, nem que não !

Quando ao rio se projecta  
Parece um peixe a nadar !

• • • • •  
Vae-se a canção de bubúia  
Pelo rio ! Eia, tapuíá,  
Vê, se m'a podes salvar... !





ANNUAL



Janeiro, em aguas tyrannas  
Máta as minhas illusões,  
Como se matasse oêranas,  
Ou o verde das cannaranas  
Nas aguas do Solimões.

Fevereiro e Março, apenas,  
Umaz tristeza amargas!  
Illusões, muitas, dezenas,  
Como essas aves pequenas  
Que, á tarde, cantam nas vargas!

Abril, é assim, nem por isso,  
Mais trabalho do que amores!  
Sómente nas flôres, viço.  
Em Maio, muito serviço  
E febres, em vez de flôres.

Junho, afinal recrudescer  
Grandes desejos de ter ;  
Sim, que a riqueza parece  
Com o espaço quando cresce,  
Com as aguas, no decrescer.

Julho e Agosto, sobrios mezes,  
Do mais querido idéal,  
Porque, esquecendo os revezes  
Da vida, se pensa às vezes  
Voltar ao berço natal!

Setembro e Outubro, é certo,  
Somem-se, de dois relances ;

Quando se tem céu-aberto,  
As horas fogem de perto,  
Como se fôsem *nuances*.

Novembro, tristonho, espéra  
O novo tempo que vem;  
E a tudo que proliféra,  
Como vólta a primavera,  
Vólta a esperança tambem.

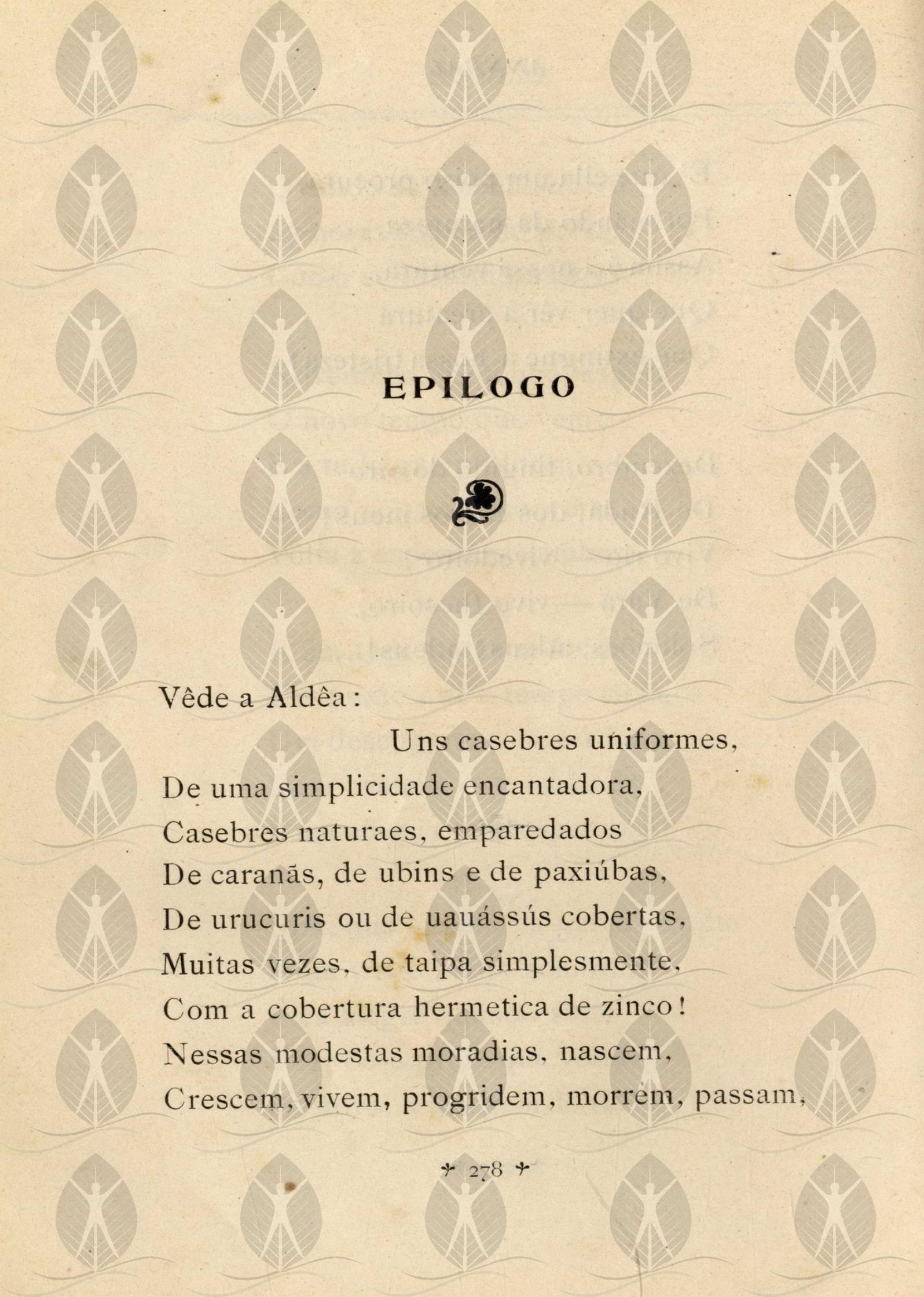
E em tudo notar-se-ha de  
Um mixto que o tempo alcança :  
Um desengano — a verdade,  
Uma tristeza — a saudade,  
Uma alegria — a esperança!

Sim, que é certo : a garça envolta  
Num triste muito sombrio,  
Fica alegre quando sólta  
Um vôo á praia que vólta,  
De novo, á margem do rio!

E' que ella um poiso procura,  
Por mando da natureza,  
Assim é a nossa ventura,  
Que quer vêr a creatura  
Que extingue a nossa tristeza!

Dezembro, tingido do oiro  
De Rudá, dos cantos meus!  
Vivo rio — vivedoiro  
De Yára — vivo thesoiro,  
Solimões, adeus! adeus!...





## EPILOGO



Vêde a Aldêa :

Uns casebres uniformes,  
De uma simplicidade encantadora,  
Casebres naturaes, emparedados  
De caranãs, de ubins e de paxiúbas,  
De urucuris ou de uauássús cobertas,  
Muitas vezes, de taipa simplesmente,  
Com a cobertura hermetica de zinco!  
Nessas modestas moradias, nascem,  
Crescem, vivem, progridem, morrêm, passam,

## EPILOGO

Proles immensas de caboclos simples,  
Mal differentes dos que vestem tanga,  
Que o vestuario só de dril conhecem!

Mestiços que elles são, mas propendendo,  
Mais propendendo para a raça extincta,  
Bem como os galhos desprendidos, lentos,  
Que sentem mêdo de deixar o tronco,  
Temendo a morte á mingua, á flôr da terra!  
Caçam, pescam, cultivam, quanto baste  
Para, ao morrer do Sol, estarem fartos.  
Fogem da briga e da perseverança,  
Mas, como a planta, onde elles nascem, morrem.  
Desconfiam de si, fogem do officio,  
Mas a vida da musica os domina.  
Rudes, no amor familiar, um filho  
Custa a vir-lhes ás mãos, mais que um terçado!  
Felizes, porque são despreoccupados,  
E não choram, nem migram, nem padecem.  
Sisudos, mas a um lapso de euphonía,  
De um cariua, gargalham doudamente.

## EPILOGO

Furtam-se á igreja, mas Tupan, para elles,  
E' tão verdade como o pagéismo ;  
Crentes, até demais : os passarinhos,  
São como, semi-deuses : uns enviados  
Ao bem, outros, do mal prenunciadores ;  
Mas a Virtude em si móra nas plantas,  
Bem como a Lei, no intimo dos bichos :

Tajá péua, — purú, — onça, — viadinho,  
Tauarí, c'ajurú, diamba, diriço,  
Dão-lhes encanto, vida, amor, fartura,  
E sobre tudo, tudo que desejam,  
E, ou seja a paz de espirito a grandeza,  
Ou a humildade do oiro, nesse canto,  
Onde a vaidade á fina força morre,  
Ou adaptação meramente instinctiva,  
O certo é que, nesse conjuncto docil  
De apgúas, cunhãs e curumins,  
A felicidade existe, se é que existe,  
Como o Bello-Ideal que aqui não morre!

## EPILOGO

Vêde-a poeticamente :

Os passarinhos,  
Desde a pipira ao sahí-assú, modulam  
Cantorias alegres, contrastadas  
Com o meigo arrulho dolencial das rôlas.  
Variegadas as arvores compactas  
Amuralham-lhe o sitio de verdura,  
Tapetando-a de grama curta e intensa,  
Não rara vez algum guará poisando-lhe,  
Como uma rosa vista bem de longe!  
Uma vez do Nascente o Sol a esbate,  
Reflectindo-lhe o todo 'inda orvalhado,  
Como se alli estivesse desprendida,  
Uma chuva de perolas no verde;  
Outra vez, desmaiado, quando é-poente,  
Como quem diz a Aldêa :

— Ianê-pitúna,

Foge. E a Aldêa responde-lhe :

— Indaué !

EPILOGO

Aldêa, oh meiga filha da floresta,  
Dá-me o teu tauári, cheio de diamba,  
Que em tua crença é a chamma da poesia!  
Accende-o e dá-m'o, que procuro, ha muito,  
Inspiração com que te endeuse em versos,  
Que me não falta amor para querer-te!...



# REGRESSO

(ULTIMO CANTO)



Ao Ex<sup>mo</sup> Sr. Dr. Barão de Studardt,  
meu mestre e amigo.



Que de alegre eu chore e trema,  
Hoje, que venho de volta,  
Trazendo a minh'alma envolta  
De saudades, Iracema!

Que bem que me faz sentir-te,  
Oh, patria, para possuir-te,  
Daría o proprio prazer!

REGRESSO

Cem annos mais, que eu vivesse,  
Dal-os-hia a quem quizesse  
Para em teu seio morrer!

Nada que valha na vida

Um olhar sobrio de ausente  
Ao berço patrio, que a gente  
O chama — Patria querida!  
Com que graça, com que adorno  
O olhar se derrama, em torno  
Do santo berço que é seu!  
Embora seja fugace,  
Parece que a gente nasce  
N'algum pedaço do Céu!

Uma anthithese eu sentia  
Quando de ti me lembrava:  
Se, olhando o rio, chorava,  
Olhando o Céu claro, ria;  
É' que eu via, no Céu claro,

## REGRESSO

A morte de um tempo avaro,  
De consequencias crueis;  
E no rio, a pena apenas,  
Vendo de sobra centenas  
De ferteis igarapés !

E aqui, meu berço, no entanto,  
Sem que a coragem o prive,  
Estioladamente vive  
Humido, apenas do pranto ;  
Mas, atravez da fartura,  
Que existe n'aquella altura  
E aquella terra bem diz,  
Voltei, deixando a riqueza  
Dos outros pela pobreza  
De minha patria infeliz !

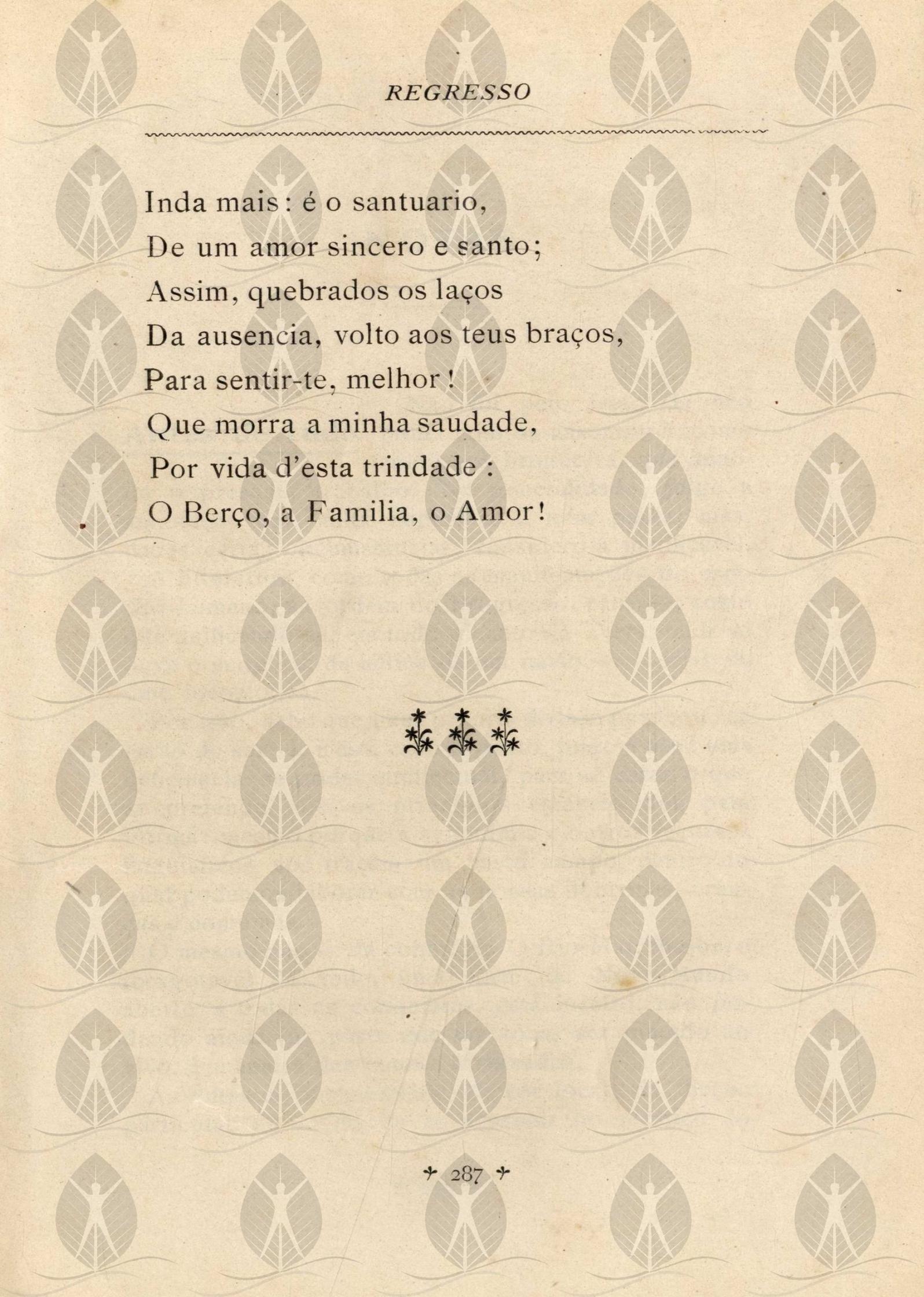
A Patria é o mundo ? ! Mentira,  
Nem o amor tal me convença,  
Se tal fôra a nossa crença,  
O mundo eu não preferira !

REGRESSO

A patria que entendo e chamo,  
E' o canto obscuro que amo,  
Que me prende e me seduz;  
Assim, não sou do Universo,  
Que a minha Patria é o meu berço,  
Meu berço — a Terra da Luz.

E o berço é a santa verdade  
Do ser da nossa existencia,  
Parece, no céu da ausencia,  
O ardente sol da saudade!  
O berço é assim como um cofre  
De trancar-se o que se sofre,  
Para não se soffrer mais!  
O berço é a santa guarida,  
Onde um filho guarda a vida  
Dentro da vida dos paes!

O berço, dentro de um canto,  
Mais que estrophe, é um relicario,



*REGRESSO*

---

Inda mais : é o santuario,  
De um amor sincero e santo;  
Assim, quebrados os laços  
Da ausencia, volto aos teus braços,  
Para sentir-te, melhor !  
Que morra a minha saudade,  
Por vida d'esta trindade :  
O Berço, a Família, o Amor !





## NOTAS

### Antes de tudo

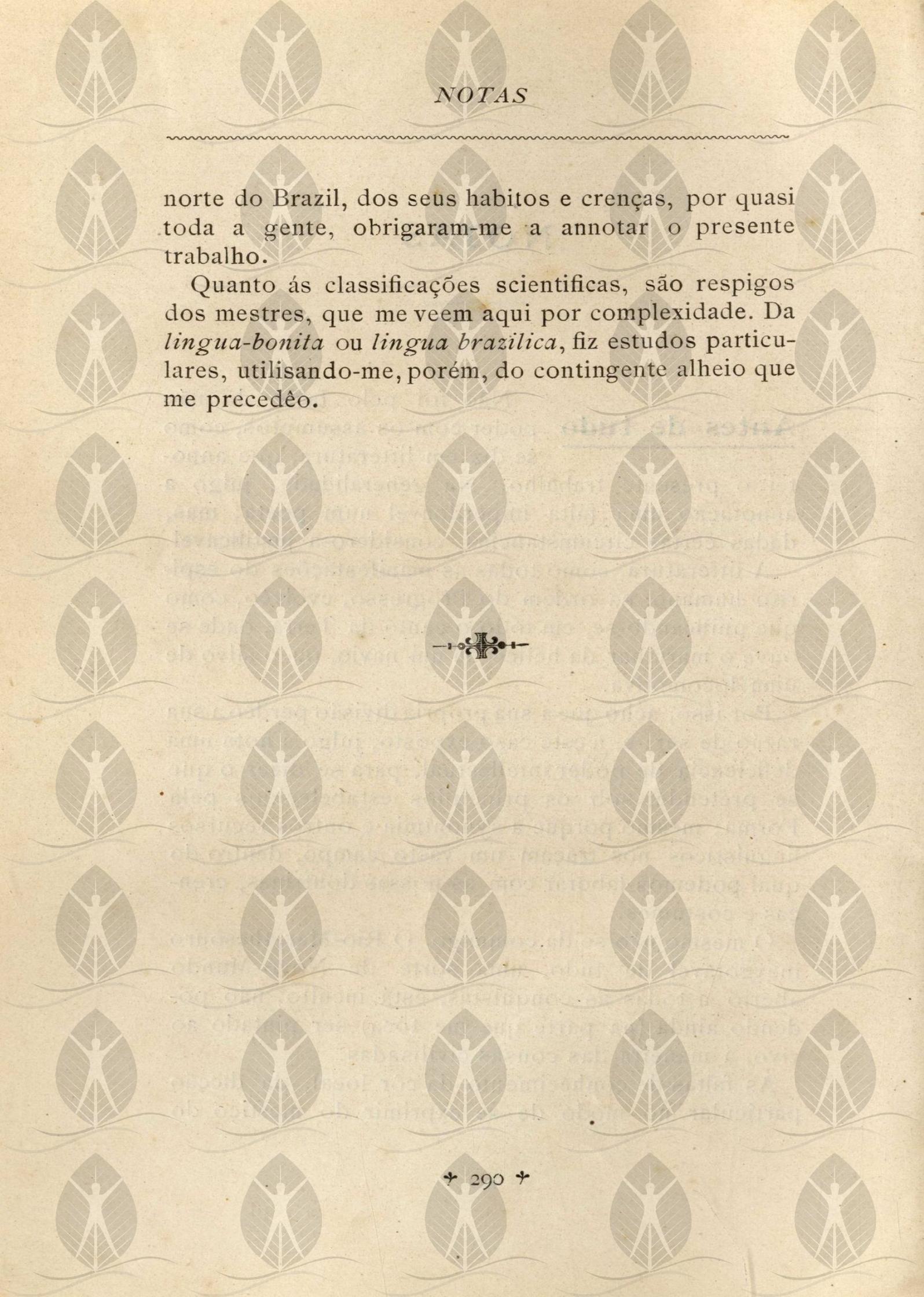
Não foi pelo facto de não poder com os assumptos, como se diz em litteratura, que anno-tei o presente trabalho. Na generalidade, julgo a annotação uma falta imperdoavel num poeta; mas, dadas certas circumstancias, considero-a justificavel.

A litteratura, como todas as manifestações do espirito humano, na ordem do Progresso, evolvêo, como que unificando-se, em todo o canto da Terra, onde se ouve o marulhar da helice de um navio, ou o silvo de uma locomotiva.

Por isso, acho que a sua propria divisão perdêo a sua razão de ser; e, n'este caso exposto, julgo a nota uma deficiencia de poder intellectual, para se dizer o que se pretende, sob os principios estabelecidos pela Forma; mesmo porque a synonymia e outros recursos linguisticos nos traçam um vasto campo, dentro do qual podemos laborar com as nossas doutrinas, crenças e costumes.

O mesmo não se dá commigo. O Rio-Mar, thesouro inexgotavel de tudo, uma sorte de Novo-Mundo aberto a todas as conquistas, está inculto, não podendo ainda (na parte que me tóca) ser pintado ao vivo, á maneira das cousas civilisadas.

As faltas de conhecimento da côr local, da dicção particular no modo de se exprimir do mestiço do



NOTAS

---

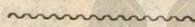
norte do Brazil, dos seus habitos e crenças, por quasi toda a gente, obrigaram-me a anotar o presente trabalho.

Quanto ás classificações scientificas, são respigos dos mestres, que me veem aqui por complexidade. Da *lingua-bonita* ou *lingua brazilica*, fiz estudos particulares, utilizando-me, porém, do contingente alheio que me precedêo.



# O FIRMAMENTO

(À guisa de prologo)



Eu sempre vi o Céu como um prologo á Natureza; e a isto chamar-se uma paisagem.

Sempre vi a Juventude como um prologo á Vida; e a isto chamar-se um céu-aberto.

Assim comprehendí dois céos : um que é do homem que pertence á Vida, e o outro, da vida que pertence ao Homem.

Dahi foi que me nascêo a lembrança de dar um firmamento, á guisa de prologo, ás minhas litánias amazonicas; e esse firmamento é o retrato fiel da minha adolescencia litteraria.

Nelle ha sol, nuvens, aves, manhãs, tardes, crepusculos, ora em castigos de luz mais viva, ora envoltos na escuridão. Na transposição do dia á noite que decorre da « Manhã » ao « Lethargo », primeira e ultima das minhas poesias, enfeixei sete outras, que pretendo symbolisem as sete côres do espectro solar, ou o Arco-Iris. Neste trabalho que comecei pelo vermelho e terminei pelo roxo, observe-se que a disposição das côres, na ordem seguida, não foi de mim, mas do meio, que me obrigou, nas minhas observações, a vê-las com o vertice do *prisma* voltado para o lado do Céu e a base para a Terra.

A expressão symbolica, que lhes procurei dar,

foi-me inspirada por convencionalismo. Desde a infancia que me ensinaram a vêr o odio no amarello, a graça no azul, a esperança no verde, etc., e isso não é lá para que se diga illogico, maximé hoje, que, com uma simples tinta, se colore um céu de roxo e azul, e, ainda mais, imita-se o claro das aguas e o verde das florestas.

O Ceará não está nas condições do Amazonas, quanto á litteratura. Lá não ha mais explorações a se fazer. A sua côr local já é vista de norte a sul do Brazil. Foi a razão porque a presente collecção de versos leva apenas as notas que seguem.

**Corruchiam** Canario, *Sycalis-flaveola-brasilensis*, é o ornato das cumieiras das casas, nas serras cearenses. Domesticam-se ao ponto de andarem soltos e procriarem nas gaiolas. A felicidade de um menino alli, naquellas paragens, o seu supremo *ideal*, é ter um carneiro e um casal de canarios, que cantem e sejam *brigadores*; mas o que é notavel é que o *Sycalis*, pelo contacto intimo comnosco, já não é um *conirostro* commum, que apenas cante; elle *retine, estala, gargolêja, e corruchia*.

*Retinir*, o verbo diz bem: *estalar* é quando canta commummente; *gargolejar* deve ser uma corrupção de *gargarejar*, como *corruchiar* deve derivar de *côrchilrar*, lembrando a ideia de chilar em côro.

Em qualquer hypothese, *poetizando o caso*, o *corruchiar* é um modo do canario manifestar o amor; tanto que elle só *corruchia* quando vê, longe ou perto, uma canaria. Ao contrario, é um desafio expresso d'uma provocação á luta, o *gargolêjo*; e a prova disto

(affirmem os meninos da minha terra) é que canario que não *corruchia*, não *casa*, canario que não *gargolêja*, não *briga*!

**Lavandeira** Alvelôa, é a *motacilla* dos romanos; de *alveus*, leito do rio, *ales* ave e *volans*, que vôa; e muito apropriadamente chamada pelos francezes : *hoche-queue*, cauda irrequieta, movediça.

Sempre uma lenda, ou uma abusão, vem em defeza dos animaes que não podem defender-se naturalmente.

A lavandisca ou lavandeira, é muito mansa e indefensa e como tal ampara-a esta abusão : ninguém a deve tocar, maxime se ella estiver no rio, sobre as pedras, ruflando as azas, como lhe é proprio; *porque ella está lavando a roupa de Nossa Senhora!* Por isso é que, embora ella nidifique no baixo das moutas, o seu ninho é tão respeitado pelas creanças, como os dos demais passarinhos na quaresma.

# AQUATEIS

(Primeira collecção)

## INTRODUCCÃO<sup>1</sup>

Jací<sup>2</sup> cuidava da immensa floresta que dominava a longa faixa de terra dos Andes ao Amazonas. Da immensa cordilheira, apenas deslisavam tenuissimos fios d'agua.

O Tucháua<sup>3</sup> desta immensa zona, de jucúnas e jaúnas que alli dominavam, crente de que Rudá<sup>4</sup> lhe dava menos prestigio que ao seu Pagé<sup>5</sup>, desesperado por ver que a Natureza vigorava, sem ser pelas suas ordens, fez um ajurí<sup>6</sup> de todos os seus mandados, e,

---

1. **Introduccão.**— Julguei de méro effeito de arte a metrificacão de uma lenda qualquer; assim limitei-me a estabelecer uma certa unidade de concepção nos meus trabalhos, dando-lhes, porém, uma simples feição lendaria, tendo sempre em ideia correlacionar as abusões e credices do valle do Solimões.

As lendas puramente indigenas, de ha muito que foram deturpadas pela pagelança, hoje exercida pelo mestiço.

A tarefa a que me arroguei de incumbido, foi um tanto ardua, mas não desejo que passe disto.

2. **Jací.** — *Ja*, vegetal, planta; *ci*, mae; *jaci*, mãe da floresta; é a Lua.

3. **Tucháua.** — Chefe de uma tribu qualquer.

4. **Rudá.** — É o deus do amor, da reproducção da especie e o mesmo que *Perudá*. É um dos deuses da trilogia indigena.

5. **Pagé.** — É um feiticeiro, pretensio medico e adivinhador.

6. **Ajurí.** — Significa reunião de pessoas, para um dado serviço.

tomando da inubia<sup>1</sup>, declarou guerra a Tupan<sup>2</sup>, crente de que Guarací<sup>3</sup> o auxiliasse. Tupan envia-lhes Uirará<sup>4</sup>, que, descendo de Iuáca<sup>5</sup>, lança um immenso archote de fogo sobre elles, destruindo-os.

Tucháua, porém, não morrêo, sendo condemnado a chorar tanto que as suas lagrimas dessem para o submergir, e foi dellas que se fez o lago original, que ainda hoje existe, no cimo de uma serra do Japurá<sup>6</sup>, onde os jucúnas e os jaúnas juram que alli só existe um peixe! que é um bôto preto (*Stenotucuxi*<sup>7</sup>).

Guarací nada fez, apenas chorou pela desgraça que succedêo ao Tucháua, e as suas lagrimas rolando do Céu pelas as cordilheiras a baixo, fizeram o rio que hoje chamamos *Solimões*. Portanto o Rio-Mar foi feito das lagrimas do Sol.

- 
1. **Inubia.** — Intrumento de guerra, dos indios.
  2. **Tupan.** — E o Deus dos deuses, o Eterno.
  3. **Guarací.** — *Guará*, vivente; *ci*, mãe; *Guarací*, mãe dos viventes; é o Sol.
  4. **Uirará.** — É um bôto encantado num *principe*.
  5. **Iuáca.** — E o Céu dos Tupís.
  6. **Japurá.** — Rio Japurá, celebre pela tradição que o conjectura como o antigo repositorio de oiro onde as naus de Salomão vinham se abastecer do precioso metal. No cimo de uma serra do Japurá ha um originalissimo lago onde é corrente que só tem dentro, um simples exemplar de bôto.
  7. **Tucuxí.** — *Steno-tucuxi*, é o bôto preto, o pirá-jagoára dos Tupís.

CEARÁ-AMAZONAS

(um quadro da emigração)

**Iracema** aqui symbolisa o typo do emigrado cearense, o rio, a matta e o Céu, a riqueza do Amazonas.

No Ceará vive-se alegre, embora na miseria, pelas suas optimas condições climatericas. No Amazonas ha mais recursos de vida, mas o clima não é tão salutar.

TUCUNARÉ

**Tucunaré** *Cichla-temensis*, o peixe excellente do Amazonas. É saborosissimo, isto é, *bonito*, como dizem os naturaes. Só é pescado pelo seguinte processo originalissimo : tres anzões, estrovados<sup>1</sup> em sentido contrario, á semelhança de uma pequena ancora com tres unhas, cobertos com penas de tucano, ou de arára, amarradas ao estorvo feito, ligados depois a uma linha curta, atada a um caniço<sup>2</sup>. A este instrumento dão o nome de *pindá* ou *piná-uduáca*.

O Jacumã<sup>3</sup>, de costas viradas para os outros remeiros, risca-a velozmente á flor d'agua, no sentido hori-

1. **Estrovados.** — Creio que deve ser corrupção do verbo estorvar : impedir, prender.

2. **Caniço.** — Hastea, fina e linheira; o mestiço dá-lhe o nome de caniço quando já está com anzol.

3. **Jacumã.** — É o lugar do piloto na igára, mas commummente elles dão esse nome ao proprio piloto.

zontal. O Tucunaré vem rapido pegal-a, julgando ser alguma flôr, o seu unico alimento, e fisga-se, sendo colhido pela mucíca<sup>1</sup>.

**De bubuia,** expressão muito usual em toda a Amazonia, que se traduz por : fluctuar á mercê das aguas; fig. : ser levado á mercê.

### A ENCHENTE

Trez são as impressões mais vivas da cheia do Solimões : de pavor, de alegria e de saudade.

No primeiro caso, a quêda das arvores seculares, que rolam das margens, descendo á mercê da corrente.

No segundo, a satisfacção dos peixes, que prisioneiros na *mãe do rio*, vão de novo entrar para os igarapés<sup>2</sup>, igapós e lagos, onde sabem que encontrarão farto repasto.

Por fim, a tristeza das garças, que, ao verem as praias se submergirem a pouco e pouco, poisadas no oêranal<sup>3</sup>, como que pensam em voltar de novo ao

1. **Mucíca.** — De *mucicar*, tirar o anzol da agua de um modo rapido, para colher o peixe.

2. **Igarapé.** — Do Guarani, *igára*, canôa ; *pé*, caminho, estrada ; igarapé, rio pequeno.

3. **Oêrana.** — No Solimões chamam a este arbusto, que se desenvolve nas praias, *Auarana*, outros, *auayrana*, outros, *oirana*; os habitantes do Rio Negro, *oêrana*. Comprehendem a assim : *aua*, cabelo, *y*, agua, *rana*, bravo; não sei se devido á oêrana, por dois terços do anno, viver mergulhada, mal mostrando os ultimos galhos; mas pelo velho annexim d'agua não ter cabellos, propendi para os naturaes do Rio-Negro, onde melhor se *corta a lingua*, como lá se diz.

centro da floresta, com saudades do verão, que é abundantissimo e delicioso para ellas.

· GARÇA FELIZ

· Cannarana

é a canna brava, mas não se confunda com a *Cassia-nigra* (cannafistula) nem com a canna-frecha (*Ferula-communis*).

É muito commum nas margens do Solimões que, quando enche, a desprende com a forma apparente de pequenas ilhas fluctuantes; neste caso é sempre uma especie de salva-vida ou um poderoso abrigo aos que lhe arrojam em cima uma igára, que é quasi sempre impotente contra a furia do Rio-Mar raivoso. É a moradia commum do jacaré (*Alligator*).

Onça

é a *Felis-onça* da zoologia, *felidæ* e carnívora. No caso presente, refiro-me á jagoára-pinima (onça pintada) e não ao jagaretê-pixúna (onça preta) inferior em numero e a que menos se approxima das margens; tão pouco a tapiíra-iauára (onça, cachorro e anta; isto é, corpo de onça, pés de anta e mãos de cachorro) que tambem é pintada, e segundo os mestiços dizem.

A onça pintada; ao passo que no Ceará e no Piauíhy é attacante e ferocissima, devido á escacez de alimentos, no extremo norte do Brazil, é incapaz de uma aggressão, fugindo do grito de um homem, como della foge o veado catingueiro, o suaçú-birá dos indios (*servus simplicicornius*); todavia, como adeante

referirei, o jacaré impresta-lhe a fama com que ella vae desfructando um lugar de heroína, na tradição da terra.

É, porém, tão sagaz, quanto a raposa nas fabulas. Caçando, dizem os naturaes, imita o canto da inhambú (*Pesus-niambú*) que quasi sempre lhe vem ás garras.

Na pesca é admiravel: agachada sobre um galho de arvore, que de ordinario cahe sobre um igarapé ou lago, começa a bater muponga<sup>1</sup>, com a ponta da cauda, na flôr d'agua. O tambaquí, julgando ouvir a queda de alguma fructa de jauarí (*Astrocarium-javari*) ou de taquarirana (*Panicum-selvaticum*) alli acode, sequioso do alimento, e é então que a astuciosa pescadora zanda-lhe<sup>2</sup> a mão garrosa embiárando-a<sup>3</sup>.

**Jacaré** *Alligator*, dos *alligatoridas*, gen. dos crocodilos da America. Attinge o tamanho de quatro metros.

Dizem os pagés que o jacaré, ou carrué dos jucú-

1. **Muponga.** — Supponhamos um caniço com uma linha, tendo, em lugar do anzol, uma pequena bola de osso; eis o instrumento auxiliar de pesca, a que elles chamam *muponga*. Batem com ella incessantemente na agua, e a queda do pequeno pezo semelha a queda de uma fructa. Acto continuo põem o anzol iscado e o peixe que se approxima, vendo-o, pega-o, sendo colhido. Alguns chamam ponga, por muponga.

O emigrado cearense, que facilmente deturpa uma palavra, em lugar de dizer : bater com a ponga, contrahio a expressão, fundindo-a em : bater caponga, que aliás é mais usual hoje.

2. **Zanda-lhe.** — Do verbo zandar, muito commum no norte, devendo ser corrupção de desandar. Sei que exprime, no emprego, bater com violencia.

3. **Embiárando-a.** — Do substantivo embiára, prêsã que um animal faz de outro. O mestiço já o emprega figuradamente: a sua embiára, isto é, a pessoa de que elle dispõe.

## AQUATEIS

---

nas, quiz atacar Boia-uacú, por isso ella condemnou-o a ser fraco e elles accrescentam que é por isso que elle não sabe das armas que possue.

O jacaré mal defende o ninho ou os filhos, no emtanto as suas prêsas são tão poderosas, que de uma vez, reduz a fragmentos um *Emys-tracajá*. A iáuárêê, antes de atravessar um igarapé ou lago, rosna, sendo curioso ouvil-o soltar esturros medonhos, fugindo precipitadamente.

Dizem mais que a -piníma exerce sobre elle tanta influencia que, quando o apanha no soalho<sup>1</sup>, o ataca, começando a devoral-o pela cauda; e elle assim, immovel como um morto, submisso como uma lesma, não faz o menor movimento, não tenta de sahir! Disque<sup>2</sup>.

## PIRACEMA

**Piracema** não é cardume, como dizem no proprio norte. *Pirá*, peixe; *cema*, do verbo *cencema*, sahir; sahida de peixe.

Nas vasantes ou sêccas dos igarapés, dos igapós ou lagos, as sardinhas (não a *Clupea-sardina* mas a *Chalcei-nemature*) sahem aos milhares para o grande rio, marginando-o sempre de correnteza acima, não raras vezes acamaradadas com os *prochilodus-argen-*

---

1. **Soalho.** — É um derivado de assoalhar.

2. **Disque.** — Contracção da expressão : diz-se que; é muitissimo commum entre os Amazonenses, e exprime uma affirmativa por informação. Ex. : Vais passear? Disque. — Fulano morreu? Disque. — É certo? Disque.

*teus* (pacús) ou com os ferradores mandis (*pimelodus-maculatus*), ladeadas e seguidas de outras series de peixes e amphibios ferozes, que as perseguem como alimento preferido.

Assim a piráíua<sup>1</sup> (*Bagrus-reticulatus*), a pirárara — peixe pintado (*Salirus-pirárara*<sup>2</sup>), o pirárucú — peixe avermelhado (*Arapaima-gigantea*<sup>3</sup>), os bôtos (*Steno*,

1. **Piráíua.** — Pirahiba dizem muitos, de *pirá*, peixe; *hiba*, mão, ruim. A piráíua só é peixe mão no Solimões; no Rio Negro é o peixe preferido. O indio não o denominaria de mão, no sentido de feroz, porque realmente elle não o é. No Rio-Negro os naturaes dizem claramente: pirá-íua — peixe doido; e é certo que o diabo vive doida e continuamente a saltar fóra d'agua e foi esta, talvez, a causa da sua denominação.

2. **Pirárara.** — Como todo peixe liso ou de pelle, como elles dizem, não serve de alimento e é repudiado no Solimões. Tenho visto papagaios lindos de plumagem multicôr, e os naturaes affirmarem que são assim, por terem comido banha de pirárara. Disque.

3. **Pirárucú.** — É o bacalhau amazonense, como producto de pesca, e quasi no sabor.

Numa especie de *loca*, no fundo dos lagos, deita as ovas e aguarda a eclosão; quando nasce aquella myriade de filhos, afflue á flôr d'agua, formando um bôlo que só se movimenta quando a femea, collocando sob elles a cabeça, os conduz. Á frente o macho sãe, desembaraçando-lhes o caminho, offerecendo luta aos conjeneres que os atacam. Não é raro que nessas occasiões, a femea sorva os filhos; e, quando os vê livres de perigo, expelle-os de novo. Quando se acham mais desenvolvidos, passam para a altura do tronco, a meio, depois para a cauda, até ficarem em condições de proverem á vida.

Nessas occasiões os paes são facilmente harpoados pelos dextros pescadores da Amazonia.

O pescador espreita os filhotes, de arpão na hastea em riste; e, se elles são da primeira idade, joga-lhes uma arpoada um pouco aquem, para alcançar com precisão o dorso da pobre *arapaima*. Se elles são da segunda idade, a arpoada cahe bem no meio delles, e é fatal; se já são da ultima idade, se andam na cauda, o pescador calculando, atira a arpoada um tanto á frente, sendo ainda certo o golpe. Que factu *sui generis*: matar-se os paes pelo tamanho dos filhos! Ricos homens! pobres animaes!

*Inia e Sotalia*) até mesmo os sucuriús (*Eunectes-murinus*) completam a piracema.

É um quadro bellissimo, vel-as subito e continuamente atacadas, saltando aos milhares a um ou dois metros acima do nivel da agua, desprendendo-se depois em toda a projecção de grandeza.

### MALLOGRO

**Bôto** Vermelho (*Sotalia-brasiliensis*), *delphinus* dos gregos. Refiro-me ao descripto pelo emerito homem de sciencias e lettras, José Verissimo, que assim o caracterizou : cinzento azulado-pallido no dorso e na nadadeira caudal, rostro curto, cabeça asymerica, ladeado de um lindo laranja-amarello, buscando salmão. O illustre mestre não affirmou, mas julga, que o *Sotalia-brasiliensis* cursa apenas a bahia do Rio de Janeiro.

Affirmo, sob observação propria, que, muito a contra-gôsto<sup>1</sup> do *Steno-tucuxi* (bôto preto) e do (*Inia-amazonica* (bôto branco), o *Sotalia-brasiliensis* (bôto vermelho) cursa o Solimões e na suprema altivez de um principe das aguas.

O *Sotalia-brasiliensis*, nas notas que seguem, occupa um lugar proeminente na pagelança do norte do Brazil.

Marupeára<sup>2</sup> daquelle que possui em segredo uma puçanga<sup>3</sup>, de olho de bôto vermelho.

1. **Contra-gôsto.** — Dizem os naturaes que o bôto preto e o branco são inimigos irreconciliaveis do vermelho; que, onde se encontram, a briga é certa.

2. **Marupeára.** — Entre os Tupís quer dizer feliz.

3. **Puçanga.** — Pequena bolsa de couro; é o *breve* dos pagés.

Marupeára da cunhãtã<sup>1</sup> que o bôto bôtar<sup>2</sup> uma vez!  
Panema<sup>3</sup> da cunhã<sup>4</sup> que viajar por agua com roupa  
encarnada, porque o bôto vermelho a matará affogada.

A proposito, esta lenda :

O bôto vermelho, por mando de Yára<sup>5</sup>, no quarto  
mingoante da Lua, fecundou a virgem mais bonita de  
uma taba, sendo o fructo desse enlace o reformador

1. **Cunhaãtã.** — Mocinha, menina.

2. **Bôtar.** — Ouvi dos pagés este verbo bôtar : acção do bôto  
tornar uma creatura inteiramente feliz; pois mesmo morta, ficará  
encantada e mensageira do bem para os seus.

Quando uma pessoa vae á margem do rio, ao sol da manhã  
ou da tarde, deixando a sombra reflectir num peral, se um bôto  
vermelho, nessa occasião, passar-lhe sob a sombra, isto é *cor-  
tal-a*, ficará bôtada; mas para que a creatura bôtada fique  
encantada, é preciso que, depois de morta, seja o seu corpo  
pôsto á mercê das aguas, e que seja pôsto por qualquer parente  
ou amigo, pois Yára ha de transformal-o em bôto vermelho como  
os outros são.

E quem quizer ser feliz, basta ir, ás manhãs e ás tardes, á mar-  
gem do rio, porque estas são as occasiões em que os bôtos mais  
suspiram.

3. **Panema.** — Caipóra, infeliz, ou caápóra.

4. **Cunhã.** — Em lingua geral : mulher.

5. **Yára.** — Mãe d'agua. Da cintura para baixo, é a parte infe-  
rior do tronco e cauda de um bôto, e, para cima, uma cunhã poran-  
guête (de *poranga*, bonita, e *eté*, muito) com os cabellos *demais  
grandes*. (A ordem interrupta na dicção do mestiço, é muito fre-  
quente no Amazonas, devido á influencia da *lingua-bonita*, ou  
Tupí. Elle diz : demais gôsto, demais quero. A transposição é  
tão frequente, como a ellipse do artigo definido. Esta observação  
ultima, já se encontra como belleza estyllistica em J. de Alencar.)

Muitas são as versões que formam de Yára; mas hoje, para os  
mestiços, ella é uma especie de sereia fluvial; portanto já é um  
ser quasi distincto de Uauyára, que é deus de uma só virtude. É  
a rainha, senhora das aguas : attonisa pelo divino e mysterioso  
canto, encanta e desencanta pelas suas excelsas virtudes e como  
Guarací, Jací e Perudá, só reconhece um ser superior que é  
Tupan.

Está inteiramente alterada pelo mestiço.

## AQUATEIS

dos costumes dos Indios. A dança data de então. O caso é para perguntar, como Couto de Magalhães, se não será esta lenda, que nos mostra uma especie de novo Messias, um echo degradado da Genesis do Christianismo?!

## GARÇAL

**Igára** é a canôa do indio, a montaria do mestiço; mede 15 a 20 palmos; quando maior, recebe por suffixação a particula *été*, que exprime quantidade, muito, grande, etc. *Igarité*, canôa grande.

**Maresia** deriva de *mar*, mas, em todo o valle do Amazonas e do Solimões é synonymo de *banzeiro*.

## AJURI

**Ajuri** não é só reunião, é tambem nome proprio de indio.

## NA PRAIA

**Gaivotinhas.** As irrequietas alaridas, as *tians-tians* dos tapuias, congregam-se aos milhares, nas praias do Solimões, ao tempo da sêcca, onde fazem pequenas covas, á guisa

de ninho, e alli procriam. Como podem os frageis filhotes resistir ao Sol terrivel, que dardeja sobre a areia, tornando-a abrasadora? Responde o amor : as velhas gaivotas, durante esse tempo, numa actividade inegualavel, vão ao rio, molham bem as azas e voltam, prestas, burifando os filhos e humedecendo-lhes os leitos. Sábia Natureza!

### VISTA IGNOTA

*Tapirus americanus.* Quando uma tapiíra **Anta** quer atravessar um rio, em vez de nadar, faz a travessia quasi sempre pelo alveo. Comprehende-se esta exclamação : Que pavor não poderá ella infundir, numa dessas occasiões, á lontra<sup>1</sup>, á capivára<sup>2</sup>, ao jacaré, etc.

---

1. **Lontra.** — A proposito, parece-me que os mestres só conhecem dois typos de *lutra* : a *brasiliensis* e a *platense solitaria*.<sup>1</sup>

Que nos dirão da iauácaca-miri (pequena lontra) que, como esta ultima, é tambem solitaria e habita o centro do Solimões?

Este terrivel cão d'agua intimida por tal forma uma iauárête (cachorro grande; como vimos é a onça) que só em condições especialissimas, esta fará uma travessia pelo igarapé, igapó ou lago onde aquella estiver.

2. **Capivára.** — Em todo o Brazil; em Portugal : capibara. É a *Dicotyles-capivara*.

## AQUATEIS

---

### MARGINAL

**Samumeira** ou samaúmeira, é a *Criodendrum-samaúma*, onde as cattleyas são muito frequentes. Dessas *bombaceas* são formadas as margens do Solimões em geral.

### VASANTE

Os naturaes indicam os seguintes e principaes indícios da vasante : verdadeiras alluviões de borboletas amarellas nas margens, igualmente bandos de magoarís, de gaivotas, de garças, de colheireiras ; as tribus dos *gralatores*, em summa.

Os uirapaiés<sup>1</sup> ou arapagés e as saracuras cantando nas immediações do rio.

O mócótó (pequeno batrachio) coaxando de tal forma que quem o ouve, se lembra dos toiros mugindo nos sertões.

---

1. **Arapagé.** — Prefiro escrever : uirá paié ; *uirá*, passaro, *paié* ou *pagé*, feiticero.

Quando um mestiço faz uma viagem, embora urgentissima, ainda que *in articulo mortis*, ouvindo um uirá paié cantar, não prosegue, vólta, dando graças a Tupan, pelo aviso prévio de uma futura e proxima desgraça ! O que resistir, se não morrer, ficará *puxiuéra* (ruim) e o que é peor ainda, com máo olhar, isto é, sem poder achar nada bonito, sem que não empanême (encaipore) o que gabar. Para contrabalançar esta má sorte, se tal se dér, só ha um recurso : é o empanemador ou puxiuéra passar tres vezes por cima da *victima* que tiver feito.

## AQUATEIS

---

A' sahida dos lagos, dos igarapés, um movimento desusado de tartarugas<sup>1</sup> boiando.

### DOURADO

**Dourado** em todo o norte do Brazil diz-se assim e não *dourada*, como devia ser. O certo é que me refiro á *Doras*, *mala-copterigyo*, fam. : *ciprimidæ*.

**Tariíra** e não trahira, como se diz geralmente. Gonçalves Dias escrevêo *trauira*, talvez para gravar com o *ui*, o som do *i* tartarico que se ouve na *lingua-bonita*.

### QUEM MUITO QUER...

**Magoari** *Ciconia-magoari* ou *Cocoi-magoari*; em puro Tupi, *mauari*, no dialecto dos jucúnas e no alto Solimões, *mauariá*.

**Jeraqui** em todo o Solimões : *Jeraqui*, é o *Pacú-nigricans*.

---

1. **Tartaruga.** — *Emys-amazonica*; é a iurará ou jurará-uassú dos Tupís, *Tartaruga*, ruga tortuosa dos latinos; mas não é a *tortue* dos francezes.

## AQUATEIS

### VIRAÇÃO

(na praia das tartarugas)

#### Sucuri

diminutivo de surucucú, fam. : *crotalidas*  
(*Trigonocephalus*).

é a *Astroelenga-paca*.

#### Paca

Tradição lendaria : a sucuri foi gerada da paca, razão porque vivem morando juntas como *itámangaua*<sup>1</sup>.

É muito commum, numa toca de paca, de haver uma sucuri.

### EPILOGO

#### Louro-Rosa

fam. *Lauraceas*, gen. *nectandra*,  
é o *bois de rose* dos francezes.

#### Unutara,

a Arara-Mboia e Honorato são semi-deuses do indianismo brazilico.

O primeiro é um bôto principe; o segundo é o zelador das virgens (?!); o ultimo é o protagonista de uma historia lendaria, que terminou a vida, transformado numa grande cobra d'agua,

---

1 **Itá mangáua.** — *Itá* é particula que se antepõe ao nome para leval-o ao plural na *lingua-bonita* ou Tupi.

*Mangaua* : diz-se de duas pessoas creadas conjunctamente; irmãos por convivio, é o irmão de leite ou de criação com se diz para o sul do Brazil e em Portugal.

AQUATEIS

mas esta lenda é propriamente do Baixo-Amazonas.

Boia-Uaçu de *boia*, cobra, *uaçu*, grande.  
V. nota á introducção dos Florestaes.

Membiira é a filha de Boia-Uaçu.



# FLORESTAES

(segunda collecção)

## INTRODUÇÃO

De primeiro não havia senão a floresta inalteravel; isto é, com flôres que não germinavam, e um casal de cada bicho, que não proliferava. Depois que Boia-Uaçú<sup>1</sup>

---

1. **Boia-Uaçú.** — A lenda que segue e na qual me inspirei para escrever as duas primeiras estrophes da Introdução aos FLORESTAES, foi trabalho do illustre nacionalista Dr. C. de Magalhães.

É mais ou menos assim :

Não havia noute ainda. Tudo era dia. Membiira, filha da Cobra-Grande (Boia-uaçú), querendo casar com um moço, mandou trez famulos, que este tinha, buscar a noute no fundo do rio, em casa da mãe della.

Os famulos lá foram. No meio do rio, a igára submergiu-se e Boia-uaçú fel-a boiar de novo, tendo-lhes dado a noute, dentro de um caroço de Tucumã. Então elles combinaram de quebrar o caroço, antes de chegarem e, como não poderam, botaram-lhe fogo; nisso o breu derretendo-se, fez a noute. Logo Membiira adivinhando, chamou o noivo para o leito nupcial. Os famulos, porém, pagaram com grandes juros, a leviandade: a igára virou-se num corpo de pato; os remos nos pés do pato, o paneiro que ia, numa onça e elles foram condemnados a viverem saltando pelos galhos das arvores. Não vêem, refere a lenda, como os macacos teem uma lista na bocca e das mãos para os braços? Foi o breu que, se derretendo, cahio sobre elles.

Agora o desenlace do enlace :

O noivo disse á noiva : é tarde já e quando vem o dia? — Membiira tirou um fio, enrolou, passou na cinza, fez-lhe dois riscos de tabatinga e dois de urucú e disse : Vae Cujubim separar o dia

escurecera Iuáca, depois de Ara<sup>1</sup> e Pituna<sup>2</sup> quando o unico Cujubim<sup>3</sup> que havia, tamborilou<sup>4</sup> as azas e a unica Inhambú que havia, cantou, um annunciando coema-piranga<sup>5</sup>, outro marcando as horas, Apgáua<sup>6</sup>, que era só na Terra, invocando Jací que estava com Jací-tata-uaçú<sup>7</sup> ao lado, fez-lhe a seguinte prece:

— Dá-me, Jací, uma companheira..  
ao que ella lhe disse :

— Apgáua, eu não te posso fazer isso. Para que possas ser Tucháua, nem mesmo Guarací. Pede á Rudá. Não vês que a reproducção é d'elle, como as aguas são de Yára? e só Yára podematar a sede de Suaçú<sup>8</sup>.

Assim foi que Apgáua, pendendo o moirapara<sup>9</sup>

---

da noite. —E a que horas voltarei? — Membiira tomou de outro fio, enrolou, pondo na cinza e disse : Vae Inhambú marcar as horas.

Eis porque o kujubim, cantando de madrugada e o inhambú separando as horas, eram unicos na Introducção, conforme referi.

1. **Ara.** — É o dia.

2. **Pituna.** — É a noute.

3. **Cujubim.** — (*Penelope-cumanensis*, fam. dos *alectoridas*). Não canta como diz a lenda de Couto de Magalhães; apenas dá um salto sobre o galho em que pousa e rufla as azas tão fortemente que se houve a grande distancia.

4. **Tamborilou.** — O ruflar das azas do Cujubim, lembra o som do tambor.

5. **Coema-piranga.** — É a madrugada; de *coema*, manhã, e *piranga*, vermelho.

6. **Apgáua.** — É o homem em geral.

7. **Jací-tata-uaçú.** — *Jací*, lua, *Tata*, fogo, *uaçu*, grande. É a estrella d'alva.

8. **Suaçu.** — Quer dizer veado, *Servus*, *servida ungulata*. No Solimões ha o Suaçu-birá no qual se transformou Anhánga (mythologia india) modificando apenas os olhos que são duas tochas de fogo.

9. **Moirápara.** — Couto de Magalhães e os outros entendidos

deixando cair aos pés o akaintar<sup>1</sup> pediu a Perudá uma companheira. Este concedeu lh'a, fazendo dahi em diante tudo crescer e multiplicar. Tempos depois na Oca<sup>2</sup> de Apgáua, nascia o primeiro curumí.

## AMOR, ASSIM

**Inhambú** Macucáua ou macuco, entre os mestiços; *gallinae*. Eis um facto muito original :

É uma das aves mais ariscas da Amazonia; em compensação, qualquer caçador ouvindo-a cantar, imita-lhe o canto, levando logo a arma ao rosto, e ella de amoravel que é, vem lhe cair aos pés, julgando ser a companheira que a chama e (que indios somos nós!) quasi sempre encontra a morte!

O caboclo accrescenta : *macucáua cantando, cariua* (meu branco) *bicho não pega ella, disque.*

---

assim escreveram; no Rio Negro, porém, como no Solimões, os naturaes de hoje só dizem : os daquele, mira-para, e os deste, moira-para. Esta duas formas reduzem-se a uma, *moira* ou *mira*, páo; *para*, que vérگا; portanto dão mais exacta ideia do arco, arma dos indios.

1. **Akaintar.** — De *acanga*, cabeça, e *atara*, ornato; é um capacete de pennas.

2. **Oca.** — Quer dizer casa.

PIPIRA MARTYR

**Pipira** Hoje para os mestiços do Solimões é um nome generico do sahy-assú (sanháço ou sanhaçú, no Ceará) que é o *Tanagra ornata*, até o tié-piranga, *Cassicus persicus*.

*Tanagra, euphone, nemonia* ou *arremon*, qualquer destas especies, presa ao gen. dos *tanagroides*, representa a pipira.

Popularmente dá-se este nome á pessoa que gosta muito de fructa.

INIMIGOS

**Japim** O japim que imita, com o seu variadissimo canto, todos os passaros, tendo um dia arremedado o Tanguri-pará, este disse-lhe:

Você não sabe, camarada Japim, que côr encarnada é esta que tenho no bico? Pois olhe, é ainda do sangue de seu avô! tenha cuidado não me arremede!

Desde esse dia o Japim, não tornou mais a arremedá-lo.

O certo é que o nosso *Ostinops-bifasciatus*, sendo como o *turdo musicus* (melro) mais perito na diversidade do canto que o nosso corrução preto ou encontro, ou rouxinol no Rio Negro (*Pendulinus-chrysopterus*) é incapaz de dizer o simples *güite-güite-fi-ti-ó* de um Tanguri-pará.

REI DOS CANTORES

**Uira-Purú** do Guaraní; *guirá*, passaro, *purú*, do verbo *opurú*, emprestar, ou como traduziu Couto de Magalhães, passaro que não é passaro, passaro encantado.

Entre os indios é o rei dos cantores; no pageismo, é uma *mascote* que dá felicidade. Marupeára, em todos os sentidos, torna-se aquelle que, por mais panema que seja, o possue numa puçanga<sup>1</sup> embalsamado em carajurú<sup>2</sup>, pois o oiro, a virtude, o bem estar, a certeza de ir a Yuáca, cercam-o de um eterno bem.

O original passeriforme é um demonio de curiosidades.

Com as expressões movimentadas de um carrixo, cantando, desaparece na fronde de um loiro-rosa ou de uma castanheira<sup>3</sup>, assignalando a sua presença, aves e feras, os bandos de japins, as varas de caetutus<sup>4</sup>, todos para alli levados pelo seu cantar de passaro encantado.

Nessas occasiões é que o indio está quasi certo de ir alli buscar, á sua escolha, a caça que quizer.

---

1. **Puçanga.** — Pequena bolsa de couro em que se guarda um olho de bôto vermelho, ou um uirá-purú, ou sómente cheio de carajurú.

2. **Carajurú.** — *Bignonia-chica*, dá uma substancia vermelha, um pó preciosissimo, talisman, na pagelança.

3. **Castanheira.** — É a *Bertholelia excelsa*, das amantaceas cupuliferas.

4. **Caetetu.** — *Dicotyles caaigoara* ou *taiaçú-caaigoara* dos Tupis : fam. *suida*. Este pachidermo tem o nome trivial de porquinho.

Curupira<sup>1</sup> não gosta delle (disque) e, ouvindo-o cantar, monta no seu fogo peára<sup>2</sup> e foge espavorido em demanda dos auassús<sup>3</sup>.

JURITI

**Juriti** ou juruti (*Collumbae*). Tem uma particularidade: qualquer passaro da nossa aviaria, modifica-se sempre de um a outro Estado, no tamanho, nos habitos, no colorido das pennas etc.; mas a juruti não, essa é invariavel de norte a sul do Brazil; tem a mesma côr, o mesmo tamanho, a mesma extensão de canto, a mesma braveza; por isso convenci-me que era a ave mais genuinamente brasileira; até mais que nós mesmos, que, com identicas alternativas de condições de meio, nos estamos particularizando de um para outro Estado.

1. **Curupira.** — É o deus protector das mattas. Quem alli fôr damnifical-a, não é raro perder-se, enlouquecendo. Disque.

2. **Peára.** — É o porco maior de uma vara.

Eis a respeito uma nota curiosissima: os queixadas (*Sustaiacus*) quando viajam, conduzem á frente os filhotes para os não deixar. O mestiço accrescenta: e segue á frente da vara o porco maior do bando o peára, que é o cavallo do Curupira.

3. **Auassú.** — *Attalea-speciosa*. Quando em conjuncto, dão-lhe o nome de *cócal*, donde extrahem a preciosissima palha-branca. No pagéismo é a casa do Curupira, lugar onde elle vive sempre.

TANGARÁ

Tangará

*Paroaria-galuris*, fam. *propridae*, ord. *passeres*. Encontra-se no pagéismo como guia de felicidade.

NO AZUL

Colhereira

em classico, *colhereiro*; ave que tem o bico em forma de espata ou espatula.

Em todo o norte a forma feminina é a predominante. As colhereiras, que são uma especie de garças côr de rosa, quando vôam, tiram o vôo em forma de espiral e manteem-se por algum tempo no espaço, fazendo um circulo de pontos rubros lá no alto.

EPILOGO

Meuan

é uma enorme serpente de fogo, que apavora e persegue os inimigos dos bichos. Anhánga é que a faz apparecer á gente.

# ALDEÃS

(Terceira collecção).



## INTRODUCCÃO

Nesse tempo perto de uma das margens do Surimã<sup>1</sup> havia uma grande taba e outras menores nas circumvisinhanças.

O Tucháua della e os seus, presentindo um dia inimigos nas proximidades, tomaram dos moirapáras e retezando as moiraparaxamas<sup>2</sup> álli se encaminharam, esperando, em attitude de defeza, que atracasse ao barranco um maracati<sup>3</sup> cheio de amutetamauáras<sup>4</sup>; mas surpresos com o *lingua* que primeiro saltou em terra, saudando-os com uma ianê-carúca<sup>6</sup>, responderam-lhe,

---

1. **Surimã.** — Em lingua brazilica é o Solimões, que, nascendo das cordilheiras dos Andes, atravessa o Perú, desce pelo Brazil norte, juntando-se com o Rio-Negro, recebendo d'ahi em deante o nome de Amazonas; segue depois lançando-se no Oceano Atlantico e apagando-se o imperio do seu curso depois de umas quarenta leguas de luta continua. A nossa America meridional, ufana-se de o possuir, como o maior rio do Globo.

2. **Moiraparaxáma.** — É a corda do arco indigena.

3. **Maracati.** — Navio, barco de vellas.

4. **Amutetamauára.** — São os brancos, quando estrangeiros.

5. **Lingua.** — O interprete, o guia.

6. **Ianê-carúca.** — Em tupí, quer dizer : bôa tarde.

indaué!<sup>1</sup>, acolhendo-os tão bem que elles alli ficaram juntos, fazendo voltar o navio ao porto de partida.

Do concurso de ambos brotou o progresso, sendo em breve a simples taba, um povoado ou aldeia.

Um dia Tucháua perguntando ao *lingua* onde elle havia nascido, o audaz colonizador disse-lhe que o seu berço fera o Ceará<sup>2</sup>.

### MARUPEÁRA

#### Sararáca

é um instrumento auxiliar de pesca; uma flecha especial de frechar uirárás.

### JURITI

(*Sua origem*)

Juriti em outro tempo era uma cabocla muito bonita, a quem Yára déra um bôto por noivo<sup>3</sup>.

---

1. **Indaué.** — É a resposta ás tres saudações, bom dia, *iané-coema*; bôa tarde, *iané-caruca*; bôa noute, *iané-pituna*.

2. **Ceará.** — A patria de Iracema, a Terra da Luz. — É uma verdade historica incontestavel: o Amazonas deve o que é hoje ao colono cearense.

3. **Noivo.** — A abusão a que me refiro agora é esta :

Quando apparece qualquer tapuia em primeiro estado de gravidez, no Amazonas e que se não conhece a paternidade do fructo, diz-se logo que foi o bôto vermelho; o certo é que os pais e a familia ficam crentes disso; a prova é que a consideram virgem antes e depois...

O bôto dizem elles, vem, ás ave-marias, visitar a noiva e recolhe-se ao primeiro cantar do gallo.

Guerra Junqueiro, vejam isto, a proposito do melro envenar

Um dia tendo ella deixado Tajá-onça<sup>1</sup> em casa, o noivo veio visitá-la. Tajá, logo que o vê, transforma-se em onça e mata-o. Voltando a noiva, diante da morte do noivo, tenta esphacelar a cruel planta, que se transformando de novo, múda a casa em floresta e ameaça a tapuíá. Esta evoca Tupan, que lhe apparece; nisto Tajá sentindo-se fraca, invoca o seu deus Jurupari<sup>2</sup> e

os filhos para os não ver prisioneiros, exclama : *L'Oiseau* ficou incompleto!

Agora eu exclamo : que bella pagina para a historia da humanidade! D. Juan ficou incompleto!

1. **Tajá-onça.** — É uma planta da familia das *aroidéas*. No pagéismo os tajás teem logar saliente.

Uma folha de tajá-viadinho atraz da orelha, faz de um covarde um heróe.

O tajá-péua, escondido no batente da porta principal da casa, faz casamentos felizes para os inquilinos ou donos.

Trez folhas de tajá-cachorrinho, na guarda-pisa de uma sáia, prendem o homem que a mulher deseja, por toda a vida, e alem disto fazem maridos caseiros.

O alimento principal dos tájas, é a agua com sangue. Ha naturaes, porém, que á noite lhes põem á roda, carne fresca e affirmam que elles a devoram.

Emfim o tajá-onça serve para se transformar em onça e botar sentido á casa, em ausencia do dono. Este tajá é assim chamado porque tem as folhas salpicadas de branco e as protuberancias das raizes tomam sempre a forma de uma pata de onça.

2. **Jurupari.** — Posto que haja differenças consideraveis entre as diversas traducções, que foram dadas deste vocabulo, dando-lhe uns o sentido de uma sorte de pesadello, outros o de uma alma do outro mundo, o que é corrente hoje entre os mestiços, é que o jurupari é o *capiróto* das velhas beatas, o demonio dos Evangelhos, o *mesmo cão do inferno*, dos meninos.

Couto de Magalhaes julga ser uma corrupção da palavra *juru-poari* que significa : mão sobre a bocca, e refere ainda a traducção de B. Caetano : *sêr que vem á nossa rêde*.

No alto Rio-Negro, quando os indios fazem *dabucuri*, antes desta originalissima festa, antes do começo da dansa, todos na salla, vae o velho tucháua *fazer* jurupari; vae sózinho á matta

creando forças, investe contra a noiva a quem Tupan transforma em uma Jurití, que voando desaparece no seio da floresta.

### CUNHÃTÃ-PORANGA

Cunhãtã-Poranga, mocinha bonita, em *lingua geral*.

Mutum é uma das aves domesticaveis maiores e mais bonitas do Brazil-Norte; é da fam. *cracidae*, ord. *gallinae*.

Mesmo que a mutum-fava e o mutum-piorí tenham na barriga pennas brancas ou vermelho-cochonilha, a côr generica da sua plumagem é negra. Já vi um caso de albinismo : um mutum excepcionalmente alvo.

### FEITICEIRA

Tauari é uma especie de papel, que os naturaes extrahem do liber do tauariseiro (páo d'arco, no Ceará) de que se servem em forma de um grande cigarro, sendo neste caso, o tabaco substituido pela *diamba* ou *dirijo*.

proxima e sopra um grosso instrumento de bambú, que tem o som de um buzio e que faz as cunhãs e cunhãtãs da festa trémulas, murmurarem com pavor : Juruparí, juruparí ! Ellas não vêm nunca o acto do tucháua, tomando-o como um mysterio. É Juruparí, dizem, que quer que ellas sejam só dos maridos ! Já se vê que para ellas, o diabo não é tão feio como se pinta.

## ALDEÃS

O seu uso é indispensavel na pagelança. O Pagé, á noute, cercado de seus proselytos, no maior silencio, toma de um tauarí, accende-o e começa a baffejar a fumaça para cima (diz elle que é para se inspirar), encetando a sessão com este verso ritual :

Dirijo, meu dirijo,  
Dirijo da bôa gente!  
O dirijo é coisa bôa!  
Dirijo é coisa excellente!

A traducção corresponde a isso, mais ou menos. Note-se que o tauarí é inspirador por excellencia; e, quem d'elle experimenta, naquella occasião, só fallará em verso, como o Pagé, até que a sessão se finde. Disque. (!!!)

## CUTIA

No sentido figurado, no Amazonas, significa a pessoa que foge. *Sapato de cutia* traduzem por: *pé no chão*; diz-se da cunhã que foi passear, com....

**Paxiúba** *Iriartea-ventricolosa*, é uma palmeira utilissima na construcção de barraças, principalmente para os soalhos e as coberturas lateraes.

## A CARTA DO PAGÉ

**Cobra-Maria** é uma tapuíá encantada em uma cobra. Vejamos : a filha de um pagé deixou-se levar pelo amor de um emigrado, concebendo dous filhos gemeos : José e Maria.

Quando o velho Pagé soube do caso, calou-se, e, quando as crianças nasceram, matou a filha e atirou-as na agua, morrendo José; Maria foi protegida de Yára e hoje faz tudo quanto quer; é muita cousa na agua. Aparece sempre á noute. Os seus olhos são como os de Anhánga, duas tochas de fogo.

Não teem ouvido fallar numa cobra enorme, que deruba barrancos, afunda canôas, encalha navios, e tem feito muitos valentes agonisar de fraqueza? Pois é a *Cobra-Maria*.

Quem quizer, porém, ser marupeára, se fôr corajoso, basta ir, á noute de um dia santo, á margem do Solimões, pedindo em prece á Cobra-Maria para o ser; esta, com a graça de Yára, manda o impetrante, primeiro ir á matta, *lutar com o Curupira*, para que ella o possa fazer feliz.

**Curupira** Dissemos que era o deus protector da floresta. Tem a seguinte forma : um typo de tamanho regular, pés torcidos para traz, massiço, sem visceras, com o corpo coberto de grossas cerdas, a cabeça muito grande e calva, trombudo como um taiacú, olhos pequeninos e dentes *machairodus*. Assobia, urra, e falla.

Quem o vê tem de lutar com elle fatalmente.

Primeiro Curupira pede alho, deve-se lhe dar; depois pede tabaco, tambem se lhe dá; mas quando elle pedir *quicé* (faca) não se lhe dê. Elle dirá : então vamos lutar! — Quemquer que nesta luta se empenhe, deve puchar o Curupira para cima de si, porque, tendo elle os pés para traz, falsiará, sendo subjugado. Assim o vencedor corta-lhe uma das orelhas e diz-lhe : Curupira, eu só te dou a orelha, se me fizeres marupeára. — Elle o fará marupeára, mas é só na caça, depois collando a orelha com leite da seringueira, desaparece de um modo mysterioso no seio da floresta.



## NOTA FINAL

Mal terminava, em ligeira resenha, as presentes notas, escriptas de afogadilho nas margens do Solimões, vi-mena urgencia de transportal-as commigo ao centro deste velho e delicioso Mundo. É possível e provavel que o meu serviço esteja eivado de incorrecções e descuidos.

Sacrifiquei-me, ás vezes, no meu proprio dizer, só para fallar e sentir pelo coração de um nortista brasileiro.

Escrevi graphicamente pelo dictionario official da lingua. Quem me sensurar porque escrevo Brazil com um z, entendêo o que eu queria dizer; e, sendo a palavra a expressão da ideia, é quanto me basta.

Lembrem-se, carissimos patricios, que esta é a primeira edição do meu livro e attenuem-me os erros, pois que, além de tudo, só descansa sobre a minha mesa de trabalho, um pequeno tomo do dictionario de Roquete e nada mais. Onde encontrar meios, aqui, de um auxilio, ao menos, á revisão? O Richepin, filho, não sabe patavina de Portuguez. O *monstro* do Faguet, embora a primeira cabeça da Academia franceza, falla-o como um basco, o Hespanhol. O Pichon, já é ministro e não me deve conhecer mais; e eram aquellas duas creaturas que, se podessem, acredito, tolerariam as minhas provas, como a minha amizade. O que me salva ainda, é que o meu editor, o Snr. J. Aillaud, conhece todo o Brazil admiravelmente, e presta-me reaes auxilios.

Paris, bons patricios, é o céu mais baixo que se pôde ver, céu onde morre o Sol, e surgem milhares. O seu meio é vastissimo, mas é todo artificial. Um

simples *marronnier* custa 150 francos ao cofre publico!

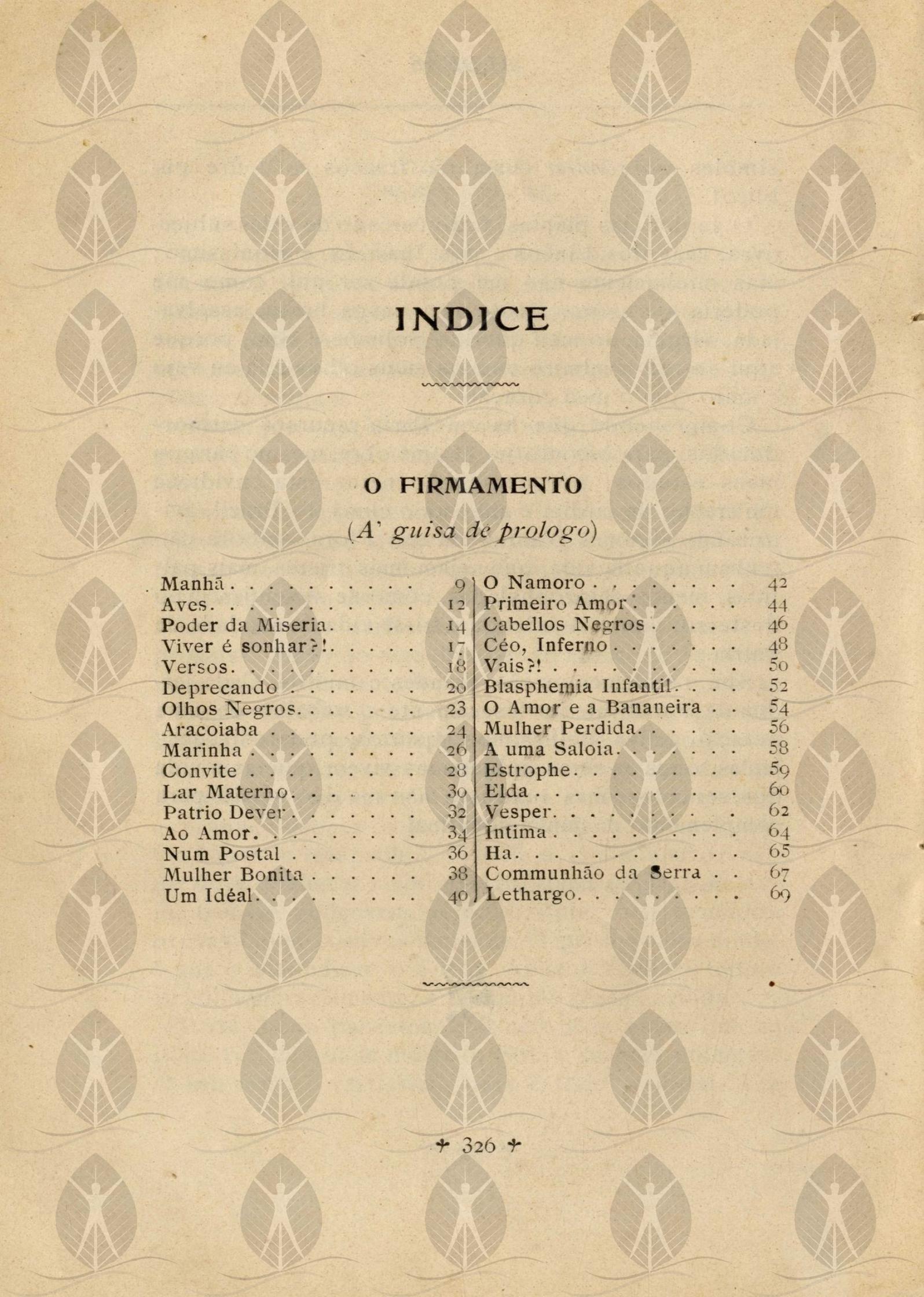
O Jardim das plantas, todo cercado de vidas subjectivas, ruas dos Linêos e dos Jussieux, é riquissimo; mas infelizmente não me pode ser util, como me poderia ser agora, Deus, uma nesga brava, asselvajada, virgem, do meu querido Solimões! Sim, porque aqui eu vejo e admiro com os meus olhos e lá eu vejo e sinto com o meu coração.

Comprehendo que ha em Paris recursos extraordinarios, para o contorno de uma obra, mesmo para os meus estudos; porque aqui, o naturalista envidraça um trecho de jardim e ahí está o clima do Brazil, avigorando algumas p'antas da sua Flora, embora não tenham aquella vida, que sejam mais tristes, mais pallidas, menos chlorophyladas, como se se sentissem no desterro, como eu, a longa e triste vida da saudade da Patria.

Sim, os elementos são grandes e muitos. Cada jardim de Paris vale intrinsecamente o trabalho de uma geração activa. Bellissimos aquarios, poderosissimas jaulas, onde as feras subjugadas vivem quietas a vida dos vencidos; mas tudo isto não me dêo senão para complemento da minha nota final

Paris, 24 de Julho de 1907.





# INDICE

---

## O FIRMAMENTO

(A' guisa de prologo)

Manhã . . . . .	9	O Namoro . . . . .	42
Aves. . . . .	12	Primeiro Amor . . . . .	44
Poder da Miséria. . . . .	14	Cabellos Negros . . . . .	46
Viver é sonhar?! . . . . .	17	Céo, Inferno . . . . .	48
Versos. . . . .	18	Vais?! . . . . .	50
Deprecando . . . . .	20	Blasphemia Infantil. . . . .	52
Olhos Negros. . . . .	23	O Amor e a Bananeira . . . . .	54
Aracoíaba . . . . .	24	Mulher Perdida. . . . .	56
Marinha . . . . .	26	A uma Saloia. . . . .	58
Convite . . . . .	28	Estrophe. . . . .	59
Lar Materno. . . . .	30	Elda . . . . .	60
Patrio Dever. . . . .	32	Vesper. . . . .	62
Ao Amor. . . . .	34	Intima . . . . .	64
Num Postal . . . . .	36	Ha. . . . .	65
Mulher Bonita . . . . .	38	Communhão da Serra . . . . .	67
Um Idéal. . . . .	40	Lethargo. . . . .	69

---

## INDICE

### AQUATEIS

(Primeira collecção)

Introducção — Origem do Solimões. . . . .	81	Tucunaré . . . . .	112
Encontro das Aguas (rios Negro e Solimões). . . . .	86	Antithese . . . . .	114
Ceará — Amazonas. . . . .	89	Déara . . . . .	116
A Enchente. . . . .	91	Vista Ignota . . . . .	118
Garça Feliz. . . . .	93	Marginal. . . . .	120
A Piracema . . . . .	95	Vasante . . . . .	122
Mallogro. . . . .	97	Da Margem. . . . .	125
Garçal. . . . .	101	Dourado . . . . .	127
Viajando. . . . .	103	Quem muito quer. . . . .	129
Ajurí. . . . .	106	Viração (na praia das tarugas) . . . . .	131
Na Praia. . . . .	110	Igual a. . . . .	136
		Epilogo . . . . .	138

### FLORESTAES

(Segunda collecção)

Introducção — Nova Genesis. . . . .	146	A Juriti . . . . .	180
Portico. . . . .	150	Os Beija-Flôres. . . . .	182
Folhas Sêccas . . . . .	152	Semelhança . . . . .	184
Visão de Dôr. . . . .	154	Quem Sabe. . . . .	186
Amor, Assim. . . . .	156	Entre Nuvens. . . . .	188
Pipira Martyr . . . . .	158	A Floresta. . . . .	190
Borboleta Rosea . . . . .	160	Fraternal. . . . .	192
A Morte do Cedro . . . . .	162	A Precisão. . . . .	194
Inimigos. . . . .	164	A Morte do Sol. . . . .	196
Burguez nas Selvas. . . . .	166	Coema-piranga. . . . .	198
Deus. . . . .	168	O Igarapé . . . . .	200
Velho Ninho . . . . .	170	Tangará . . . . .	202
Rei dos Cantores . . . . .	172	No Azul . . . . .	204
Quadro Excelso. . . . .	174	Urutauí . . . . .	206
Curupira. . . . .	176	Nublado . . . . .	208
Bem e Triste. . . . .	178	O Ultimo. . . . .	210
		Epilogo. . . . .	212

# INDICE

## ALDEÃS

Introdução — Origem da		A Carta do Pagé. . . . .	258
Aldêa. . . . .	221	Uirápurú. . . . .	262
Mulher do Norte. . . . .	227	Intimos . . . . .	264
Marupeára. . . . .	231	Lamurias. . . . .	268
A Jûrití (Sua origen). . . . .	234	Cunhã . . . . .	271
Cunhâtã-Poranga. . . . .	241	Annual. . . . .	274
O Velho Caniço. . . . .	244	Epilogo . . . . .	278
Feiticeira. . . . .	249	Regresso (Ultimo canto). . . . .	283
Cutia. . . . .	252	Notas . . . . .	289
Previdencia . . . . .	255	. . . . . a	328









## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA